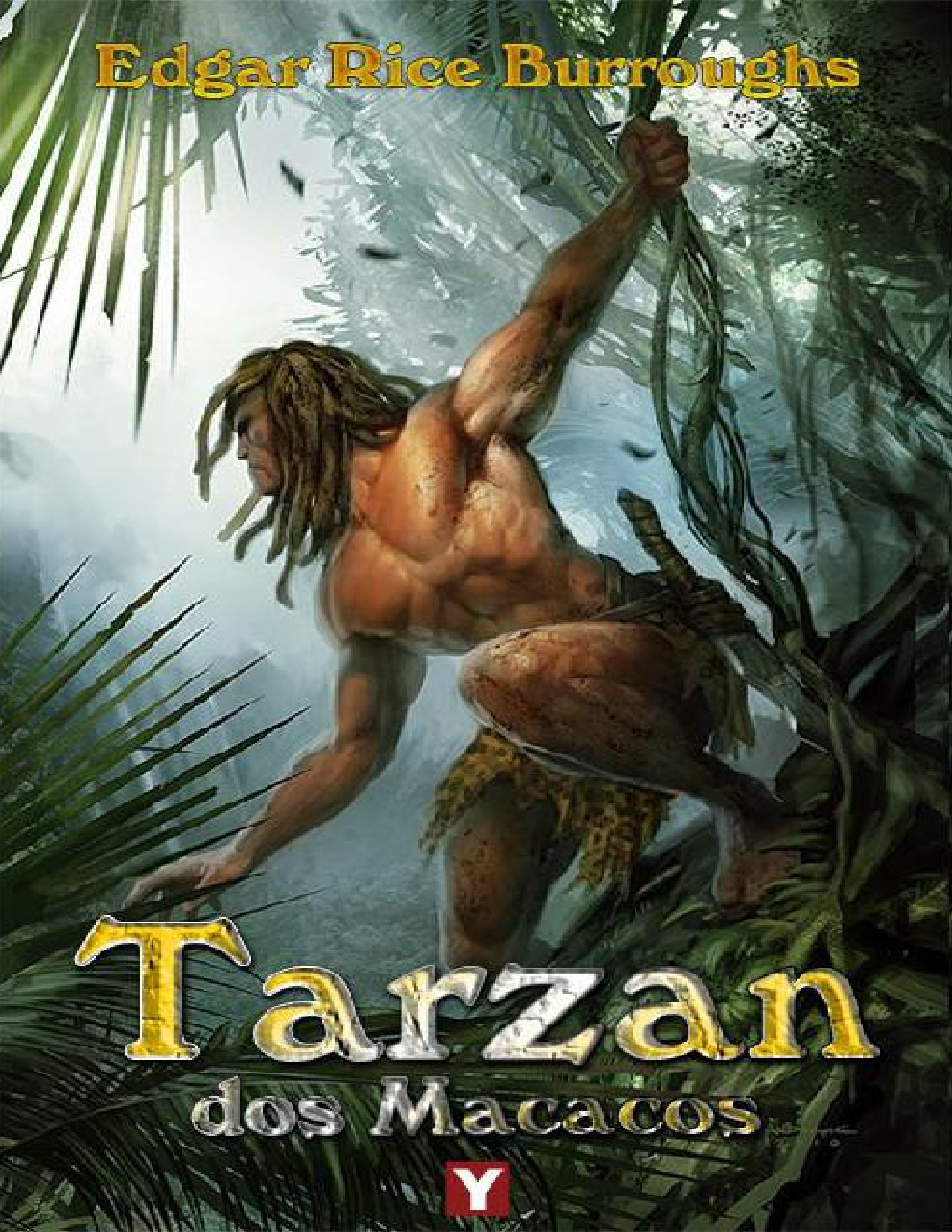


Edgar Rice Burroughs

A detailed illustration of Tarzan, a muscular man with long, dark, curly hair, swinging on a thick vine. He is shirtless, showing his well-defined muscles, and wears a loincloth made of animal skin. The background is a lush, dense jungle with various tropical plants and trees. The lighting is bright, suggesting a sunny day.

Tarzan

dos Macacos





Edgar Rice Burroughs

Tarzan
dos Macacos

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

Assiste-se, atualmente, em todo o mundo ao ressurgimento de Tarzan. Na França, por exemplo, onde um decreto-lei assinado pelo marechal Petain, com a data de 21 de Setembro de 1941, baniu por completo das telas, dos jornais e das livrarias o nome de Tarzan, nunca se chegou a publicar completamente todos os seus livros. Ao fazê-lo agora uma editora francesa, conheceu um êxito único, já que no Verão de 1970 os dois livros mais vendidos foram: *Le Parrain*», de Mario Puzo (que trata da Máfia) e a série Tarzan. Num rápido inquérito feito, verificou-se que os seus leitores eram de todas as idades, desde os 12 até aos quarenta anos, mas a predominância era exercida por um público de vinte e cinco a trinta e cinco anos.

Porquê este êxito constante de um personagem que nasceu em 1912, quase envergonhado, nas páginas de uma revista popular chamada *All Story*? Podendo ser relacionado com *Mowgli* de Kipling, Rômulo e Remo da Bíblia, e mesmo *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, ele é, no entanto, diferente de todos eles, porque Edgar Rice Burroughs, seu autor, soube enquadrá-lo num mundo, dar-lhe uma linguagem própria, criar-lhe aquilo a que literariamente hoje se pode chamar um Universo - o Universo de Tarzan.

CAPÍTULO 1

No mar

Conheci esta história através de alguém que não tinha qualquer interesse em contar-me, ou em contá-la a quem quer que fosse. Devo-a, talvez, à influência exercida, sobre o narrador, por um excelente vinho. Pelo menos quanto ao princípio. E, durante os capítulos que se seguiram até à conclusão da estranha narrativa, influenciou seguramente a minha própria incredulidade.

Quando o meu jovial anfitrião descobriu que tinha contado tanta coisa e que eu estava inclinado a duvidar, o seu tolo orgulho retomou a tarefa que o vinho generoso principiara, e foi assim que me mostrou provas, sob a forma de um velho manuscrito e de antigos registos do Departamento Colonial Inglês, para apoiar muitos dos mais relevantes aspectos da sua notável narração.

Não digo que a história seja verdadeira, porque não testemunhei os acontecimentos a que ela se refere, mas o fato de, ao contá-la, eu atribuir nomes fictícios aos principais protagonistas, demonstra suficientemente a sinceridade da minha própria convicção de que pode ser verdadeira.

As velhas páginas amareladas do diário de um homem que morreu há muitos anos, e os registos do Departamento Colonial, concordam perfeitamente com a narrativa do meu jovial hospedeiro. Assim, eu reproduzo a história tal como laboriosamente a reconstituí utilizando essas diversas fontes.

Se o leitor não a achar crível, pelo menos concordará comigo em considerar que é única, notável e interessante. Pelos registos do Departamento Colonial, como pelo diário do homem que morreu, ficamos sabendo que um jovem nobre inglês, a quem chamaremos John Clayton, Lord Greystoke, foi encarregado de levar a cabo uma investigação especialmente delicada sobre as condições de vida numa colônia inglesa, na costa ocidental de África, entre cujos indígenas, criaturas simples, uma outra potência europeia, segundo se sabia, estava recrutando soldados para o seu exército de nativos - exército que utilizava exclusivamente para fazer a recolha forçada da borracha e do marfim, nas tribos selvagens ao longo do Congo e do Aruwimi.

Os indígenas da colônia inglesa queixavam-se de que muitos dos seus jovens eram aliciados por meio de promessas tentadoras, mas que poucos deles regressavam para junto das suas famílias.

Os ingleses de África iam ainda mais longe, fazendo que esses pobres negros eram mantidos praticamente em escravidão, visto que, quando terminava o tempo do

seu alistamento, os oficiais brancos, explorando a ignorância deles, lhes diziam que tinham ainda de servir durante vários anos.

Assim o Departamento Colonial nomeou John Clayton para um novo posto na África Ocidental Inglesa, mas as instruções confidenciais incidiam sobre uma investigação completa quanto ao injusto tratamento de súditos ingleses, negros, pelos oficiais brancos de uma potência européia e amiga. As razões pelas quais ele foi enviado, todavia, são de escasso interesse para esta história, porque não chegou a fazer qualquer investigação nem, de fato, chegou sequer ao seu destino.

Clayton era o tipo de inglês que gostamos de associar com os mais nobres monumentos de históricas proezas sobre centenas de campos de batalha -um homem forte e viril, tanto mentalmente como moral e fisicamente.

Tinha uma estatura acima da média, olhos cinzentos, feições corretas e firmes, um porte altivo que indicava uma saúde perfeita e anos de treino militar. Ambições políticas tinham-no levado a pedir a transferência do exército para o Departamento Colonial, e assim vamos encontrá-lo, ainda novo, encarregado de uma delicada e importante missão ao serviço da Rainha.

Quando recebeu a sua nomeação, ficou ao mesmo tempo contente e perplexo. A preferência parecia-lhe ter o aspecto de uma bem merecida recompensa por laboriosos e inteligentes serviços, um patamar para postos de maior importância e responsabilidade. Mas, por outro lado, tinha casado três meses antes com Miss Alice Rutherford, e era a idéia de levar a sua jovem mulher para o isolamento e os perigos da África tropical, que o deixava perplexo.

Por amor dela teria recusado a nomeação, mas Alice não o consentiu, insistindo, pelo contrário, em que aceitasse e a levasse consigo.

Mãe e irmãos, irmãs, tias e primos, manifestaram várias opiniões sobre o assunto, mas a história não conta quais os conselhos que deram. Sabemos apenas que, numa luminosa manhã de Maio de 1888, John, Lord Greystoke, e Lady Alice, embarcaram em Dover a caminho de África.

Um mês depois chegaram a Freetown, onde fretaram um pequeno veleiro, o Fuwalda, que devia levá-los ao seu destino final. E, nesse ponto, John, Lord Greystoke, e Lady Alice, sua mulher, desapareceram dos olhos e do conhecimento dos homens.

Dois meses depois do Fuwalda levantar ferro e partir do porto de Freetown, meia dúzia de navios de guerra, britânicos, percorreram o Atlântico Sul em busca deles ou do pequeno veleiro, e não tardou que os destroços deste último fossem encontrados no litoral de Santa Helena. Isto convenceu o mundo de que o Fuwalda se perdera com corpos e bens, e desta maneira as buscas terminaram quando mal haviam

principiado - embora a esperança persistisse, em corações saudosos, durante muitos anos.

O Fuwalda, um barco de cerca de cem toneladas, era do tipo das embarcações que se encontravam freqüentemente em serviços costeiros no extremo Sul do Atlântico - com tripulações compostas por autêntica escória do mar, criminosos fugidos da força e rufiões de todas as raças e nações.

O Fuwalda não constituía exceção à regra. Os oficiais eram homens rudes, violentos, que odiavam os tripulantes e eram odiados por eles. O capitão, conquanto fosse um marinheiro competente, era feroz na maneira de tratar os seus homens. Conhecia, ou usava, pelo menos, apenas dois argumentos para tratar com eles, o cacete ou o revólver, e é pouco provável que os tripulantes contratados por ele tivessem compreendido outros.

Aconteceu assim que, ao segundo dia depois da partida de Freetown, John Clayton e a sua jovem mulher assistiram a cenas, no convés do Fuwalda, que nunca haviam julgado possíveis fora das capas dos livros que contavam histórias do mar.

Foi na manhã do segundo dia que começou sendo forjado um elo do que viria a formar uma cadeia de acontecimentos dos quais resultaria, para alguém ainda não nascido, uma vida sem paralelo na história da humanidade.

Dois marinheiros estavam lavando o convés do Fuwalda, o primeiro mestre encontrava-se de serviço, e o capitão detivera-se para falar com John Clayton e Lady Alice. Os homens trabalhavam recuando na direção do pequeno grupo, que por sua vez estava de costas para eles.

Foram-se aproximando até que um ficou diretamente atrás do capitão. Se esse homem tivesse passado, esta estranha narrativa nunca teria sido registrada. Mas, nesse momento, o oficial voltou-se para se afastar de Lord e Lady Greystoke ao fazê-lo tropeçou no marinheiro e caiu ao comprido no convés, entornando o balde, de maneira que a água suja o encharcou.

Por instantes, a cena foi simplesmente ridícula, mas só por um instante. Com uma rajada de violentas pragas, a cara congestionada pela raiva e pela humilhação, o capitão levantou-se e, com um tremendo soco, derrubou o marinheiro. O homem era idoso e de pequena estatura, de forma que a brutalidade do gesto se tornou mais flagrante. O outro marinheiro, todavia, não era velho nem baixo - corpulento como um urso, com um bigode negro e grosso, forte pescoço de touro entre enormes ombros maciços.

Ao ver o companheiro cair, o homem curvou-se e, com um rugido surdo, lançou-se sobre o capitão e aplicou-lhe um soco violento que o fez cair de joelhos. De vermelho que estava, o capitão ficou lívido - porque aquele gesto significava um

motim a bordo. E, na sua carreira de violências, o capitão já havia antes enfrentado e dominado motins. Sem mesmo se levantar, tirou o revólver do bolso e disparou-o à queima-roupa sobre a montanha de músculos que se erguia sobre ele. No entanto, embora o movimento fosse rápido, quase tão rápida foi a intervenção de Lord Greystoke. A bala, dirigida ao coração do marinheiro, acertou-lhe numa perna, porque John Clayton batera no braço do capitão assim que o vira puxar pela arma.

Houve uma troca de palavras entre Clayton e o capitão, em que o primeiro declarou claramente que lhe repugnava a brutalidade com que os tripulantes eram tratados e que não suportaria cenas de tal gênero enquanto ele e Lady Alice estivessem a bordo. O capitão esteve prestes a dar uma resposta irada, mas pensando melhor deu meia volta e afastou-se, grunhindo entre dentes. Não se atrevia a hostilizar um oficial inglês, porque o poderoso braço da rainha manobrava um instrumento de castigo que ele conhecia e temia - a Armada britânica.

Os dois marinheiros levantaram-se, o mais velho amparando o camarada ferido. Este, que era conhecido entre os seus companheiros por Blake Michael, experimentou receosamente a perna e, verificando que ela agüentava o seu peso, voltou-se para Clayton com uma palavra de rude agradecimento.

Embora o tom fosse brusco, as palavras do homem tinham evidentemente uma boa intenção. Concluiu às pressas o breve discurso e afastou-se, coxeando, na direção da proa, na aparente intenção de fugir a um prolongamento da conversa.

Não voltaram a ver o homem durante vários dias, e por seu lado o capitão não lhes concedia mais do que monossílabos contrariados, quando era forçado falando com eles. John Clayton e Lady Alice tomavam as suas refeições no camarote do capitão, como tinham feito desde o primeiro dia, mas este arranjava-se de maneira a que os seus deveres o impedissem de comer ao mesmo tempo que eles.

Os outros oficiais eram homens rudes, iletrados, pouco acima, em posição social, dos tripulantes a quem maltratavam, e fugiam a qualquer contacto com o nobre inglês e sua mulher.

De modo que os Claytons se viram entregues a si mesmos, quase completamente. O fato, em si, estava em perfeito acordo com os seus desejos, mas por outro lado isolava-os da vida no pequeno veleiro -de maneira que não podiam estar cientes dos acontecimentos diários que em breve iriam culminar em sangrenta tragédia.

Havia, no ambiente do barco, essa qualquer coisa indefinível que pressagia desastre. Aparentemente, que os Claytons soubessem, tudo corria como antes; mas ambos sentiam a aproximação de um perigo desconhecido, embora não falassem a respeito.

No segundo dia depois de Black Michael ter sido ferido, Clayton chegou ao

convés a tempo de ver o corpo inerte de um dos tripulantes, que era levado para baixo por quatro dos seus camaradas, enquanto o primeiro mestre, empunhando um pesado cacete, olhava ferozmente para o pequeno grupo.

Clayton não fez perguntas - não precisava fazê-las - e no dia seguinte, quando o grande vulto de um navio de guerra, inglês, surgiu no horizonte, esteve meio decidido a exigir que Lady Alice e ele fossem levados para bordo. Estava cada vez mais convencido de que nada de bom poderia resultar da sua permanência no sombrio e desagradável Fuwalda.

Cerca do meio-dia estavam ao alcance de voz do navio inglês, mas quando Clayton se dispunha a solicitar asilo ao capitão, o óbvio ridículo de um tal pedido tornou-se bruscamente flagrante. Que razões poderia ele apresentar, ao comandante do barco de Sua Majestade, para desejar voltar para o porto de onde exatamente viera ? E se ele declarasse que dois marinheiros insubordinados haviam sido rudemente tratados pelos seus oficiais ? Ririam dele, embora discretamente, e atribuiriam o seu desejo de sair do veleiro a uma única causa - covardia.

John Clayton, Lord Greystoke, não pediu para ser transferido para o navio de guerra britânico. Nessa mesma tarde viu o grande vulto desaparecer no horizonte distante, mas não antes de ter sabido o que confirmava os seus maiores receios e o fez maldizer o falso orgulho que o impedira de procurar, umas horas antes, quando isso era possível, a segurança para a sua jovem mulher, uma segurança agora definitivamente desaparecida.

Era a meio da tarde quando o velho marinheiro, que havia sido derrubado dias antes pelo capitão, se aproximou do ponto onde se encontravam, encostados à amurada, vendo sumir no horizonte o navio de guerra. O velho estava polindo os metais, e ao chegar perto de Clayton disse, em voz baixa:

- Vai haver barulho neste barco, sir, e não esqueça o que eu digo. Vai haver barulho.

- Que quer dizer com isso, meu amigo?... – perguntou Clayton.

- Não tem visto o que se passa? Não ouviu dizer que o capitão e os oficiais têm aleijado metade da tripulação? Duas cabeças partidas, ontem, e três hoje. Black Michael está outra vez como novo, e não é homem para se ficar com estas coisas. Pode ter certeza disso.

- Quer dizer que a tripulação pretende amotinar-se?

- Amotinar-se?... -quase gritou o velho. - Amotinar-se? Essa gente quer assassinar-nos, sou eu quem o diz.

- Quando?

- Não tarda, sir. Não tarda mas eu não vou dizer-lhes quando. Já falei demais. mas o Senhor foi correto, no outro dia, e eu pensei que devia avisá-lo. Não fale no caso e quando ouvir tiros vá para baixo e fique lá. Tenha cuidado e não fale. senão metem-lhe uma bala nas costelas e sou eu que o digo.

E o velho marinheiro continuou a polir os metais, afastando-se do ponto onde os Claytons se encontravam.

- Uma perspectiva animadora, Alice... - comentou Clayton.

- Deve avisar imediatamente o capitão, John... - disse ela.

- Talvez se possa ainda evitar o pior.

- Suponho que deveria. mas por motivos puramente egoístas estou quase decidido a não falar. Façam os homens o que fizerem, agora nos pouparão em reconhecimento por eu salvar a vida de Black Michael. Mas, se descobrirem que os traí, não terão contemplações conosco, Alice.

- Só tem um dever, John. e esse dever consiste em defender as autoridades constituídas. Se não avisar o capitão, será tão responsável pelo que acontecer como se tivesse ajudado a conspiração.

- Você não compreende, querida, - replicou Clayton. - É em você que estou pensando, e o meu primeiro dever é esse. O capitão provocou a situação em que vai encontrar-se. Portanto, porquê arriscar minha mulher aos horrores impensáveis de uma ameaça desses homens, numa tentativa provavelmente inútil para o salvar das conseqüências dos seus próprios erros? Você não faz idéia, querida, do que aconteceria em tal caso, se esses rufiões conseguissem dominar o Fuwalda.

- O dever é o dever, John, e nenhum argumento pode alterar isto. Eu não seria digna de ter casado com um Lord, se tivesse de ser responsável pelo fato de ele não cumprir um dever nítido. Compreendo o perigo que poderemos correr, mas estou pronta a enfrentá-lo contigo.

- Seja como quiser, então... - respondeu ele, sorrindo. - Talvez estejamos inventando complicações. Embora eu não goste do aspecto das coisas a bordodeste barco, talvez não venham sendo assim tão más. É possível que o velho marinheiro estivesse a dar voz aos desejos do seu ódio, em vez de se referir a fatos reais. Motins no alto mar talvez fossem freqüentes há uma centena de anos, mas neste ano de graça de 1888 são acontecimentos bastante improváveis. Aí vai o capitão para o seu camarote, agora, Se tenho de avisá-lo, mais vale acabar já com isso, porque não tenho estômago para falar com esse bruto.

Com estas palavras, John Clayton encaminhou-se descuidadamente para o passadiço e, um momento depois, batia à porta do camarote do capitão.

- Entre. - respondeu a voz rouca do oficial. E acrescentou, ao ver que Clayton entrava e fechava a porta atrás de si: - O que há?

- Venho para informá-lo de uma conversa que ouvi hoje. Penso que, embora não haja nada de concreto, deve estar precavido. Em resumo, os homens preparam um motim.

- É mentira! - rugiu o capitão. - E se esteve novamente a interferir com a disciplina deste barco, ou a meter-se naquilo que não lhe diz respeito, pode sofrer as conseqüências e ir para o inferno! Não quero saber se é um lord ou não é! Eu sou o capitão deste navio, e daqui em diante não se meta na minha vida!

O capitão tinha-se exaltado de tal maneira que tinha a cara congestionada. Gritou a plenos pulmões as últimas palavras, sublinhando cada frase com tremendos socos sobre a mesa, ao mesmo tempo que agitava o outro punho na direção de Clayton. Este manteve-se impassível, olhando calmamente para o excitado homem.

- Capitão Billings. - disse ele, por fim. - Se desculpa a minha franqueza, devo fazer-lhe notar que é um perfeito asno. Com estas palavras, deu meia volta e afastou-se, com o indiferente à-vontade que lhe era habitual e que seguramente ia fazer explodir um homem como Billings numa torrente de impropérios.

Assim, embora o capitão pudesse facilmente ter sido levado a lamentar as suas palavras precipitadas, se Clayton tivesse tentado convencê-lo, a sua irritação estava agora irrevogavelmente no ponto em que o lord a colocara, e desapareceu a última possibilidade de se entenderem para bem de ambos.

- Bem, Alice... - disse Clayton, quando regressou para junto de sua mulher, creio que poderia ter poupado palavras e fôlego. Esse homem mostrou-se extremamente ingrato. Quase saltou para mim, como um cão raivoso. Ele e o seu barco podem ir para o inferno, pelo que me diz respeito. Se estarmos em segurança fora disto, usarei todas as minhas energias em olhar por nós próprios. Creio que o primeiro passo para esse fim será voltar ao nosso camarote, para eu verificar os meus revólveres. Lamento que as armas maiores tenham ido para o porão, com a bagagem.

Encontraram o camarote num estado de completa desordem. As roupas, tiradas das malas e dos sacos, estavam espalhadas, e até as camas haviam sido violentamente revolvidas.

- É evidente, que alguém estava mais ansioso, a respeito das nossas coisas, do que nós próprios. -- comentou Clayton. - Vejamos o que falta, Alice.

Uma busca cuidadosa revelou que nada tinha sido roubado, a não ser os dois revólveres de Clayton e a pequena quantidade de munições que ele tinha separado.

- Exatamente as coisas que eu mais desejava tivessem deixado. - disse Clayton -. e o fato de as terem levado parece-me pelo menos sinistro.

- Que fazemos agora, John? Talvez tivesse razão em dizer que a nossa melhor possibilidade estava em mantermo-nos neutros. Se os oficiais puderem evitar o motim, nada temos a recear, mas se os amotinados vencerem, a nossa frágil esperança estaria em não ter tentado tomar partido contra eles.

- Tem toda razão, Alice. Vamos manter-nos no meio da estrada. Quando começavam a pôr em ordem o camarote, Clayton e a mulher viram, ao mesmo tempo, um pedaço de papel que aparecia por debaixo da porta.

Clayton baixou-se para apanhá-lo. e ficou surpreso ao vê-lo deslocar-se mais para dentro. Compreendeu então que alguém estava a empurrá-lo, do lado de fora. Rápido e silencioso deu mais um passo, estendendo o braço para abrir a porta, mas Alice segurou-lhe o pulso quando ele ia dar volta ao puxador.

- Não, John. - sussurrou ela. - Eles não querem ser vistos, portanto não devemos contrariá-los. Não se esqueça de que nos mantemos no meio da estrada.

Clayton sorriu e ficou imóvel. Ficaram ambos a olhar o pedaço de papel até que este parou, completamente do lado de dentro. Então Clayton apanhou-o. Era um pedaço de papel branco, sujo, toscamente dobrado em quatro. Viram uma breve mensagem, quase ilegível, numa letra que mostrava claramente o trabalho penoso de quem escrevera.

Traduzida, era um aviso para os Claytons não se queixarem da perda dos revólveres e não repetirem o que o velho marinheiro havia dito -sob pena de morte se não obedecessem.

- Acho que não temos outra solução. - disse Clayton, com um sorriso contrafeito.
- Tudo o que temos de fazer é ficar quietos, à espera do que venha a acontecer.

CAPÍTULO 2

A casa na selva

Não tiveram muito que esperar, pois na manhã seguinte, quando Clayton saía do seu camarote para o habitual passeio pelo convés, antes do pequeno almoço, estalou uma detonação, e logo outra, e ainda outra. O que ele viu confirmou os seus piores receios. Enfrentando o pequeno grupo de oficiais, estava toda a tripulação do Fuwalda, comandada por Black Michael.

À primeira salva de tiros, dos oficiais, os homens correram em busca de abrigos. Então, de pontos estratégicos atrás dos mastros, da roda do leme e da cabina central, responderam ao fogo dos cinco indivíduos que constituíam a autoridade odiada a bordo do barco.

Dois dos tripulantes tinham caído sob as balas disparadas pelo capitão, e estavam nos lugares onde haviam tombado, entre os combatentes. Mas então o primeiro mestre rolou no convés, e a um sinal de Black Michael os amotinados lançaram-se ao ataque dos outros quatro. Os homens apenas haviam reunido seis armas de fogo, e a maior parte deles empunhavam croques, machados grandes e pequenos, e alavancas de ferro.

Ambos os grupos praguejavam e blasfemavam de terrível maneira, o que, conjuntamente com as detonações e os gritos dos feridos, transformava o convés do Fuwalda em qualquer coisa semelhante a um pesadelo.

Antes que os oficiais pudessem recuar meia dúzia de passos, os tripulantes estavam sobre eles. Um machado, brandido por um negro corpulento, abriu a cabeça do capitão, desde a testa até o queixo. Instantes depois os outros estavam derrubados, mortos ou atingidos por dezenas de golpes ou balas.

Breve e feroz tinha sido o trabalho dos amotinados do Fuwalda. Durante a luta, John Clayton permanecera tranqüilamente encostado junto da saída do passadiço, fumando pensativamente o seu cachimbo como se estivesse assistindo a um desafio de cricket sem grande interesse. Quando o último oficial caiu, Clayton pensou que era hora de voltar para junto de sua mulher, não fossem alguns dos homens da tripulação encontrá-la em baixo, sozinha.

Embora exteriormente calmo e indiferente, ele não deixava de se sentir apreensivo e inquieto, intimamente. Receava pela segurança de Alice entre aqueles homens meio selvagens, em cujas mãos a sorte os entregara. Quando se voltou, para descer a escada, ficou surpreendido ao ver a jovem de pé num dos degraus, logo atrás dele.

- Há quanto tempo está aqui, Alice?

- Desde o princípio, John. Que coisa horrível! Que esperança podemos ter, em poder de tal gente?

- A esperança de que nos sirvam o pequeno almoço. – respondeu John, sorrindo corajosamente, numa tentativa para atenuar os receios dela. -Pelo menos é o que vou dizer-lhes. Venha comigo, Alice. Não podemos deixá-los supor que contamos com qualquer outra coisa que não seja um tratamento cortês.

Entretanto os homens tinham cercado os oficiais e os feridos, e sem qualquer espécie de compaixão ou escolha atiravam uns e outros para o mar.

Da mesma forma procederam quanto aos mortos ou moribundos do seu lado. A certa altura, um dos tripulantes avistou os Clayton e gritou, correndo para eles e erguendo um machado:

-Aqui estão mais dois para os peixes!

Mas Black Michael foi ainda mais rápido, e o homem tombou, com uma bala nas costas, antes de poder dar meia dúzia de passos. Soltando um forte brado, Black Michael atraiu as atenções dos outros e exclamou, apontando para Lord e Lady Greystoke:

- Esses são meus amigos e devem ser deixados em paz! Entendido? Agora sou capitão deste navio e o que eu disser é o que se faz. - interrompeu-se, voltou-se para Clayton e acrescentou: - Não se metam em nada, e ninguém lhes fará mal.

Os Claytons seguiram tão à letra as instruções de Michael, que daí por diante mal viam a tripulação e nada sabiam dos planos que os homens preparavam. Ocasionalmente ouviam ecos de disputas e desordens entre os amotinados, e por duas vezes escutaram o som ameaçador de tiros. No entanto, Black Michael era um chefe adequado àquele bando de rufiões, e parecia conseguir uma suficiente sujeição às regras que impunha.

No quinto dia depois da morte dos oficiais, o vigia avistou terra. Black Michael não sabia se tratava de uma ilha ou de um continente, mas informou Clayton de que, se verificassem que o lugar era habitável, ele e Lady Greystoke seriam desembarcados, com as suas bagagens.

- Ficarão bem durante alguns meses. -explicou Michael -, e entretanto talvez sejamos capazes de encontrar uma costa povoada, em algum lugar, e dispersar. Então eu farei com que o governo inglês seja informado a respeito de ambos, e mandarão um barco de guerra para os recolher. Seria muito difícil desembarcá-los numa zona civilizada sem que nos fizessem uma porção de perguntas. e nenhum de nós tem respostas convenientes para dar.

Clayton protestou contra a desumanidade de os deixarem num litoral desconhecido, à mercê de feras e, possivelmente, de selvagens ainda piores que as

feras.

Mas de nada serviram as suas palavras, a não ser para irritarem Black Michael e assim foi forçado a desistir e a tirar o melhor proveito possível de uma situação ruim.

Cerca das três horas da tarde estavam perto de uma linha de costa muito bela e densamente arborizada, em frente da entrada do que parecia um pequeno porto natural. Black Michael enviou um dos botes, com homens encarregados de sondarem a entrada e verem se o Fuwalda poderia passar com segurança. Uma hora depois os homens regressaram com a informação de que havia bastante fundo, tanto na entrada como adiante, na angra. Antes da noite, o veleiro ficou tranqüilamente ancorado, na diminuta baía cujas águas tranqüilas lembravam a superfície de um espelho. As margens, altas, eram de grande beleza, cobertas de verdura semi-tropical, e na distância o terreno subia a partir do mar, em colinas e planaltos quase unicamente cobertos por florestas primitivas. Não se viam sinais de habitações, mas que o lugar era habitável provavam-no os sinais evidentes de vida e a abundância de aves, sobretudo. Havia também abundância de água doce. De bordo podiam divisar o brilho do pequeno rio que desaguava na baía.

Quando a noite desceu, Clayton e Lady Alice estavam ainda encostados à amurada, olhando em baixo o lugar onde iam ficar. Das sombras da floresta densa vinham as vozes dos animais selvagens. O profundo rugido do leão e, ocasionalmente, o grito agudo de uma pantera.

Alice aninhou-se nos braços do marido, numa apavorada antecipação dos horrores que os esperavam na densa escuridão das noites futuras, quando ficassem sós naquela terra solitária e selvagem.

Mais tarde, Black Michael foi ter com eles, demorando-se apenas o tempo suficiente para os avisar de que deviam preparar-se para desembarcar pela manhã. Clayton tentou convencê-lo a levá-los para um lugar mais hospitaleiro, suficientemente perto da civilização para lhes permitir a esperança de encontrar socorros. Mas nem pedidos, nem ameaças, nem promessas de recompensa, conseguiram movê-lo.

- Sou o único homem, a bordo, que não prefere vê-los mortos embora concorde que seria a única maneira de garantir a nossa segurança. Mas Black Michael não é homem para esquecer um favor. Salvou-me a vida, uma vez, e em troca poupo a sua. Mas é tudo o que posso fazer. Os homens não tolerariam mais se não desembarcarem depressa, eles podem mudar de idéia a respeito de os deixar vivos e à solta. Vou pô-los em terra, com as bagagens e tudo o que lhes pertence, além de alguns utensílios de cozinha e umas quantas velas fora de uso, para servirem de tendas. Levarão também comida que chegue para se agüentarem até descobrirem

caça e frutos. Dispondo das vossas armas, poderão viver aqui bastante bem até virem buscá-los. Quando eu e os homens estivermos longe e em segurança, tratarei de informar o governo inglês quanto ao lugar onde ficaram. Não poderei dizer exatamente onde é, porque não sei. Mas eles hão de encontrá-los.

Depois de Michael se afastar, os Claytons desceram em silêncio, cada um deles mergulhado nos seus pensamentos. John Clayton não acreditava que Black Michael tivesse a menor intenção de avisar o governo inglês sobre o paradeiro deles, e nem sequer tinha certeza de que os homens não estivessem preparando qualquer golpe traiçoeiro para a manhã seguinte, quando fossem levá-los a terra com as suas bagagens. Fora das vistas de Black Michael, qualquer dos homens poderia assassiná-los, deixando em paz a consciência do improvisado capitão.

Mas, ainda que conseguissem escapar a esse destino, não seria para enfrentar outros perigos igualmente graves? Sozinho, John Clayton poderia ter esperança de sobreviver durante anos, porque era um homem forte, de compleição atlética. Mas que aconteceria a Alice nessa outra vida que em breve surgiria, entre as dificuldades e os perigos de um mundo primitivo?

Clayton estremeceu ao pensar na tremenda gravidade, na desesperança horrível da situação em que ficavam. Mas a misericordiosa Providência não lhe permitiu prever completamente a realidade pavorosa que os esperava nas sombrias profundezas da floresta primitiva.

Cedo, na manhã seguinte, as numerosas malas e sacos foram levadas para o convés e descidas para os botes que esperavam a fim de as transportarem a terra.

Havia uma grande quantidade e variedade de coisas, pois os Claytons tinham previsto uma estadia de cinco a oito anos na sua nova casa. Assim, além das muitas coisas necessárias que haviam trazido, existiam também muitos objetos de luxo e adorno.

Black Michael estava decidido a que nada pertencente aos Claytons ficasse a bordo. Seria difícil dizer se a causa era a compaixão por eles ou a defesa dos seus próprios interesses.

Sem dúvida que a existência, a bordo de um navio suspeito, de objetos pertencentes a um oficial inglês desaparecido, seria coisa muito difícil de explicar em qualquer porto do mundo civilizado.

Tão grande era o interesse dele em cumprir as suas intenções, que insistiu para que fossem restituídos a Clayton os revólveres que lhe haviam sido surrupiados.

Nos pequenos botes carregaram também carne salgada e biscoitos, além de uma pequena porção de batatas e feijões, fósforos, utensílios de cozinha, uma caixa com ferramentas e as velas fora de uso que Black Michael prometera. Como se ele

próprio receasse o mesmo de que Clayton suspeitara, Black Michael acompanhou-os a terra e foi o último a partir quando os pequenos botes, tendo renovado, no rio, as reservas de água doce, voltaram na direção do Fuwalda.

Enquanto os botes se moviam devagar sobre as águas calmas da pequena baía, Clayton e sua mulher ficaram a vê-los afastar-se e ambos se sentiam possuídos por uma dolorosa premonição de desastre e esperança.

E atrás deles, na crista de uma pequena elevação de terreno, outros olhos espreitavam, olhos muito juntos, malévolos, brilhando sob testas lisas e cobertas de duros pêlos.

Quando o Fuwalda transpôs a saída da angra, e desapareceu atrás de um promontório, Alice lançou-se nos braços de Clayton e soluçou, sem poder dominar-se. Enfrentara corajosamente os perigos do motim. e de ânimo forte havia encarado o terrível futuro. Mas agora, que o pavor da total solidão os envolvia, os seus nervos tensos cederam e veio a reação. Clayton não tentou impedi-la de chorar. Era melhor que a natureza, à sua maneira, a aliviasse das emoções tanto tempo contidas, antes, que Alice - pouco mais do que uma menina - pudesse recuperar o domínio de si mesma. Decorreram longos minutos.

- Oh, John!... -exclamou ela, finalmente -, Que horror, isto tudo! O que vamos fazer?

- Há apenas uma coisa a fazer, Alice. -respondeu ele, tão calmo como se estivessem confortavelmente sentados na sala da sua casa -, e é trabalhar. O trabalho pode ser a nossa salvação. Não devemos conceder a nós mesmos tempo para pensar, porque isso levaria à loucura. Temos de trabalhar e esperar. Tenho certeza de que virão nos socorrer, e depressa, assim que correr a notícia do desaparecimento do Fuwalda e mesmo que Black Michael não cumpra a sua palavra.

- Mas, John. se fôssemos apenas você e eu...

- Os soluços sacudiram-na de novo -. poderíamos suportar, eu sei. Mas...

- Sim, querida. - atalhou Clayton, suavemente -, também pensei nisso. Mas temos de enfrentar a situação, como qualquer outra que surgir, corajosamente e com a maior confiança na nossa capacidade de resolver as dificuldades, sejam quais forem. Há centenas de milhares de anos, os nossos antecessores desse vago e distante passado tiveram de enfrentar os mesmos problemas que nós temos, e talvez até nestas mesmas florestas primitivas. O fato de estarmos aqui, agora, é a prova de que venceram. Que podiam eles, que nós não possamos também? E até melhor, pois estamos armados com séculos de conhecimentos superiores e temos os meios de proteção, defesa e subsistência que a ciência nos deu, e dos quais eles eram totalmente ignorantes. O que eles conseguiram, Alice, com instrumentos e armas de

pedra e de osso, nós poderemos consegui-lo também.

- Oh, John! Eu gostaria de ser um homem, com uma filosofia de homem, mas sou apenas uma mulher e vejo as coisas mais com o coração do que com a inteligência. E o que vejo é muito horrível, muito impensável para traduzir em palavras. Só desejo que tenha razão, John! Farei o melhor que puder para ser uma corajosa mulher primitiva. digna companheira do homem primitivo.

O primeiro pensamento de Clayton foi arranjar um abrigo para dormirem, à noite. Alguma coisa que pudesse servir para protegê-los dos animais.

Abriu a caixa que continha os rifles e as munições, deviam ambos estar armados contra um possível ataque, enquanto trabalhassem. Então, juntos, procuraram um lugar para dormir nessa primeira noite.

A uma centena de metros da praia havia uma pequena porção de terreno plano e relativamente livre de arvoredo. Decidiram que construiriam ali uma casa permanente, mas pensaram que, no momento, bastava construir uma pequena plataforma nas árvores, fora do alcance dos animais selvagens em cujos domínios se encontravam. Para tal fim, Clayton escolheu quatro árvores formando um retângulo com cerca de oito pés quadrados, e cortando compridos ramos de outras árvores improvisou uma armação entre os quatro troncos, a uns três metros de altura do chão, prendendo com firmeza as extremidades por meio de cordas que Black Michael fora buscar ao porão do Fuwalda e lhes fornecera com largueza.

Atravessados sobre essa armação, Clayton colocou ramos mais pequenos, muito juntos. Depois cobriu a plataforma com grandes folhas que cresciam em profusão por ali, e sobre as folhas estendeu uma grande lona de vela, dobrada várias vezes.

Dois metros acima da primeira armou uma outra plataforma, mais leve, para servir de cobertura, e dos lados deixou pender o que lhe restava da lona de velas, como paredes. Quando o trabalho ficou concluído, Clayton e Alice dispunham de um pequeno ninho relativamente confortável, para o qual ele transportou as mantas e a parte menos pesada da bagagem.

Entardecia, e aproveitaram as horas de luz que ainda restavam para a construção de uma escada tosca, que servisse a Alice para alcançar o seu novo lar. Durante todo o dia, a floresta em volta enchera-se de aves agitadas, de penas brilhantes, e de pequenos macacos barulhentos e dançarinos que pareciam espreitar, com evidente e fascinado interesse, os recém-chegados e a construção do maravilhoso ninho. Embora Clayton e sua mulher tivessem estado sempre alerta, não viram animais maiores, conquanto, em duas ocasiões, tivessem notado que os macaquinhos guinchavam e fugiam, aos pulos, da próxima elevação de terreno, lançando olhares

assustados por cima dos pequenos ombros e manifestando, tão claramente como se falassem, que estavam apavorados por alguma terrível coisa que ali permanecia escondida.

Antes da noite, Clayton concluiu a sua escada e, enchendo uma grande bacia com água, na corrente próxima, ele e Alice subiram para a relativa segurança do seu quarto aéreo. Porque havia calor, Clayton deixara as cortinas laterais sobre a plataforma que servia de teto. Quando estavam sentados, como turcos, sobre os cobertores, Alice, olhando para as sombras, cada vez mais densas, da floresta, estendeu subitamente uma das mãos e agarrou um braço de John.

- John. - sussurrou ela. - Olha! Que é aquilo? Um homem?

Quando Clayton olhou na direção que ela apontava, viu o que lhe pareceu um grande vulto que mal se podia distinguir das sombras e estava de pé sobre a elevação de terreno. Por um momento o vulto ficou imóvel, como à escuta, e depois desapareceu na escuridão da selva.

- O que era, John?

- Não sei, Alice. - respondeu ele, gravemente. - Está muito escuro para se ver, e talvez fosse apenas uma sombra projetada pela lua nascente.

- Não, John! Se não era um homem, era com certeza uma enorme e grotesca imitação de um homem. Oh, John! Tenho medo.

Ele a abraçou, murmurando-lhe ao ouvido palavras de amor e de encorajamento. Pouco depois baixou as cortinas, prendendo-as com firmeza aos ramos, de maneira que, com exceção de uma pequena abertura na direção da praia, estavam completamente tapados. Era agora noite escura, no interior do frágil abrigo. Estenderam-se sobre as mantas, tentando conseguir, pelo sono, uma breve trégua de esquecimento.

Clayton estava deitado de frente para a abertura, tendo ao alcance da mão um rifle e vários revólveres. Mal haviam fechado os olhos quando o grito apavorante de uma pantera ecoou na selva, atrás deles. A fera foi se aproximando, até que puderam ouvi-la diretamente abaixo da plataforma. Durante uma hora ou mais ouviram-na fungar e arranhar o tronco, mas por fim a pantera afastou-se e atravessou a praia. Clayton pôde então vê-la claramente, na luz do luar - um grande e belo animal, o maior que ele vira até então.

Durante as longas horas da noite apenas dormiram curtos sonos. As noites na selva estão cheias de milhares de ruídos da vida selvagem. John e Alice, com os nervos tensos, foram acordados em sobressalto, por gritos agudos, a cada momento mais fortes e mais ou menos próximos, e pelos movimentos furtivos de grandes corpos, no terreno abaixo.

CAPÍTULO 3

Vida e morte

A manhã encontrou-os quase tão cansados como na véspera, embora as primeiras luzes do dia dessem uma profunda sensação de alívio. Logo que concluíram o frugal pequeno almoço, composto por carne de porco, salgada, café e biscoitos, Clayton começou a trabalhar na casa, compreendendo que não poderiam ter segurança nem paz de espírito, durante as noites, até que quatro fortes paredes efetivamente se interpusessem entre eles e a vida noturna da selva.

A tarefa era difícil e ocupou-o durante quase um mês, embora ele não construísse senão um único e pequeno compartimento. Utilizou, na construção da barraca, pequenos troncos com cerca de seis polegadas de diâmetro, tapando as brechas com barro que encontrou no terreno, a pequena profundidade. Numa das extremidades fez uma lareira, com pedras que trouxe da praia e fixou também com barro. E, quando a casa ficou pronta, aplicou ainda camadas de barro em toda a superfície exterior - sobrepondo-as até obter uma espessura adicional de mais quatro polegadas.

Na abertura que servia de janela, dispôs ramos pequenos com cerca de uma polegada de diâmetro, tão entrelaçados que formavam uma sólida grade capaz de se opor à força de qualquer animal. Assim tinham ar e ventilação adequada, sem diminuir a segurança da barraca. O telhado, em forma de A, foi tecido com ramos delgados sobre os quais estendeu ervas da floresta, compridas e resistentes, e largas folhas de palmeira, tudo coberto com uma camada final de barro.

Clayton fez a porta com tábuas das caixas que tinham contido bagagem, pregando tábuas umas sobre as outras, entrecruzadas, até formar uma sólida espessura de cerca de três polegadas, tão resistente que ambos riram ao contemplá-la depois de pronta. Aí surgiu uma dificuldade, porque Clayton não tinha maneira de suspender uma porta tão maciça. No entanto, ao cabo de dois dias de trabalho conseguiu fabricar dois gonzos de madeira rija, e assim pôde colocar a porta de maneira a fechá-la e abri-la facilmente.

O revestimento interior e outros retoques finais foram acrescentados depois de terem se instalado na barraca, coisa que fizeram assim que o telhado ficou colocado. Durante a noite empilhavam caixotes e malas contra a porta, e assim tinham uma habitação relativamente cômoda e segura.

A construção de uma cama, cadeiras, mesa e prateleiras, foi tarefa comparativamente fácil, de modo que ao fim do segundo mês estavam com a instalação concluída. Excluindo o constante receio de serem atacados pelas feras, e a sensação de total isolamento, não se sentiam infelizes nem desconfortáveis. De

noite, as grandes feras rosnavam e rugiam em volta da barraca, mas - tanto uma pessoa pode habituar-se a ruídos frequentemente repetidos - em breve deixaram de lhes prestar atenção e dormiam profundamente até de manhã.

Por três vezes tinham avistado, grandes vultos de aspecto quase humano, iguais ao que haviam visto na primeira noite, mas nunca bastante perto para saberem, com certeza, se esses vultos eram de homens ou de animais selvagens.

Os pássaros de muitas cores, e os pequenos macacos, tinham-se habituado à presença deles. Como parecia evidente que nunca tinham visto antes criaturas humanas, passados os primeiros dias de susto e de surpresa foram-se aproximando progressivamente, movidos pela estranha curiosidade que domina as criaturas selvagens da floresta ou da planície, de maneira que, ao cabo do primeiro mês, alguns dos pássaros já aceitavam comida das mãos amigas dos Claytons.

Uma tarde, enquanto Clayton trabalhava para acrescentar a sua barraca, à qual pensava ligar mais dois ou três compartimentos, alguns dos macaquinhos vieram aos saltos e aos gritos, através das árvores, da direção da elevação de terreno. Olhavam para trás, enquanto fugiam, e finalmente pararam junto de Clayton, guinchando excitadamente como para avisar de um perigo.

E foi então que John Clayton viu o que tanto apavorava os pequenos símios - o homem-fera que ele e Alice apenas tinham conseguido entrever ocasionalmente e só por instantes.

Aproximava-se através da selva, meio erguido, apoiando no chão, de vez em quando, os enormes punhos fechados - um gigantesco macaco antropóide. Enquanto avançava ia soltando profundos grunhidos guturais, e por vezes uma espécie de ladrido rouco.

Clayton estava a alguma distância da barraca, tendo-se afastado para derrubar um tronco que lhe parecera particularmente perfeito para os seus projetos de construção.

Tornara-se descuidado em consequência de meses de constante segurança, nos quais nunca avistara um só animal perigoso durante as horas do dia, e assim havia deixado os rifles e revólveres na barraca. Agora via o macaco gigantesco avançar, esmagando as moitas, na sua direção, e vindo de um ponto que praticamente lhe cortava a retirada. Sentiu um calafrio percorrer-lhe a coluna. Sabia que, armado apenas com um machado, as probabilidades contra tal monstro eram na verdade muito tênues. E Alice? Deus! O que aconteceria a Alice?

Havia ainda uma ligeira possibilidade de alcançar a barraca. Voltou-se e correu, soltando um brado de alarme para que Alice fechasse a porta no caso do macaco lhe cortar o caminho. Alice estava sentada junto da barraca, e ao ouvir o brado levantou a cabeça e viu o gorila saltar com espantosa rapidez - mais de pasmar num animal

tão grande e desajeitado – para interceptar o caminho de Clayton. Com um grito rouco, a jovem correu para a barraca e, ao entrar, lançou para fora um olhar que lhe encheu a alma de terror. A fera tinha encurralado John, e este parara, empunhando o machado com as mãos, pronto a brandi-lo contra o gorila quando ele atacasse finalmente.

-Feche e tranque a porta, Alice!. - gritou Clayton. – Eu posso enfrentar este bruto, com o machado! Mas John sabia que estava votado a uma horrível morte, e a jovem também o compreendeu. O macaco era um macho enorme, pesando provavelmente cento e cinquenta quilos. Os olhos, muito juntos e ferozes, brilhavam sob os pêlos hirsutos da testa fugidia; e os dentes brancos, grandes, apareciam num esgar de fúria enquanto ele parava um momento diante da sua presa.

Sobre o ombro do bruto, Clayton podia ver a porta da barraca, a uma distância de menos de vinte passos, e uma onda de pavor enregelou-o ao ver que Alice reaparecia, armada com um dos rifles. A jovem sempre tivera medo de armas de fogo, nas quais nunca tocava, mas agora corria para o gorila com a temeridade de uma leoa que defendesse as crias.

- Para trás, Alice! Pelo amor de Deus, para trás!

Mas ela não obedeceu. e nesse momento o gorila lançou-se ao ataque, de modo que Clayton nada mais pôde dizer. Firmando os pés no chão, Clayton levantou o machado e desferiu um golpe com todo o poder dos seus músculos, mas o poderoso bruto agarrou a arma, arrancou-a das mãos e atirou-a a distância.

Com um rugido, o animal saltou sobre a presa e ia cravar-lhe os dentes quando estalou uma detonação seca, e uma bala o atingiu nas costas, entre os ombros. Empurrando Clayton e derrubando-o, o gorila voltou-se para enfrentar o novo inimigo.

Diante dele estava a frágil mulher, apavorada, tentando em vão disparar novamente. Mas a jovem não compreendia. O mecanismo da arma, e o cão batia, inútil, sobre o cartucho vazio.

Quase no mesmo instante Clayton levantou-se e, sem pensar na sua impotência perante a fera, correu para afastar o gorila do corpo de Alice que perdera os sentidos. Conseguiu-o quase sem esforço, e o grande corpo rolou inerte no terreno, morto.

A bala fizera o seu efeito.

Um rápido exame permitiu a Clayton verificar que Alice não estava ferida. O gorila tinha provavelmente morrido no instante exato em que ia saltar sobre ela. Suavemente, John levantou sua mulher, levou-a para a barraca - mas decorreram duas horas antes que recuperasse os sentidos. As primeiras palavras dela assustaram

Clayton.

Pouco depois de abrir os olhos, Alice fitou o interior da barraca e murmurou, com um suspiro de alívio:

- Oh, John! É tão bom estar realmente em casa. Tive um sonho horrível, querido. Sonhei que já não estávamos em Londres. Mas num lugar horrível onde grandes feras nos atacavam.

- Vamos, Alice, vamos. - disse ele, tocando-lhe na testa. -Tente dormir outra vez e não canse a sua cabeça, com maus sonhos.

Nessa noite uma criança nasceu na pequena barraca à beira da selva primitiva, enquanto um leopardo rosnava diante da porta, e se ouvia, ao longe, o rugido poderoso de um leão.

Lady Greystoke nunca se recompôs do choque causado pelo ataque do gorila, e embora vivesse durante mais um ano, depois do nascimento do filho, não voltou mais a sair da barraca e não conseguiu convencer-se completamente de que não estava na Inglaterra. Por vezes interrogava John, a respeito dos ruídos que ouviam durante as noites. A ausência de criados e amigos, os móveis estranhamente toscos do seu quarto, eram também motivos de perguntas. Mas, desde que John não tentasse qualquer esforço para enganá-la, Alice nunca mais entendeu o sentido da verdade. Sob outros aspectos era perfeitamente racional, e a alegria e felicidade por ter um filho, e as constantes atenções do marido, tornaram esse ano realmente feliz para ela, o ano mais feliz da sua jovem existência.

Clayton não ignorava que ela estaria cheia de angústia e de apreensões, se estivesse na posse das suas faculdades mentais. E, mesmo que ele sofresse horivelmente por vê-la assim, havia ocasiões em que, por amor dela, se mostrava quase alegre, para que ela não compreendesse.

Havia muito tempo que John perdera qualquer esperança de ser socorrido, a não ser por acidente. Com incansável zelo, continuara a trabalhar para embelezar o interior da sua barraca. Peles de leão e de pantera cobriam o chão, armários e estantes tapavam as paredes. Estranhos vasos, feitos por ele com o barro da região, continham lindas flores tropicais.

Cortinas tecidas de compridas ervas, e de bambus, escondiam as janelas. Mais ainda: com as poucas ferramentas de que dispunha, tinha trabalhado madeira para forrar as paredes, e colocara um sobrado liso.

O fato de ser capaz de executar estas tarefas, que sempre lhe haviam sido estranhas, admirava-o. Mas gostava do trabalho porque o fazia para Alice e para o filho que viera encorajá-los e animá-los, embora acrescentando as responsabilidades dele e agravando o que havia de terrível na situação.

Durante o ano que se seguiu, Clayton foi várias vezes atacado pelos grandes gorilas que haviam passado a infestar as vizinhanças da barraca. Mas, como nunca mais voltara a sair sem o rifle e os revólveres, os ferozes animais não o assustavam.

Tinham aumentado a proteção das janelas e fixara uma sólida tranca de madeira, na porta. Assim, quando saía para caçar ou apanhar frutos - como era constantemente necessário para assegurar a subsistência -, não receava que qualquer animal pudesse entrar na pequena casa. Ao princípio conseguira caçar através das janelas da barraca, mas por fim os animais aprenderam a temer o estranho lugar de onde vinha o som trovejante do rifle.

Nos momentos de ócio, John Clayton lia, por vezes em voz alta, para Alice, um dos muitos livros que trouxera na bagagem. Entre esses livros havia bastantes para crianças - livros de estampas, de primeiras letras, histórias ilustradas com texto. Ao saírem de Inglaterra já sabiam que o bebê nasceria muito antes de poderem pensar em voltar. Outras vezes, John Clayton redigia o seu diário, que desde sempre se habituara a escrever em francês e onde registrava os acontecimentos da sua estranha vida. Guardava esse diário numa caixa de metal, fechada.

Um ano depois do nascimento do filho, Lady Alice morreu tranqüilamente, durante a noite. Tão calmo foi o seu fim, que decorreram horas antes que Clayton se convencesse da verdade.

O horror da situação invadiu-o lentamente, e é duvidoso que tenha alguma vez compreendido a enormidade da sua pena e a tremenda responsabilidade que recaía agora exclusivamente sobre ele, de cuidar de uma criança ainda tão pequena.

O último registro, no seu diário, foi feito na manhã que se seguiu à morte de Alice, e aí narra os tristes acontecimentos num tom impessoal que aumenta ainda a dolorosa significação das palavras. Sente-se nelas uma apatia enorme, feita de cansaço, de pena e de desesperança, uma apatia que nem mesmo o golpe tão cruel pôde sacudir para mais sofrimento:

“O meu filhinho chora por comida. Oh, Alice, Alice! Que devo eu fazer?”

E, quando John Clayton escreveu as últimas palavras que a sua mão alguma vez poderia escrever, deixou cair a cabeça sobre os braços pousados na mesa - a mesa que construía para aquela que estava ainda estendida, fria e imóvel, na cama, perto dele.

Durante muito tempo nenhum ruído perturbou o silêncio de morte do meio-dia na selva; a não ser o gemer desolado da criança com fome.

CAPÍTULO 4

Os macacos

Na selva do planalto, a uma milha de distância do mar, Kerchak, o velho gorila, entregava-se a uma explosão de raiva entre a sua tribo.

Os outros membros da tribo, sobretudo os mais jovens e mais leves, foram refugiar-se nos ramos mais altas das grandes árvores, para escaparem à sua cólera, arriscando a vida sobre troncos que mal suportavam o seu peso, de preferência a enfrentarem a fúria de Kerchak. Os machos adultos fugiram em todas as direções, não sem que Kerchak partisse a coluna dorsal de um deles, entre as mandíbulas poderosas.

Uma infeliz fêmea escorregou de uma posição insegura num ramo alto, e caiu no chão quase aos pés de Kerchak. Com um grito selvagem, o macho enfurecido saltou sobre ela e mordeu-a ferozmente, arrancando-lhe um pedaço de carne. Logo depois, com o tronco que brandia à maneira de cacete, Kerchak esmigalhou a cabeça da fêmea.

Foi então que Kerchak viu Kala, uma macaca que, regressando de ir procurar comida, com a sua pequena cria, ignorava o ataque de raiva do grande macho. Bruscamente, avisada pelos gritos agudos dos demais, Kala saltou em busca de segurança. Mas o gorila enfurecido estava perto dela, tão perto que a teria agarrado por uma perna se Kala não tivesse dado um furioso salto no ar, afastando-se rapidamente, de ramada em ramada - um risco perigoso que os grandes macacos raramente correm, a não ser que sejam perseguidos tão de perto que não tenham outra alternativa. Kala saltou e agarrou-se, mas ao projetar-se para outra árvore, a violenta sacudidela fez com que a cria, que se segurava desesperadamente no seu pescoço, caísse para baixo. Kala viu o filho torcer-se e virar no espaço, até tombar no chão de uma altura de dez metros.

Com um grito rouco, Kala precipitou-se para junto da cria, sem pensar sequer na ameaça de Kerchak. Mas, quando apanhou o pequeno animal e o apertou ao peito, ele tinha morrido. Com pequenos grunhidos, Kala ficou sentada, embalando o filho morto. Nem Kerchak se atreveu a atacá-la.

Com a morte da cria, o seu impulso de raiva demoníaca deixara-o, tão subitamente quanto se apoderara dele.

Kerchak era um enorme gorila-rei, pesando talvez cento e oitenta quilos. A sua testa era recuada e muito baixa, os olhos avermelhados, pequenos e muito juntos do nariz largo e tosco, machucado. As orelhas eram grandes e delgadas, menores,

todavia, do que na maioria dos animais da espécie. A sua ferocidade, e a enorme força, tinham-no feito chefe da pequena tribo entre a qual nascera cerca de vinte anos antes.

Agora, em pleno vigor, não havia outro gorila em toda a grande floresta que se atrevesse a contestar o seu direito de chefia. Nem mesmo outros animais, maiores, o molestavam.

O velho Tantor, o elefante, era o único, entre todos os animais selvagens, que não temia Kerchak -e era também o único a quem Kerchak temia. Quando Tantor fazia ouvir o seu bramido, o gorila e os seus companheiros corriam a refugiar-se entre as árvores, no planalto superior.

A tribo de antropóides sobre a qual Kerchak reinava com mãos de ferro e agudas presas, contava de seis a oito famílias, e cada família era composta por um macho adulto, as suas fêmeas e as crias. Ao todo, a tribo compunha-se de sessenta ou setenta gorilas.

Kala era a fêmea mais nova de um macho de nome Tublat (nome que significa nariz quebrado), e a cria que morrera era a sua primeira cria. Kala não tinha mais de nove ou dez anos de idade. No entanto, apesar da sua juventude, era grande e poderosa, um esplêndido animal de membros ágeis e fortes, com uma testa alta e arredondada que denotava maior inteligência do que a maioria das criaturas da sua espécie.

Tinha também uma grande capacidade para o amor e para a angústia maternas. Não deixava por isso de ser uma enorme fera de uma raça de gorilas talvez mais inteligente do que as outras. o que, com a sua enorme força, fazia dela um animal temível.

Quando a tribo compreendeu que a fúria de Kerchak chegara ao fim, os gorilas desceram dos seus refúgios e voltaram a ocupar-se das várias tarefas que o chefe interrompera. As crias brincavam e saltavam entre os troncos e as moitas.

Alguns dos adultos estenderam-se para descansar sobre o chão atapetado de erva alta e folhas secas, enquanto outros voltavam pedras e troncos caídos em busca dos pequenos bichos da terra e répteis que constituíam parte da sua alimentação.

Ainda outros exploravam as árvores em busca de frutos, nozes, pássaros e ovos. Tinha passado talvez uma hora quando Kerchak os chamou e, com um grunhido de comando para que o seguissem, partiu na direção do mar. Avançavam quase sempre sobre o terreno, quando este era descoberto, seguindo a pista dos elefantes que, nas suas idas e vindas, tinham desbravado os únicos caminhos existentes naquele labirinto de troncos, mato, cipós e arbustos. Ao caminharem, faziam-no de uma forma balouçante e desajeitada, pousando os punhos no chão e lançando os pesados corpos

para frente.

Mas, quando tinham de percorrer zonas de árvores mais baixas, moviam-se mais depressa, saltando de ramo em ramo com a agilidade de macacos pequenos. Durante a jornada, Kala não deixou de apertar contra o peito a sua cria morta.

Pouco passava do meio-dia quando alcançaram uma pequena elevação de terreno que dominava a praia onde, abaixo deles, se erguia a barraca para a qual Kerchak se dirigia.

Kerchak tinha visto muitos dos seus morrerem em consequência do barulho feito pelo pequeno pau preto, empunhado pelo estranho macaco de pele branca que vivia ali. E, na mente confusa de Kerchak, surgira lentamente a idéia de se apoderar daquela coisa que causava a morte, e de explorar o interior do misterioso refúgio. Desejava, ao mesmo tempo, sentir os poderosos dentes cravados no pescoço do estranho animal que aprendera a odiar e a temer - e por isso mesmo viera algumas vezes, com a tribo, espreitar, esperando a ocasião de apanhar desprevenido o macaco branco.

Ultimamente havia desistido de atacá-lo, ou mesmo de se mostrar. Porque, cada vez que algum dos outros gorilas o fizera, o pequeno pau negro rugira enviando a sua mensagem de morte.

Mas naquele dia não havia sinais do inimigo nas proximidades e, de onde estavam, os gorilas podiam ver que a entrada do refúgio estava aberta. Devagar, cautelosamente e sem ruído atravessaram aquela ponta da selva, na direção da barraca.

Não grunhiram, não deixaram escapar gritos de raiva.

O pequeno pau negro ensinara-os a serem prudentes para não despertarem a sua ira. Avançaram, até que Kerchak, o primeiro, alcançou a porta e espreitou para dentro. Atrás dele vinham dois outros machos, e logo depois Kala, que continuava a apertar ao peito o filho morto.

Dentro, viram o estranho macaco branco imóvel, com a cabeça pousada sobre os braços, sobre a cama, coberto com um pano de vela, estava um vulto, e a curta distância ouviam os gemidos de uma criança.

Kerchak entrou, sem rumor, curvando-se para atacar. e foi então que John Clayton se levantou em sobressalto, e se voltou. O espetáculo com que se deparou decerto o petrificou de horror. Dentro da barraca estavam três enormes gorilas machos, e lá fora podia sentir a presença de muitos outros.

Nunca soube quantos, porque os seus revólveres estavam suspensos da parede distante, junto dos rifles - e porque Kerchak atacou.

Quando o gorila-rei largou a forma inerte que tinha sido John Clayton, Lord Greystoke, voltou a sua atenção para o berço, mas Kala chegou antes dele, e quando Kerchak se curvava para apanhar a criança, a grande macaca apanhou-a e saltou para trás, através da porta, indo refugiar-se no alto de uma enorme árvore. Ao apanhar o filho vivo de Lady Alice, Kala deixou cair, no berço, o corpo morto da sua própria cria. Ao ouvir o gemido do vivo, obedeceu ao apelo universal da maternidade, que brotara do seu peito selvagem, e a que o morto já não podia corresponder.

A grande altura, dominando o seu receio - os gorilas só se arriscam nos ramos mais fortes e mais baixas das árvores, que suportam o seu peso - aconchegou a criança chorosa contra o seio. E em breve o instinto - tão forte na feroz gorila como tinha sido no seio da terna e bela Alice Clayton - o instinto do amor maternal, se comunicou ao entendimento embrionário da criança humana, que se aquietou.

A fome transpôs a distância entre ambos, e assim o filho de um lord e de uma lady bebeu o leite do seio de Kala, a macaca.

Entretanto, na barraca, os outros gorilas examinavam tudo, desconfiados. Tendo-se assegurado de que Clayton estava morto, Kerchak voltou as suas atenções para o vulto estendido sobre a cama, coberto por um pedaço de tecido branco. Timidamente levantou a lona, mas quando viu o corpo da mulher que estava debaixo, arrancou bruscamente o sudário e agarrou, entre as mãos poderosas, o pescoço branco e frágil. Por um instante deixou que os seus dedos se cravassem na pele fria, mas então, compreendendo que a mulher estava morta, largou-a e continuou a examinar o que havia na barraca, não voltando a tocar nos corpos, para sempre imóveis, de Lady Alice ou de Sir John.

O rifle, suspenso da parede, foi a primeira coisa a chamar a sua atenção. Tinha desejado, durante meses, aquele pau negro que continha a morte em pequenos trovões, mas agora, que o tinha ao seu alcance, mal dispunha de coragem para se apoderar dele. Cautelosamente, aproximou-se do objeto, tenso e alerta, pronto para fugir se ele falasse na sua voz rouca e rugidora - tal como tinha ouvido contar nas últimas palavras daqueles que, por ignorância ou ferocidade, haviam atacado o macaco branco. Profundamente, na sua inteligência rudimentar, alguma coisa lhe dizia que aquele pau trovejante só era perigoso quando em mãos que soubessem utilizá-lo. Mas assim mesmo decorreram vários minutos antes que se atrevesse a tocar-lhe..

Hesitante, pôs-se a caminhar de um lado para o outro, diante do rifle, movendo a cabeça de modo a nunca deixar de fixar o objeto dos seus desejos. Utilizando os longos braços como um homem poderia utilizar muletas, balançando desajeitadamente o enorme corpo, o macaco-rei continuou a andar de um lado para o outro, emitindo grunhidos roucos e gritando agudamente, por vezes - esse grito que é

um dos ruídos mais apavorantes da selva.

Até que parou em frente do rifle. Devagar, levantou a grande mão até quase tocar o rebrilhante cano da arma, mas logo recuou e continuou a caminhar. Era como se, demonstrando a sua coragem naquela primeira tentativa, e gritando com a sua voz potente, o gigantesco gorila estivesse animando-se, a construir o impulso que o levaria a apanhar o rifle.

Parou outra vez, e agora conseguiu forçar a mão até tocar no frio aço, mas de novo recuou e recomeçou a andar. Repetiu a estranha manobra, novamente e, com crescente confiança, até que agarrou a espingarda. Verificando que ela não lhe fazia mal, começou a examiná-la atentamente. Apalpou-a de um extremo ao outro, espreitou para o interior do longo cano, mexeu na mira, na coronha, e finalmente no gatilho. Durante todas estas operações os outros gorilas tinham-se reunido junto da porta, observando o chefe. Os outros, que tinham ficado no exterior, diligenciavam ver. De súbito, um dedo de Kerchak fez pressão no gatilho. Um estrondo ensurdecedor encheu a barraca - e os gorilas que estavam junto e além da porta caíram uns sobre os outros, na ânsia de fugir.

Kerchak ficou igualmente assustado, tão assustado que, sem sequer pensar em se libertar do objeto que causara tão temeroso ruído, saltou para a porta com a mão crispada sobre o rifle. Quando passou através da abertura, a mira do rifle prendeu-se na beira da porta - que se abria para dentro - com suficiente força para fechar o batente atrás do gorila. Quando Kerchak parou, a curta distância da barraca, e compreendeu que ainda segurava o rifle, deixou-o cair como se fosse um ferro em brasa, e não tentou pegar-lhe de novo. O estrondo fora muito imprevisto e forte, para os seus nervos, mas estava agora convencido de que o terrível pau negro era inofensivo desde que não lhe tocassem.

Decorreu uma hora antes que os gorilas se animassem a aproximar-se outra vez da barraca, para continuarem as suas investigações. Mas, quando finalmente o fizeram, descobriram com pena que a porta estava fechada e tão seguramente firme que não podiam forçá-la. O fecho, inteligentemente colocado por Clayton, tinha caído quando Kerchak fugira. E os gorilas também não conseguiram passar através das janelas fortemente protegidas.

Depois de vaguearem pelas redondezas, durante algum tempo, os grandes macacos retomaram o caminho da floresta densa e do terreno mais alto, de onde tinham vindo. Kala não desceu imediatamente, com a sua cria adotiva, mas Kerchak chamou-a e, como não houvesse cólera na voz dele, a macaca saltou agilmente de ramo em ramo e juntou-se aos outros, no caminho de regresso.

Os gorilas, que haviam tentado examinar a estranha cria de Kala, tinham sido repelidos com grunhidos ameaçadores e presas prontas, acompanhados de palavras

de ameaça. Quando, porém, se assegurara que não fariam mal, ela deixou-os aproximar-se sem todavia permitir que tocassem na criança. Era como se soubesse que o seu bebê era frágil e delicado, e temesse que as mãos rudes dos companheiros pudessem machucá-lo.

Kala fez também outra coisa, o que tornou a caminhada uma dura provação para ela. Lembrando-se da morte da sua própria cria, agarrava desesperadamente o novo bebê, com uma das mãos, por onde quer que a tribo seguisse. Os outros filhos seguiam às costas das mães, segurando-se, com os pequenos dedos, aos longos pêlos do pescoço delas, enquanto as pernas se prendiam sob os sovacos maternos.

Mas Kala não fazia assim. Segurava o pequeno vulto infantil do Lord Greystoke, apertando-o contra o peito onde as frágeis mãos brancas se agarram também à farta pelagem. Kala tinha visto uma cria cair de suas costas e morrer - e não se dispunha a correr igual risco com aquela.

O macaco branco

Ternamente, Kala criou o menino, pasmando em silêncio por ele não adquirir força e agilidade como os pequenos macacos de outras mães. Tinha decorrido quase um ano desde que ela tomara conta do bebê, e ele ainda caminhava mal e não era capaz de trepar. E como era estúpido! Kala falava, por vezes, com outras fêmeas mais velhas, a respeito da sua cria, mas nenhuma delas conseguia compreender como o pequeno era tão lento e atrasado na aprendizagem de cuidar de si mesmo, nem sequer conseguia alimentos, sozinho - e no entanto tinham passado mais de doze luas, desde que Kala o encontrara. Se as macacas soubessem que treze luas haviam decorrido antes, decerto considerariam o caso como completamente perdido e sem esperança, pois os pequenos gorilas da tribo estavam tão adiantados, em duas ou três luas, como o de Kala, ao cabo de vinte e cinco.

Tublat, o companheiro de Kala, sentia-se envergonhado, e se não fosse o cuidado constante da fêmea, provavelmente teria eliminado a criança.

- Nunca será um grande macaco, - dizia ele. - Terá sempre de transportá-lo e protegê-lo. Para que servirá, na tribo? Para nada, será apenas uma carga. Deixe-o dormir para sempre, quieto entre as altas ervas, para que possa ter outros filhos, mais fortes, que nos guardarão quando a idade pesar.

- Nunca, Tublat!... - respondia Kala. - Se eu tiver de transportá-lo sempre, assim será.

Então Tublat procurou Kerchak, para lhe pedir que usasse a sua autoridade junto de Kala e a forçasse a desistir do pequeno Tarzan - nome que significa “pele branca” e havia sido dado por Kala ao pequeno Lord Greystoke. Mas, quando Kerchak lhe falou a respeito, Kala ameaçou-o de abandonar a tribo se não a deixassem em paz com a criança. Era esse um dos inalienáveis direitos do povo da selva, quando não se sentiam bem entre os da sua tribo. Não a molestaram mais, pois Kala era uma jovem fêmea, forte e ágil, e não queriam perdê-la.

Enquanto ia crescendo, Tarzan progredia mais rapidamente, de maneira que, com cerca de dez anos, era um excelente trepador e, no terreno, podia fazer muitas coisas maravilhosas que estavam além das possibilidades dos seus irmãos e irmãs. Era diferente deles, sob muitos aspectos, e por vezes os outros pasmavam ante a sua inteligência superior, mas em tamanho e força era deficiente.

Aos dez anos, todos os grandes antropóides estão completamente desenvolvidos e alguns deles alcançam mais de um metro e oitenta de altura, ao passo que o pequeno

Tarzan era ainda um rapaz. Mas que rapaz, no entanto!

Desde muito pequeno aprendera a utilizar as mãos para pular de ramo em ramo, à maneira de Kala, e enquanto crescia ocupava várias horas por dia passeando através dos altos ramos das árvores, com os seus irmãos e irmãs.

Podia dar saltos de seis metros, pelo espaço, nas alturas estonteantes das copas da floresta, e agarrar, Com infalível precisão e sem esticção aparente, umacipó batida por vento ciclônico. Podia descer outros seis metros de cada vez, em sucessivos pulos que o levavam de ramo em ramo até ao chão, ou podia atingir as copas dos grandes gigantes da floresta, com a facilidade e a rapidez de um esquilo. Embora apenas com dez anos, era tão forte como um homem médio, de trinta, e muito mais ágil do que o atleta mais bem treinado que pudesse existir. E, dia a dia, a sua força ia aumentando. A sua vida entre os ferozes gorilas tinha sido feliz; não recordava outro tipo de vida, nem sabia que existisse, no universo, qualquer coisa além daquela floresta e dos animais selvagens que lhe eram familiares.

Foi quando tinha quase dez anos que começou a compreender a grande diferença que existia entre ele e os seus companheiros. O seu corpo, pequeno, bronzeado pelo ar e pelo sol, causou-lhe então uma sensação de profunda vergonha, porque, como as cobras e outros répteis, era quase inteiramente desprovido de pêlos.

Tentou remediar isso cobrindo-se, dos pés à cabeça, com lama - mas a lama secava e caía. Além de que, sentia-se tão desconfortável sob essa cobertura de barro, que preferiu a vergonha ao desconforto.

Nas terras altas, onde vivia a tribo, havia um pequeno lago, e foi aí que Tarzan, pela primeira vez, viu a sua cara que as águas tranqüilas refletiam. Foi num dia muito quente, na estação das secas, que ele e um dos seus primos desceram à margem, para beber. Quando se debruçaram, ambas as pequenas caras ficaram refletidas na superfície do lago, as ferozes e terríveis feições do gorila, lado a lado com as feições aristocráticas do rebento de uma nobre família inglesa.

Tarzan ficou admirado. Já era bastante ruim ser desprovido de pêlos, mas ter aquela aparência. Maravilhou-se de que os outros macacos olhassem sequer para ele. Aquela boca tão pequena, aqueles dentes muito brancos mas diminutos! Como lhe pareciam horríveis ao lado dos grossos lábios e das poderosas presas dos seus irmãos mais favorecidos pela sorte! E o nariz insignificante, delgado - tão delgado que parecia indicar que estava morrendo de fome. Corou intensamente ao compará-lo com as belas e largas narinas do seu companheiro. Um amplo e generoso nariz! como ele se espalhava pela cara! Devia certamente ser agradável ter uma bela presença - pensou o pobre Tarzan.

Mas, quando reparou nos seus próprios olhos, o golpe final! Um ponto castanho,

um círculo preto e depois tudo branco, em volta! Horrível!

Nem mesmo as cobras tinham uns olhos tão feios como os seus! Tão absorvido estava na observação de si mesmo, que não ouviu, atrás dele, o ruído das altas ervas secas que eram afastadas à passagem de um grande corpo peludo. Nem também o seu companheiro, o gorila, ouviu esse ruído, porque estava bebendo e o som gorgolejante da água que chupava abafou a silenciosa aproximação do intruso.

Vinha a menos de trinta passos atrás deles. Sabor, a grande leoa, curvada, agitava a longa cauda. Cautelosamente moveu uma das patas, pousando-a sem ruído antes de levantar a outra.

Avançava assim, o ventre quase roçando o terreno -um grande gato preparando-se para saltar sobre a presa. Estava agora a dez passos dos dois jovens. Com cuidado, dobrou sob ela as patas traseiras, os grandes músculos desenhando-se sob a pele magnífica. Estava tão agachada que parecia colada ao chão, exceto quanto ao arquear do dorso lustroso, quando se dispunha a saltar. A cauda estava agora imóvel, estendida. Por instantes ficou assim, como transformada em pedra, e então, com um rugido terrível, saltou.

Sabor, a leoa, era hábil caçadora. Para alguma criatura menos experiente o alarme do feroz rugido, ao saltar, teria parecido tolo - pois mais fácil parecia ser se caísse sobre as vítimas sem aquele grande brado. Mas Sabor conhecia a espantosa rapidez das criaturas da selva, e a sua quase inacreditável acuidade de ouvido. Sabia que não podia dar tal salto sem fazer algum ruído. Assim, o rugido não era um aviso. Pelo contrário, soltava-o para paralisar pelo terror as suas vítimas, durante a fração de segundo necessária para que as poderosas garras se cravassem na carne macia, segurando-as sem esperança de fuga. Pelo que se referia ao gorila, a tática de Sabor era correta. O pequeno animal encolheu-se, trêmulo, apenas por um momento, mas esse momento foi fatal. Não aconteceu o mesmo com Tarzan, filho de homem. A sua vida entre os perigos da selva ensinara-o a enfrentar as emergências, e a sua inteligência superior dava-lhe uma rapidez de ação mental muito para além das possibilidades dos gorilas. Assim, o rugido de Sabor, a leoa, galvanizou instantaneamente e ao mesmo tempo os músculos e o cérebro de Tarzan. Na sua frente tinha as águas profundas do lago, atrás dele tinha a morte imediata nas garras e nas presas da leoa.

Tarzan sempre detestara a água, a não ser como meio de saciar a sede. Detestava-a porque a ligava com o frio e desconforto das chuvas torrenciais, que ele temia por causa dos trovões e relâmpagos que as acompanhavam. Tinha sido ensinado, pela sua mãe adotiva, a evitar as águas profundas do lago, e ele próprio vira Neeta, a pequena macaca, desaparecer sob aquela superfície calma, para nunca mais regressar à sua tribo.

Mas, dos dois males, a sua mente rápida prontamente escolheu o menor, e mal a leoa começara a soltar o seu rugido, antes de ter transposto em vôo metade da distância do seu salto, Tarzan já sentia fecharem-se sobre a sua cabeça as águas frias do lago. Não sabia nadar e a água era muito funda, mas assim mesmo Tarzan não perdeu a confiança em si próprio, nem a reserva de recursos que eram a marca da sua superioridade como criatura. Rapidamente, por instinto, moveu as mãos e os pés, numa tentativa para voltar à superfície, e com certeza mais por acaso do que por intenção, repetiu os movimentos de um cão quando cai na água. Dentro de curtos segundos tinha o nariz fora de água e descobria que podia manter-se assim se continuasse a mover-se. Podia mesmo avançar na superfície do lago. Ficou surpreso e contente com aquela nova possibilidade adquirida tão inesperadamente, mas não dispunha de tempo para pensar nisso.

Pôs-se a nadar paralelamente à margem, e assim pôde ver a fera que tentara apanhá-lo e estava agora curvada sobre o vulto imóvel do seu companheiro. A leoa observava atentamente Tarzan, decerto à espera de que ele voltasse para a terra, mas o rapaz não tinha a menor intenção de fazê-lo. Em vez disso levantou a voz, no apelo comum à sua tribo, acrescentando um aviso que impediria os possíveis salvadores de caírem nas garras de Sabor.

Quase imediatamente veio uma resposta, da distância, e logo depois quarenta ou cinquenta grandes gorilas saltavam rápida e majestosamente por entre as árvores, aproximando-se do cenário da tragédia.

À frente vinha Kala, que reconhecera a voz do seu filho preferido, e com ela a mãe do pequeno gorila que jazia morto sob o corpo peludo de Sabor. Embora mais forte, e mais poderosamente armada para a luta do que os grandes macacos, a leoa não tinha o menor desejo de enfrentar os furiosos adversários. Com um grunhido feroz, saltou rapidamente para o mato e desapareceu. Tarzan nadou então para terra e içou-se. A sensação de frescura e de exaltação que a água fria lhe havia comunicado, enchia-lhe o corpo, com grata surpresa. Daí por diante nunca mais perdeu a oportunidade de mergulhar no lago, no rio, ou mesmo no mar quando isso lhe era possível.

Durante muito tempo Kala não se habituou a tal coisa. Embora os gorilas possam nadar quando forçados a isso, não gostam de entrar na água e nunca o fazem voluntariamente.

A aventura com a leoa deu a Tarzan assunto para agradáveis recordações. Eram casos assim que quebravam a monotonia da sua vida quotidiana - que de outra maneira consistia num ciclo fechado e sem interesse, feito de procurar comida, comer e dormir.

A tribo a que Tarzan pertencia habitava um território que, grosseiramente, se

alongava por umas vinte e cinco milhas de costa, alargando-se cerca de cinquenta milhas para o interior. Percorriam quase continuamente essa extensão, embora por vezes se demorassem, durante meses, num mesmo local. Mas, quando se deslocavam a grande velocidade por entre as árvores, era freqüente percorrerem todo o território em poucos dias, o território muito dependia de abastecimentos de comida, condições de clima e existência de animais das espécies mais perigosas. Todavia, Kerchak muito freqüentemente os guiava em longas marchas, pela simples razão de estar cansado de permanecer no mesmo lugar. De noite, dormiam no lugar onde se encontravam quando a escuridão os envolvia estendidos no chão, algumas vezes cobrindo a cabeça, e mais raramente o corpo, com grandes folhas de palmeira. Dois ou três podiam aninhar-se uns nos outros, para terem mais calor se as noites eram frias, e assim Tarzan dormira nos braços de Kala, todas as noites durante aqueles anos. Que o grande animal amava aquela cria de outra raça, era indiscutível; por seu lado, Tarzan dava à grande macaca todo o afeto que teria pertencido a sua mãe, se esta vivesse. Quando ele se mostrava desobediente, Kala castigava-o sem todavia ser cruel e muito mais freqüentemente o acariciava do que o punia.

Tublat, o companheiro de Kala, sempre odiara Tarzan, e em várias ocasiões estivera prestes a pôr termo à sua jovem carreira. Por sua vez, Tarzan nunca perdia a oportunidade de mostrar que correspondia exatamente aos sentimentos de Tublat e quando podia, sem risco, irritá-lo, ou fazer-lhe caretas, ou insultá-lo, não o poupava. Encontrava sempre refúgio nos braços de Kala ou nos altos ramos das árvores.

A sua inteligência superior, e astúcia, permitiam-lhe inventar dezenas de ardis diabólicos para atormentar a vida de Tublat. Desde pequeno que aprendera a fazer cordas, torcendo e entrelaçando as longas ervas, e com essas cordas fazia Tublat cair, freqüentemente, ou tentava enforcá-lo trepando às ramadas das árvores.

Brincando com as cordas, e experimentando-as, Tarzan aprendera também a fazer nós de correr, com os quais se divertia em companhia dos jovens macacos. Um dia, ao brincar assim, Tarzan tinha lançado a sua corda sobre um dos outros, que tentava escapar-se. A corda, que ele atirara mantendo na mão a outra extremidade, caiu por acaso sobre a cabeça do gorila fugitivo, o que fez com que este parasse bruscamente, surpreendido.

Os jovens macacos tentavam sempre imitar Tarzan, mas sem conseguir porque lhes faltava astúcia e habilidade. Ao verificar o êxito da sua brincadeira, Tarzan pensou que aquele jogo podia na verdade ser interessante, e durante semanas de treino aprendeu a dominar a arte de atirar o laço.

Foi a partir de então que a vida de Tublat se transformou num pesadelo constante. De dia ou de noite, quando dormia ou quando caminhava, nunca sabia quando o maldito laço silencioso caía sobre ele, e lhe apertava o pescoço, e quase o sufocava.

Kala castigava, Tublat resmungava ameaças da vingança, e o velho Kerchak, avisado, interveio e ameaçou também. Mas de nada adiantou.

Tarzan desafiava-os, a todos, e o nó corredio, delgado mas forte, continuava a cair sobre o pescoço de Tublat quando este menos o esperava.

Os outros macacos divertiam-se largamente ante a raiva de Tublat, porque este era um velho desagradável a quem ninguém estimava. No cérebro ágil de Tarzan agitavam-se muitos pensamentos e por detrás dos pensamentos surgia pouco a pouco a dádiva divina da razão.

Se ele podia apanhar os gorilas com a sua longa corda feita de ervas entrançadas, por que motivo não poderia apanhar Sabor, a leoa?

Era o embrião de uma idéia que, todavia, estava destinada a girar na sua mente, no subconsciente e no consciente, até aparecer como uma conquista magnífica. Mas isso aconteceu anos depois.

CAPÍTULO 6

Lutas na selva

O vagabundear da tribo levava-os freqüentemente perto da barraca fechada e silenciosa a curta distância da praia e em frente da angra natural. Para Tarzan, era sempre uma fonte de interminável mistério e prazer. Espreitava pelas janelas que as cortinas tapavam interiormente, ou subia ao telhado e tentava ver através das profundidades escuras da chaminé, numa tentativa sempre vã de sondar as desconhecidas maravilhas que deviam estar dentro daquelas fortes paredes. A sua imaginação ainda infantil criava estranhas criaturas, lá dentro, e a impossibilidade de forçar a entrada ampliava mil vezes o seu desejo de entrar.

Experimentava o telhado e as janelas durante horas, tentando descobrir a maneira de desvendar o segredo, mas pouca atenção prestava à porta porque lhe parecia tão sólida como as paredes.

Foi na primeira visita às vizinhanças, depois da aventura com Sabor, que, ao aproximar-se da barraca, Tarzan notou, ainda a distância, que a porta parecia independente da parede a que estava ligada, e pela primeira vez lhe ocorreu a idéia de experimentar, por ali, forçar a entrada que nunca pudera conseguir.

Estava sozinho, o que lhe acontecia muitas vezes quando visitava a barraca, visto que os gorilas não gostavam daquele lugar. A história do pau negro e trovejante nada perdera pelo fato de ser repetidas vezes contada durante mais de dez anos, e cercara a barraca deserta, do homem branco, de uma atmosfera de fantasmagoria e pavor para os macacos.

A história da sua própria ligação com a barraca, nunca fora contada a Tarzan. A linguagem dos macacos tinha um vocabulário extremamente pobre, de forma que eles mal podiam falar do que tinham visto ali, sem palavras para descreverem com exatidão as estranhas pessoas e as coisas que lhes pertenciam. Assim, muito antes de Tarzan chegar à idade de compreender, a narrativa conservava apenas os aspectos fantásticos, esses em plena força, mas os pormenores começavam sendo esquecidos.

Só muito vagamente Kala explicara ao seu filho adotivo que o pai dele era um estranho macaco branco, mas nunca sequer lhe dera a entender que a mãe não teria sido ela própria.

Assim, desta vez, Tarzan encaminhou-se diretamente para a porta e durante horas mexeu nos gonzos, no puxador e na parte exterior do fecho. Por fim, de repente, encontrou a exata combinação de movimentos e a porta rangeu, abrindo-se diante dos seus olhos espantados.

Durante minutos não se atreveu a entrar, mas quando os seus olhos se habituaram à obscuridade interior, avançou cautelosamente, devagar.

No meio do chão estava um esqueleto - todos os vestígios de carne desaparecidos dos ossos aos quais se agarravam ainda pedaços bolorentos que tinham sido roupas. Sobre a cama jazia outro esqueleto, embora bastante menor, e num pequeno berço um terceiro amontoado de ossos, de uma criatura muito pequena. A todas essas provas de uma tragédia ocorrida muitos anos antes, Tarzan dedicou apenas uma atenção fugidia. A sua vida selvagem tinha-o habituado a ver animais mortos ou moribundos. e mesmo que tivesse sabido que aqueles restos pertenciam a seu pai e sua mãe, o fato não o impressionaria muito mais. O que atraiu a sua atenção foi o mobiliário e o resto do conteúdo da barraca.

Examinou minuciosamente várias coisas -, estranhas ferramentas e armas, livros, papel, roupas - o pouco que conseguira resistir à passagem do tempo e à umidade do ar, tão perto da praia. Abriu as malas e armários, coisas que não surpreenderam a sua pequena experiência, e aí encontrou objetos muito mais bem conservados. Entre outras coisas descobriu uma faca de caça, bem afiada, com cuja lâmina logo fez uma incisão num dedo. Sem se perturbar com isso, continuou as suas experiências e verificou que podia cortar pedaços de madeira da mesa e das cadeiras, com o seu novo brinquedo.

Durante algum tempo isso divertiu-o, mas por fim, fartando-se, continuou a sua exploração. Num armário cheio de livros, encontrou um com imagens ricamente coloridas - era um alfabeto ilustrado, para crianças.

A. é de arqueiro Que o arco dispara.

B. é de boneca Que se chama Sara.

Os desenhos interessaram-no grandemente. Viu muitos “macacos” com caras semelhantes à sua, e mais longe, na letra “M”, viu macaquinhos pequenos como aqueles que todos os dias encontrava, saltando entre os ramos da sua floresta primitiva. Mas em parte alguma encontrou ilustrações que lembrassem os da sua própria tribo; em todo o livro, nada havia de semelhante a Kerchak, a Tublat ou a Kala. Inicialmente tentou tirar das páginas as pequenas figuras, mas logo compreendeu que não eram reais, embora não soubesse o que poderiam ser e não tivesse palavras para descrevê-las. Os barcos, comboios, vacas e cavalos, não tinham qualquer significado para ele, mas todavia não lhe pareceram tão intrigantes como as estranhas figurinhas que apareciam abaixo e entre os desenhos coloridos - deviam ser insetos, talvez, porque muitos tinham pernas, mas não encontrou um só que tivesse olhos e boca. Era o seu primeiro contato com o alfabeto e tinha mais de dez anos.

Evidentemente que nunca vira, antes, caracteres impressos, nem falara com qualquer criatura viva que tivesse a menor idéia sobre a existência de linguagem escrita. Não sabia que fosse possível ler. Por isso não admirava que não pudesse fazer qualquer idéia sobre o significado daquelas estranhas figuras.

A cerca do meio do livro descobriu a sua velha inimiga, Sabor, a leoa, e mais adiante viu Histah, a serpente. Aquilo era maravilhoso e absorvente! Nunca antes, nos seus dez anos de vida, encontrara uma coisa que lhe desse tanto prazer. E tão absorvido estava que não notou a aproximação da noite senão quando a escuridão já não lhe permitia ver.

Pôs o livro no armário onde o encontrara e fechou-o, porque não queria que outro encontrasse e destruísse o seu tesouro. Então saiu, na sombra crescente, e fechou a grande porta da barraca tal como estivera antes dele descobrir o segredo do ferrolho. Mas, antes de sair, viu a faca que tinha atirado para o chão, e levou-a consigo para a mostrar aos companheiros.

Mal havia dado uma dúzia de passos na direção da selva, quando um grande vulto surgiu diante dele, vindo das sombras do matagal baixo. Ao princípio Tarzan julgou que era um dos seus, mas imediatamente reconheceu Bolgani, o grande chimpanzé. O vulto estava tão perto que não havia possibilidade de fugir, e o rapaz compreendeu que tinha de lutar pela sua vida. Sabia que os chimpanzés eram inimigos mortais da sua tribo, e que nunca pediam nem davam trégua. Se Tarzan fosse um gorila adulto, como os da sua idade na tribo de Kerchak, teria sido mais do que bastante para enfrentar o adversário. Mas era apenas um rapaz inglês, embora espantosamente forte e corajoso, e poucas eram as suas probabilidades de vencer o seu feroz antagonista. Nas suas veias, porém, corria o sangue de uma raça de lutadores, e a apoiar isso tinha o treino da sua curta vida entre os grandes animais da selva.

Não conhecia o medo, e se o seu coração batia mais apressado era apenas pela excitação da aventura. Se lhe tivesse surgido a oportunidade, teria sem dúvida fugido, porque o seu entendimento lhe dizia que o antagonista era muito mais poderoso do que ele. Mas esse entendimento dizia-lhe também que não podia fugir, e assim dispôs-se ao combate, sem receio. Foi ao encontro de Bolgani no momento em que este atacava, batendo-lhe com os punhos fechados -tão inutilmente como se fosse um inseto batendo num elefante. Mas tinha ainda na mão a faca de caça que encontrara na barraca, e quando a fera tentou agarrá-lo para o esmagar, o acaso fez com que Tarzan voltasse a lâmina na direção do grande peito peludo. Quando a faca lhe penetrou profundamente no corpo, o chimpanzé gritou de dor e de raiva.

Mas agora o rapaz aprendera, nesse breve segundo, a usar aquele brinquedo agudo e rebrilhante, de modo que, quando Bolgani o arrastou para o chão, cravou-lhe a lâmina repetidas vezes no peito, até ao cabo. O chimpanzé lutava à maneira da sua

raça, desferindo grandes pancadas com as mãos abertas e mordendo com os grandes dentes. Por momentos rolaram no chão, na fúria do combate. Tarzan continuava a vibrar golpes com a faca, mas perdia sangue por muitas feridas e o seu braço tinha cada vez menos força. Por fim, com uma convulsão espasmódica, Tarzan, o jovem Lord Greystoke, ficou sem sentidos sobre o terreno.

A uma milha de distância, na floresta, a tribo escutara os gritos do chimpanzé. Como era hábito quando algum perigo os ameaçava, Kerchak reuniu o seu grupo, em parte para mútua defesa contra um inimigo comum, e outra parte porque o chimpanzé podia ter outros companheiros. Kerchak queria também ver qual dos seus andava ainda fora.

Em breve descobriram que Tarzan faltava, e Tublat opôs-se a que fossem em socorro dele. O próprio Kerchak não gostava do pequeno animal branco de maneira que deu ouvidos a Tublat e, com um encolher dos grandes ombros, voltou a estender-se sobre o monte de folhas onde fizera a sua cama.

Kala não pensava da mesma maneira. De fato, apenas soubera que Tarzan estava ausente, lançara-se quase em vôo, de ramo em ramo, na direção do ponto de onde vinham ainda os gritos do chimpanzé. Tinha anoitecido completamente, mas a lua nascente projetava a sua claridade pálida, recortando estranhas sombras na floresta, contribuindo para dar um aspecto fantástico à escuridão.

Como um grande fantasma, Kala avançava silenciosamente, saltando de árvore em árvore, aproximando-se do cenário da tragédia, que o seu instinto lhe dizia não ser longe. Os gritos do chimpanzé diziam claramente que ele estava travando uma luta de morte com algum outro habitante da selva. Mas de repente os gritos cessaram e um silêncio de morte pesou na floresta.

Kala não compreendia, porque a voz de Bolgani nos últimos gritos, traduzia a agonia do fim, mas nenhum som tinha vindo pelo qual a macaca pudesse determinar a natureza do adversário. Que o seu pequeno Tarzan pudesse ter vencido o enorme chimpanzé, parecia-lhe impossível. Assim, ao chegar perto do ponto de onde tinham vindo os ecos da luta, passou a mover-se mais devagar e com extrema cautela, curvando-se sob os ramos baixos e espreitando a escuridão manchada aqui e além pelos raios do luar que passavam por entre o dossel de folhagem.

Foi então que viu, num pequeno espaço descoberto, iluminado pela lua, o seu pequeno Tarzan, caído e coberto de sangue, e junto dele o corpo de um grande chimpanzé morto. Com um grito rouco, Kala correu para Tarzan e tomou-o nos braços, apertando-o contra o peito e espiando algum sinal de vida.

Ouviu-o. Ouviu o fraco bater do pequeno coração.

Ternamente, levou-o de volta através da selva escura, até ao ponto onde estava a

tribo, e durante muitos dias e muitas noites manteve-se ao lado dele, levando-lhe água e comida – e afastando as moscas e outros insetos que queriam pousar nas feridas. Nada podia fazer, além disso, a não ser lambe-las e conservá-las limpas, para que a natureza pudesse exercer mais depressa a sua ação cicatrizante.

Nos primeiros dias Tarzan não quis comer, agitando-se a espaços no delírio da febre. Tudo o que pedia era água, que Kala lhe levava da única maneira que podia – na sua própria boca. Nenhuma outra mãe, mesmo humana, poderia ter mostrado maior dedicação e espírito de sacrifício do que aquela macaca gigantesca, pelo pequeno órfão estranho que o destino confiara à sua guarda. Por fim, a febre desceu e as feridas começaram a cicatrizar. Nenhum queixume escapou dos lábios de Tarzan, embora, por vezes, as dores fossem intensas. Uma dentada do chimpanzé arrancara-lhe carne do peito, e três costelas haviam sido quebradas pelas pancadas. Um braço fora cruelmente mordido, também, e no pescoço mostrava arranhões fundos.

Com o estoicismo das criaturas que o haviam recolhido, Tarzan suportava em silêncio o sofrimento, preferindo arrastar-se para longe dos outros a deixá-los ver como estava. Só o alegrava a companhia de Kala, mas agora ela demorava-se mais quando saía de junto dele, em busca de comida. Durante dias e dias, o pobre animal só comera o suficiente para se agüentar vivo, enquanto Tarzan tinha estado pior, e em consequência disso ficara reduzido a uma sombra de si mesmo.

CAPÍTULO 7

A luz do entendimento

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, Tarzan voltou a sentir-se com forças para andar, e a partir desse momento a sua recuperação foi tão rápida que, ao cabo de mais um mês, estava tão forte e ativo como sempre. Durante a convalescença tinha longamente meditado na sua luta com o chimpanzé, e a sua primeira idéia foi ir procurar a maravilhosa arma que o transformara, de pequena criatura indefesa, em vencedor de um dos gigantes da selva. Estava também ansioso por voltar à barraca e continuar a investigar as surpreendentes coisas que haviam lá.

Uma manhã cedo, partiu sozinho para realizar o seu desejo. Depois de uma breve busca encontrou os ossos, limpos de carne, do seu adversário, e perto deles, meio escondida sob as folhas caídas, achou a faca vermelha agora de ferrugem em consequência da umidade do terreno e do sangue seco do chimpanzé.

Não gostou da modificação que via na arma, anteriormente clara e rebrilhante, mas assim mesmo era uma arma formidável que ele pensava usar com vantagem quando a ocasião se apresentasse. Tinha em mente que não mais voltaria a fugir diante dos ataques de Tublat.

Um momento depois estava diante da barraca e em poucos minutos conseguiu manobrar o fecho e entrar. A sua primeira ocupação foi estudar o mecanismo desse fecho, o que fez examinando-o atentamente com a porta aberta. Queria saber precisamente por que razão segurava o batente, e por que meios o soltava quando ele lhe mexia. Descobriu então que podia fechar a porta pelo lado de dentro e foi o que fez para não correr o risco de ser molestado durante as suas investigações. Começou uma busca sistemática na barraca, mas a sua atenção não tardou a ser atraída para os livros que pareciam exercer sobre ele uma estranha e poderosa influência. Deixou tudo o mais para se dedicar apenas ao quebra-cabeças que os livros significavam para ele. Para que serviam, e que havia neles?

Entre os outros livros havia uma cartilha, alguns de primeiras leituras para crianças, numerosos volumes ilustrados e um grande dicionário. Examinou todos eles, mas foram as ilustrações que mais o atraíram - embora os estranhos sinais que cobriam as páginas, nos lugares onde não havia desenhos, excitassem o seu cérebro e provocassem meditação profunda.

Agachado sobre a mesa, na barraca que seu pai construía - o corpo moreno, nu e macio, curvado sobre os livros que segurava nas mãos - deixava que o comprido cabelo negro lhe pendesse para a cara, emoldurando a cabeça bem formada e os olhos brilhantes e inteligentes. Nessa posição, Tarzan dos Macacos representava

uma imagem estranha e ao mesmo tempo cheia de promessas, uma figura alegórica de primitivo abrindo o seu caminho das trevas da ignorância para a luz do entendimento.

A sua face pequena estava tensa, absorta no estudo, porque apanhara em parte, de uma forma nebulosa e vaga, os rudimentos de uma idéia que talvez fosse a chave, a solução para o enigma dos estranhos sinais. Tinha agora nas mãos uma cartilha, aberta na página onde havia a imagem de um pequeno macaco semelhante a ele mas coberto, com exceção das mãos e da cara, por uma estranha pelagem colorida - assim Tarzan supunha serem as calças e o casaco da figura. Sob a imagem havia cinco pequenos sinais: “RAPAZ” E agora verificava que, no texto no alto da página, esses sinais eram repetidos várias vezes, por vezes isolados mas, mais freqüentemente, reunidos com outros ou na mesma seqüência em que estavam sob a gravura. Lentamente, foi folheando o livro, observando os desenhos e o texto em busca da repetição exata dos cinco sinais r-a-p-a-z.

Veio a encontrar essa repetição sob um desenho onde outro pequeno macaco e um animal de quatro patas, bastante parecido com um chacal apareciam ao lado um do outro. Os sinais eram:

“O RAPAZ E O CÃO”. Ali estavam, os cinco sinais juntos que sempre acompanhavam a figuração do pequeno macaco. E assim Tarzan começou a progredir, muito lentamente - porque era uma árdua e difícil tarefa essa a que se dedicara sem a conhecer, uma tarefa que poderia parecer impossível a qualquer pessoa civilizada, a de aprender a ler sem ter o mais ligeiro conhecimento dos caracteres da linguagem ou da escrita, a mais leve idéia de que tal coisa sequer existia.

Não o conseguiu num dia, nem numa semana, ou num mês, ou num ano; mas devagar, muito devagar, aprendeu, depois de ter compreendido as possibilidades latentes naqueles estranhos e pequenos sinais, de maneira que, aos quinze anos, conhecia as várias combinações de letras que indicavam cada imagem na cartilha e em um ou dois dos livros de ilustrações. Não tinha, decerto, nem a mais vaga idéia do uso de artigos e conjunções, verbos ou pronomes de qualquer gênero.

Um dia, quando contava doze anos, achara uma porção de lápis numa gaveta até então inexplorada, sob a mesa, e ao roçar um deles no tampo da mesa ficara encantado ao notar a linha preta que o lápis deixava ao passar. Trabalhou tão assiduamente que a mesa não tardou a ficar coberta de círculos e linhas irregulares, e a ponta do lápis completamente gasta até à madeira.

Então pegou outro lápis, mas desta vez tinha em vista um objetivo definido - tentar reproduzir os pequenos sinais que existiam nas páginas dos livros. Era uma tarefa difícil, porque segurava o lápis como alguém poderia segurar o cabo de um

punhal, o que não ajuda grandemente a escrever de maneira legível.

Mas perseverou durante meses, sempre que lhe era possível ir à barraca, até que por fim, à custa de repetidas experiências, descobriu a melhor maneira de agarrar o lápis de forma a poder dirigi-lo -e conseguiu reproduzir todos os pequenos sinais. Assim começou a escrever.

Ao copiar os sinais aprendeu também outra coisa: o seu número. Embora não soubesse contar como nós o fazemos, tinha no entanto uma idéia de quantidade; a base dos seus cálculos era o número de dedos de uma das suas mãos. As suas pesquisas, nos vários livros, convenceram-no de que descobrira todas as diferentes formas de sinais mais freqüentemente repetidos em combinações, e dispô-los em ordem com grande facilidade, em consequência das inúmeras vezes em que observara o fascinante alfabeto na cartilha. A sua educação progredia, mas as mais importantes descobertas foram feitas na inextinguível reserva do grande dicionário ilustrado, pois aprendia mais por meio de imagens do que pelos textos, mesmo depois de ter apanhado a significação dos sinais. Quando descobriu a disposição das palavras por ordem alfabética, deliciou-se a procurar as combinações que lhe eram familiares, e as palavras que as acompanhavam, nas definições, levaram-no mais para a frente no matagal da erudição.

Aos dezessete anos tinha aprendido a ler a cartilha, o livro de primeiras leituras, e compreendera totalmente a verdadeira e maravilhosa utilidade dos pequenos sinais. Deixou de se sentir envergonhado do corpo sem pêlos ou da fisionomia humana, pois agora a razão dizia-lhe que pertencia a uma raça diferente da dos seus selvagens e peludos companheiros. Era um H-O-M-E-M, eles eram M-A-C-A-C-O-S, a velha Sabor era uma L-E-O-A, Histah uma S-E-R-P-E-N-T-E e Tabor era um E-L-E-F-A-N-T-E. E assim aprendeu a ler.

A partir de então o progresso foi mais rápido. Com a ajuda do grande dicionário e a ativa inteligência de uma mente sã, dotada, por herança, de um poder de raciocínio acima da média, argutamente adivinhava muita coisa que não podia realmente compreender, e era freqüente que as suas hipóteses correspondessem à verdade ou estivessem muito perto dela.

Havia grandes intervalos no seu estudo, causados pelos hábitos errantes da sua tribo, mas mesmo quando estava longe dos seus livros o cérebro ativo continuava a aprofundar os mistérios que o fascinavam. Cascas de árvores, folhas lisas e até superfícies de terreno plano, forneciam-lhe possibilidades de desenhar, com a ponta da sua faca de caça, as lições que ia aprendendo. No entanto não descuidava os mais duros deveres da sua vida, para seguir a sua tendência de decifrar os mistérios dos livros.

Continuava a exercitar-se com a corda e brincava com a faca, aprendera a manter

a faca bem afiada, esfregando-a sobre pedras lisas que molhava no rio ou no lago.

A tribo crescera desde que Tarzan viera para junto dos gorilas, visto que, sob a chefia de Kerchak, haviam conseguido assustar e expulsar as outras tribos, para fora daquela vasta zona de florestas. Assim tinham abundância de comida e poucas ou nenhuma incursões de vizinhos. Desta forma os jovens machos tinham-se tornado adultos e, considerando mais cômodo escolher companheiras na própria tribo, cresciam e multiplicavam-se. Se capturavam uma fêmea de outra tribo, traziam-na para o grupo de Kerchak, preferindo viver em boa amizade com ele a estabelecerem-se por si mesmos ou disputar-lhe a supremacia.

Por vezes, algum gorila mais feroz do que os seus companheiros gostaria de tentar esta última alternativa, mas nenhum aparecera ainda que pudesse derrotar o enorme e feroz animal.

Tarzan tinha uma posição especial e peculiar, na tribo. Pareciam considerá-lo como um deles, embora de certa maneira diferente. Os machos mais velhos ignoravam-no por completo, ou de tal modo o odiavam que, sem a sua espantosa rapidez, e agilidade, e a proteção resoluta de Kala, decerto ele teria sido eliminado em anos anteriores. Tublat era o seu inimigo mais persistente, e no entanto foi através de Tublat que, cerca dos treze anos, a perseguição dos que odiavam Tarzan cessou subitamente e ele foi deixado em paz, a não ser quando algum dos outros endoidecia, possuído por uma daquelas fúrias doidas e violentas que atacam os machos de muitas das mais ferozes raças da selva. Nesses momentos ninguém estava seguro.

No dia em que Tarzan estabeleceu o seu direito a ser respeitado, a tribo estava instalada num pequeno anfiteatro natural que a selva deixara livre do encadeamento decipós e mato, numa depressão entre colinas baixas. O espaço aberto tinha uma forma quase circular. Em volta erguiam-se os poderosos gigantes da floresta virgem, e o chão, atapetado de folhas, estava de tal maneira rodeado pelos troncos e pelo mato, que a única entrada para a espécie de arena era através dos ramos mais altos das árvores.

Aí, ao abrigo de inimigos, se reunia muitas vezes a tribo. No meio do anfiteatro havia um desses estranhos montes de terra, em forma de tambor, que os antropóides constroem para a celebração de ritos especiais - tambores cujo som alguns homens têm ouvido na espessura, mas ritos que nenhuma criatura humana testemunhou ainda.

Alguns viajantes têm encontrado esses tambores dos grandes macacos, e têm ouvido o som estranho das selvagens reuniões desses senhores da floresta, mas Tarzan, Lord Greystoke, é sem dúvida o único homem que tomou parte na feroz e enlouquecedora festa do Dum-Dum.

Desses primitivos ritos nasceram, decerto, muitos dos aspectos dos modelos cerimoniais, porque através dos incontáveis séculos, para além das últimas fronteiras da humanidade nascente, os nossos ferozes e peludos antepassados dançavam os rituais do Dum-Dum, ao ritmo dos tambores de terra, sob a luz brilhante da lua tropical, nas profundidades de selvas que continuam ainda imutáveis, iguais ao que eram nos vagos e inimagináveis cenários de um passado morto e esquecido.

No dia em que Tarzan conquistou a sua emancipação definitiva, livrando-se das perseguições de que fora vítima durante doze dos seus treze anos de vida, a tribo, agora composta por uma centena de animais, avançara silenciosamente entre os ramos mais baixas das árvores da floresta, até alcançar o anfiteatro.

Os ritos do Dum-Dum marcavam importantes acontecimentos na vida da tribo - uma vitória, a captura de um inimigo, a morte de alguma das poderosas feras da selva, a queda ou ascensão de um rei.

E havia uma série de cerimônias. Naquele dia era a morte de um gorila gigantesco, de outra tribo, e quando o povo de Kerchak entrou na clareira, dois poderosos machos transportavam o corpo do adversário vencido.

Depuseram o fardo diante do tambor de terra e sentaram-se ao lado dele, como guardas, enquanto outros membros da comunidade se instalavam sobre a erva espessa, para dormirem até que a lua, subindo, desse o sinal para começarem a orgia selvagem. Durante horas reinou um silêncio quase total na clareira, apenas perturbado pelos gritos discordantes de alguns papagaios de coloridas penas, ou pela passagem, por vezes ruidosa, de centenas de outras aves da floresta que procuravam o seu alimento entre as árvores musgosas.

Por fim, os grandes macacos começaram a agitar-se e em breve formaram vasto círculo em volta do tambor de terra. As fêmeas e as crias alinhavam-se também em círculo, atrás dos primeiros.

Diante do tambor estavam três fêmeas velhas, cada uma delas empunhando um ramo nodoso e comprido. Lentamente, suavemente, as três fêmeas começaram a bater na superfície ressoante do tambor aumentando a frequência e a força das pancadas até atingirem um ritmo selvagem e alucinante, cujo som devia ouvir-se a muitas milhas de distância. Grandes feras suspenderam as suas caçadas noturnas, levantando a cabeça e enristando as orelhas, para escutarem o grande rumor que indicava o Dum-Dum dos gorilas.

Por vezes, uma dessas feras soltava o seu poderoso rugido, como em resposta ao violento desafio dos antropóides, mas nenhuma se aproximou para investigar ou atacar, pois os gorilas, reunidos em todo o poder do número, enchiam de respeito os outros habitantes da selva.

Quando o som do tambor subiu até se tornar ensurdecedor, Kerchak saltou para o espaço aberto entre os machos de guarda e as fêmeas que faziam ressoar o tambor. De pé, inclinou a cabeça para trás e fitou os olhos ferozes na lua que surgia acima das copas das árvores, ao mesmo tempo em que batia, com os punhos fechados, no largo peito, e soltava os seus gritos rugidores e apavorantes. Uma vez, duas, três vezes o terrível grito ecoou na solidão. Então, curvando-se, Kerchak correu silenciosamente em volta do círculo aberto, afastando-se do corpo morto que estava pousado em terra – mas sem que os seus olhos cruéis e malévolos deixassem de fitá-lo.

Outro macho pulou para a arena e, repetindo os brados horríveis do rei, seguiu atrás dele. Outro e outro foram-nos acompanhando, numa sucessão rápida, até que toda a selva parecia ressoar com os repetidos e ferozes gritos.

Era o desafio e a caçada.

Quando todos os machos adultos se juntaram à linha dos que giravam, dançando, o ataque começou. Kerchak, empunhando um formidável cacete de entre uma porção deles, que tinham sido antes reunidos, correu para o gorila morto e desferiu um tremendo golpe, emitindo os grunhidos e rugidos de combate.

O soar do tambor era cada vez mais rápido e forte, e os guerreiros, tendo vibrado cada um o seu golpe sobre o vencido, juntavam-se à frenética ronda da Dança da Morte. O ritmo dos tambores, agora infernal, parecia embriagá-los. Gritando sempre, davam pulos enormes e rápidos. As presas surgiam e se abriam ferozmente, e os grandes lábios, bocas e os peitos, cobriam-se de espuma.

Durante meia hora a espantosa dança continuou, até que, a um sinal de Kerchak, o som do tambor cessou bruscamente e as velhas fêmeas fugiram, apressadas, para se refugiarem no círculo exterior.

Então os grandes machos lançaram-se, ao mesmo tempo, sobre o que restava do inimigo cujo corpo havia sido transformado, pelos golpes, numa repugnante massa sanguinolenta. Era difícil apanharem carne em quantidade suficiente, de maneira que o final adequado da orgia selvagem consistia em devorarem o inimigo morto.

Grandes presas se cravavam na carcaça, rasgando grandes pedaços de carne. Os mais poderosos apanhavam os bocados melhores, enquanto as fêmeas, no círculo exterior, gritavam em conjunto, esperando a sua oportunidade de se meterem e arrancarem alguma diminuta fibra ou um osso que pudessem roer antes que tudo desaparecesse.

Tarzan, mais do que os gorilas, desejava e precisava comer carne. Descendente de uma raça de carnívoros, nunca na sua vida pudera satisfazer o seu apetite. Assim, naquele momento, o seu corpo ágil e moreno deslizou entre o amontoado de

esfomeados gorilas, numa tentativa para obter um quinhão que não poderia disputar pela força bruta. No flanco, metida numa bainha que construía toscamente - copiando uma das imagens dos seus livros - levava a faca de mato que pertencera ao seu desconhecido pai.

Por fim conseguiu chegar junto dos restos da carne que ia desaparecendo rapidamente, e a lâmina da faca cortou um pedaço maior do que ele teria podido esperar, um antebraço inteiro que o poderoso Kerchak tinha reservado para si e sobre o qual pousara um dos grandes pés.

Mas Kerchak estava tão absorvido pela função de devorar, que não notou esse crime de lesa-majestade. Assim, Tarzan emergiu da massa de grandes corpos peludos, apertando contra o peito a sua presa. Entre os que estavam atrás, tentando abrir caminho, encontrava-se o velho Tublat.

Havia sido um dos primeiros a arrancar o seu pedaço de carne, mas afastara-se para o comer com tranquilidade e agora voltava em busca de mais. Foi assim que ele avistou Tarzan. Os olhos pequenos e maus, de Tublat, brilharam de raiva ao distinguir o objeto do seu ódio constante. Neles havia também a gula, a cobiça pelo succulento quinhão que Tarzan levava.

Mas Tarzan viu no mesmo instante o seu inimigo, e adivinhando o que ele ia fazer, saltou agilmente para um ramo baixo, utilizando apenas uma das mãos - depois de ter tentado em vão refugiar-se junto de Kala. Aí, segurando a presa entre os dentes, trepou rapidamente, mas seguido de perto por Tublat. Em curtos instantes, Tarzan trepou até aos ramos mais altos do tronco gigantesco, onde o seu pesado perseguidor não se atreveria a ir. E, do alto, pôs-se a fazer caretas e a gritar insultos para o grande gorila que parara quinze metros abaixo dele.

Foi então que Tublat endoideceu.

Com horríveis brados e rugidos voltou para o chão, entre as fêmeas e as crias, cravando as grandes presas numa dezena de pequenos pescoços, e arrancando pedaços de carne das costas e dos seios das fêmeas que apanhava ao seu alcance. Sob a luz brilhante do luar, Tarzan viu toda aquela explosão furiosa de raiva.

Viu as fêmeas e as crias fugirem para o abrigo dos ramos das árvores -e depois os grandes machos, no centro da arena, ao verem o demente que se dispunha a atacá-los também - fugiram, desaparecendo nas sombras, como de comum acordo. Não ficou um só gorila no centro da arena, além de Tublat e de uma fêmea que já corria na direção da árvore onde estava Tarzan. A fêmea era Kala, e assim que Tarzan viu Tublat ganhar terreno sobre ela, desceu com a rapidez de uma pedra que caísse, de ramo em ramo, até ficar perto da sua mãe adotiva.

Agora ela estava sob os ramos baixos, e a curta distância acima estava Tarzan,

curvado, à espera. Kala saltou, segurando-se a uma ramada, mas quase sobre a cabeça de Tublat, tão perto que o impulso dele o levou para frente. A macaca estaria salva, então, se a ramada não houvesse quebrado sob o seu peso, fazendo-a cair sobre Tublat e derrubando este.

Ambos, Kala e Tublat, se levantaram ao mesmo tempo, mas por muito rápidos que fossem Tarzan foi ainda mais rápido. Assim, o grande macho enfurecido encontrou na sua frente o filho de homem que se erguia entre ele e Kala. Nada poderia ter agradado mais a Tublat e com um rugido de triunfo lançou-se sobre o jovem Lord Greystoke. Mas as grandes presas não conseguiram cravar-se naquela carne lisa e morena. Uma forte mão estendeu-se para a garganta do gorila, enquanto outra mergulhava a aguda faca, de caça, uma dezena de vezes no largo peito de Tublat. Os golpes tinham a rapidez do raio, e só terminaram quando o enorme corpo caiu sem vida. Então, Tarzan dos Macacos, pousando um pé sobre o pescoço do seu inimigo de sempre, lançou a cabeça para trás e, fitando o disco luminoso da lua, bradou o grande brado selvagem da sua tribo.

Um a um, os gorilas desceram dos seus abrigos e fizeram círculo em volta de Tarzan e do seu inimigo vencido. Quando todos se juntaram, Tarzan voltou-se para eles.

- Eu sou Tarzan... - gritou. -Sou um grande lutador, que todos respeitem Tarzan dos Macacos e Kala, sua mãe. Não há nenhum entre vós, tão poderoso como Tarzan. Que os meus inimigos se acautelem!

Fitando de frente os olhos vermelhos e maus de Kerchak, o Lord Greystoke bateu no largo jovem peito e lançou mais uma vez o seu agudo brado de desafio.

CAPÍTULO 8

O caçador nas altos ramos

Na manhã seguinte à celebração do Dum-Dum, a tribo encaminhou-se lentamente através da floresta, na direção da costa. O corpo de Tublat ficou onde tinha caído, porque os gorilas da tribo não comem os seus próprios mortos. A marcha foi uma tranqüila busca de comida.

Encontravam em abundância palmitos e ameixas cinzentas, como também ananases e nozes que quebravam com os dentes, além de pequenos mamíferos, pássaros, ovos e insetos. Certa vez Sabor, a leoa, atravessando o caminho que seguiam, fê-los procurar refúgio nas árvores.

Porque, se a leoa respeitava o seu número e as agudas presas, por seu lado os gorilas tinham igual respeito pela cruel e poderosa ferocidade do grande felino. Tarzan ficou sentado sobre um ramo baixo, exatamente acima do corpo majestoso e peludo que avançava silenciosamente pela selva espessa.

Atirou um ananás selvagem contra o velho inimigo da sua tribo. A fera parou e, voltando-se, olhou o vulto desafiante, acima dela. Com um irado sacudir da longa cauda, mostrou os grandes dentes amarelos, crispando a boca num esgar terrível que lhe enrugava o focinho e reduzia os olhos a duas fendas rebrilhantes de ódio. Com as orelhas deitadas para trás, fitou de frente os olhos de Tarzan dos Macacos e fez ouvir o seu rugido de desafio. Então, da segurança do ramo onde estava, Tarzan respondeu com o brado terrível da sua tribo. Por momentos continuaram a olhar-se, em silêncio. Depois o grande gato voltou-se e mergulhou na selva.

Mas, na mente de Tarzan, um ousado plano formou-se bruscamente. Tinha vencido o feroz Tublat, portanto era agora um grande lutador. Ia seguir a pista de Sabor e a mataria também. Seria igualmente um poderoso caçador.

No fundo do seu coração inglês havia o grande desejo de cobrir a sua nudez com roupas, porque aprendera, através das imagens dos livros, que todos os homens se cobriam assim, ao passo que os macacos e gorilas andavam nus. As roupas, portanto, deviam ser verdadeiramente um sinal de grandeza, a marca da superioridade do homem sobre todos os outros animais.

Nenhuma outra razão poderia haver para que usassem tão estranhas e feias coisas. Muitas luas antes, quando ele era muito menor, havia desejado a pele de Sabor, a leoa, ou de Numa, o leão, ou ainda de Sheeta, a pantera, para cobrir o seu corpo sem pêlos de forma a não se parecer mais com Histah, a serpente. Mas agora sentia orgulho na sua pele, porque indicava a descendência de uma raça poderosa. Entre os

desejos contraditórios de continuar orgulhosamente nu para provar a sua origem, ou seguir os costumes dos seus semelhantes e usar roupas desconfortáveis e feias, hesitava ainda. Enquanto a tribo continuava o seu lento caminho através da floresta, depois da passagem de Sabor, a mente de Tarzan estava cheia do seu grande plano para matar a leoa, e durante muitos dias, a partir de então, não pensou em outra coisa. Naquele momento, porém, tinha outros e mais imediatos interesses que exigiam a sua atenção.

Repentinamente o céu tinha escurecido, como se fosse noite. Os rumores da selva cessaram; as árvores estavam imóveis, como paralisadas na expectativa de um grande desastre iminente. Toda a natureza esperava - mas não por muito tempo. Fraco, na distância, começou a ouvir-se uma espécie de gemido baixo e triste, que se aproximava mais e mais, tornando-se cada vez mais forte. As grandes árvores curvaram-se ao mesmo tempo, como se fossem empurradas por uma gigantesca mão.

Inclinavam-se cada vez mais, e no entanto continuava a ouvir-se apenas o profundo e terrível gemido do vento. Então, subitamente, os gigantes da selva reagiram, lançando as suas altas copas como num protesto irado e ensurdecedor.

Uma luz viva, deslumbrante, rápida, saltou das nuvens escuras, em cima. O troar do formidável trovão soltou o seu apavorante desafio. E o dilúvio veio - como um inferno à solta sobre a selva. Os gorilas, tremendo sob a chuva fria, escondiam-se na base dos grandes troncos, Os raios fulgurantes sulcavam a escuridão, mostrando, numa fração de segundo, os ramos que se agitavam doidamente, as árvores que se vergavam.

Aqui e ali, alguns antigos patriarcas da floresta, atingidos pelos raios, caíam e partiam-se entre as árvores em volta, arrastando ramos e troncos das mais pequenas, como para aumentar a confusão da selva tropical.

Ramadas, grandes e pequenas, passavam, como raios também, entre as copas violentamente sacudidas, levando morte e destruição a incontáveis habitantes do mundo da verdura.

Durante horas a tempestade continuou, sem afrouxar, e sempre os gorilas, preocupados pelo pavor, se mantinham onde estavam, em risco constante de serem atingidos pelos pesados ramos que tombavam.

Os clarões dos relâmpagos e o eco rolante dos trovões paralisavam-nos de medo. Até que a tempestade cessou, tão rapidamente como principiara. O vento deixou de uivar e o sol brilhou de novo - a natureza sorria uma vez mais. As folhas e os ramos pingavam, flores de grande beleza, molhadas, rebrilhavam no esplendor da luz que regressara. E, como a natureza esquecia, as criaturas primitivas esqueciam também. A vida continuou, como antes da grande escuridão e do grande medo.

Mas, para Tarzan, surgira uma luz que vinha explicar o mistério das roupas. Como ele estaria quente e confortável, se tivesse para cobri-lo a pele fulva de Sabor! E, desta maneira, se acrescentou um outro incentivo à aventura.

Durante meses a tribo ficou perto da praia onde se erguia a barraca de Tarzan. Os estudos dele absorveram uma grande parte desse tempo, mas sempre, quando caminhava através da floresta, tinha a sua corda preparada - e muitos foram os animais que caíram, apanhados pelo nó corredio do laço prontamente atirado. Certa vez o laço caiu sobre o curto pescoço de Horta, o javali, mas este, num furioso impulso para recuperar a liberdade fez cair Tarzan do alto da ramada de onde atirara o laço. O poderoso animal voltou-se ao ouvir o ruído da queda e, vendo apenas a presa fácil que lhe pareceu ser aquele jovem macaco branco, baixou a cabeça e investiu.

Felizmente Tarzan não se machucara na queda, tendo a agilidade de um gato selvagem.

No mesmo instante levantou-se e saltou para outro ramo, enquanto Horta, o javali, passava em vão, arrastado pelo impulso. Foi assim que Tarzan aprendeu, por experiência, as limitações e as possibilidades da sua estranha arma. Dessa vez perdeu apenas uma longa corda -mas sabia que, se fosse Sabor que o tivesse derrubado, as conseqüências seriam decerto muito diferentes, pois poderia perder a vida na aventura.

Levou muitos dias para preparar uma corda nova, mas quando terminou resolveu partir deliberadamente para caçar.

Ocultou-se estendido ao comprido sobre uma ramada acima da trilha que conduzia à água. Vários animais pequenos passaram em baixo, sem que ele os atacasse. A caça miúda não o interessava. Precisava de um animal forte para experimentar a eficácia do seu novo plano.

Por fim surgiu aquele que Tarzan desejava ver - Sabor, a leoa. O corpo lustroso e gordo movia-se com uma graça espantosa, músculos desenhando-se sob a fulva pele. As grandes patas almofadadas pisavam maciamente e sem ruído na trilha estreita. Erguia a cabeça, numa atenção constantemente alerta. A longa cauda ondulava. Aproximava-se, devagar, do ponto onde Tarzan dos Macacos estava estendido sobre a forte ramada, as laçadas da comprida corda prontas e à espera na sua mão.

Como uma figura de bronze, imóvel como a própria morte, Tarzan esperava. Sabor passou em baixo. Estendeu uma das patas para um passo mais, deu ainda outro passo, um terceiro, e então o silencioso laço caiu sobre ela. Por uma fração de segundo o laço pareceu pairar sobre a fera, mas logo, quando Sabor ergueu a cabeça para ver de onde tinha vindo o tênue ruído da corda, o laço caiu-lhe em volta do

pescoço. Com um puxão rápido, Tarzan esticou o nó corredio.

Logo deixou a corda e se segurou com ambas as mãos à ramada. Sabor tinha sido apanhada.

Com um tremendo salto, a surpreendida fera tentou mergulhar na selva -mas Tarzan não ia perder outra corda da mesma forma como perdera a primeira, a experiência ensinara-o. A leoa deu ainda outro salto, mas parou em pleno vôo ao sentir que a corda lhe apertava mais a garganta.

Deu uma volta completa no ar e tombou de costas. Tarzan amarrara solidamente a outra extremidade da corda ao tronco da árvore. Até ali o plano tinha dado os resultados previstos, mas quando ele agarrou a corda e, firmando-se em dois ramos fortes que se bifurcavam, tentou puxar, verificou que prender a fera à árvore, e enforcá-la, eram duas coisas muito diferentes.

Sabor era um feixe de músculos poderosos. e debatia-se, rugia, cravava as garras no chão, mordida a terra. O peso da leoa era enorme, e só Tantor, o elefante, tinha força para puxá-la quando ela cravava as garras no terreno.

Sabor estava agora de novo na trilha, e podia ver o culpado da indignidade que se abatera sobre ela. Rosnando furiosamente, lançou-se, saltou no ar, na direção de Tarzan, mas quando o grande corpo bateu contra a ramada onde o rapaz tinha estado, ele já não se encontrava ali.

Trepara para um ramo mais delgado, uns seis metros acima. Por instantes Sabor ficou agarrada, suspensa, enquanto Tarzan troçava dela e lhe atirava pequenos ramos contra o focinho desprotegido.

Por fim, a fera deixou-se cair para o chão e Tarzan desceu rapidamente para agarrar a corda.

Mas Sabor descobrira que era apenas uma corda delgada que a prendia, e agarrando-a entre os poderosos dentes cortou-a antes que Tarzan pudesse voltar a esticá-la. Tarzan ficou profundamente irritado. O seu cuidadoso plano tinha falhado.

Pôs-se a gritar para o animal feroz que estava embaixo, ao mesmo tempo em que lhe fazia caretas. Sabor andou de um lado para o outro, junto da árvore, durante horas. Várias vezes se encolheu e pulou na direção do vulto dançante que a provocava - mas não teria conseguido mais se tivesse tentado apanhar o vento que murmurava entre as altas ramos. Por fim Tarzan cansou-se daquilo e, com um último brado de desafio, atirando um fruto maduro que se esborrachou no focinho da fera, saltou rapidamente de árvore em árvore, trinta metros acima do terreno, e dentro de pouco tempo estava junto da sua tribo.

Aí contou os pormenores da sua aventura, com o peito inchado e tal exagero, que impressionou mesmo os seus piores inimigos - enquanto Kala, entusiasmada,

dançava de alegria e de orgulho.

Homem e Homem

Tarzan dos macacos viveu a sua vida selvagem, na floresta enorme, com pequenas modificações durante vários anos. Apenas se tornara mais forte ainda, e mais sábio, e aprendera nos seus livros mais coisas sobre os estranhos mundos que existiam em algum lugar, além da selva primitiva.

No entanto, para ele, a vida nunca era monótona nem parada. Havia sempre Pisah, os peixes, que ele podia apanhar nos rios e nos pequenos lagos, e Sabor, com os seus numerosos primos, para o manter alerta e dar interesse a cada instante que ele passava no terreno. Por vezes as feras tentavam caçá-lo, mas na maioria das vezes era ele quem as caçava. Em muitas ocasiões, embora Tarzan nunca tivesse sido atingido pelas garras agudas dos seus inimigos, seria difícil passar uma folha espessa entre essas garras e a sua pele morena. Sabor, Numa, e Sheeta eram rápidos, mas Tarzan dos Macacos era o relâmpago. Tornou-se amigo de Tantor, o elefante. Como? Não se sabe. Mas é fato conhecido, entre os habitantes da selva, que em muitas noites de luar Tarzan dos Macacos e Tantor, o elefante, caminhavam juntos - e quando o terreno era limpo, Tarzan montava o alto dorso do seu amigo.

Muitos dias, durante esses anos, foram vividos por Tarzan na barraca da praia - onde continuavam ainda, intocados, os esqueletos dos pais dele e do filho de Kala. Aos dezoito anos, Tarzan lia com facilidade e compreendia quase tudo o que lia nos muitos e variados volumes que existiam nas prateleiras. Podia também escrever, com letras de imprensa, rápida e claramente, mas não entendia a letra manuscrita. Embora houvesse vários livros assim escritos, no seu tesouro, tão poucos eram escritos em inglês que ele não viu vantagem em se ocupar dessa outra forma de escrever, ainda que conseguisse compreender alguns dos sinais.

Assim, aos dezoito anos, era um lord que não sabia falar inglês, embora pudesse ler e escrever essa língua que era a sua. Nunca havia encontrado uma criatura humana, além dele próprio, porque no território onde vivia a sua tribo não existiam grandes rios pelos quais viessem os indígenas do interior. Altas montanhas fechavam esse território por três lados, e a outra limitação era o mar. As florestas virgens e os matagais impenetráveis que cobriam o chão, não tinham atraído qualquer pioneiro entre as feras humanas além das fronteiras.

Mas um dia, quando Tarzan dos Macacos estava na barraca, sondando os mistérios de um novo livro - a antiga segurança da selva foi destruída para sempre. Nos confins do território, a Leste, um estranho cortejo apareceu, caminhando em fila, na crista de uma das montanhas menos altas.

Na frente vinham cinquenta guerreiros negros, armados com delgadas lanças de madeira, cujas pontas eram endurecidas a fogo lento, e longos arcos, eflechas envenenadas. Às costas traziam escudos ovais, no nariz grandes argolas, enquanto da lâ crespada e escura da cabeça se erguiam tufo de penas coloridas. Tinham, tatuadas na fronte, três linhas paralelas, de cores diferentes, e em cada seio três círculos concêntricos. Os dentes amarelados estavam aguçados em ponta, e os grandes lábios salientes acrescentavam ainda a baixa e brutal bestialidade da sua aparência.

Seguindo-os, vinham várias centenas de mulheres e de crianças, as primeiras trazendo à cabeça pesadas cargas de panelas de barro, utensílios de casa, e marfim. Fechava a marcha mais uma centena de guerreiros, em tudo semelhantes aos da frente. A formação da coluna indicava que muito mais profundamente temiam um ataque pela retaguarda do que quaisquer inimigos desconhecidos que pudessem encontrar adiante. E essa era de fato a verdade, pois fugiam dos soldados dos brancos. Tanto os tinham perseguido para lhes roubar borracha e marfim - que finalmente, um dia, eles se haviam revoltado contra os seus carrascos, matando um oficial branco e um destacamento de tropas negras.

Durante muitos dias os negros canibais tinham-se fartado de carne, mas a certa altura aparecera uma coluna de tropas, mais numerosa, e assaltara a aldeia durante a noite, para vingar a morte dos companheiros. Nessa noite os soldados negros do oficial branco - igualmente canibais - tinham devorado muita carne, e aquele resto de uma tribo outrora poderosa tinha fugido para a sombria selva na direção do desconhecido e da liberdade. Apenas, o que significava liberdade e vida feliz para os negros selvagens, significaria desespero e morte para muitos dos habitantes do novo território.

Durante três dias o cortejo avançou lentamente através do coração da floresta desconhecida e sem pistas, até que, na manhã do quarto dia, descobriram uma reduzida área, perto da margem de um pequeno rio, que parecia menos espessamente coberta de mato do que qualquer outro terreno por onde haviam passado antes.

Pararam ali e começaram a trabalhar, para construir a nova aldeia. Ao cabo de um mês tinham aberto uma ampla clareira, erguido cabanas e paliçadas, plantado milho, inhame e tanchagem - e retomando na nova terra, os velhos hábitos. Mas ali não havia homens brancos, nem soldados, nem borracha ou marfim para serem roubados pelos exploradores. Passaram várias luas antes que os negros se aventurassem muito além dos terrenos que rodeavam a aldeia. Alguns deles tinham caído sob as garras de Sabor, porque a selva estava infestada de leões e panteras, além de outros animais ferozes, os guerreiros negros não se animavam a ir para fora da segurança das suas paliçadas.

Mas um dia, Kulonga, filho do velho rei Mbonga, afastou-se por entre o matagal

denso, para Oeste. Avançava cautelosamente, a sua delgada lança sempre pronta, o grande escudo oval bem firme na mão esquerda e perto do seu corpo negro. Às costas levava o arco, e na aljava presa ao escudo tinha muitas finas setas, bem untadas com a substância escura e espessa que tornava mortal a mais leve picada.

A noite encontrou Kulonga muito longe das paliçadas da aldeia de seu pai, mas ele continuou a caminhar para Oeste até que, subindo para o tronco de uma grande árvore, construiu uma tosca plataforma e se encolheu aí para dormir.

Três milhas para Oeste estava a tribo de Kerchak. Muito cedo, na manhã seguinte, os gorilas estavam em atividade, procurando comida. Tarzan, como habitualmente, fez as suas buscas na direção da barraca, de maneira que, caçando e comendo durante o caminho, tinha o estômago cheio quando alcançou a praia.

Os gorilas tinham-se entretanto dispersado, um a um, dois a dois e três a três, em todas as direções, mas nunca para além da distância a que poderiam ouvir algum sinal de alarme. Kala seguia lentamente ao longo da pista deixada por um elefante, na direção de Leste, e estava ocupada procurando, debaixo de raízes apodrecidas, ou sob troncos caídos, algum inseto ou pequeno animal, quando a tênue sombra de um ruído estranho a pôs alerta. Por uns cinquenta metros na sua frente a trilha era direita, e foi aí, sob o dossel verde das árvores, e foi aí que ela viu avançar, silenciosamente, o vulto de uma estranha e temerosa criatura.

Era Kulonga. Kala não esperou. Voltando-se, moveu-se rapidamente na direção de onde viera. Não corria à maneira dos animais da sua raça, quando não assustados ou enfurecidos, pensava mais em evitar o encontro do que em fugir. Kulonga, esse, correu. Ali estava carne. Podia matar aquele gorila e banquetear-se bem, nesse dia. Apressou-se, com a lança pronta para arremessar. Dobrada uma volta da trilha viu novamente a macaca em outra reta. Ergueu a lança, contraindo os músculos sob a pele de ébano.

De repente, estendeu o braço e a lança partiu na direção de Kala. Um mau arremesso, porque a arma apenas roçou o alvo. Com um brado de raiva e de dor, a macaca voltou-se contra o seu atacante. Nesse instante os seus companheiros acorriam, tendo ouvido o brado, saltando rapidamente de ramo em ramo em resposta ao grito de Kala. Enquanto ela se precipitava sobre o negro, este pegou no arco e colocou-lhe uma seta com uma rapidez espantosa. O arco esticou-se e foi solto. A seta acertou no coração do grande antropóide. Kala soltou novo grito, grito rouco, grito de morte, e pesadamente, caiu diante dos olhos espantados dos seus companheiros. Rugindo, os gorilas precipitaram-se sobre Kulonga, mas o destro selvagem já corria ao longo da trilha, veloz como um antílope em pânico.

Ouvira contar da ferocidade e da imensa força dos gorilas, e o seu único desejo era afastar-se deles o mais depressa que pudesse.

Os grandes animais seguiram-no, de tronco em tronco, durante muito tempo, mas por fim... um a um foram abandonando a perseguição e voltaram ao lugar da tragédia. Nenhum deles tinha visto um homem, até então, além de Tarzan. Mas Tarzan era branco, diferente, e consideravam-no como pertencendo à tribo. Assim, estavam confusamente impressionados com aquela estranha criatura que havia invadido a selva.

Na barraca, na praia distante, Tarzan ouviu os tênues ecos da luta e, compreendendo que alguma coisa de grave acontecera, apressou-se a correr na direção do som. Quando chegou, encontrou toda a tribo reunida em volta do corpo morto de Kala, sua mãe.

A cólera e a dor de Tarzan não conheceram limites. Rugindo o grande brado de desafio da tribo, bateu no amplo peito – e depois caiu sobre o corpo de Kala e soluçou toda a profunda pena do seu coração de solitário. Perder a única criatura que lhe manifestara ternura e amor, era a maior tragédia que podia acontecer-lhe.

Para ele, Kala não era uma macaca feroz e feia. Para ele, Kala tinha sido boa, tinha sido bela! Sobre ela derramara, sem o saber, todo o respeito e toda a devoção que um rapaz inglês, normal, pode ter pela sua própria mãe. Nunca conhecera outra, e assim dera a Kala, embora mudamente, tudo o que deveria ter pertencido à linda e adorável Lady Alice - se ela tivesse vivido.

Depois da primeira explosão de dor, Tarzan dominou-se e, interrogando os membros da tribo, que tinham assistido à morte de Kala, soube tudo o que o escasso vocabulário dos gorilas permitia comunicar. Era bastante, todavia, para ele. Sabia que uma estranha criatura, sem pêlos, de pele negra - uma espécie de macaco também - com penas coloridas espetadas na cabeça, tinha lançado a morte por meio de um delgado ramo... e depois fugira com a velocidade de Bara, o gamo, na direção do sol nascente.

Tarzan não esperou mais. Saltando para os ramos das árvores, lançou-se vertiginosamente através da floresta. Ele conhecia as voltas da trilha dos elefantes, ao longo da qual o assassino de Kala tinha fugido, e cortou-a através da floresta para interceptar o guerreiro negro que decerto seguiria as tortuosidades da pista. Levava à ilharga a faca de caça do seu ignorado pai, e sobre os ombros as voltas da sua comprida corda. Uma hora depois baixou sobre a trilha e, curvado, examinou atentamente o terreno.

Na lama da margem de um regato, encontrou pegadas iguais às que só ele deixara até então na selva, mas muito maiores. O seu coração bateu com mais força. Estaria na verdade a seguir a pista de um HOMEM - alguém da sua própria raça?

Havia duas filas de pegadas, em direções opostas. Portanto a sua presa já passara

por ali, no regresso ao longo da trilha. Mas a segunda fila de pegadas, a do regresso, era muito recente. A lama esboroava-se ainda, nos bordos. Tarzan saltou uma vez mais para as árvores, e com espantosa velocidade, em silêncio, lançou-se sobre a trilha, a meia altura dos ramos. Tinha percorrido talvez meia milha quando avistou o guerreiro negro, de pé num pequeno espaço aberto.

Tinha nas mãos o arco, no qual colocara uma das suas setas mortais. Em frente, no outro lado da pequena clareira, estava Horta, o javali, que baixava a cabeça e espumava, pronto para investir.

Tarzan olhou com espanto para a estranha criatura abaixo dele - tão semelhante a ele na estatura, e todavia tão diferente na face e na cor. Nos seus livros vira imagens de negros, mas os desenhos eram realmente coisas mortas em comparação com aquele esbelto corpo de ébano, cheio de vida.

Quando o negro esticou a corda do seu arco, Tarzan reconheceu nele, mais do que o Negro, o Arqueiro do seu livro... “A” é de arqueiro.

“Maravilhoso!” Tarzan quase traiu a sua presença, no susto da descoberta. Mas começavam a acontecer coisas, em baixo. O musculoso braço negro puxara a corda do arco... Horta, o javali, investia. E então o guerreiro largou a pequena seta envenenada... que Tarzan viu voar com a rapidez do pensamento e cravar-se entre as cerdas do pescoço do javali.

Mal a seta partira e já Kulonga colocara outra no arco, mas Horta, o javali, alcançou-o tão prontamente que ele não teve tempo para disparar.

De um salto, o guerreiro negro passou sobre o corpo do animal. Então, voltando-se com fantástica rapidez, cravou uma segunda flecha no dorso de Horta. Logo depois Kulonga saltou para uma árvore próxima.

Horta voltou-se para atacar de novo, deu talvez uma dúzia de passos e caiu bruscamente. Por instantes o seu corpo agitou-se, convulsivo. Depois ficou imóvel. Kulonga desceu da árvore.

Com uma faca que lhe pendia da ilharga, cortou várias largas fatias do corpo do javali. Então, acendendo uma fogueira no meio da trilha, assou a carne e comeu quanto quis. Deixou o resto onde tinha caído.

Tarzan era um espectador interessado. O seu desejo de matar não se atenuara, mas o desejo de prender era talvez maior. Seguiria aquele negro durante algum tempo, até saber de onde ele viera, Podia matá-lo depois, à vontade, quando o arco e as setas mortais tivessem sido postos de lado.

Quando Kulonga acabou de comer e desapareceu na próxima curva da trilha, Tarzan saltou silenciosamente para o chão. Com a sua faca, cortou pedaços de carne da carcaça de Horta, mas não os cozinhou. Tinha visto fogo, mas apenas quando

Ara, o raio, destruíra alguma grande árvore. O fato de alguma criatura da selva poder produzir as garras vermelhas e amarelas que consumiam os troncos deixando-os reduzidos a uma poeira fina, surpreendeu Tarzan - incapaz de compreender, também, por que razão o guerreiro negro estragara a deliciosa comida metendo-a no calor das chamas.

Talvez Ara fosse um amigo, com quem o Arqueiro partilhava os alimentos.

Fosse como fosse, Tarzan não estragara boa carne de maneira tão tola. Assim, comeu a grandes dentadas uma porção de carne crua, enterrando o resto da carcaça ao lado da trilha, onde pudesse encontrá-lo ao regressar.

Então Lord Greystoke, limpando os dedos engordurados, nas coxas nuas, retomou a pista de Kulonga, filho de Mbonga, o rei. Entretanto, na distante Londres, outro Lord Greystoke, o irmão mais novo do pai do verdadeiro lord, mandava devolver ao cozinheiro do seu clube umas costeletas que não estavam suficientemente bem passadas, e quando acabou de almoçar mergulhou as pontas dos dedos num recipiente de prata cheio de água perfumada, limpando-os depois a um retângulo de fino damasco branco.

Durante todo o dia Tarzan seguiu Kulonga, pairando sobre ele, nas árvores, como um espírito maligno. Duas vezes mais ele o viu disparar as suas setas mortais - uma vez sobre Dango, a hiena, e outra vez sobre Manu, o macaco. De ambas as vezes o animal morreu quase instantaneamente, porque o veneno de Kulonga era fresco e mortal.

Tarzan pensou muito sobre aquela excelente maneira de matar, enquanto voava silenciosamente, de cipó em cipó, atrás da sua presa. Compreendia que não era apenas a leve picada da seta que podia tão rapidamente matar os animais selvagens da floresta - que muitas vezes, nas suas lutas, eram terrivelmente feridos mas em grande parte dos casos se recompunham.

Não. Havia qualquer coisa misteriosa ligada às pequenas setas de madeira, que podia provocar a morte com um simples arranhão. Teria de estudar bem aquilo.

Nessa noite Kulonga dormiu sobre uma bifurcação de ramos, numa árvore alta - e acima dele postou-se Tarzan dos Macacos. Quando Kulonga acordou, viu que o seu arco e as suas flechas haviam desaparecido. O guerreiro negro ficou furioso e assustado, mas mais assustado que furioso. Procurou no chão, sob a árvore, e procurou na árvore; mas não encontrou vestígios do arco ou das flechas, nem do ladrão noturno.

Kulonga sentiu-se tomado de pânico. Tinha atirado a sua lança contra Kala, e não a havia recuperado. E agora, que o arco e as flechas tinham desaparecido, a sua única arma era uma simples faca. A esperança que lhe restava era apenas a de

regressar à aldeia de Mbonga - tão depressa quanto as pernas pudessem levá-lo. Sabia que não estava muito longe, e lançou-se a correr ao longo da trilha.

De um maciço de folhagem, a alguns metros de distância, emergiu Tarzan dos Macacos, que retomou a sua perseguição silenciosa. O arco e as setas de Kulonga estavam bem. Amarrados no alto de uma árvore gigantesca, na base de cujo tronco uma faca afiada arrancara um pedaço de casca. Um ramo havia sido cortado, igualmente, a uns quinze metros de altura.

Assim Tarzan marcava as suas pistas na floresta, e assinalava os seus esconderijos.

Quando Kulonga começou a correr, Tarzan aproximou-se de forma a seguir quase diretamente acima da cabeça do negro. Levava a corda enrolada na sua mão direita, agora estava preparando-se para matar.

O momento apenas fora retardado porque Tarzan queria saber qual o destino do guerreiro, e chegou a ocasião de saber quando avistou na sua frente uma grande clareira, numa extremidade da qual se erguiam pequenas barracas estranhas.

Nesse instante Tarzan estava exatamente acima de Kulonga. A floresta terminava bruscamente, ali, e para além viam-se uns duzentos metros de terrenos plantados, entre a selva e a aldeia. Tarzan tinha de agir rapidamente, ou a presa escaparia. Mas, na vida e no treino de Tarzan, pensamento e ação seguiam-se tão rápidos que não havia espaço para a sombra de uma hesitação, entre ambos.

Foi assim que, quando Kulonga emergiu da sombra das árvores, uma corda delgada voou sobre ele, ondulante no espaço, vinda dos ramos baixos de um forte tronco que se erguia nos limites exatos dos campos de Mbonga. O filho do rei tinha dado meia dúzia de passos na clareira quando o nó corredio lhe apertou o pescoço. Tão rapidamente Tarzan dos Macacos puxou para trás a sua presa, que o grito de Kulonga foi abafado na garganta. Debatendo-se, o guerreiro negro foi prontamente arrastado até ficar suspenso de um ramo, pelo pescoço, a meia altura.

Então Tarzan trepou mais, para uma ramada mais forte, içando a vítima, ainda a estrebuchar, para o abrigo da folhagem da árvore. Aí, amarrou solidamente a corda e, descendo, cravou a sua faca de caça no coração de Kulonga.

Kala estava vingada.

Tarzan examinou o negro, atentamente, porque nunca tinha visto, antes, uma criatura humana. A faca do guerreiro, com a bainha, atraiu a sua atenção. Apropriou-se delas. Uma argola de cobre, que rodeava um dos tornozelos de Kulonga, também lhe agradou. Transferiu-a para o seu próprio tornozelo.

Depois examinou e admirou as tatuagens, na testa e no peito. Investigou o toucado de penas e tirou-o também. Observou os dentes aguçados. Mas então dispôs-se a

cuidar de coisas sérias, porque tinha fome e ali estava carne - carne de uma presa abatida, que as leis da selva lhe permitiam comer.

Como poderemos julgar, por qual código, o homem-macaco, com o coração... e a cabeça... e o corpo de um jovem inglês – mas treinado como um animal selvagem?

Matara Tublat, a quem odiava e que o odiava numa luta leal - e todavia nem sequer lhe passara pela cabeça a idéia de comer a carne de Tublat. Teria sido tão repugnante, para ele, como o canibalismo para nós. Mas... quem era Kulonga para que ele não pudesse devorá-lo tão livremente como a Horta, o javali, ou a Bara o gamo?

Não Era apenas mais um dos incontáveis animais selvagens da floresta, que se devoravam uns aos outros para satisfazer a fome. Mas, de repente, uma estranha dúvida se apoderou de Tarzan. Os livros não lhe haviam dito que ele era um homem?

E o Arqueiro não era igualmente um homem.

Seria natural que os homens se comessem uns aos outros? Não sabia. Por que razão hesitava, então? Tentou cortar um pedaço de carne, mas uma náusea profunda invadiu-o. Não compreendia. Sabia apenas que não podia comer a carne daquele homem negro - e assim um instinto hereditário, vindo do fundo das eras, veio substituir às funções da sua mente primitiva e salvou-o da culpa de violar uma lei humana, de cuja existência não tinha qualquer idéia.

Rápido, baixou até ao chão o corpo de Kulonga, soltou a corda que lhe apertava o pescoço e voltou novamente para as árvores.

O fantasma do medo

De uma alta ramada, Tarzan observou a aldeia de pequenas e estranhas barracas, e de campos curiosamente revolvidos. Viu que, num ponto, a floresta tocava na aldeia - e para lá se dirigiu, possuído por uma febre de curiosidade, no desejo de observar animais da sua própria espécie, aprender mais sobre a sua maneira de viver e examinar mais de perto as barracas de estranho feitio onde viviam.

A sua existência selvagem, entre os ferozes animais da floresta, não deixava lugar para considerar os negros senão como inimigos. A semelhança de aspecto, com ele próprio, não o conduzia a qualquer idéia errada de ser bem recebido por eles.

Tarzan dos Macacos não era um sentimental, e nada conhecia da fraternidade humana. Tudo o que vivia fora da sua tribo era-lhe forçosamente hostil com poucas exceções entre as quais Tantor, o elefante, era um exemplo marcante. Sentia tudo isto sem maldade e sem ódio. Matar era a lei do mundo selvagem que ele conhecia. Poucos eram os seus prazeres primitivos, mas o maior de todos era seguramente caçar e matar. Assim, concedia aos outros o direito de sentir os mesmos desejos que ele - ainda que ele próprio pudesse ser o objeto da caça.

A sua estranha vida não o deixara azedo ou sanguinário. O seu prazer de matar, ou o fato de matar alegremente, com um sorriso nos lábios bem desenhados, não denunciavam uma crueldade nata. Na maior parte das vezes matava para comer, mas porque era um homem, era freqüente matar por prazer, coisa que nenhum outro animal faz. Na verdade o homem é, entre todas as criaturas, a única capaz de matar insensatamente e é indiscriminadamente, pelo simples prazer de causar sofrimento e destruição.

Quando matava por vingança, ou em defesa própria, fazia-o sem histéricos impulsos, porque se tratava de uma coisa séria que não admitia levandades.

Assim, agora que se aproximava cautelosamente da aldeia de Mbonga, estava perfeitamente preparado para matar ou para morrer, se fosse descoberto. Movia-se em silêncio e alerta - porque Kulonga o ensinara a grandemente respeitar as aguçadas setas de madeira, que davam a morte de forma tão rápida e certa. Chegou finalmente a uma grande árvore. Densamente coberta de folhagem e da qual pendiam fortes cipós, em profusão. Daquele abrigo quase impenetrável, acima da aldeia, curvado, observou o espetáculo que tinha na sua frente, maravilhando-se com cada aspecto daquela vida estranha e nova para ele.

Entre as cubatas, crianças nuas corriam e brincavam. Mulheres esmagavam

palmitos secos em toscos vasos de pedra, enquanto outras moldavam bolos, com a farinha. Nos campos, podia ver ainda mais mulheres que ceifavam, ou semeavam, ou colhiam plantas.

Todas usavam amplas tangas de ervas secas, em volta das ancas, e muitas exibiam argolas de bronze ou de cobre; nos tornozelos, nos braços ou nos pulsos. Em volta dos pescoços negros podia ver fios de arame curiosamente enrolados, enquanto alguns narizes estavam ornamentados com argolas delgadas e grandes.

Tarzan dos Macacos olhava, num espanto crescente, para aquelas estranhas criaturas. Viu vários homens que dormiam à sombra, mas nos limites da clareira podia avistar outros, armados, que aparentemente guardavam a aldeia contra a possível surpresa de um ataque inimigo.

Notou que só as mulheres trabalhavam.

Não havia um só homem curvado nas tarefas dos campos, ou a executar qualquer atividade na aldeia. Por fim os olhos de Tarzan fixaram-se numa mulher que estava diretamente abaixo da árvore.

Diante da mulher havia uma caldeira pequena, colocada sobre uma fogueira onde o fogo ardia baixo. No interior da caldeira borbulhava uma espécie de massa viscosa, espessa e avermelhada. A um lado encontrava-se uma porção de setas de madeira, cujas pontas a mulher mergulhava na massa fervente, alinhando-as depois sobre uma estreita armação de ramos, no outro lado.

Tarzan dos Macacos estava fascinado. Era aquele o segredo da terrível ação das delgadas setas do Arqueiro. Notou o extremo cuidado da mulher, em que a massa viscosa não lhe tocasse as mãos - e uma vez, quando uma partícula pequeníssima lhe salpicou um dedo, viu-a meter a mão na água e esfregar a diminuta mancha com um punhado de folhas.

Tarzan nada sabia de venenos, mas o seu arguto raciocínio dizia-lhe que era aquilo o que matava e não a pequena seta que apenas transportava a massa viscosa para o corpo das vítimas. Como ele gostaria de ter mais daquelas setas portadoras de morte! Se a mulher deixasse o seu trabalho por um instante, ele saltaria, apanharia todas as setas e voltaria para a árvore, antes que a negra pudesse respirar três vezes. Quando tentava imaginar um plano para distrair a atenção da mulher, ouviu um forte brado que vinha do outro lado da clareira. Olhou... e viu um guerreiro em pé junto da árvore onde ele matara o assassino de Kala, uma hora antes. O homem gritava e agitava a lança acima da cabeça.

Repetidas vezes apontava para qualquer coisa que estava no chão, diante dele. Toda a aldeia se movimentou, no mesmo instante. Homens armados saltaram do interior de muitas das cubatas e correram excitadamente para junto da sentinela.

Atrás deles seguiam os mais velhos, e depois as mulheres e as crianças. Num momento, a aldeia ficou deserta.

Tarzan dos Macacos compreendeu que haviam encontrado o corpo da sua vítima, mas isso o interessou muito menos do que o fato de ninguém ter ficado na aldeia para impedi-lo de se apoderar das setas que cobiçava. Rápido e silencioso, saltou para o chão, ao lado da caldeira que continha o veneno. Por instantes ficou imóvel, os olhos rebrilhantes sondando o interior da paliçada. Não se via quem quer que fosse. Notou a porta aberta de uma cubata. Pensou que gostaria de espreitar o interior, e assim fez. Rápido, embora sempre alerta, deslizou para a obscuridade da cubata.

Havia armas encostadas às paredes - compridas lanças, facas de estranhos feitios, dois escudos estreitos. No meio do compartimento havia uma panela de barro, e ao fundo uma cama de ervas secas, coberta por uma esteira entrançada. No chão viam-se crânios humanos. Tarzan mexeu em tudo, sopesou as lanças, cheirou-as - o sentido do olfato era extremamente agudo nele. Decidiu que teria uma das lanças, mas não podia levá-la daquela vez por causa das setas que ia levar e o interessavam mais. Ia empilhando, no centro da cubata, todas as coisas que tirava das paredes. Em cima delas colocou o vaso de barro, de boca para baixo, e sobre o vaso pôs uma das caveiras adornando-a com o toucado de penas que tirara a Kulonga.

Então recuou e observou o seu trabalho, sorrindo. Tarzan dos Macacos apreciava um gracejo.

Foi então que ouviu, lá fora, o rumor de muitas vozes, uivos lamentosos e fundos gemidos. Sobressaltou-se. Teria demorado demais? Rápido, saltou para a porta e olhou na direção da única entrada da paliçada. Os negros ainda não se avistavam, mas deviam estar perto. Podia ouvi-los, que se aproximavam. Como um relâmpago, correu para junto das setas. Apanhou todas as que podia transportar sob um braço, derrubou a caldeira com um violento pontapé e desapareceu entre a folhagem da árvore, justamente quando os primeiros indígenas entravam pela abertura da paliçada, no outro lado da clareira.

Logo a seguir, Tarzan voltou-se para espreitar, entre os ramos, o que se passava embaixo. Curvado, lembrava uma ave rapina, pronta a lançar-se em vôo ao primeiro sinal de perigo.

Agora os indígenas enchiam a única rua da aldeia e quatro deles traziam o corpo morto de Kulonga. Atrás vinham as mulheres, soltando grandes brados e lamentações. E todos se encaminhavam para a cubata de Kulonga - a mesma onde Tarzan deixara a marca da sua primitiva fantasia.

Mas, apenas alguns deles entraram na cubata, logo bruscamente saíram, numa

excitada e apavorada confusão. Os outros reuniram-se à porta, em grupo. Havia muita agitação, muitos gestos, muito ruído de vozes. Então alguns guerreiros, crispadas as mãos nas armas que empunhavam, avançaram e olharam.

Por fim um homem velho, com muitos ornamentos de metal em torno dos braços e das pernas, e trazendo ao pescoço um colar feito de mãos humanas, ressequidas, entrou na cubata. Era Mbonga, o rei, pai de Kulonga.

Durante momentos tudo ficou silencioso. até que Mbonga reapareceu com uma expressão onde se misturavam a raiva e um terror supersticioso. Disse algumas palavras aos guerreiros reunidos, e no mesmo instante os homens correram através da aldeia, observando minuciosamente cada cubata e cada recanto no interior da paliçada. Mal começara a busca quando viram a caldeira derrubada - e compreenderam que as setas haviam desaparecido. Nada mais encontraram, e foi um grupo assustado que se juntou em volta do rei, pouco depois.

Mbonga nada podia explicar dos estranhos acontecimentos. A descoberta do corpo ainda quente de Kulonga, exatamente nos confins da aldeia e ao alcance de seu pai, era em si mesma suficientemente misteriosa. Mas as coisas acontecidas na aldeia, dentro da cubata de Kulonga, enchiam de apavorado espanto os corações dos negros, e provocavam, nos seus cérebros atrofiados, a formação de supersticiosas explicações.

Dividiram-se em pequenos grupos, falando em voz baixa e olhando em volta com expressões de pavor. Tarzan dos Macacos observou-os durante algum tempo, do alto da grande árvore. No procedimento dos negros havia muita coisa que ele não podia compreender, porque ignorava a superstição e tinha apenas, do medo, uma concepção vaga. O sol ia alto, no céu. Tarzan nada comera nesse dia, e estava à distância de muitas milhas do ponto onde escondera os restos da carcaça de Horta, o javali. Assim, voltou as costas à aldeia de Mbonga e desapareceu na vastidão da floresta densa.

CAPÍTULO 11

Rei dos macacos

Ainda não havia anoitecido quando se juntou à tribo, embora tivesse parado para desenterrar e devorar os restos do javali que escondera no dia anterior, e também para recuperar o arco e as setas de Kulonga, que deixara numa árvore. Foi um Tarzan bem carregado que saltou de entre os ramos no meio da tribo de Kerchak.

Inchado o amplo peito, narrou as glórias da sua aventura e mostrou os despojos que conquistara. Kerchak grunhiu e afastou-se, porque invejava aquele estranho membro da sua tribo.

No seu cérebro pequeno e maldoso, procurava algum pretexto para manifestar o seu ódio por Tarzan.

No dia seguinte, Tarzan começou a praticar com o arco e as setas, logo às primeiras luzes do dia. Ao princípio perdeu quase todas as setas que disparou, mas depois começou a saber dirigi-las e a acertar com frequência. Um mês depois já atirava bastante bem mas os seus treinos haviam-lhe custado quase toda a provisão de setas.

A tribo continuava a encontrar comida abundante nas vizinhanças da praia, e assim Tarzan dos Macacos alternava os seus treinos de arqueiro com novas investigações nos objetos, escolhidos mas pouco numerosos, que existiam na barraca. Foi durante este período que ele encontrou, escondida no fundo de um dos armários, a pequena caixa metálica. A chave estava na fechadura, e ao cabo de algumas experiências e tentativas Tarzan conseguiu abrir a caixa. Aí encontrou a velha fotografia de um homem novo, de cara lisa, um medalhão de ouro, cravejado de diamantes e preso a uma corrente também de ouro, algumas cartas e um pequeno livro.

Tarzan examinou tudo, minuciosamente.

Gostou sobretudo da fotografia, porque os olhos eram risonhos e a face aberta e franca. Era a fotografia de seu pai.

Também gostou do medalhão e colocou a corrente em volta do pescoço, imitando os adornos que vira serem tão comuns entre os negros que visitara. Os diamantes brilhavam estranhamente sobre a sua pele lisa e morena.

Mal pôde decifrar as cartas, porque pouco conhecia da letra manuscrita. De maneira que voltou a metê-las na caixa, com a fotografia, e concentrou a sua atenção no pequeno livro. Este estava quase completamente cheio, numa escrita cerrada, mas embora reconhecesse muitos dos pequenos sinais, as combinações em que lhe surgiam eram estranhas e incompreensíveis. Tarzan tinha, havia já bastante tempo,

aprendido a utilizar o dicionário, mas verificou, com pena e perplexidade, que o dicionário não o podia ajudar naquela emergência. Não conseguiu encontrar uma só palavra das que estavam escritas no livro, e assim voltou a metê-lo na caixa de metal - com a idéia de sondar mais tarde aquele novo mistério.

Não sabia que aquele livro continha, nas suas páginas, o segredo do seu nascimento, a resposta ao estranho enigma da sua vida estranha. Era o diário de John Clayton, Lord Greystoke, escrito em francês como era costume dele.

Tarzan repôs a caixa no armário, mas daí por diante recordou muitas vezes a fotografia que vira. Era como se a guardasse no seu coração - tal como mantinha, no cérebro, a idéia de decifrar os mistérios do livro.

Mas naquele momento tinha coisas mais urgentes a tratar, porque esgotara a sua reserva de setas e precisava visitar outra vez a aldeia dos negros, para renová-la. Partiu muito cedo, na manhã seguinte, e viajando com grande rapidez chegou ao seu destino antes do meio-dia.

Mais uma vez tomou posição na grande árvore e, como anteriormente, viu as mulheres nos campos e a caldeira com o veneno diretamente abaixo dele.

Durante horas ficou estendido sobre os troncos, esperando a sua oportunidade para saltar, sem ser visto, e apanhar as setas que fora procurar. Mas agora nada acontecia que fizesse com que os negros saíssem da aldeia. O dia chegou ao fim, e Tarzan dos Macacos continuava a espreitar a mulher que trabalhava sem desconfiar de que estava sendo vigiada.

Por fim, as mulheres que se ocupavam dos campos regressaram à aldeia, e grupos de caçadores emergiram da floresta. Quando todos entraram, as portas da paliçada foram fechadas e trancadas. Havia agora uma quantidade de panelas de barro por toda a aldeia. Em frente de cada cubata uma mulher vigiava a comida que estava preparando, e em muitas mãos viam-se bolos de farinha de palmito.

De repente, porém, ouviram-se brados na extremidade da clareira. Tarzan olhou. Era um grupo de caçadores que chegavam mais tarde, vindos do Norte, e que arrastavam entre eles o vulto de um animal que se debatia. Quando se aproximaram, as portas foram abertas para que eles passassem, e então, quando os outros viram a vítima da caçada, um grito selvagem subiu - porque a presa era um homem.

Enquanto o infeliz era arrastado, sempre a debater-se, as mulheres e as crianças atacaram-no com pedras e paus.

Tarzan dos Macacos, jovem e selvagem animal da selva, admirava a brutal crueldade da sua própria espécie. Entre todas as feras Sheeta, a pantera, era a única que torturava as suas vítimas. Todos os outros animais tinham como regra dar uma rápida morte aos vencidos. Tarzan conhecia apenas, através dos seus livros, aspectos

fragmentários e dispersos da maneira de ser dos humanos.

Quando seguira Kulonga, ao longo da trilha da floresta, tinha imaginado chegar a uma cidade de estranhas casas sobre rodas, com grandes jorros de fumaça negra saindo de um tronco cravado no telhado de uma delas - ou a um mar coberto de casas flutuantes que, segundo lera, se chamavam de várias maneiras, navios e barcos, vapores e botes. Ficara desapontado ao ver a pobre aldeia dos negros, escondida na selva, sem uma só casa que fosse tão grande como a sua barraca na praia distante.

Vira que aquela gente tinha maior maldade que os macacos, e era tão cruel e selvagem como a própria Sabor. E começou a formar uma triste idéia das criaturas da sua espécie.

Agora tinham amarrado a vítima a um grande poste, no centro da aldeia, diretamente em frente da cubata de Mbonga, e formara-se um círculo dançante e gritante de guerreiros, em torno, todos eles armados com rebrilhantes facas e lanças ameaçadoras. Num círculo mais largo sentavam-se as mulheres, gritando também e batendo em tambores.

Tarzan recordou-se do Dum-Dum, e compreendeu o que devia esperar. Só não sabia se os negros se precipitariam sobre a carne da vítima ainda viva. Os macacos não faziam tal coisa.

O círculo de guerreiros, em volta do cativo, foi-se estreitando cada vez mais, e os guerreiros dançavam freneticamente no ritmo enlouquecedor dos tambores. De repente, uma lança estendeu-se e picou a vítima. Foi o sinal para cinquenta outras lanças. Olhos, orelhas, braços e pernas foram varados. Cada polegada de corpo, sob a qual não havia um órgão vital, tornou-se alvo das lanças cruéis. As mulheres e as crianças gritavam de prazer, e os guerreiros lambiam os grossos lábios na antecipação do próximo banquete. Cada um tentava exceder o outro, na crueldade repugnante com que torturava o prisioneiro ainda consciente.

Foi então que Tarzan dos Macacos viu a sua oportunidade. Todos os olhos se fitavam no espetáculo do poste de tortura. A luz do dia dera lugar à escuridão de uma noite sem lua, e só as fogueiras, na vizinhança imediata da orgia de sangue, se mantinham acesas para iluminarem a espantosa cena.

Sem ruído, Tarzan saltou para o chão macio, na extremidade da aldeia. Rápido, apoderou-se das setas - todas, desta vez, porque trouxera longas fibras para amarrá-las em molho. Sem pressa, amarrou-as e, quando se dispunha a partir, uma tentação se apoderou dele. a tentação de se entregar a um dos seus caprichos. Olhou em volta, procurando uma idéia para espalhar a confusão entre aquelas estranhas, grotescas e cruéis criaturas, deixando-lhes uma prova mais de que tinha estado ali.

Pousou o feixe de setas sob a árvore e deslizou na sombra até chegar à entrada da mesma cubata onde estivera quando da sua primeira visita.

Dentro a escuridão era total, mas, tateando, Tarzan não tardou a encontrar o que procurava - e sem mais demora voltou-se para a porta. Tinha dado apenas um passo, todavia, quando o seu ouvido extremamente sensível captou um rumor de movimento. Alguém se aproximava. e não tardou que o vulto de uma mulher aparecesse à entrada da cubata.

Tarzan recuou, em total silêncio, até à parede mais afastada, e a sua mão tocou no punho da faca de caça. A mulher dirigiu-se rapidamente para o centro da cubata. Ali parou por um instante, estendendo as mãos para encontrar o que procurava. Era evidente que o que ela queria não se encontrava no lugar habitual, porque se adiantou, aproximando-se da parede junto da qual estava Tarzan. tão perto que ele pôde sentir o calor animal do corpo nu. Tarzan levantou o braço armado com a faca, mas então a mulher desviou-se para um lado e não tardou que uma exclamação gutural indicasse ter encontrado o que buscava. Voltou-se imediatamente e saiu da cubata. Quando passou pela porta, Tarzan viu que ela levava na mão uma panela de barro. Tarzan dirigiu-se também para a porta, e na sombra viu que todas as mulheres da aldeia corriam, transportando vasos de barro que enchiam com água e colocavam sobre umas quantas fogueiras, perto do poste onde o prisioneiro moribundo cessara de se agitar e pendia, inerte, numa massa sanguinolenta esgotada de sofrimento.

Escolhendo o momento em que ninguém estava perto, Tarzan correu para o ponto onde deixara as setas, sob a árvore, na extremidade da aldeia. Tal como fizera da primeira vez, derrubou a caldeira do veneno antes de saltar, ágil como um gato, para os ramos mais baixos do gigante da floresta. Em silêncio, trepou até grande altura, até encontrar um ponto onde, entre a folhagem, podia ver a cena que decorria abaixo. As mulheres estavam agora preparando o morto para ser cozido nos vasos de barro, enquanto os homens descansavam depois da fadiga da dança feroz. Havia uma relativa calma na aldeia.

Então Tarzan ergueu na mão o que trouxera da cubata, e com uma pontaria apurada por anos de atirar cocos e frutos, lançou o objeto na direção do grupo de selvagens. Caiu exatamente no meio deles, sobre a cabeça de um a quem derrubou. Depois rolou na direção das mulheres e parou junto do corpo morto, que ia ser devorado.

Todos olharam, espantados, por um instante... mas logo, como num só impulso, correram para refugiar-se nas suas cubatas. O que olhava para eles, do chão onde rolara, era um crânio humano, um crânio que parecia ter caído diretamente do céu escuro da noite. Um espantoso milagre, bem próprio para incitar o supersticioso terror dos negros.

Assim, Tarzan dos Macacos os deixava novamente apavorados com aquela nova manifestação da presença de um poder diabólico e invisível, que pairava na floresta em volta da aldeia.

Mais tarde, quando os negros descobriram a caldeira derrubada e o desaparecimento das setas, começaram a cogitar que haviam ofendido algum poderoso espírito, ao instalarem a aldeia naquele ponto da selva sem que, primeiro, o propiciassem com dádivas.

A partir dessa noite, uma oferta de comida era colocada diariamente junto da grande árvore, no ponto de onde as setas tinham desaparecido - numa tentativa para conciliar o espírito irritado. Mas a semente do medo havia sido enterrada profundamente e, sem que o soubesse, Tarzan dos Macacos tinha lançado os fundamentos de muitas futuras desgraças, para ele próprio e para a sua tribo.

Nessa noite Tarzan dormiu na floresta, não longe da aldeia, e cedo, na manhã seguinte, partiu sem pressa, de regresso, caçando enquanto passava. Apenas alguns frutos e insetos recompensaram as suas buscas, e estava meio esfomeado quando, olhando por cima de um tronco caído, viu Sabor, a leoa, no meio da trilha, a menos de vinte passos de distância. Os grandes olhos amarelos da fera fitavam-no com um brilho maldoso, e a língua vermelha lambeu o focinho alongado - quando a leoa se agachou e se adiantou devagar, quase rastejando, com o ventre roçando o chão. Tarzan não tentou fugir. Agradou-lhe a oportunidade que, de fato, procurava havia dias.

Agora estava armado com qualquer coisa mais eficaz do que uma corda. Rápido, empunhou o arco e colocou nele uma das setas; quando Sabor saltou, a seta voou na direção dela, alcançando-a no ar. No mesmo instante Tarzan saltou de lado, e quando a fera pousou no chão além dele, outra seta untada de morte foi cravar-se profundamente num flanco. Com um furioso rugido, Sabor voltou-se e atacou de novo... para ser atingida por uma terceira seta que lhe acertou num olho. Mas, desta vez, estava demasiadamente perto de Tarzan para que ele pudesse esquivar o corpo.

Tarzan caiu sobre o grande corpo peludo, mas empunhando a faca e ferindo. Por um instante ficaram imóveis, mas o homem compreendeu que o corpo inerte, pesando sobre ele, não voltaria a atacar ninguém. Com dificuldade conseguiu libertar-se do enorme peso, mas ao levantar-se, ao olhar para o inimigo vencido pela sua destreza, invadiu-o uma onda de alegria. Enchendo de ar o vasto peito, ao mesmo tempo que erguia a bela cabeça, Tarzan lançou o forte brado de desafio dos gorilas. A floresta repetiu, de eco em eco, o brado selvagem. As aves imobilizaram-se nos ramos, e os animais maiores afastaram-se silenciosamente, porque poucos de entre eles, em toda a selva, se atreviam a enfrentar os grandes antropóides.

Em Londres, outro Lord Greystoke falava aos da sua espécie, na Câmara Alta,

mas ninguém tremia ao ouvir a sua voz branda e suave.

A carne de Sabor não era agradável de comer, nem mesmo para Tarzan dos Macacos, mas a fome torna macia a carne dura, e disfarça o mau gosto que possa ter. Assim, com o estômago cheio, Tarzan estava pronto para voltar a dormir. Antes disso, porém, queria esfolar a fera - porque fora também por essa razão que tinha desejado destruir Sabor.

Habilmente, arrancou a grande pele, com uma prática que adquirira com animais menores. Quando acabou a tarefa, levou o seu troféu para os ramos de uma árvore alta e, instalando-se com segurança sobre dois troncos bifurcados, mergulhou num sono profundo e sem sonhos.

A falta de dormir, o exercício árduo e a barriga cheia, fizeram com que Tarzan só acordasse perto do meio-dia, no dia seguinte. Dirigiu-se imediatamente para a carcaça de Sabor, e enfureceu-se ao ver que os ossos haviam sido limpos de carne, por outros esfomeados habitantes da selva. Meia hora de jornada, sem pressa, ao longo da floresta, fê-lo encontrar um jovem gamo e antes que a pequena criatura soubesse que um inimigo se aproximava, uma seta cravara-se no seu pescoço. Tão rápida foi a ação do veneno, que ao cabo de dois ou três saltos o gamo tombou morto. Mais uma vez Tarzan se banqueteara, mas desta vez não dormiu.

Em vez disso apressou-se na direção do ponto onde ficara a tribo, e quando chegou exibiu orgulhosamente a pele de Sabor, a leoa.

- Olhem, macacos de Kerchak!... - bradou ele. - Vejam o que fez Tarzan, o poderoso! Qual entre vós matou alguma vez um animal da família de Numa? Tarzan é o mais forte, Tarzan não é um macaco, é... - mas aqui teve de parar, porque na linguagem dos antropóides não existe palavra que signifique homem, e Tarzan apenas podia escrever a palavra em inglês, mas não sabia pronunciá-la.

A tribo reunira-se em volta dele, para ver a prova da sua magnífica proeza e para escutar as suas palavras. Apenas Kerchak não se havia aproximado, remoendo o seu ódio e a sua raiva. E então, de repente, alguma coisa estalou no pequeno cérebro do antropóide. Com um rugido terrível, lançou-se sobre os outros. Mordendo, batendo com as suas grandes mãos, matou e feriu meia dúzia de gorilas, até que os restantes escaparam para as árvores. Espumando e gritando de fúria, Kerchak olhou em volta, procurando o objeto do seu ódio - e viu-

o sentado num ramo próximo.

- Desce daí, poderoso Tarzan... - rugiu Kerchak: - Desce e sente a força de um mais poderoso! Os grandes lutadores fogem para as árvores, quando se aproxima o perigo?

Tranqüilamente, Tarzan saltou para o chão. Quase sem respirar, os outros gorilas

espreitavam, dos seus refúgios, quando Kerchak se lançou sobre o vulto comparativamente pequeno de Tarzan.

Kerchak, de pé, tinha uma altura de mais de dois metros; os enormes ombros pareciam redondos, cheios de poderosos músculos. O pescoço curto era também uma rija massa muscular, que excedia a largura da base do seu crânio, de maneira que a cabeça parecia uma pequena bola emergindo de um monte de carne.

Os grossos lábios crispados mostravam as grandes presas, e os olhos pequenos, muito juntos, raiados de sangue, refletiam a sua furiosa loucura. Diante dele estava Tarzan, também um animal fortemente musculoso, mas o seu metro e oitenta de altura e os músculos alongados - pareciam tristemente inadequados para a provação a que ia ser submetido.

O arco e as setas estavam a alguma distância, onde ele os deixara para mostrar aos companheiros a pele de Sabor, de maneira que ia enfrentar Kerchak apenas com a sua faca de caça e a sua inteligência, para opor à espantosa força do seu inimigo. Quando Kerchak se lançou sobre ele, Tarzan tirou da bainha a sua comprida faca e, lançando também o seu brado de combate, foi ao encontro do antagonista. Era demasiadamente astuto para se deixar agarrar pelos grandes braços peludos, e, quando iam se chocar, Tarzan saltou de lado, agarrou um dos grandes punhos de Kerchak e, ao mesmo tempo em que esquivava do ataque, cravou a faca, até ao punho, no peito do inimigo, sob o coração.

Antes que Tarzan pudesse libertar a faca, o gorila saltou, estendendo os braços para agarrá-lo e fazê-lo largar a arma. Kerchak lançou um grande golpe, com a mão, dirigido à cabeça de Tarzan - e, se tivesse acertado, decerto lha teria esmigalhado. Mas Tarzan era muito rápido, e ao mesmo tempo em que esquivava o golpe, bateu, com uma força também terrível, no estômago de Kerchak. O gorila cambaleou e, com a ferida mortal que sofrera, esteve prestes a tombar -, mas num espantoso esforço pôde ainda agarrar Tarzan entre os braços.

Apertando Tarzan contra o peito, Kerchak procurava-lhe a garganta, com os grandes dentes, mas as fortes mãos do homem seguravam-lhe o pescoço, apertando e empurrando. Lutaram assim durante momentos, e a grande força do gorila ia lentamente prevalecendo. Os dentes dele estavam a centímetros da garganta de Tarzan - quando, de repente, com um estremecimento convulsivo, o gigantesco animal caiu no chão onde não tardou a imobilizar-se.

Kerchak estava morto.

Recuperando a faca que já tantas vezes lhe permitira vencer inimigos consideravelmente mais fortes do que ele, Tarzan dos macacos pousou um dos pés sobre o pescoço do seu inimigo vencido e, mais uma vez, o seu brado de desafio e

de vitória ecoou pela floresta.

E assim o jovem Lord Greystoke se tornou rei dos macacos...

A razão do homem

Havia um membro da tribo de Tarzan que discutia a sua autoridade. Era Terkoz, filho de Tublat, mas tal era o seu medo da faca e das setas mortais do seu novo senhor, que limitava as manifestações do seu desagrado a pequenas desobediências e irritantes peculiaridades. Tarzan sabia, no entanto, que o gorila apenas esperava a oportunidade de lhe arrancar a chefia da tribo, de qualquer forma traiçoeira. Por isso estava sempre em guarda contra todas as surpresas.

Durante meses, a vida da tribo continuou tal como antes, com a diferença de que a maior inteligência de Tarzan, e a sua habilidade como caçador, faziam com que todos vivessem em maior abundância de comida. Assim a maioria dos gorilas estava mais do que contente com a mudança de chefe. Tarzan conduziu-os, de noite, aos campos dos homens negros. Aí, avisados pela sabedoria superior do seu chefe, os gorilas comeram apenas aquilo que necessitavam, sem destruírem o que não podiam comer, ao contrário do que fazia Manu, o macaco pequeno, e muitos outros. Desta maneira, conquanto os negros ficassem furiosos com as freqüentes incursões nos seus campos, não se desencorajavam de continuar a cultivá-los, como teriam feito se Tarzan permitisse à sua tribo a destruição indiscriminada.

No decorrer deste período Tarzan fez várias visitas noturnas à aldeia, onde freqüentemente renovava a sua provisão de setas. Não tardou a notar que havia sempre comida junto do tronco da árvore que lhe servia de caminho, e ao cabo de algumas hesitações começou a devorar o que os negros deixavam lá. Quando os consternados selvagens verificaram que a comida desaparecia durante a noite, ficaram cheios de desolação e de medo, porque uma coisa era propiciar, com alimentos, o espírito maligno -mas outra, e diferente, era que esse espírito realmente entrasse na aldeia e as comesse. Tal fato nunca tivera precedentes, e encheu as suas mentes supersticiosas com todos os gêneros de vagos temores.

Mas isso não era tudo. A periódica desapareção das setas, e as estranhas surpresas preparadas por mãos invisíveis, haviam-nos conduzido a um tal estado de desespero que a vida se tornara um insuportável fardo, na nova aldeia. Foi então que Mbonga e os seus conselheiros começaram a falar em abandonar a aldeia e procurar lugar para construir outra, mais longe. Desta maneira os negros principiaram a internar-se cada vez mais pela selva, na direção do Sul, quando iam caçar e procurar local para se estabelecerem longe do espírito que os atormentava.

Mais freqüentemente, a tribo de Tarzan foi molestada por esses caçadores errantes. Agora o silêncio e o isolamento da selva primitiva era perturbado por

novos e estranhos gritos. Não mais haveria segurança para aves ou feras. Os homens tinham chegado.

Outros animais percorriam a floresta, de dia e de noite - grandes animais cruéis e ferozes - mas os mais fracos apenas fugiam da sua imediata vizinhança, para voltarem quando passava o perigo. Com o homem era diferente. Quando o homem chega, muitos dos animais de grande porte se afastam da região -para raramente voltarem.

Assim acontecera sempre com os grandes antropóides, que fugiam do homem como o homem foge da peste. Durante algum tempo a tribo de Tarzan ficou nas proximidades da praia... porque o novo chefe recusava a idéia de se afastar definitivamente dos tesouros que, para ele, existiam na barraca. Mas quando, um dia, um membro da tribo descobriu um numeroso bando de negros na margem do pequeno rio que havia sido o seu abastecedor de água ao longo de muitas gerações – e os viu ocupados a desbravar um largo espaço da floresta, e a erguer choças -os macacos não quiseram ficar ali mais tempo. Assim, Tarzan conduziu-os, em muitos dias de marcha, para o interior, para um ponto da selva onde as criaturas humanas nunca haviam penetrado.

Uma vez, em cada lua, Tarzan percorria esse longo caminho, na sua rápida maneira de viajar saltando de ramo em ramo, para passar um dia com os seus livros e para refazer a sua provisão de setas. Esta última tarefa tornava-se cada vez mais difícil, porque os negros tinham tomado o hábito de esconder as setas, durante a noite, em celeiros ou em cubatas habitadas. Isto tornava necessário que Tarzan espreitasse durante o dia, para ver onde eles escondiam as setas. Por duas vezes entrara nas cubatas, de noite, enquanto os respectivos ocupantes dormiam nas suas esteiras, e se apoderara das setas que estavam junto deles. Mas compreendia que o processo era perigoso, e começou a apanhar caçadores solitários, com a sua longa corda, despojando-os de armas e ornamentos - e deixando cair os corpos do alto das árvores, para dentro da aldeia, nas horas silenciosas das vigílias noturnas.

Essas incursões de tal modo apavoravam os negros que, se não fossem os intervalos de quase um mês entre as visitas de Tarzan, intervalos que lhes davam a renovada esperança de que a visita anterior tivesse sido a última, em breve teriam abandonado também a nova aldeia.

Os selvagens ainda não haviam feito a descoberta da barraca de Tarzan, na praia distante, mas ele vivia no constante receio de que, enquanto estava longe, com a tribo, a descobrissem e destruíssem os seus tesouros. E assim passava cada vez mais tempo na vizinhança do último lar de seu pai – e cada vez menos tempo com a tribo. Os membros da comunidade começaram a sofrer as conseqüências do afastamento de Tarzan, porque entre eles surgiam constantemente discórdias e

desordens que só o rei poderia resolver pacificamente.

Por fim, alguns dos macacos mais velhos falaram a Tarzan, sobre esse assunto, e durante todo um mês ele não abandonou a tribo. Os deveres do rei, entre os antropóides, não eram muitos nem difíceis. Acontecia, por exemplo, que uma tarde Thaka se apresentava, a queixar-se de que o velho Mungo lhe roubara a sua nova companheira. Então Tarzan chamava-os, a todos, e se verificava que a fêmea preferia o seu novo senhor, ordenava que as coisas ficassem como estavam, ou que Mungo desse a Thaka, em troca, uma das suas filhas. Fosse qual fosse a sua decisão, os gorilas aceitavam-na como definitiva, e voltavam, satisfeitos, às suas ocupações. De outras vezes era Tana que aparecia, gritando e apertando com as mãos um flanco que sangrava. Gunto, o seu companheiro, havia-a mordido cruelmente. Mas Gunto, chamado, queixava-se de que Tana era preguiçosa e não lhe levava nozes nem insetos, nem lhe coçava as costas. Tarzan repreendia ambos, severamente, ameaçando Gunto com as setas mortais, se voltasse a maltratar Tana, e obrigando Tana a prometer que passaria a cumprir melhor os seus deveres de fêmea.

Assim corriam as coisas. Na maioria tratava-se de pequenas discórdias familiares, que no entanto, se não tivessem sido resolvidas, acabariam por originar lutas de grupos e o final desmembramento da tribo. Mas Tarzan estava sentindo-se farto daquilo, considerando que os seus deveres de chefe cerceavam a sua própria liberdade. Pensava a cada instante na barraca e no mar que o sol beijava -no fresco interior da casa, e nas inesgotáveis maravilhas dos livros.

Ao crescer, passado o cabo da adolescência, sentia-se mais afastado da tribo. Os interesses dos gorilas, e os seus, eram cada vez mais diferentes. Os animais não podiam acompanhar a sua evolução, nem podiam compreender estranhos e maravilhosos sonhos que passavam pela mente do seu chefe humano. Tão limitado era, na verdade, o vocabulário deles, que Tarzan nem mesmo podia falar-lhes das inúmeras novas verdades que descobrira, nem dos grandes campos de pensamento que as leituras haviam rasgado ante os seus olhos ansiosos, nem das ambições que agitavam a sua alma.

Já não tinha amigos na tribo, como antigamente. Uma criança pode achar companhia em muitas criaturas estranhas e simples, mas para um homem é preciso que exista alguma semelhança de inteligência, como base para uma associação agradável. Se Kala vivesse, Tarzan teria sacrificado tudo o mais para ficar junto dela. Mas Kala morrera, e os amigos e companheiros da infância de Tarzan tinham-se tornado animais sombrios e ferozes, tão rudes que ele de longe preferia a solidão e a paz da sua barraca, aos seus deveres como chefe de uma horda de feras.

O ódio e a inveja de Terkoz, filho de Tublat, haviam contribuído muito para contrariar os desejos de Tarzan quanto a renunciar à chefia da tribo. Teimoso como

um inglês que era, não podia convencer-se a se retirar em face de tão malévolos inimigos. Que Terkoz seria escolhido como chefe, se ele se afastasse, Tarzan sabia-o bem, porque muitas vezes o feroz gorila demonstrara a razão da supremacia física de que se orgulhava, sobre os poucos machos que haviam ousado reagir contra as suas brutalidades.

Tarzan teria gostado de vencer o feroz gorila sem utilizar a faca ou as setas. No período posterior à adolescência, a sua força e agilidade tinham-se desenvolvido de tal maneira que ele acreditava poder dominar Terkoz numa luta de mãos nuas – se não fosse a terrível vantagem que os dentes enormes e agudos concediam ao antropóide, em relação a Tarzan. Mas o caso resolveu-se um dia, independentemente da decisão de Tarzan e pela simples força das circunstâncias. O futuro, ficar ou partir, ficou aberto para ele.

De qualquer modo não haveria uma única mancha no seu brasão selvagem. O caso aconteceu assim:

A tribo andava tranqüilamente em busca de comida, espalhada por uma área considerável, quando um grande grito se fez ouvir, a distância, para leste do ponto onde Tarzan se encontrava estendido ao comprido na margem de um límpido regato, tentando agarrar um esquivo peixe entre os seus dedos rápidos e morenos.

Num mesmo impulso, a tribo lançou-se na direção de onde vinham os gritos, e aí encontraram Terkoz que, segurando uma velha fêmea, lhe batia impiedosamente com as suas grandes mãos. Tarzan aproximou-se e levantou uma das mãos, para que Terkoz desistisse de bater, pois a fêmea não lhe pertencia - era a companheira de um velho gorila cujos tempos de lutador tinham passado havia muito e, por isso mesmo, não podia proteger a sua família.

Terkoz sabia que estava fazendo uma coisa contrária às regras da tribo, que proibiam maltratar uma fêmea alheia, mas mau como era aproveitara-se da fraqueza do velho gorila para castigar a fêmea que se recusara a entregar-lhe um pequeno roedor apanhado por ela. Quando Terkoz viu que Tarzan se dirigia para ele sem as flechas, continuou a bater na pobre macaca, deliberadamente, para desafiar o chefe odiado.

Tarzan não repetiu o aviso, mas lançou-se imediatamente sobre Terkoz que se pusera em guarda.

Nunca Tarzan travara uma luta tão feroz, desde os tempos em que, muitas luas antes, se batera contra Bolgani, o gigantesco chimpanzé que tão gravemente o ferira e a quem ele tinha vencido com um golpe da faca encontrada momentos antes.

Naquela luta, a faca de Tarzan mal contrabalançava os enormes dentes de Terkoz, mas qualquer vantagem que o gorila pudesse ter, em força bruta, era equilibrada pela

rapidez e pela agilidade do homem.

Na soma total de vantagens e desvantagens, no entanto, o antropóide levava de certo modo a melhor, e se nenhuma característica pessoal influenciasse a decisão final, Tarzan dos Macacos, o jovem Lord Greystoke, teria morrido ali, como havia vivido - uma criatura selvagem, desconhecida, na África equatorial. Mas essa característica pessoal existia, era aquela que o erguia muito acima dos seus companheiros na selva - essa pequena faísca que explica a espantosa diferença entre os homens e os animais... a razão do homem. Foi isso o que salvou Tarzan de morrer sob os músculos de ferro de Terkoz.

Mal haviam combatido uma dezena de segundos quando rolaram pelo chão, batendo, rasgando, despedaçando - dois grandes animais da selva numa luta de morte. Terkoz tinha uma dúzia de golpes na cabeça e no peito, e Tarzan sangrava em consequência de uma dentada na cabeça. Mas até então o jovem inglês conseguira manter as terríveis presas a distância do seu pescoço.

A certa altura a luta afrouxou, por um instante, para que ambos os antagonistas pudessem respirar, e nesse instante, Tarzan formou um plano astuto.

Se moveria de maneira a cavalgar o dorso de Terkoz, e então, agarrando-se com unhas e dentes, vibraria golpes com a faca até que Terkoz morresse. A manobra foi executada muito mais facilmente do que Tarzan esperara, pois o estúpido Terkoz, sem compreender, não fez qualquer esforço para impedi-la. Só quando, finalmente, percebeu que o adversário o havia agarrado de maneira a não o deixar atacá-lo com os dentes ou com os punhos, Terkoz viu o perigo.

Rápido, atirou-se para o chão, tão violentamente que Tarzan teve de fazer um desesperado esforço para não largar a posição. Para piorar as coisas, ao cravar a faca no dorso de Terkoz, este rolou no terreno e a arma saltou da mão de Tarzan, que se viu sem defesa. Durante minutos giraram assim.

Tarzan teve de largar o adversário duas ou três vezes, para não ser esmagado sob o seu peso, mas conseguiu sempre retomar a sua posição. Até que, mais por acaso do que por intenção, o agarrou de tal maneira que não havia possibilidade de ser sacudido. O seu braço passou sob a axila de Terkoz, e logo a mão se fixou na nuca do gorila. Era o que em luta moderna se chama “meio-golpe-de-Nelson”, e que Tarzan aplicara sem saber. Mas a sua razão de homem mostrou-lhe no mesmo instante a vantagem do golpe... que para ele poderia representar a diferença entre a vida e a morte. Assim, diligenciou e conseguiu colocar o outro braço em posição semelhante, e um momento depois o pescoço de Terkoz começou a estalar sob a ação do “full-Nelson”. Não havia agora fuga para o gorila.

Os dois adversários pareceram ficar imóveis, mas, lentamente, a cabeça de Terkoz

ia cedendo, vergando-se para o peito. Tarzan sabia qual seria o resultado. Não tardaria que as vértebras do pescoço do antropóide se quebrassem. Então valeu a Terkoz a mesma causa que o havia conduzido àquele extremo - a razão do homem.

- Se eu o matar... - pensou Tarzan... - que vantagem terei nisso, além de privar a tribo de um bom lutador? Se o matar, Terkoz nada saberá da minha supremacia, ao passo que, vivo, será um exemplo para os outros...

- Ka-goda?... - disse Tarzan, ao ouvido do adversário. Na linguagem dos antropóides, a palavra significava: "Rende-se? Por instantes não houve resposta, e Tarzan aumentou a pressão do golpe até que o gorila deixou escapar um agudo grito de dor.

- Ka-goda?... - repetiu Tarzan.

- Ka-goda!... - bradou Terkoz.

- Escutem... - disse então Tarzan, em voz forte. - Eu sou Tarzan, rei dos macacos, poderoso caçador, poderoso lutador! Em toda a selva não há outro tão forte como eu... - falava sem largar o adversário, embora aliviando ligeiramente a terrível pressão do golpe. - Disse Ka-goda, toda a tribo ouviu. Não voltará a lutar contra o teu rei ou contra a tua tribo, porque se o fizer o matarei! Compreendeu?

- Huh!... - confirmou Terkoz.

- Reconhece-te vencido?

- Huh!... - rouquejou o gorila.

Então Tarzan largou-o, e minutos depois todos os grandes antropóides tinham voltado às suas ocupações, como se nada houvesse passado que perturbasse a tranqüilidade da floresta.

Mas, nos cérebros diminutos e rudes dos gorilas, tinha-se gravado para sempre a convicção de que Tarzan era um poderoso lutador e uma estranha criatura - estranha porque tinha podido matar o seu inimigo e no entanto deixara-o viver.

Ao fim da tarde a tribo reuniu-se, como fazia sempre antes que a escuridão descesse sobre a selva. Tarzan, tendo lavado as suas feridas com a água do rio, chamou os velhos machos para junto dele.

- Viram mais uma vez, hoje, que Tarzan é o maior entre todos... - disse ele.

- Huh!... - responderam em coro. - Tarzan é o maior.

- Mas Tarzan... -continuou ele - ... não é um macaco. Não é como a sua tribo. Os seus caminhos não são os da tribo... e sim Tarzan vai voltar para o refúgio dos da sua espécie, junto da margem do grande lago que não tem outro lado. Escolham outro chefe, porque Tarzan não voltará.

E assim o jovem Lord Greystoke deu o primeiro passo na direção da meta que marcara a si mesmo - a descoberta de outros homens, brancos como ele.

CAPÍTULO 13

A sua própria espécie

Na manhã seguinte, Tarzan, ainda ressentido das feridas que sofrera na luta com Terkoz, partiu para Oeste, na direção do mar.

Viajou lentamente, dormindo na selva, nessa noite, e chegou à barraca na manhã seguinte. Durante alguns dias pouco se moveu, apenas o bastante para apanhar frutos e nozes com que matar a fome. Ao cabo de dez dias estava completamente restabelecido, conservando no entanto a marca, ainda não cicatrizada por completo, da dentada que Terkoz lhe dera na cabeça. A marca começava acima do olho esquerdo e, dando a volta à cabeça, por cima, ia até à orelha direita. Toda a pele havia sido cortada.

Durante a sua convalescença tentou fazer uma cobertura com a pele fulva de Sabor, que havia deixado na barraca. Mas nada sabia da arte de curtir, e assim a pele secara e tornara-se dura como uma tábua. Foi obrigado a abandonar a sua idéia.

Assim, decidiu usar os adornos tirados a um dos negros da aldeia de Mbonga. Tarzan resolvera marcar de todas as formas a sua evolução, e nada lhe parecia tão próprio da dignidade humana como as roupas e os adornos.

Para tal fim, reuniu os ornamentos de braços e pernas que tirara dos guerreiros negros vencidos pelo rápido e silencioso laço de corda, e colocou-os em si mesmo, da maneira como vira os negros usá-los. Em volta do pescoço a corrente de ouro, da qual pendia o medalhão que fora de sua mãe - e onde rebrilhavam diamantes. Às costas a aljava com as setas envenenadas, presa por uma tira de cabedal que passava sobre o ombro direito. Em volta da cintura o cinto feito com tiras de pele de gamo, de onde pendia, numa bainha que ele próprio fizera, a faca de seu pai. No ombro esquerdo suspendeu o longo arco que pertencera a Kulonga.

Era na realidade uma estranha figura de guerreiro, com os cabelos negros caídos sobre os ombros, atrás, e cortados à frente com uma faca, para não lhe taparem os olhos. O seu vulto forte, esbelto, musculoso como teria talvez sido o mais forte dos gladiadores romanos - e todavia com a graça leve de um deus grego - denunciava ao primeiro olhar a espantosa combinação de enorme força e de prodigiosa agilidade. Era uma perfeita personificação do homem da natureza, caçador e guerreiro.

A bela e nobre cabeça, sobre os largos ombros, e o brilho de viva inteligência nos olhos cinzentos, davam-lhe o aspecto de um personagem mitológico, ou de um herói de um povo de guerreiros.

Mas Tarzan não pensava nessas coisas. Preocupava-o a idéia de não ter roupas

que claramente indicassem, a todos os habitantes da floresta, que era um homem e não um macaco – e por vezes tinha dúvidas sobre se não viria a tornar-se realmente um macaco.

Não começava a ter pêlos na cara? Todos os gorilas os tinham, mas os negros eram completamente desprovidos desses pêlos, salvo raras exceções... Na verdade vira, nos livros, figuras de homens brancos com cabelos em volta dos lábios, nas faces e no queixo - mas assim mesmo tinha medo. Passou a umedecer a sua afiada faca e raspar a barba incipiente, quase todos os dias, para arrancar aquele sinal degradante da semelhança com os gorilas.

Foi desta maneira que Tarzan aprendeu a barbear-se, de um modo tosco e doloroso, mas, todavia, eficaz. Quando voltou a sentir-se em plena força, depois da sua feroz luta com Terkoz, Tarzan partiu, certa manhã, na direção da aldeia de Mbonga. Caminhava descuidadamente ao longo de uma trilha da selva, em vez de saltar de ramo em ramo - quando de súbito se encontrou frente a frente com um guerreiro negro. A expressão de surpresa, na cara do selvagem, foi quase cômica, e antes que Tarzan pudesse empunhar o seu arco, o negro voltou-se e fugiu desesperadamente, gritando como para avisar outros que vinham atrás.

Tarzan saltou para os ramos, em perseguição, e momentos depois avistava os vultos que corriam como doidos. Eram três, e fugiam em fila, uns atrás dos outros, através do mato denso. Tarzan passou-lhes à frente, com facilidade, sem que os negros percebessem a sua silenciosa passagem por cima deles...e sem que vissem, instantes mais tarde, o vulto curvado sobre um ramo, na sua frente.

Tarzan deixou passar os dois primeiros, mas quando o terceiro corria embaixo, ofegante, a corda silenciosa enroscou-se no pescoço negro. Um rápido puxão esticou a corda.

A vítima soltou um brado de agonia, e os outros voltaram-se... para verem o companheiro subir no espaço, como por magia, e desaparecer lentamente entre a folhagem de uma árvore. Gritando de pavor, retomaram a corrida com ainda maior velocidade, se isso lhes fosse possível.

Tarzan acabou com a vida do prisioneiro, rápida e silenciosamente; tirou-lhe as armas e os adornos e – com encantada satisfação - apoderou-se de uma espécie de tanga em pele de gamo, que vestiu imediatamente. Agora, na verdade, estava vestido como um homem devia estar. Ninguém poderia pôr em dúvida a sua origem. Por momentos pensou em que lhe agradaria voltar à tribo para exhibir aquelas novas galas.

Colocando o corpo sobre um dos largos ombros, avançou mais lentamente, por entre as árvores, na direção da paliçada que cercava a aldeia. Precisava de mais

setas.

Ao aproximar-se da paliçada viu um grupo excitado que rodeava os dois fugitivos, os quais, trêmulos de pavor e de fadiga, mal podiam reproduzir os fantásticos pormenores da sua aventura. Explicavam que Mirando, seguindo alguns metros, adiante deles, lhes surgira subitamente, aos gritos, dizendo que um terrível guerreiro, branco e nu, o perseguia.

Então todos os três haviam corrido na direção da aldeia, tão depressa quanto podiam. Mais uma vez tinham escutado os gritos de Mirando, e ao olharem para trás tinham visto a coisa mais horrível - o corpo do companheiro que subia no ar, na direção das árvores, agitando as pernas e os braços, e tendo a língua pendente para fora da boca aberta. Não tinham ouvido mais ruídos, nem tinham visto quem quer que fosse.

Os outros negros começaram a sentir-se possuídos por um medo que não tardaria em se transformar em pânico, mas o velho Mbonga, prudente e sábio, aparentou grande incredulidade em relação à história, atribuindo-a a uma invenção do receio dos dois homens em face de um perigo real.

- Contam-nos uma grande história... - disse ele - ... porque não se atrevem a dizer a verdade. Não querem confessar que fugiram quando o leão saltou sobre Mirando e o levou. São covardes!

Mbonga mal tinha acabado de falar quando todos ouviram um violento quebrar de ramos, nas árvores acima deles. Os negros olharam para cima, e o que viram fez com que o próprio Mbonga estremecesse de pavor. Rodopiando no ar vinha o corpo morto de Mirando, que caiu com um baque surdo junto deles. Num mesmo movimento os negros fugiram... e não pararam até que o último entre eles desapareceu nas sombras da selva próxima.

Então Tarzan saltou para o chão, renovou a sua provisão de setas e comeu os alimentos com que os negros continuavam tentando propiciar o “espírito maligno”, e apaziguar a sua cólera. Antes de partir, Tarzan levou o corpo de Mirando até à entrada da paliçada, e colocou-o de maneira que a face morta parecia espreitar a pista que conduzia à selva.

Tarzan voltou, sempre caçando, na direção da barraca da praia.

Só ao cabo de muitas tentativas os apavorados negros conseguiram entrar na aldeia, passando diante da cara do companheiro morto, que parecia sorrir para eles. Quando viram que a comida e as setas haviam desaparecido, ficaram com a certeza daquilo que já suspeitavam - de que Mirando tinha encontrado o espírito maligno da selva. Essa parecia-lhes a única explicação lógica. Todos os que viam o espírito...morriam. Não era certo que nenhum, dos que ainda estavam vivos, o vira?

Portanto, aqueles que haviam morrido eram os que o tinham visto e que tinham pago com a vida a ousadia.

Enquanto lhe fornecessem setas e comida, o espírito maligno não lhes faria mal, a não ser que pretendessem vê-lo. Assim, Mbonga ordenou que, juntamente com a comida, deviam também fazer umas ofertas de setas para aquele Munango-Keewati – e isso foi sempre feito, a partir de então.

Se alguém passar por essa distante aldeia de negros, poderá ainda ver, diante de uma pequena cubata construída fora da paliçada, um recipiente de ferro contendo comida, e uma aljava cheia de setas envenenadas.

Quando Tarzan alcançou a praia onde se erguia a sua barraca, se deparou com um estranho espetáculo. Nas águas calmas da angra protegida pelo promontório, flutuava um grande navio, e um pequeno bote estava varado na areia. Mas, o que era mais maravilhoso, vários homens, brancos como ele, moviam-se entre a praia e a barraca. Tarzan verificou que, sob muitos aspectos, eles eram iguais aos homens dos seus livros ilustrados. Aproximou-se mais, através das árvores, até ficar muito perto, acima deles.

Eram dez homens, fortes, tisonados pelo sol, com expressões brutais. Estavam agora reunidos junto do bote e falavam em vozes coléricas, ruidosamente, com muitos gestos e muito brandir de punhos. A certa altura um deles, um homem baixo, de cara astuta, barba negra, que recordou a Tarzan o focinho de Pamba, o rato, pousou uma das mãos sobre o ombro de um tipo alto e forte, que estava junto dele – uma espécie de gigante com quem os outros estavam discutindo. O homem baixo apontava para o lado de terra, e assim o gigante teve de voltar as costas aos outros, para olhar na direção indicada.

Quando ele se voltou, o cara-de-rato tirou um revólver do cinto e disparou-lhe nas costas, à queima-roupa.

O gigante levantou as mãos acima da cabeça, os joelhos dobraram-se e sem um grito tombou de bruços na areia, morto. A detonação da arma, a primeira que Tarzan ouvira alguma vez, encheu-o de espanto, mas nem mesmo esse som estranho sobressaltou os seus nervos saudáveis, causando-lhe qualquer sombra de receio. No entanto o procedimento dos desconhecidos brancos era, para ele, origem de profunda perturbação. Franziu o cenho, pensando atentamente. Fizera bem em não ter cedido ao seu primeiro impulso de correr e saudar aqueles homens brancos, como irmãos.

Era evidente que não existiam diferenças entre eles e os negros selvagens... não eram mais civilizados do que os macacos, nem menos cruéis do que Sabor.

Por momentos os outros ficaram olhando para o cara-de-rato e para o gigante caído na areia, morto. Então um deles riu e deu uma palmada nas costas do

traíçoeiro assassino.

Continuaram falando e a gesticular, mas sem discutir. Depois empurraram o bote para a água, saltaram dentro dele e afastaram-se, remando, na direção do navio, em cujo convés Tarzan podia ver outros vultos que se moviam.

Quando os homens subiram a bordo, Tarzan saltou para o chão, escondido com um tronco, e deslizou para dentro da barraca...onde verificou que tudo havia sido revolido. Os livros e os lápis estavam espalhados pelo chão. As armas, e os escudos, e outras pequenas coisas que constituíam o seu tesouro, estavam caídas também.

Ao ver o que eles tinham feito, uma grande cólera invadiu Tarzan, e a cicatriz na testa tornou-se avermelhada na pele morena. Rápido, correu para o armário e procurou no fundo da prateleira inferior. Solto um suspiro de alívio ao encontrar a pequena caixa de metal, e abrindo-a viu que os seus maiores tesouros não haviam sido tocados. A fotografia do homem novo, do sorriso alegre e bondoso, e o pequeno livro cheio de misteriosas palavras, estavam intactas.

Mas... que era aquilo? O ouvido apurado de Tarzan captara um som leve mas desconhecido. Correndo para a janela, Tarzan viu que estavam descendo, do navio, um outro bote, além daquele que estava já na água. Logo depois viu vários vultos que saíam do navio e tomavam lugar nos botes.

Voltavam, e agora em maior número. Por momentos Tarzan continuou a observar, enquanto caixas e pacotes eram também descidos para os botes. Então, quando estes começavam a afastar-se do navio, Tarzan apanhou um pedaço de papel e, com um lápis, desenhou algumas linhas de caracteres de imprensa, fortes e quase perfeitos. Pregou o papel na porta da barraca, com uma lasca de madeira aguçada - e apanhando a sua preciosa caixa, as setas, tantos arcos e lanças quantos podia transportar, transpôs a porta e desapareceu na floresta.

Quando os dois barcos vararam na areia dourada, uma estranha mistura de gente desembarcou. Eram cerca de vinte criaturas, ao todo, quinze delas com a rude e brutal aparência de homens do mar. As outras cinco eram de uma espécie bem diferente.

Uma era um homem idoso, com cabelos brancos e óculos de aros grossos. Os seus ombros, ligeiramente curvados, estavam envolvidos num casaco comprido, mal ajustado ao corpo mas de imaculada limpeza... e usava um lustroso chapéu de seda que acrescentava mais ainda a incongruência do traje numa selva africana. O segundo membro do grupo era um homem novo e alto, vestido de branco, e logo atrás dele vinha outro sujeito idoso, de testa muito alta e modos excitados.

Depois destes vinha uma negra corpulenta, vestida de cores berrantes. Os seus

olhos grandes moviam-se, num terror evidente, primeiro fitando a selva e a seguir fitando os marinheiros que descarregavam as caixas e pacotes vindos no barco.

O último componente do grupo era uma jovem com cerca de dezenove anos, e foi o rapaz de branco, à proa do bote, quem a levantou no ar e a depôs brandamente sobre a areia seca. Ela esboçou um lindo e corajoso sorriso de agradecimento, mas nenhum deles falou. Em silêncio, todo o grupo avançou na direção da barraca. Era evidente que, quaisquer que fossem as suas intenções, tudo havia sido decidido antes de deixarem o navio. Aproximaram-se da porta da barraca, os marinheiros transportando as caixas e os pacotes, e mais atrás os outros cinco, tão diferentes deles. Os marinheiros pousaram as cargas, e então um avistou o aviso que Tarzan colocara.

- Que é isto aqui, camaradas?... - exclamou ele.

- Este papel não estava aqui há uma hora, pelas barbas do diabo!

Os outros marinheiros juntaram-se, espreitando por cima dos ombros dos primeiros, mas porque poucos deles sabiam ler – e os que sabiam só o faziam com grande dificuldade – um voltou-se para o velho do chapéu alto.

- Ei, professor!... - bradou. - Venha cá ler este raio desta coisa!

O sujeito idoso aproximou-se, devagar, do grupo de marinheiros, seguidos pelos outros quatro. Ajeitou os óculos, olhou para o papel e afastou-se, murmurando em voz baixa:

- Notável... Muito notável!

- Eh, velho fóssil!.. - gritou o marinheiro que o havia chamado. - Você pensa que o chamei para você ler para si? Venha cá e leia em voz alta, velho lagostim! O sujeito idoso parou e logo voltou para trás, dizendo:

- Oh! Claro, com certeza, meu caro... Mil desculpas. Foi uma distração minha, evidentemente. Notável... Muito notável! Voltou a ler, e sem dúvida teria se afastado novamente se o marinheiro o não agarrasse pela gola, berrando:

- Leia em voz alta, velho idiota de uma figa!

- Oh! Claro, claro... com certeza... - balbuciou o professor, ajeitando outra vez os óculos antes de ler em voz alta:

“ESTA É A CASA DE TARZAN, VENCEDOR DE FERAS E DE MUITOS NEGROS. NÃO ESTRAGUEM AS COISAS QUE PERTENCEM A TARZAN, TARZAN VIGIA. Tarzan dos Macacos”!

- Mas quem raio é Tarzan?... - grunhiu o marinheiro que até então tinha falado.

- É evidente que fala inglês... - comentou o jovem vestido de branco.

- Mas que quer dizer Tarzan dos Macacos?... - quase chorou a moça.

- Não sei, miss Porter... - respondeu o jovem... - a não ser que tenhamos encontrado um macaco fugido do Zôo de Londres... que trouxesse uma educação inglesa para o seu lar na selva. Que lhe parece, professor Porter?... - acrescentou, voltando-se para o homem idoso.

O professor Arquimedes Q. Porter voltou a endireitar os óculos.

- Oh, claro... realmente... Sim, claro... Muito notável! Mas nada mais posso acrescentar ao que já disse para elucidar este caso momentoso... - e o professor voltou-se lentamente na direção da selva.

- Mas, pai... - exclamou a moça. - você ainda não disse nada!

- Tut, tut, criança... tut, tut... - respondeu o professor num tom bondoso e indulgente. - Não preocupe a sua linda cabecinha com complicados e absurdos problemas... -e de novo se afastou, devagar mas agora em outra direção, os olhos fitos no terreno a seus pés, as mãos cruzadas sob as abas do fraque.

- Eu penso que o velho imbecil não sabe mais do que nós... -declarou o marinheiro que tinha cara de rato.

- Fale delicadamente! - bradou o jovem, empalidecendo de cólera ao ouvir as palavras insultantes do marinheiro. - Vocês assassinaram os nossos oficiais e roubaram-nos! Nós estamos em vosso poder... Mas você vai tratar o professor Porter e miss Porter com o devido respeito, ou o mato com as minhas mãos, quer esteja armado quer não!...-E o jovem aproximou-se tanto do cara-de-rato que este, embora armado com dois revólveres e uma faca, recuou. - Não passa de um miserável covarde, e não se atreveria a disparar sobre alguém a não ser pelas costas. Não se atreve a disparar contra mim, mesmo nessas condições... - concluiu o rapaz, voltando as costas ao marinheiro e afastando-se tranqüilamente, para o experimentar.

A mão do marinheiro deslizou, sorrateira, para a coronha de um dos seus revólveres. Os olhos malévolos fitavam com raiva as costas do jovem inglês. Os seus companheiros fitavam-no, mas ele hesitava ainda. No fundo, era ainda mais covarde do que William Cecil Clayton julgara.

Dois olhos atentos vigiavam todos os movimentos do grupo, por entre a folhagem de uma árvore próxima. Tarzan vira a surpresa causada pelo seu aviso, e embora não pudesse entender a linguagem falada daquela estranha gente, os gestos e as expressões diziam-lhe muito. O ato do cara-de-rato, ao matar pelas costas um dos seus companheiros, provocara uma forte hostilidade em Tarzan, E agora, que o vira discutir com aquele jovem de tão bom aspecto, a sua animosidade acentuava-se ainda mais.

Tarzan nunca vira, antes, os efeitos de uma arma de fogo, embora os seus livros

lhe tivessem ensinado alguma coisa sobre elas, mas quando viu o cara-de-rato pousar a mão na coronha do revólver, pensou na cena que presenciara pouco tempo antes – e naturalmente compreendeu que o jovem ia morrer como tinha morrido o corpulento marinheiro.

Assim, colocou uma seta no arco e apontou para o assassino, mas a folhagem era tão densa que a seta seria decerto desviada por algum pequeno ramo. Pousou o arco, agarrou uma das compridas lanças e arremessou-a.

Clayton tinha dado meia dúzia de passos; o cara-de-rato empunhara o seu revólver; os outros olhavam. O professor Porter já desaparecera na selva, seguido pelo agitado Samuel T. Philander, seu secretário e assistente. Esmeralda, a negra, estava ocupada escolhendo, de entre as pilhas de pacotes e caixas junto da barraca, as bagagens da sua senhora, e miss Porter voltara-se para seguir Clayton quando qualquer coisa a fez olhar para trás, na direção do marinheiro. E então três coisas aconteceram quase simultaneamente.

O marinheiro levantou a arma e apontou-a para as costas de Clayton, miss Porter soltou um grito - e uma comprida lança, com uma ponta metálica, surgiu como um raio, vinda de cima, e atravessou de lado a lado o ombro direito do cara-de-rato.

O revólver detonou inofensivamente, para o ar, e o marinheiro caiu com um brado de dor e de apavorada surpresa. Clayton voltou-se e correu. Os outros marinheiros, de armas em punho, tinham-se agrupado, aterrorizados, e olhavam para a selva. O ferido gemia e retorcia-se, no chão. Clayton, sem que o vissem, apanhou o revólver caído e meteu-o sob a camisa.

Depois fez como os marinheiros e olhou, espantado, na direção da floresta.

- Quem poderia ter sido?...- sussurrou Jane Porter, de olhos muito abertos, ao lado de William Clayton.

- Suponho que Tarzan dos Macacos está realmente alerta... - respondeu ele, num tom de dúvida. - Mas na verdade não sei para quem seria apontada aquela lança. Se foi para Snipes, então o homem da selva é de fato um amigo. Mas... por Deus! Onde estão o seu pai e o sr. Philander? Há alguma coisa ou alguém, na selva, e seja quem for está armado... Eh! Professor! Sr. Philander!... - bradou Clayton. Não obtendo resposta, olhou preocupado para a moça e acrescentou: -Que podemos fazer, miss Porter? Não é possível deixá-la aqui, sozinha com estes bandidos... e por outro lado não pode aventurar-se na selva, comigo. No entanto é preciso que alguém vá procurar seu pai. É mais do que capaz de vaguear sem rumo, indiferente ao perigo e ao caminho, e o sr. Philander é apenas ligeiramente menos prático do que ele. Desculpe a minha franqueza, mas as nossas vidas estão em grande risco, e quando conseguirmos encontrar seu pai é preciso fazer alguma coisa que lhe dê a entender

os perigos a que se expõe, e a expõe também, em consequência da sua distração permanente...

- Estou de acordo consigo e não me ofendeu... - retorquiu a moça. - Meu pai sacrificaria a vida por mim, sem a menor hesitação... sob condição de poder pensar em tão insignificante assunto durante um momento. Há apenas uma forma de tê-lo em segurança... e é amarrá-lo a um tronco. Não tem o menor sentido prático...

- Tenho uma idéia... - disse Clayton. - Sabe utilizar um revólver, não?

- Sim... Porquê?

- Tenho um... Com a arma, você e Esmeralda estarão em relativa segurança, na barraca, enquanto eu procuro seu pai e o sr. Philander. Chame essa mulher, para que eu possa afastar-me. Eles não devem estar longe.

Jane recebeu o revólver, fez o que Clayton lhe dizia..., e quando este último viu a porta fechar-se atrás delas, voltou-se para a selva. Alguns dos marinheiros estavam arrancando a lança do ombro do ferido. Clayton aproximou-se e perguntou se podiam emprestar um revólver para ir procurar o professor.

O cara-de-rato, ao verificar que não estava morto, tinha recuperado a sua ferocidade covarde, e com uma série de furiosas pragas dirigidas a Clayton, recusou, em nome dos outros, ceder qualquer arma.

Snipes, assim se chamava, tomara o lugar de chefe depois de ter assassinado o gigante, e tão pouco tempo decorrera, desde então, que nenhum dos outros havia ainda discutido a sua autoridade.

A única resposta de Clayton foi um encolher de ombros, mas antes de partir apanhou a lança que ferira Snipes e, armado dessa maneira primitiva, o filho do então Lord Greystoke internou-se pela selva densa. Repetidas vezes chamou em voz alta pelos desaparecidos. As duas mulheres, na barraca da praia, ouviram a sua voz afastar-se gradualmente, até ser abafada pelos mil ruídos da floresta primitiva.

Quando o professor Porter e o seu assistente Philander, depois de muita insistência por parte do segundo, retomaram finalmente o caminho que supunham conduzir à praia, estavam completamente perdidos no labirinto selvagem da floresta densa, tão perdidos quanto era possível a qualquer criatura humana - embora ambos o ignorassem. Foi por simples acaso da sorte que tomaram a direção da costa ocidental, em vez de se encaminharem para Zanzibar, no outro lado do continente negro.

Quando, algum tempo depois, chegaram a uma praia – não conseguiram avistar qualquer barraca, nem sinais de vida.

Philander tinha certeza de que se encontravam a norte do lugar de onde haviam

partido, quando na verdade estavam apenas a duzentos metros para o sul desse ponto.

Nenhum dos dois irremediáveis teóricos teve a simples idéia prática de gritar, para tentar atrair a atenção dos seus amigos. Em vez disso, com a perfeita segurança que o raciocínio dedutivo, mesmo a partir de uma base errada, dá a quem o pratica, o sr. Samuel T. Philander agarrou um braço do professor Arquimedes Q. Porter e conduziu-o para o sul, apesar dos débeis protestos do velho cientista. A direção geral do caminho que seguiam era a da cidade do Cabo, a apenas mil e quinhentas milhas de distância - embora lhes fosse possível, o que apenas vagamente sabiam, encontrar antes disso alguns lugares civilizados.

Quando Jane e Esmeralda se encontraram em segurança por detrás da porta da barraca, o primeiro pensamento da negra foi barricar a entrada pelo lado de dentro. Com esta idéia em mente voltou-se, para procurar meios de colocá-la em execução.

Mas, ao primeiro olhar que relanceou em volta, soltou um grito de pavor e, como uma criança pequena, a robusta mulher foi esconder a cara no ombro de Jane. Esta, voltando-se também ao ouvir o grito, compreendeu a causa: estendido no chão, diante delas, estava o esqueleto esbranquiçado de um homem... e havia outro esqueleto estendido sobre a cama.

- Em que horrível lugar nos encontramos?... - exclamou a jovem, pasmada mas sem qualquer expressão de pânico.

Por fim, libertando-se de Esmeralda que continuava a gritar, Jane dirigiu-se ao pequeno berço junto da cama, sabendo o que ia encontrar mesmo antes de ver o pequeno esqueleto em toda a sua patética fragilidade. Que terrível tragédia revelavam aqueles pobres ossos! A jovem estremeceu ao pensar nos acontecimentos que podiam esperá-la, e aos seus amigos, naquela barraca de má sorte, talvez visitada por misteriosas criaturas hostis. Depressa, batendo no chão, impaciente, com os seus pequenos pés, tratou de sacudir as idéias sombrias e, voltando-se para Esmeralda, mandou-a calar-se.

- Pare com isso, Esmeralda! Pare imediatamente! Está tornando tudo pior do que é...

Mas a sua voz, ao princípio vibrante e resoluta, terminou em tom mais baixo, com uma pequena tremura, quando Jane pensou nos três homens, dos quais elas dependiam para defesa e proteção, e que vagueavam nas profundidades da selva. Pouco depois, a jovem verificou que a porta estava munida de uma pesada tranca de madeira, no lado de dentro, e ao cabo de esforços conjugados as duas mulheres conseguiram colocar a tranca no seu lugar - pela primeira vez nos últimos vinte anos. Então sentaram-se num banco, nos braços uma da outra - e esperaram.

CAPÍTULO 14

À mercê da selva

Depois de Clayton ter desaparecido na floresta, os marinheiros, amotinados do Arrow, puseram-se a discutir sobre o que fariam a seguir. Numa coisa estavam de acordo, todos eles, e era em voltarem imediatamente para bordo do Arrow, onde ao menos estariam ao abrigo de inimigos invisíveis que atiravam lanças. E assim, enquanto Jane Porter e Esmeralda se trancavam na casa de madeira, os covardes rufiões remavam apressadamente para o Arrow, nos dois botes que os haviam levado para terra.

Tarzan tinha visto, em curto espaço de tempo, tanta coisa nova... que a sua cabeça era um turbilhão de maravilhado espanto.

Mas a coisa mais maravilhosa de todas, para ele, era a face da linda moça branca. Ali estava alguém, pelo menos, que era da sua própria espécie. Disso tinha certeza; e o homem novo, e também os dois homens idosos. Esses correspondiam igualmente à idéia que ele fizera da sua gente.

Mas sem dúvida eram tão ferozes e cruéis como os outros homens que ele tinha visto. O fato de serem os únicos que não tinham armas, podia explicar que os não visse matar algum dos outros. Seriam seguramente diferentes se tivessem armas.

Tarzan vira que o homem novo havia apanhado o revólver caído da mão do carade-rato, e o escondera junto da pele. E também o vira entregar a arma à moça, quando ela tinha entrado na barraca.

Nada compreendia quanto às causas do que tinha visto; mas, fosse como fosse, gostava do rapaz e dos dois velhos, e quanto à jovem sentia uma impressão estranha, que não podia definir. A negra gorda devia ter qualquer ligação com a moça, e assim Tarzan também gostava dela.

Pelos marinheiros, e em especial por Snipes, sentia um profundo ódio. Compreendera, pelos gestos de ameaça e pelas expressões de maldade, que eram inimigos dos outros - e assim resolveu vigiar de perto. Tarzan não sabia por que razão os homens se haviam internado na selva, mas nunca pensou que alguém pudesse se perder na espessura do mato, que para ele era tão sem segredos como, para nós, a rua que conduz à nossa casa.

Quando viu os marinheiros afastarem-se na direção do navio, e se convenceu de que a jovem e a sua companheira estavam em segurança na barraca, Tarzan seguiu o rapaz que desaparecera na selva, com a idéia de ver o que ele iria fazer. Saltou de ramo em ramo, na direção que Clayton tomara, e não tardou a ouvir, a distância, os

brados com que ele chamava os seus companheiros. Pouco depois Tarzan alcançou o homem branco, sem se mostrar, e viu-o apoiado a um tronco, limpando o suor da testa, ofegante e esgotado.

Escondido atrás da folhagem densa, o filho da selva observou atentamente aquele exemplar da sua raça. De quando em quando, Clayton chamava os seus companheiros, e Tarzan compreendeu que ele andava em busca dos mais velhos. Preparava-se para ir também em procura deles, quando distinguiu o movimento furtivo de um corpo delgado e peludo, que atravessava a selva na direção de Clayton. Era Sheeta, a pantera.

Tarzan podia ouvir o leve dobrar das ervas sob as patas de Sheeta, e espantou-se ao ver que o rapaz branco não captava o aviso. Seria possível que não o ouvisse? Nunca, antes, o filho da selva vira Sheeta avançar tão despreocupadamente sobre uma presa.

Não, o homem branco não ouvia. Sheeta curvava-se para saltar... quando, poderoso e terrível, o grande brado de desafio dos macacos, rasgou o silêncio da floresta. Sheeta deu meia volta, rápida, e desapareceu no mato. Clayton endireitou-se, sentindo o sangue gelar nas veias.

Em toda a sua vida, nunca ouvira um som tão estranho e aterrador. Não era um covarde, mas, se algum homem sentiu os dedos frios do medo apertarem-lhe o coração, William Cecil Clayton, filho mais velho do então Lord Greystoke, foi esse homem, nesse dia, na obscuridade da selva africana.

O ruído de um corpo aparentemente grande, atravessando o mato, tão perto dele, e o ressoar daquele espantoso brado que vinha da espessura das árvores, puseram à prova a coragem de Clayton. Mas ele não podia saber que devia a vida a essa voz poderosa, nem que a criatura que soltara o brado era seu primo - o verdadeiro Lord Greystoke.

A tarde findava, e Clayton, cansado e desanimado, sentia-se dilacerado pela dúvida, quanto ao que poderia ou deveria fazer... se continuar em busca do professor Porter, com a certeza de perder a vida na selva, durante a noite... ou se voltar à barraca onde, ao menos, serviria para proteger Jane contra os perigos que a ameaçavam por todos os lados. Não queria voltar sem ter encontrado o pai da jovem... mas apavorava-o a idéia de deixá-la indefesa, entregue aos amotinados do Arrow e aos perigos desconhecidos da selva.

Era também possível que o professor e Philander tivessem voltado. Sim, isso era o mais provável. Pelo menos devia ir verificar a possibilidade, antes de continuar o que parecia ser uma busca inútil. Começou a caminhar através da selva, na direção em que supunha estar a barraca.

Com grande surpresa, Tarzan viu-o avançar numa direção que provavelmente o levaria, quase a direito, à aldeia de Mbonga.

Compreendeu no mesmo instante que o rapaz estava desorientado, perdido. Para Tarzan, era quase incompreensível. O seu raciocínio dizia-lhe que nenhum homem caminharia para a aldeia dos cruéis negros, armado apenas com uma lança, que a julgar pela forma desajeitada como a empunhava, devia ser uma arma a que não estava habituado. Também não ia seguindo a pista dos dois outros homens. Tinha-a atravessado bastante antes e afastara-se dela, embora para Tarzan essa pista fosse claramente visível.

O filho da selva sentia-se perplexo. A selva destruiria em pouco tempo aquele homem, se não fosse guiado na direção da praia. Sim, ali estava Numa, o leão, que o espreitava a uma distância não maior que doze passos. Clayton, desta vez, ouviu a fera que avançava por um caminho paralelo ao seu... e ouviu o poderoso rugido. Parou, erguendo a lança e voltando-se para o mato, na direção de onde o rugido viera.

As sombras tornavam-se mais densas, a noite descia. Deus! Ia morrer ali, sozinho, entre as garras de uma fera, dilacerado e rasgado, sentindo o hálito quente do animal bafejar-lhe a cara, enquanto uma das enormes patas o imobilizava? Por um instante tudo ficou imóvel. Clayton parecia transformado em pedra, empunhando a lança. Depois um leve ruído, quando o leão se preparou para saltar. E Clayton avistou o grande corpo ágil e musculoso, a juba espessa, O leão quase rastejava, roçando o ventre pelo terreno.

Parou, a uns seis metros de distância, firmando as patas no chão, para saltar. O homem esperava, com medo de atirar a lança, sem possibilidade de fugir.

Ouviu um rumor nas árvores, acima dele. Pensou que algum outro perigo o ameaçava, mas não se atreveu a desviar os olhos reluzentes, amarelados, da fera. Distinguiu um som agudo e breve, como o que faria, ao quebrar-se, bruscamente, a corda de uma guitarra, e no mesmo instante uma curta flecha apareceu cravada no dorso peludo do leão. Com um rugido de raiva e de dor, a fera saltou... Sem saber como, por instinto, Clayton desviou o corpo... e quando se voltou para enfrentar de novo o poderoso animal, ficou olhando, espantado. Quase no mesmo instante em que o leão ia saltar pela segunda vez, um gigante meio nu caiu da árvore, exatamente sobre ele. Com fulminante rapidez, um braço moreno que parecia todo feito de músculos, agarrou o pescoço da fera, levantando-a com a mesma facilidade com que Clayton teria levantado um pequeno cão de estimação.

A cena que então se passou, na obscuridade quase completa, ficou gravada para sempre na mente do inglês. O homem que estava na sua frente era a personificação da perfeição física e da força muscular. Todavia, não foram esses atributos que lhe

valeram na luta, porque Numa, o leão, era mais poderoso. O que lhe deu a vitória foi o raciocínio, uma espantosa agilidade e a lâmina comprida e afiada de uma faca de caça. O braço direito apertava o pescoço da fera, enquanto a mão esquerda mergulhava a faca, repetidas vezes, no flanco desprotegido do animal, atrás da espádua esquerda. O leão, erguido nas patas traseiras, rasgava o ar, inutilmente, com as suas grandes garras. Se a luta tivesse durado um pouco mais, o resultado poderia talvez ter sido diferente, mas tudo se passara com tal rapidez que o leão tombou, ferido de morte, antes de ter conseguido refazer-se da surpresa.

Então o estranho homem pôs-se de pé sobre a bela e selvagem carcaça e, inclinando a cabeça para trás soltou novamente o poderoso brado que um momento antes tanto sobressaltara Clayton. O inglês não conseguia dominar o seu espanto.

Tinha a sua frente um homem muito novo, tendo apenas uma curta tanga de pele de gamo a velar-lhe a nudez, e alguns adornos bárbaros em volta das pernas e dos braços. Sobre o peito, um medalhão cravejado de diamantes reluzia na pele morena. A faca de caça voltara para a bainha, e o desconhecido apanhava agora o arco e as setas, que atirara para o chão antes de atacar a fera.

Clayton falou-lhe, em inglês, agradecendo-lhe a corajosa intervenção e cumprimentando-o pela destreza, e espantosa força, que demonstrara... mas a única resposta foi um olhar firme e um vago encolher dos poderosos ombros - o que podia significar descaso pelo serviço prestado, ou simplesmente ignorância da língua.

Tendo colocado ao ombro o arco e a aljava, o filho da selva - Clayton não sabia como classificá-lo -, voltou a empunhar a faca e, habilmente, cortou várias tiras de carne da carcaça do leão. Então, sentando-se sobre os calcanhares, começou a comer, depois de indicar por gestos, a Clayton, que comesse também. Os fortes dentes muito brancos cravavam-se na carne crua, com aparente prazer, mas Clayton não conseguiu imitá-lo. Observava-o agora, e a certa altura teve a idéia de que o estranho jovem poderia ser Tarzan dos Macacos, cujo aviso ele vira na porta da barraca, nessa mesma manhã. Se fosse, então devia falar inglês.

Clayton tentou novamente falar com o seu salvador. Mas as respostas, embora orais, eram dadas numa estranha linguagem que lembrava o tagarelar dos macacos, de mistura com o grunhir das feras.

Não, aquele homem não podia ser Tarzan dos Macacos, porque era evidente o seu desconhecimento do inglês.

Quando Tarzan acabou a sua refeição, levantou-se e, apontando numa direção muito diferente da que Clayton seguira até ali, pôs-se a caminho. Clayton, espantado e confuso, hesitou em segui-lo, pensando que o seu estranho companheiro o queria conduzir mais para o interior da floresta. Mas o jovem selvagem - assim parecia

claramente ao inglês, agora – notando a hesitação, voltou atrás e agarrou-o pelo casaco, puxando-o até se convencer de que Clayton compreendera que devia segui-lo. Então deixou-o, para que ele o seguisse voluntariamente.

O inglês julgou compreender que estava prisioneiro e que não tinha outra solução que não fosse seguir o seu captor.

Assim, caminharam lentamente através da selva, enquanto a escuridão se tornava cada vez mais densa. Os passos leves das feras, na espessura, misturavam-se com os gritos dos animais noturnos, que Clayton sentia rodearem-no na treva. De repente, o inglês ouviu a detonação distante de uma arma de fogo - e depois o silêncio.

Na barraca da praia, duas mulheres apavoradas agarravam-se uma à outra, encolhidas, enquanto a noite as envolvia. A negra soluçava histericamente, amaldiçoando o dia em que partira da sua distante Maryland, enquanto a jovem branca, de olhos enxutos e dominando os nervos tanto quanto podia, se sentia invadida pelo medo e por sombrios pressentimentos. Não receava mais por ela, todavia, do que pelos três homens que sabia vaguearem nas insondáveis profundezas da selva - de onde chegavam até ela, quase incessantemente, ecos de gritos e de rugidos dos animais ferozes que caçavam na noite.

Foi então que ouviram o som surdo de uma forte pancada contra um dos lados da barraca. Jane pôde distinguir o rumor de grandes patas, no terreno lá fora. Por instantes fez-se silêncio, e a própria selva parecia ter-se aquietado. Depois ouviu distintamente a fera a farejar a porta, a dois passos do ponto onde ela e Esmeralda se encontravam. Estremeceu e aproximou-se mais da mulher.

- Cale-se... -sussurrou. - Cale-se, Esmeralda. Parecia-lhe que os soluços e os gemidos da negra haviam atraído a atenção do animal que andava na noite, e do qual apenas a parede as separava.

Som de garras que arranhavam a porta. A fera tentava forçar a entrada. Mas o som interrompeu-se, e novamente distinguiram o rumor de passos. O rumor deteve-se em frente da janela, onde os olhos de Jane se fixaram angustiosamente.

- Meu Deus!... -murmurou, ao ver o vulto que se desenhava através dos rijos ramos fortemente entrançados, sobre o fundo claro do luar que iluminava o mar e a praia. Era a cabeça de uma enorme leoa, cujos olhos amarelos e fosforescentes espreitavam.

- Esmeralda, olhe! Pelo amor de Deus... que vamos fazer? Olhe..., a janela!

Esmeralda fitou o retângulo enluarado - no momento exato em que a leoa rugia. Murmurou, apavorada:

- Oh, São Gabriel!... - e caiu no chão, sem sentidos.

Durante o que pareceu a Jane uma eternidade, a fera ficou imóvel, as patas pousadas na base da janela, olhando. Depois experimentou o entrançado, com as garras. Jane quase tinha deixado de respirar... quando a leoa deixou a janela. Mas não tardou que voltasse a arranhar a porta, desta vez com mais força, parecendo enfurecida ao encontrar resistência. Jane não conhecia a tremenda resistência daquela porta, laboriosamente construída. Se a conhecesse, teria menos medo de que a fera conseguisse entrar por ali. John Clayton, ao construir tal porta, também não teria podido imaginar que, vinte anos mais tarde, uma linda moça americana, ainda por nascer, nessa altura, viria um dia a ser protegida das garras de uma fera, em consequência do seu trabalho. Durante quase meia hora a leoa farejou e arranhou a porta, alternadamente. Por fim desistiu e Jane ouviu que se aproximava novamente da janela, sob a qual se imobilizou por um instante antes de saltar, com todo o seu peso, contra o engradado. Jane ouviu que os ramos rangiam sob o choque. No entanto, embora talvez enfraquecidos pelo tempo, resistiram, e a leoa caiu no chão. Mas uma vez mais, e outra, a fera repetiu o seu ataque – até que, finalmente, Jane, apavorada, viu que uma parte do engradado cedia. No instante seguinte, o focinho e uma das enormes patas da leoa surgiram na abertura. Devagar, o poderoso pescoço foi empurrando, quebrando os fortes ramos. O corpo enorme não tardaria a passar. Como que em transe, hipnotizada, a jovem erguera-se e fitava os olhos da leoa. Por fim gritou, sacudindo a negra:

- Esmeralda! Ajude-me, ou estamos perdidas!

A negra abriu os olhos... e a primeira coisa que viu foi o focinho da fera. Bradou, num tom agudo:

- Oh, meu São Gabriel!

A pobre mulher pesava uns bons cento e quarenta quilos... e sem forças nem coragem para se pôr de pé, engatinhou pesadamente na direção de um armário, onde, antes de desmaiar novamente, não conseguiu introduzir senão a cara. No entanto, o grito e a grotesca fuga tinham surpreendido a leoa, que por instantes se imobilizou. Com o novo desmaio de Esmeralda, porém, a fera retomou os seus esforços para passar pela abertura. Pálida, encostada à parede ao fundo da casa, Jane via o buraco alargar-se, lenta mas inexoravelmente.

Num gesto de angústia levou as mãos ao peito... e foi então que sentiu os contornos da arma que Clayton lhe entregara e ela havia escondido sob a blusa. Rápida, empunhou o revólver e, apontando-o para a cabeça da leoa, apertou o gatilho. Houve um jato de fogo, o estrondo da detonação e um rugido de dor soltado pela leoa. Jane Porter viu a cabeça da fera desaparecer da abertura... e então deixou cair o revólver, e desmaiou também.

Mas a leoa não estava morta. A bala apenas lhe abrira uma dolorosa ferida na

espádua. Fora a surpresa, juntamente com o clarão súbito do tiro e a ressoante detonação, que a tinham feito recuar momentaneamente. No instante seguinte estava de novo tentando forçar a passagem, com redobrada fúria mas com menor poder, pois o membro ferido ficara quase inutilizado.

Via a sua presa, as duas mulheres imóveis, estendidas no chão. Não havia mais resistência a vencer... a carne que ela desejava estava ao seu alcance. Era só preciso passar...

Passou a cabeça, passou uma das enormes patas. Cautelosamente, adiantou a outra pata, do lado em que fora ferida. Um instante mais e a fera estaria dentro da barraca. Foi isso o que Jane viu, logo que reabriu os olhos...

CAPÍTULO 15

O deus da floresta

Quando Clayton ouviu o eco de um tiro distante, sentiu-se invadido pela angústia. Sabia que podia ter sido disparado por um dos marinheiros... mas o fato de haver dado o revólver a Jane, juntamente com a tensão dos seus próprios nervos, deu-lhe a certeza de que a jovem corria grande perigo. Talvez naquele exato momento estivesse tentando defender-se contra homem ou fera. Clayton apenas podia fazer conjecturas sobre o que estaria pensando o seu captor. Mas tinha ouvido também a detonação e, de algum modo, parecia impressionado por isso, porque apressou o passo de tal forma que Clayton, sem ver o caminho, caiu duas dezenas de vezes numa dezena de minutos... Incapaz de acompanhar o passo do filho da selva foi ficando cada vez mais para trás. Receando ficar irremediavelmente perdido, chamou em voz alta e teve a satisfação de ver o seu guia saltar para o chão, levemente, a seu lado, vindo dos ramos das árvores.

Por momentos, Tarzan olhou-o atentamente, como que hesitando sobre a melhor coisa a fazer. Mas logo, curvando-se diante de Clayton, indicou-lhe por gestos que se agarrasse ao seu pescoço. Um momento depois, levando às costas

o jovem inglês, Tarzan saltou para as árvores.

Clayton nunca mais esqueceria aqueles minutos que se seguiram. A uma altura que lhe pareceu vertiginosa, foi transportado com espantosa rapidez pelo homem da selva, que saltava de ramo em ramo com fantástica velocidade, passando de uma árvore para a outra, suspenso por cipós ou de ramos que balançavam e que Tarzan agarrava sempre, embora o luar mal conseguisse passar através do espesso dossel de folhas. Depois da primeira sensação de medo, Clayton passou para um sentimento de pasmada admiração, e de inveja por aqueles formidáveis músculos - e pelo instinto ou conhecimento que parecia guiar o deus da floresta através da escuridão quase total, tão fácil e seguramente como ele encontraria o seu caminho numa bem iluminada rua de Londres.

Só aqui e além o luar penetrava na selva, iluminando, aos olhos espantados de Clayton, a estranha pista que seguiam. Em tais alturas, o jovem inglês sentia a respiração faltar-lhe ao olhar para o que lhe parecia um abismo, embaixo. Tarzan avançava pelo caminho mais fácil para ele, entre a folhagem menos espessa -e isso significava, por vezes, mais de trinta metros acima do chão.

Todavia, apesar de Clayton julgar que avançavam mais depressa do que o vento, Tarzan ia relativamente devagar, escolhendo a passagem ao longo de ramos que pudessem suportar o duplo peso. Alcançaram finalmente a clareira antes da praia.

O apurado ouvido de Tarzan reconheceu prontamente o ruído feito pelas patas de Sabor ao arranhar o engradado da janela, com as suas grandes garras. Clayton, nesse momento, teve a impressão de que o filho da selva mergulhava, levando-o, de uma altura de várias dezenas de metros, tão rápida foi a descida de Tarzan. No entanto mal sentiu algum abalo quando tocaram no terreno. E, quando o inglês se desprende dele, Tarzan correu como um gamo para o outro lado da barraca. O inglês seguiu-o, a tempo de ver o corpo de uma fera que se introduzia através da janela e só tinha do lado de fora as patas traseiras e a longa cauda.

Quando Jane abriu os olhos e compreendeu o perigo que a ameaçava, o seu corajoso coração perdeu os últimos restos de esperança. Mas foi então que, com maravilhado espanto, viu que a leoa era lentamente puxada para trás - e distinguiu lá fora, ao luar, as cabeças e os ombros de dois homens.

Quando Clayton deu também a volta à barraca e avistou parte do corpo da fera, viu também o seu fantástico companheiro que, tendo agarrado com as duas mãos a cauda da leoa, fincara os pés na parede da barraca para, com a sua força incomparável, puxar o animal. Clayton ajudou-o no mesmo instante, e o homem da selva disse qualquer coisa que ele não entendeu mas que, a julgar pelo tom imperioso, devia ser uma ordem.

Por fim, os esforços combinados, de ambos, conseguiram arrastar para fora o corpo peludo da leoa... e só nesse instante surgiu na mente de Clayton uma idéia ainda vaga sobre a coragem magnífica daquele homem. Quase nu, servindo-se apenas das mãos, a estranha criatura puxava pela cauda uma enorme fera, devoradora de homens, para salvar uma moça que não conhecia sequer. Era, em verdade, a última palavra em heroísmo. Pelo que dizia respeito a Clayton, o caso era diferente - porque, para ele, tratava-se da mulher a quem amava. Embora soubesse que a leoa os mataria a ambos, tinha-a puxado com todas as suas forças, para salvar Jane Porter. Mas nesse momento redobrou a luta entre o seu companheiro e o grande leão de juba negra... e começou a sentir-se mais seguro. Tarzan continuava a gritar ordens que Clayton não conseguia compreender.

Tentava dizer ao estúpido homem branco para cravar as flechas envenenadas no dorso e nos flancos de Sabor, e para tentar feri-la no coração com a comprida faca que ele trazia à cintura.

Mas o homem não entendia e Tarzan não se atrevia a largar a cauda da leoa para fazer ele próprio essas coisas - pois sabia que o fraco homem branco nunca poderia, sozinho, segurar a poderosa Sabor, por um instante que fosse. Lentamente, a leoa ia emergindo da janela. Por fim, as espáduas passaram.

Então Clayton assistiu a uma inacreditável proeza. Tarzan, que furiosamente

procurava a maneira de dominar, sozinho, a fera enraivecida, lembrara-se bruscamente da sua luta com Terkoz. E, quando as poderosas espáduas saíram pela janela à qual Sabor ficara ainda segura com as garras, Tarzan largou de repente a cauda do animal.

Com a rapidez de ataque de uma serpente, lançou-se sobre o dorso de Sabor, e os seus musculosos braços aplicaram à fera o “full-Nelson” com que ele havia vencido o gorila. Com um rugido, a leoa tentou libertar-se, caindo pesadamente sobre Tarzan, mas ele não a largou.

Rasgando a terra e o ar com as garras abertas, Sabor rolou no chão, com grandes rugidos furiosos. Mas, com força cada vez maior, os braços de ferro dobravam pouco a pouco a cabeça fulva, sobre o largo peito. Agora as poderosas mãos de Tarzan tinham os dedos presos uma na outra, e a pressão aumentava na proporção em que as tentativas da leoa se tornavam progressivamente mais fracas.

Por fim Clayton viu os tremendos músculos de Tarzan contraírem-se num último esforço, desenhados sob a pele morena à luz do luar. Um momento ainda, e as vértebras da leoa quebraram-se, com um ruído seco.

No mesmo instante Tarzan largou a fera morta e, pela terceira vez nessa noite, Clayton ouviu o selvagem brado de vitória dos grandes gorilas, logo seguido por um grito apavorado de Jane:

- Cecil... Sr. Clayton! Que foi isto?

Correndo para a porta da barraca, Clayton gritou que tudo estava bem, que o perigo passara e ela podia abrir a porta. Tão depressa quanto pôde, Jane levantou a pesada tranca.

- Que... que foi este rugido horrível?

- Um grito de vitória, soltado pelo homem que lhe salvou a vida, miss Porter. Espere, vou chamá-lo para que possa agradecer-lhe... A assustada jovem não queria ficar só, e acompanhou Clayton ao outro lado da barraca onde, diante da janela arrombada, estava o corpo morto da leoa.

Mas Tarzan dos Macacos havia desaparecido. Clayton chamou várias vezes, sem obter resposta, e então ambos voltaram para a relativa segurança da barraca.

- Que rugido espantoso... - repetiu Jane. - Tremo só de recordá-lo. Não me diga que uma garganta humana pôde emitir tal som...

- Pois pôde, miss Porter... - respondeu Clayton. - Ou pelo menos, se não foi uma garganta humana, foi a garganta de um deus da floresta.

E então Clayton contou do que lhe acontecera com o homem selvagem, de como por duas vezes o estranho companheiro lhe salvara a vida. Falou da imensa força, e

da agilidade, e da coragem - e da pele morena, e da bela face de forte expressão.

- Não consigo compreender, na verdade... - concluiu. – A princípio pensei que fosse Tarzan dos Macacos... mas não pode ser, porque não fala nem entende inglês.

- Seja quem for... - disse a jovem - devemos-lhe a vida e que Deus o abençoe e lhe dê segurança na sua selva...

-“Amem...” - murmurou Clayton, gravemente.

- Pelo amor do bom Deus... Não... não estou morta?

Voltaram-se ao mesmo tempo e viram Esmeralda, sentada no chão, os grandes olhos muito abertos fitando tudo... como se fosse possível estar ainda ali. E então a reação chegou, para Jane Porter. Atirou-se para cima da cama, rindo e soluçando histericamente.

CAPÍTULO 16

“Notável”

Só, várias milhas ao sul da barraca, na faixa de areia de uma praia, dois homens discutiam. Diante deles estendia-se o vasto Atlântico. Atrás era o Continente Negro. Em volta a escuridão e a selva.

Animais selvagens rugiam e rosnavam; ruídos estranhos, fantásticos e ameaçadores, chegavam aos ouvidos dos dois homens. Tinham caminhado muitas milhas, em busca do lugar de onde haviam partido, mas seguindo sempre na direção errada. Estavam tão irremediavelmente perdidos como se, de repente, houvessem sido transportados para um mundo diferente. Em tal ocasião, na verdade, cada célula das suas inteligências combinadas devia concentrar-se na grande e momentosa questão - a questão de vida ou de morte que era o seu regresso à barraca perdida não sabiam em que praia.

Samuel T. Philander estava falando .

- Mas, meu caro professor... - dizia ele. - eu continuo a pensar que, sem as vitórias de Fernando e Isabel sobre os mouros, na Espanha e no século XV, o mundo estaria hoje mil anos adiantado em relação ao que está. Os mouros eram uma raça essencialmente tolerante, de vistas largas, uma raça liberal de agricultores, mercadores, artífices e artistas... o perfeito tipo das criaturas que tornaram possível uma civilização tal como a encontramos atualmente na América e na Europa... Ao passo que os espanhóis...

- Tut, tut caro sr. Philander... - interrompeu o professor Porter. - A religião deles impedia positivamente as possibilidades que você sugere. O islamismo foi, e será sempre, uma pedra no caminho do progresso científico que marcou...

- Céus! Professor!... - exclamou o sr. Philander, que olhava para a floresta próxima. - Parece que se aproxima alguém... O professor Arquimedes Q. Porter voltou-se na direção indicada pelo míope sr. Philander.

- Tut, tut, sr. Philander... - queixou-se ele. - Quantas vezes lhe tenho dito para tentar conseguir a total concentração das suas faculdades mentais sobre os momentosos problemas que naturalmente ocupam todos os grandes espíritos? Verifico com desgosto uma flagrante quebra de cortesia, ao interromper a minha douta dissertação para chamar a minha atenção para um simples quadrúpede do gênero “Felis”... Como eu estava dizendo ...

- Céus... professor! Um leão?... - bradou Philander esforçando a sua curta vista na direção do vulto.

- Sim, sim, sr. Philander... - cortou novamente o professor.

- Se insiste em empregar termos vulgares nos seus discursos, é um “leão”. Mas, como eu dizia...

- Deus nos acuda, professor... - gemeu Philander.

- Permita-me sugerir-lhe que os mouros vencidos no século XV continuarão nessa lamentável situação pelo menos por enquanto, mesmo se nós adiarmos a discussão sobre tal calamidade e dermos alguma atenção à “Felis carnívora”...

Entretanto o leão aproximara-se, com calma dignidade, até uns dez passos dos dois homens - e parecia observá-los curiosamente. O luar iluminava o areal, e o estranho grupo recortava-se, nítido, sobre o fundo claro da areia.

- Estranhamente censurável... - declarou o professor Porter, com uma leve nota de irritação na sua voz. - Nunca na minha vida, sr. Philander, tive conhecimento de que esses animais pudessem andar à solta fora das jaulas. Não deixarei de apresentar... uma vigorosa reclamação aos diretores do Jardim Zoológico de onde este veio!

- Tem toda a razão, professor... -concordou Philander. - Quanto mais depressa o fizer, melhor será. Vamos ocupar-nos disso imediatamente.

E, segurando o professor por um braço, o sr. Philander partiu na direção que lhes permitiria pôr a maior distância entre eles e o leão.

Haviam percorrido apenas uma dúzia de metros, quando o sr. Philander olhou para trás e verificou, horrorizado, que o leão os seguia. Agarrou com mais força o braço do professor, e caminhou mais depressa.

- Como eu dizia, sr. Philander... - insistia o professor Porter.

- Ele continua nos seguindo, professor!... – gemeu Philander, começando a correr à vez que o leão apressara também os passos.

- Tut, tut, sr. Philander... Uma tal pressa é perfeitamente imprópria de pessoas eruditas. Que pensariam de nós os nossos amigos, se por acaso passassem por estes lados e vissem a nossa frívola maneira de proceder? Por favor, retomemos a nossa compostura...

Philander olhou mais uma vez para trás e viu que a fera corria agora atrás deles, parecendo divertir-se com a perseguição. Então largou o braço do professor e lançou-se numa corrida desesperada, que não teria envergonhado um desportista universitário.

- Como eu dizia, sr. Philander... - gritou o professor, correndo por sua vez ao notar que os cruéis olhos amarelos da fera se aproximavam demasiadamente.

Com as abas do fraque a ondular ao vento, e o lustroso chapéu de seda sacudindo na cabeça, o professor Arquimedes Q. Porter corria agora com a possível rapidez, no

encalço do seu assistente e amigo. Diante deles, a selva alongava-se, em ponta, sobre um estreito promontório, e era para o abrigo das árvores que o sr. Philander dirigia os seus pulos desordenados -, enquanto, das sombras dessas mesmos ramos, dois olhos atentos espreitavam a cena, com interesse.

Tarzan dos Macacos sorria, ao ver o velho jogo da selva. Sabia que os dois homens estavam em relativa segurança, quanto a um possível ataque do leão. O fato de Numa não ter há muito saltado sobre eles, significava claramente que tinha a barriga cheia. Era possível que a fera os seguisse até ter outra vez fome, mas o mais provável era que se cansasse daquele divertimento e se afastasse para o seu covil na selva... a não ser que se enfurecesse por qualquer motivo.

Na verdade, o único perigo estava em que um dos dois homens tropeçasse e caísse, porque então Numa saltaria sobre ele e o prazer de matar seria uma tentação muito forte. Assim, Tarzan desceu agilmente para um ramo mais baixo, em outra árvore que ficava na direção exata seguida pelos fugitivos. E, quando Samuel T. Philander, ofegante e congestionado, tentava escalar o tronco - Tarzan estendeu um braço e, segurando-o pela gola do casaco, puxou-o para o seu lado. Um momento depois foi a vez de o professor ficar ao alcance da mão forte e protetora, e também ele foi içado para a árvore - no momento justo em que Numa, vendo escaparem-se as suas presas, saltava para derrubá-las.

Por instantes os dois homens ficaram agarrados ao forte ramo, arfantes, enquanto Tarzan, sentado sobre os calcanhares, se apoiava ligeiramente ao tronco da árvore, olhando-os com divertida curiosidade. Foi o professor o primeiro a quebrar o silêncio.

-Sinto-me magoado, sr. Philander, por ver que estou uma tal falta de coragem viril em face de um animal inferior, e que, pela sua incrível timidez, me tenha forçado a um esforço físico muito distante dos meus hábitos, para ter ocasião de continuar a dizer-lhe o que penso sobre o assunto que inclusivamente deveria ocupar-nos. Como eu afirmava, no momento em que me interrompeu com lamentável descortesia, os mouros...

- Professor Arquimedes T. Porter... - cortou bruscamente o sr. Philander -... chegou o momento em que a paciência se torna um crime e a violência nos surge com o manto da virtude. Acusou-me de covardia! Insinuou que tinha corrido exclusivamente no propósito de me alcançar, não para escapar às garras do leão! Cuidado, professor Arquimedes Q. Porter! Sou um homem desesperado! Saturado de longa e dolorosa sujeição, o próprio verme se revolta!

- Tut, tut... sr. Philander... - admoestou o professor. - Está esquecendo-se de si mesmo...

- Não estou me esquecendo de coisa nenhuma, professor... mas acredite que posso verdadeiramente esquecer-me do respeito devido à sua posição no mundo da ciência, e aos seus cabelos brancos!

O professor não respondeu, durante alguns minutos. A escuridão não deixava ver o sombrio sorriso que lhe enrugava mais a face enrugada. Por fim disse, agressivo:

- Escute, Primitivo Philander... se é uma briga que procura, tire o casaco, desçamos ambos daqui e eu dou-lhe um soco nas ventas, como já fiz uma vez, há sessenta anos, na ruela por detrás do Porky Evans!

- Oh!. - exclamou o espantado sr. Philander. - Céus, como é agradável ouvi-lo! Quando você se torna humano, Arquimedes, torna-se um excelente companheiro! Mas há uns bons vinte anos que nunca... mais voltou a ser humano!

O professor estendeu timidamente a frágil e velha mão tremula, na escuridão, e pousou-a no ombro do seu amigo de sempre.

- Desculpe, Sam... -murmurou ele, brandamente. - Não foi ainda há vinte anos, e só Deus sabe como tenho tentado ser humano, por amor de Jane e por amizade a você. Desde que Ele me levou a outra Jane.

O sr. Philander levantou uma das mãos, para bater suavemente, com amizade, naquela que se pousava sobre o seu ombro - e nenhuma outra mensagem seria mais clara entre aqueles dois velhos camaradas.

Ficaram ambos em silêncio, por algum tempo. Embaixo, o leão andava excitado de um lado para o outro. O terceiro vulto, sobre a árvore, estava mergulhado na sombra. Também ele se mantinha calado - imóvel como uma figura esculpida no próprio tronco.

- Você puxou-me para cá exatamente a tempo. - disse o professor, por fim.

- Quero agradecer-lhe. Salvou-me a vida.

- Não fui eu quem o puxou, professor... - respondeu o sr. Philander. - Deus louvado! A excitação do momento fez-me esquecer que também eu fui içado por alguém. alguém que deve estar perto de nós, nesta árvore.

- Hem?... - exclamou o professor. - Tem certeza disso, Philander?

- Absoluta certeza, professor, e creio que devemos agradecer, ambos, a essa pessoa. Talvez esteja aí a seu lado, professor.

- Como? Tut, tut, Philander... - murmurou o professor Porter, chegando-se mais para o amigo.

Foi nesse momento que Tarzan dos Macacos, achando que Numa já andava há muito tempo em volta da árvore, ergueu a bela cabeça e lançou para os céus - e para

os ouvidos apavorados dos dois homens - o formidável grito de desafio dos antropóides. Os dois amigos, trêmulos e agarrados, em precária posição, sobre o ramo da árvore, viram o leão deter-se no seu caminhar agitado, quando soou o tremendo grito, e então internar-se rapidamente na selva onde logo desapareceu.

- Até o leão tremeu de medo... - sussurrou o sr. Philander.

- Notável... Muito notável. -murmurou o professor, agarrando-se ao companheiro para recuperar o equilíbrio que o susto pusera em grave perigo. Desafortunadamente para o professor e para o amigo, o centro de gravidade do digno sr. Philander também se havia deslocado de maneira que bastou o pequeno impulso adicional para determinar o desastre.

Ambos oscilaram sobre o ramo, gritando de maneira pouco acadêmica. e ambos caíram, agarrados um ao outro. Decorreu algum tempo antes que eles se movessem, pois estavam convencidos de que qualquer movimento revelaria as múltiplas fraturas que decerto haviam sofrido. Por fim, o professor Porter tentou estender uma perna, e teve a feliz surpresa de ver que o membro inferior se comportava como antes da queda. Então estendeu a outra perna.

- Notável, muito notável. - murmurou.

- Graças a Deus, professor. - murmurou Philander. -Não está morto?

- Tut, tut... Não sei ainda, com perfeita certeza...

Com infinitas cautelas, o professor agitou o braço direito e verificou com alegria que estava intacto. Fez o mesmo com o braço esquerdo sem sentir qualquer dor: Chegou mesmo a acenar, experimentalmente.

- Notável, muito notável... - repetiu.

- Para quem está fazendo sinais?... - perguntou Philander, excitado.

O professor Porter deixou passar sem resposta a pergunta e levantou brandamente a cabeça, inclinando o pescoço em várias direções.

-Notável. - voltou a repetir. - Tudo intacto.

O sr. Philander não se movera de onde tinha caído. Não se atrevia. Como poderia mover-se, se seguramente tinha braços e pernas partidos? Um dos seus olhos estava mergulhado na terra macia. O outro, de soslaio, mirava as estranhas contorções do pescoço do professor.

- Que tristeza... - comentou o sr. Philander, a meia voz. - Concussão cerebral, tendo como conseqüência uma aberração completa. Que tristeza! Um homem ainda tão novo!

O professor Porter rolou sobre si mesmo e colocou-se de bruços; devagar, foi arqueando as costas até dar a idéia de um gato nas proximidades de um cão a ladrar.

Depois sentou-se e apalpou várias regiões da sua anatomia.

- Tudo em ordem. - declarou. - Notável.

Logo depois levantou-se e, relanceando os olhos para o vulto prostrado de Samuel T. Philander, disse:

- Tut, tut, sr. Philander... Não é o momento de se entregar a atitudes de preguiça. Temos de nos pôr a caminho!

Philander conseguiu arrancar da lama o seu olho direito, e fitou o professor, com raiva. Depois tentou levantar-se. e não ficou pouco surpreendido ao ver que podia fazê-lo sem custo.

Estava ainda furioso, todavia, ante a cruel injustiça da insinuação do professor, e ia lançar um comentário ácido. quando avistou um vulto que lhe pareceu enorme, e que os observava atentamente. Entretanto o professor Porter recuperara o seu chapéu de seda, que colocara sobre a cabeça depois de limpá-lo cuidadosamente com a manga do fraque. Quando notou que Philander apontava para qualquer coisa que estava atrás dele, voltou-se e viu um gigante, vestido apenas com uma tanga de pele e alguns adornos metálicos, que os olhava.

- Muito boa-noite, sir. - disse o professor Arquimedes Q. Porter, levantando o chapéu alto.

Em resposta o gigante fez-lhes sinal para que o seguissem, e começou a caminhar ao longo da praia na direção de onde eles tinham vindo.

- Creio que é de elementar boa educação segui-lo. – disse Philander.

- Tut, tut. - replicou o professor. - Não há muito que você apresentava argumentos bastante lógicos a favor da teoria de que devíamos seguir para o Sul. Mostrei-me cético, mas você conseguiu convencer-me. Portanto, tenho certeza de que é para o Sul que devemos ir, para encontrar os nossos amigos. Desta forma, sigo para o Sul.

- Mas, professor Porter, este homem deve conhecer o caminho, melhor do que nós. Suponho-o um indígena destes lugares. Pelo menos devemos segui-lo durante algum tempo.

- Nada disso, sr. Philander... - redargüiu o professor. – Eu sou um homem difícil de convencer, mas quando me convenço, as minhas decisões são inalteráveis. Continuarei na direção certa, ainda que tenha de dar a volta ao Continente Africano para chegar ao meu destino.

Continuariam a discutir se Tarzan não tivesse voltado para junto deles, coisa que fez assim que notou o fato de não ser seguido. De novo acenou para que o acompanhassem, mas eles não se moveram.

Então Tarzan perdeu a paciência, ante tais provas de estúpida ignorância. Agarrou

por um ombro o assustado Sr. Philander, e antes que o digno homem percebesse se ia ser assassinado ou apenas aleijado para toda a vida, amarrou-lhe ao pescoço uma extremidade da sua comprida corda.

- Sr. Philander!... - exclamou o professor. - Tut, tut. É perfeitamente inacreditável que se submeta a tão indigno tratamento.

Mas, mal tinha acabado de falar quando, por sua vez, foi agarrado e preso pelo pescoço, com a mesma corda. Então Tarzan partiu para o Norte, levando a reboque o apavorado professor e o seu não menos apavorado secretário.

Em total silêncio, caminharam durante o que pareceu, aos dois velhos desesperançados e cansados, bem infinitas horas. Mas por fim, quando galgaram uma elevação de terreno ficaram doidos de alegria ao avistarem a barraca, a menos de cem metros de distância.

Aí, Tarzan soltou-os e, apontando para a barraca, e desapareceu na selva.

- Notável. Muito notável... - declarou o professor. — Mas bem vê, sr. Philander, que eu tinha razão como é costume. Sem a sua inexplicável teimosia, teríamos podido escapar a uma série de experiências humilhantes, para não dizer perigosas. Espero que no futuro encare os assuntos com um aspecto mais prático e revelador de maior maturidade!

Samuel T. Philander estava demasiadamente satisfeito com o desfecho feliz da sua aventura, para se irritar com os sarcasmos do professor. Agarrou o amigo por um braço e apressou-se a levá-lo na direção da barraca. Foi um grupo quase alegre, de gente abandonada, que voltou a reunir-se ali. Amanheceu quando ainda estavam contando as várias aventuras, e tecendo hipóteses sobre a identidade do estranho protetor que haviam encontrado naquela região selvagem. Esmeralda afirmava a pés juntos que se tratava com certeza de um anjo do Senhor, enviado especialmente para velar por eles. Clayton riu:

- Se o visse devorar a carne crua do leão, não o consideraria decerto o seu anjo da guarda, Esmeralda!

- E nada havia de celestial na sua voz. - declarou Jane Porter, estremecendo ainda ao recordar o espantoso rugido que se seguira à morte da leoa.

- Nem procedeu de acordo com as minhas idéias preconcebidas a respeito dos divinos mensageiros. - observou o professor. - Esse... hum... cavalheiro. amarrou dois cientistas respeitáveis, pelo pescoço, e conduziu-os através da selva, como se fossem vacas.

CAPÍTULO 17

Funerais

Porque já era dia claro os componentes do grupo, nenhum dos quais comera ou dormira desde a noite anterior, começaram a tratar de preparar uma refeição. Os amotinados do Arrow tinham-lhes deixado uma pequena porção de carne seca, sopas e vegetais enlatados, biscoitos, farinha, chá, e café. e tudo isso foi apressadamente cozido para satisfazer os esfomeados apetites.

A tarefa seguinte consistia em tornar habitável a barraca, e para isso tornava-se necessário, sem mais demora, remover os pobres restos da tragédia que passara ali em época decerto remota. O professor Porter e o sr. Philander fizeram um exame atento e minucioso dos esqueletos. Os dois maiores -concluíram eles - tinham pertencido a um homem e a uma mulher, de uma das mais evoluídas espécies da raça branca. Ao pequeno esqueleto prestaram apenas uma atenção passageira, visto que a sua presença no berço indicava claramente ter sido um filho do infeliz casal.

Quando preparavam o esqueleto do homem, para o funeral, Clayton descobriu, num dos ossos dos dedos, um anel de ouro, maciço. Pegou-o, para examinar, e soltou uma exclamação de espanto, porque o anel tinha o brasão da casa de Greystoke.

Ao mesmo tempo Jane descobria os livros no armário, e abrindo um deles viu, na primeira página, o nome de John Clayton, Londres. Num segundo livro que abriu apressadamente, viu um nome apenas, “Greystoke”.

- Sr. Clayton!... -exclamou ela. -Que significa isto? Nestes livros está o nome de pessoas da sua família!

- E aqui... -respondeu ele, gravemente. - está o grande anel da casa de Greystoke, que se perdeu desde que meu tio John Clayton, o anterior Lord Greystoke... desapareceu...presumivelmente no mar.

- Mas como explica que estas coisas estejam aqui, nesta selva africana?

- Só há uma explicação, miss Porter. O falecido Lord Greystoke não morreu afogado. Morreu aqui, nesta barraca, e estes pobres ossos são tudo o que resta do que nele havia de mortal.

- Então... aquilo ali... deve ter sido Lady Greystoke... - murmurou Jane, reverente, indicando os ossos sobre a cama.

- A bela Lady Alice... - disse Clayton -, de cujas numerosas virtudes e encantos pessoais muitas vezes ouvi falar a meus pais. Pobre senhora...

Com profunda reverência e solenidade, os restos mortais de Lord e Lady

Greystoke foram enterrados perto da pequena barraca, e entre ambos foi sepultado o diminuto esqueleto da cria de Kala, a macaca. Quando o sr. Philander envolvia os ossos da criança num pedaço de lona de vela, examinou atentamente o crânio. Então chamou o professor Porter, e os dois discutiram em voz baixa, durante alguns minutos.

- Notável... Muito notável... - murmurou o professor.

- Deus louvado!... - exclamou Philander. - Devemos informar imediatamente o sr. Clayton, sobre isto... -Tut, tut, sr. Philander. - admoestou o professor Arquimedes Q. Porter. -Deixemos que o passado morto enterre os seus mortos...

E assim o velho professor repetiu as suas orações diante daquela estranha sepultura, enquanto os seus companheiros se mantinham silenciosos, de cabeça descoberta e curvada, à sua volta. Das árvores, Tarzan dos Macacos observava a solene cerimônia - mas sobretudo observava a linda face e a graciosa figura de Jane Porter.

No seu peito selvagem e livre, agitavam-se novas emoções que ele não conseguia entender. Não compreendia por que razão sentia tanto interesse por aquela gente - por que motivo se dera ao trabalho de salvar os três homens. Mas sabia instintivamente qual a razão por que havia afastado Sabor da carne macia daquela moça estranha.

Sem dúvida que os homens eram estúpidos, ridículos, e assustadiços. Mesmo Manu, o macaco, era mais inteligente do que eles. Se eram assim as criaturas da sua espécie, duvidava de que o seu orgulho de raça tivesse fundamento, Mas a moça - oh, essa era diferente.

Aqui Tarzan não se permitia raciocinar. Sabia, por natural instinto, que ela havia sido criada para ser protegida... tal como ele fora criado para protegê-la. Maravilhou-se de os ver abrirem um grande buraco no chão, para enterrarem velhos ossos secos. Não fazia sentido, porque ninguém desejaria roubar ossos secos. Se tivessem alguma carne agarrada, Tarzan compreenderia, pois só assim a carne podia ficar fora do alcance de Dango, a hiena, e dos outros gatunos da selva.

Quando a sepultura ficou cheia e coberta de terra, o pequeno grupo encaminhou-se para a barraca. Esmeralda, ainda chorando copiosamente pelos dois mortos de quem antes nunca ouvira falar e que tinham morrido vinte anos antes, olhou por acaso na direção do porto, e imediatamente as suas lágrimas cessaram.

- Olhem para aqueles malvados patifes brancos, além!... - gritou ela, apontando para o Arrow. - Vão abandonar-nos aqui, nesta maldita ilha!

E na verdade o Arrow estava sendo dirigido para o mar largo, devagar, através da entrada da angra.

- Prometeram deixar-nos armas de fogo e munições... Os impiedosos malvados... - murmurou Clayton.

- É obra desse a quem chamam Snipes, tenho certeza... - disse Jane. - King era um facínora, mas tinha um resto de sentido humano. Se não o tivessem assassinado, ele teria feito com que nos deixassem providos do necessário, antes de nos abandonarem ao nosso destino.

- Lamento que não nos tenham visitado antes de partirem... -disse o professor. - Eu tinha pensado em propor-lhes que nos deixassem ficar o tesouro... porque se o perder serei um homem arruinado.

Jane olhou com tristeza para o pai.

- Não se preocupe... Não serviria de nada, pois foi exatamente por causa do tesouro que eles assassinaram os oficiais e nos abandonaram aqui.

- Tut, tut, criança... É uma boa menina, mas sem qualquer experiência de assuntos práticos... - respondeu o professor. E, dando meia volta, afastou-se na direção da selva, de cabeça curvada e as mãos cruzadas nas costas.

A filha olhou-o, com um sorriso patético. Depois, voltando-se para o Sr. Philander, sussurrou:

- Por favor, não o deixe afastar-se como fez ontem. Bem sabe que todos dependemos de si para vigiá-lo.

- Torna-se mais difícil de manobrar a cada dia que passa... - respondeu Philander, suspirando e abanando a cabeça. - Creio que vai agora queixar-se, junto dos diretores do Zôo, de que um dos leões andava à solta ontem à noite. Bem vê o que eu tenho de enfrentar, miss Jane.

- Sim, sr. Philander... Mas, embora todos o adoremos, só o senhor pode realmente orientá-lo. Apesar do que lhe diz, ele respeita a sua grande cultura e tem imensa confiança no seu julgamento. O pobre querido não distingue erudição de sensatez.

Então, o sr. Philander, com uma expressão um tanto intrigada, voltou-se para seguir o professor Porter, tentando resolver se devia sentir-se magoado ou lisonjeado pelo cumprimento um tanto estranho da jovem.

Tarzan tinha visto a consternação do pequeno grupo ao verem que o Arrow se fazia ao mar. Assim, e porque o navio era também uma novidade para ele, resolveu apressar-se ao longo do promontório que abrigava o porto, para o observar mais de perto e fazer uma idéia da direção que ele seguia.

Saltando velozmente de árvore em árvore, alcançou o extremo do promontório no momento em que o Arrow saía da passagem - e assim pôde examinar a uma distância relativamente curta, as maravilhas daquela estranha casa flutuante. Cerca

de uma vintena de homens andavam de um lado para o outro, no convés, içando e puxando cordas. Soprava uma brisa leve, e o navio atravessara a passagem com pouco velame, mas agora que estavam no mar todas as velas eram içadas.

O homem da selva observava as graciosas evoluções do navio, com maravilhada admiração - pensando que gostaria de ir a bordo. A certa altura, os seus olhos penetrantes distinguiram uma tênue coluna de fumaça na linha do horizonte, e se espantou quanto às possíveis causas de tal coisa surgindo da grande extensão de água.

Quase ao mesmo tempo, o vigia do Arrow, por certo avistou também o fumo, porque Tarzan viu os homens corriam novamente, mas agora para colher ou arriar as velas. O navio pareceu imobilizar-se, mas pouco a pouco começou a aproximar-se novamente de terra. Um homem, à proa, mergulhava a cada instante na água uma corda a cuja extremidade estava preso um pequeno objeto. Tarzan nunca tinha visto uma sonda, e não compreendeu a vantagem daquilo.

Por fim o navio parou, a âncora foi descida e todas as velas arriadas. No convés, a azáfama aumentara, Um bote foi descido para o mar, e nesse bote embarcaram uma grande mala. Então um grupo de marinheiros fez força de remos e dirigiu o bote exatamente para diante do ponto onde Tarzan estava curvado entre os ramos de uma grande árvore. À popa do bote que se aproximava, Tarzan reconheceu o cara-de-rato.

Poucos minutos depois o bote parou na areia. Os homens desembarcaram e transportaram a grande mala para a praia. Estavam do lado norte do promontório, de maneira que não podiam ser vistos desde a barraca.

Os homens discutiram, coléricos, durante algum tempo, depois o cara-de-rato e alguns dos seus companheiros subiram o pequeno talude sobre o qual se erguia a árvore onde estava Tarzan. Olharam em volta.

- Este é um bom lugar... - disse o cara-de-rato, indicando um ponto exatamente junto da árvore. - tão bom como qualquer outro... - retorquiu um dos companheiros dele. - De qualquer maneira, se eles nos apanham com o tesouro a bordo, confiscam-no. Podemos enterrá-lo aqui. Talvez alguns de nós escapem da força e possam vir aqui buscá-lo...

O cara-de-rato pôs-se a chamar os homens que tinham ficado junto do bote, e eles aproximaram-se devagar, trazendo picaretas e pás.

- Apressem-se!... - berrou Snipes.

- Cale a boca, camarão. - respondeu um dos outros, com um grito. - Está convencido de que é algum almirante?

- Aqui sou o capitão e é melhor que entenda isso, imbecil!... - grunhiu Snipes, soltando a seguir uma enfiada de pragas.

- Calma, rapazes. -interveio um dos que não tinham ainda falado. - Não conseguiremos nada se nos voltarmos uns contra os outros.

- Está certo... - respondeu o que protestara contra o tom autoritário de Snipes -, mas não vou consentir que ninguém comece a pensar que é chefe.

- Cavem aqui, vocês. - disse Snipes, indicando um ponto abaixo da árvore. - E enquanto vocês cavam, Peter pode fazer um mapa do lugar, para podermos encontrá-lo mais tarde. Tom e Bill levem outros dois e vão buscar a mala!

- E você o que faz?... - perguntou o que já havia recalcitrado. - Dá ordens?

- Andem com isso. - resmungou Snipes. -Acham que o capitão também vai cavar com uma pá?

Todos os homens o fitaram, zangados. Nenhum deles gostava de Snipes, e aquela exibição de autoridade, depois de ter assassinado King, que era o verdadeiro chefe do motim, só servia para aumentar a chama do ódio.

- Quer dizer que não vai pegar numa pá e dar uma ajuda neste trabalho? O seu ombro não está assim tão mal !

- Não, nem de longe... - retorquiu Snipes, tocando nervosamente na coronha do revólver.

- Então, pelo inferno. - Exclamou Tarrant, o homem que falara antes -, Se não pega na pá, fica com a picareta! E, enquanto falava, o homem levantou a picareta acima da cabeça e baixou-a, num golpe furioso, destroçando a cabeça de Snipes. Por momentos, os outros ficaram olhando. Depois um deles disse:

- Foi bem feito, era o que ele estava pedindo...

Recomeçaram a trabalhar, mas porque o terreno era brando puseram de lado as picaretas e empunharam as pás. Ninguém mais fez comentários, mas pareciam mais satisfeitos do que estavam desde que Snipes assumira o comando. Quando tiveram uma vala grande bastante para que nela coubesse a mala, Tarrant sugeriu que a alargassem um pouco mais Para enterrarem ali o corpo de Snipes, acima da mala.

- Pode ajudar a enganar alguém que se lembre de começar a cavar neste lugar... - explicou ele.

Os outros viram que a idéia era ardilosa, e assim aumentaram a largura, o comprimento e a profundidade do buraco, no centro do qual fizeram outra cova onde coubesse a mala. Embrulharam esta, em lona de vela, e desceram-na para essa cova, o que deixou a tampa da mala a cerca de um pé de profundidade relativamente ao terreno.

Taparam-na com terra, que pisaram bem para que o fundo da cova que ia ser sepultura ficasse bastante liso. Então dois dos homens empurraram o corpo do cara-

de-rato, depois de lhe tirarem as armas e outras coisas que vários membros do grupo cobijavam. A sepultura também foi cheia com terra até não caber mais. A terra que sobrou foi espalhada em redor, e cobriram a superfície com ramos secos, ao acaso, para fazer desaparecer todos os vestígios de haverem revolvido o terreno. Feito o trabalho, voltaram para o bote e remaram rapidamente na direção do Arrow. O vento aumentara consideravelmente de intensidade. A coluna de fumaça parecia agora muito maior e via-se distintamente. Os amotinados não perderam mais tempo.

Íçando todas as velas, partiram com rumo a Sudoeste. Tarzan, espectador interessado de tudo o que se havia passado, continuou imóvel, meditando nas estranhas ações daquela estranha gente. Os homens eram na verdade mais estúpidos e mais cruéis do que os animais da selva! Que conteria aquela mala que eles haviam enterrado? Se não a queriam, por que razão não a haviam lançado ao mar, simplesmente? Teria sido muito mais fácil. Mas, refletindo, Tarzan chegou à conclusão de que eles queriam a mala. Tinham-na escondido porque pensavam vir buscá-la ali, mais tarde.

Tarzan saltou para o chão e começou a examinar o terreno em volta da cova. Procurava alguma coisa que aquela gente tivesse deixado cair e lhe agradasse.

Não tardou a descobrir uma das pás, coberta pelo mato que os homens haviam esgalhado sobre a sepultura. Agarrou a pá e tentou utilizá-la como tinha visto os marinheiros fazerem. Era um trabalho desagradável e Tarzan magoava os pés nus, mas ele insistiu até destapar parcialmente o corpo. Então agarrou Snipes, pelos pés, e puxou-o para o lado.

Continuou a cavar até desenterrar a mala, puxou-a também para fora. Então encheu de terra o buraco menor, voltou a colocar o corpo do cara-de-rato no lugar onde estivera, e cobriu-o com terra, em volta e por cima, espalhando novamente mato como vira fazer. Quatro marinheiros tinham suado sob o peso da mala. Tarzan aproximou-se dela e levantou-a como se fosse um caixote vazio. Depois, levando às costas a pá, presa na corda, afastou-se, com a pesada mala, e internou-se pela parte mais densa da selva.

Não era fácil seguir pelas árvores com aquela carga, mais pelo feitiço incomodo do que pelo peso. Seguiu ao longo das trilhas, caminhando bastante depressa. Durante várias horas caminhou para nordeste, até alcançar uma quase impenetrável muralha de espessa vegetação entrelaçada. Então, saltou por cima do mato rasteiro - e de ramo em ramo, um quarto de hora mais tarde emergia no anfiteatro dos macacos, onde celebravam os ritos do Dum-Dum.

Perto do centro da clareira, a curta distância do tambor de terra, começou a cavar o chão. O trabalho era agora mais difícil do que voltar a revolver a terra já revolvida, mas Tarzan insistiu até abrir um buraco suficientemente profundo para

poder enterrar a mala e eficazmente a esconder. Mas para que tivera tanto trabalho, sem sequer conhecer o conteúdo da mala?

Tarzan tinha a figura e o cérebro de um homem, mas quanto a treino e a ambiente, era um gorila. O seu cérebro dizia-lhe que a mala continha qualquer coisa valiosa, senão os homens não a teriam escondido. O seu treino ensinara-o a imitar tudo o que era novo ou invulgar, e agora a curiosidade natural, que é comum aos homens e aos macacos, incitava-o a abrir a mala e examinar o seu conteúdo.

Todavia, o forte fecho e as maciças tiras de ferro que defendiam a mala resistiram igualmente à sua astúcia e à sua tremenda força. Resolveu enterrar a mala sem satisfazer a sua curiosidade. Quando, deslocando-se rapidamente, chegou de novo perto da barraca, era noite - e noite escura.

Mas, dentro da barraca havia luz, pois Clayton encontrara uma lata de óleo que se mantivera intacta durante vinte anos, e parte das provisões deixadas a John e a Alice, por Black Michael. As lanternas também se conservavam utilizáveis, e assim o interior da barraca aparecia tão iluminado como de dia, ante os olhos espantados de Tarzan.

Muitas vezes ele tinha pensado na exata utilização das lanternas. A leitura e as imagens tinham-lhe dito o que eram, mas ele não fazia idéia de como conseguir que elas dessem a maravilhosa luz que algumas imagens mostravam, espalhada sobre todos os objetos em volta.

Ao aproximar-se da janela mais próxima da porta, viu que a barraca havia sido dividida em dois compartimentos, por uma grosseira separação feita com ramos e lona de velas. No compartimento da frente estavam os três homens, os dois mais velhos mergulhados numa discussão, e o mais novo, encostado à parede e sentado sobre um banco improvisado, absorvido na leitura de um dos livros de Tarzan.

Mas Tarzan não estava particularmente interessado nos homens, e assim encaminhou-se para a outra janela. Ali estava a moça. Como ela era bonita... e como a sua pele muito branca parecia ser macia e delicada!

Ela estava escrevendo sobre a própria mesa de Tarzan, perto da janela. Sobre um monte de ervas secas, ao fundo do compartimento, a negra dormia. Durante quase uma hora, Tarzan esteve olhando Jane, enquanto ela escrevia. Desejava ardentemente falar-lhe, mas não se atrevia a tentá-lo porque estava convencido de que ela, como o rapaz, não o compreenderia, e receava assustá-la.

Por fim, Jane levantou-se, deixando o manuscrito sobre a mesa. Dirigiu-se para a cama, sobre a qual havia espalhado várias camadas de ervas macias, que compôs. Então soltou a massa de cabelos dourados que lhe cobria a cabeça e que, como uma cascata iluminada pelo sol poente, lhe emoldurou a face.

Tarzan sentia-se enfeitiçado. A jovem apagou a lanterna, e toda a barraca mergulhou em escuridão total. O homem da selva continuou imóvel. Curvado sob a janela, esperou, à escuta, durante meia hora. Por fim ouviu o som ritmado e calmo da respiração, que denuncia o sono. Cautelosamente, introduziu a mão pelo buraco que Sabor abrira no engradado da janela, e com a mesma cautela tateou a mesa. Por fim apanhou o manuscrito de Jane e retirou o braço, trazendo o precioso tesouro.

Dobrou as folhas e guardou-as na aljava, com as flechas. Então pareceu fundir-se na escuridão da selva, tão suave e silenciosamente como uma sombra.

CAPÍTULO 18

O tributo da selva

Cedo, na manhã seguinte, Tarzan acordou - e o seu primeiro pensamento do novo dia, tal como o último do dia anterior, foi para a preciosa carta que guardara na sua aljava. Apressou-se a ir buscá-la, esperando, contra toda a esperança, que pudesse ler o que a bela moça branca escrevera na véspera à noite. Ao primeiro relance de olhos, teve um amargo desapontamento.

Nunca, antes, desejara tanto alguma coisa como agora desejava poder interpretar a mensagem daquela jovem deusa de cabelos de ouro, que tão inesperadamente surgira na sua vida.

Que importância tinha o fato de a carta não lhe ser destinada?

Era a expressão do pensamento dela e isso bastava para Tarzan, Mas agora chocava contra aqueles caracteres estranhos, torcidos, como nunca tinha visto! Estavam mesmo inclinados numa direção diferente da que ele conhecia através da letra de imprensa, e das letras manuscritas nas poucas cartas que encontrara. Até os pequenos sinais do livro de capa preta lhe pareciam velhos conhecimentos de tantas vezes ter tentado decifrar a sua significação, apesar da disposição em que se encontravam não significar nada para ele.

Durante mais de vinte minutos esteve olhando para a carta, num tenso esforço de atenção - até que os caracteres começaram a tomar formas familiares, ainda que retorcidas. Sim, ali estavam os seus velhos amigos, mas com estranhos aspectos.

Compreendeu uma palavra aqui, outra além. O seu coração batia com força, alegremente. Podia ler, e havia de ler. Meia hora mais e já estava abrindo caminho por entre aquele labirinto de sinais bicudos e delicados. Exceto quanto a uma palavra ou outra mais complicada, o resto era quase fácil de decifrar.

Eis o que ele leu:

“COSTA OCIDENTAL AFRICANA CERCA DE 10 graus DE LATITUDE SUL (Segundo diz o sr. Clayton). 3 (?) de Fevereiro de 1909.

“Querida Hazel:

Parece loucura escrever-lhe uma carta que talvez nunca chegue às suas mãos, mas tenho de contar a alguém as nossas terríveis experiências desde que partimos da Europa no malfadado Arrow.

Se nunca mais voltarmos à civilização, como agora parece provável, isto será, pelo menos, um breve registro dos acontecimentos que conduziram ao nosso fim,

seja ele qual for. Como sabe, nós devíamos iniciar uma expedição científica no Congo. Meu pai mantinha, aparentemente, uma estranha teoria sobre uma civilização inimaginavelmente antiga, vestígios da qual existiam ainda, enterrados em algum lugar no vale do Congo. Mas, depois de havermos principiado a viagem, a verdade surgiu.

Ao que parece, um catador de livros, que tem uma livraria e loja de antiguidades em Baltimore, descobriu, entre as folhas de um velho manuscrito espanhol, uma carta escrita em 1550, relatando as aventuras da tripulação amotinada de um galeão espanhol que partira da Espanha para a América do Sul, com um vasto tesouro de dobrões e peças de ouro. O autor da carta pertencera à tripulação, e a carta era dirigida a um filho que, nessa altura, era contramestre a bordo de um navio mercante também espanhol. Muitos anos haviam decorrido desde que os acontecimentos, aos quais a carta se referia, se tinham tornado conhecidos, e o velho tornara-se entretanto cidadão respeitável, numa pequena cidade da Espanha.

Mas o amor pelo ouro era ainda tão forte, nele, que arriscou tudo para indicar ao filho a maneira de obter uma fabulosa fortuna para ambos.

O autor contava como, a apenas uma semana de viagem, a tripulação se havia amotinado, matando os oficiais e todos os que se opunham aos seus desígnios. Mas, com esse mesmo ato, tinham-se condenado a si próprios, pois que nenhum deles conhecia a arte de conduzir um navio no alto mar.

Foram arrastados pelos ventos e pelas correntes, sem saberem para onde, durante dois meses, até que, doentes e moribundos em consequência do escorbuto, da fome e da sede, haviam encalhado numa pequena ilhota.

O galeão foi levado, pelas vagas, para uma praia onde se desmantelou ...mas não antes que os sobreviventes, em número de dez, pudessem salvar uma das grandes malas que continham o tesouro. Enterraram a mala, na ilha, e durante três anos ali viveram, sempre na esperança de serem socorridos. Mas, um a um, foram adoecendo e morrendo, até que ficou apenas vivo o autor da carta.

Os homens haviam construído um bote, com os destroços do galeão, mas porque não faziam a mais pequena idéia da localização da ilha, nunca tinham se atrevido a fazer-se ao mar.

No entanto, quando ficou completamente só, o isolamento pesou de tal maneira na mente do único sobrevivente - que, sem poder agüentar mais, preferindo morrer no mar a endoidecer na ilha deserta, partiu no seu pequeno bote, ao cabo de um ano de solidão.

Afortunadamente fez rumo ao Norte, e uma semana depois estava na linha de navegação seguida pelos navios mercantes espanhóis, entre as Índias Ocidentais e a

Espanha. Foi então recolhido por um desses navios, que regressava à Europa. Contou aos seus salvadores que o navio em que seguia havia naufragado, com perda quase total de corpos e bens. Apenas um punhado de homens tinha sobrevivido, mas todos, exceto ele próprio, haviam morrido na ilha. Não falou do motim a bordo, nem do tesouro enterrado.

O capitão do navio mercante disse-lhe que, a julgar pela posição em que o tinham encontrado, e considerando os ventos dominantes durante a última semana, a ilhota devia pertencer ao arquipélago de Cabo Verde, ao largo da costade África, a cerca de 16 ou 17 graus de latitude Norte.

A carta descrevia minuciosamente a ilha, bem como a localização do tesouro, e era acompanhada pelo mapa mais tosco e minúsculo, que se possa imaginar. Árvores e rochas estavam marcados com X, para indicar o ponto exato onde a mala havia sido enterrada.

Quando meu pai explicou a verdadeira natureza da expedição, senti-me desolada: porque conhecia bem até que ponto ele é um visionário sem espírito prático. Temi que ele tivesse sido ludibriado, mas uma vez, especialmente quando me confessou que pagara mil dólares pelo mapa e a carta.

Para aumentar a minha preocupação, soube que ele pedira dez mil dólares mais, a Robert Canler, assinando recibos por essa quantia.

O sr. Canler não exigiu qualquer espécie de garantia, e você sabe, minha querida, o que significará, para mim, se meu pai não puder resgatar os recibos. Oh, como eu detesto esse homem! Todos nós tentamos ver o caso pelo lado menos desanimador, mas o Sr. Philander, e o sr. Clayton - este juntou-se a nós, em Londres, só pelo prazer da aventura - sentiam-se tão cétricos como eu.

Para encurtar a história... encontramos a ilha e o tesouro, uma grande mala de madeira de carvalho, precintada de ferro, embrulhada em grande porção de lona oleada, e tão sólida e forte como quando fora enterrada ali, cerca de quatro séculos antes.

Estava totalmente cheia de moedas de ouro, e era tão pesada que quatro homens vergavam sob o seu peso. Essa horrível coisa trouxe apenas crimes e desgraças, a todos os que lidaram com ela, porque três dias depois de termos partido da ilhota, a nossa própria tripulação amotinou-se, assassinando os oficiais. Foi a mais terrível experiência pela qual passei, e nem posso escrever a tal respeito. Os amotinados queriam também matar-nos, mas um deles, o chefe, de nome King, não o consentiu. Assim, navegaram para o Sul, ao longo da costa africana, até encontrarem um porto natural, deserto, e aqui desembarcaram e nos deixaram.

Partiram hoje, levando o tesouro, mas o sr. Clayton diz que eles vão ter a mesma

sorte dos amotinados do velho galeão, porque King, o único que entendia alguma coisa de navegação, foi assassinado na praia, por um dos outros, no dia em que chegamos.

Gostaria que você conhecesse o sr. Clayton. É o companheiro mais simpático que se possa imaginar, e ou me engano muito ou ele se apaixonou por mim. É o único filho de Lord Greystoke, e algum dia herdará o título e a fortuna. Além disso, ele próprio é muito rico, mas o fato de vir a ser um lord entristece-me bastante -você sabe o que eu sempre pensei a respeito das moças americanas que casam com titulares estrangeiros. Se ele fosse apenas um gentleman americano...

A culpa não é dele, pobre rapaz, e em tudo, exceto no nascimento, ele faria honra ao meu país, e isto é o mais alto cumprimento que posso fazer a um homem.

Passamos pelas mais estranhas experiências, desde que desembarcamos aqui. O pai e o Sr. Philander perderam-se na selva e foram perseguidos por um verdadeiro leão. O sr. Clayton perdeu-se também e foi atacado por duas vezes por animais selvagens. Esmeralda e eu estivemos encurraladas numa velha barraca, por uma leoa enfurecida e esfomeada. Foi terrível, como diria Esmeralda. Mas o mais estranho de tudo isto foi a maravilhosa criatura que nos salvou a todos. Eu não o vi, mas o Sr. Clayton, e meu pai, e o Sr. Philander, o viram. Dizem que é um homem branco, belo como um deus, com a pele bronzeada pelo sol, a força de um elefante, ágil como um macaco e corajoso como um leão. Não fala inglês, e depois das suas espantosas proezas desaparece tão rápida e misteriosamente como se fosse apenas um espírito.

Temos um outro fantástico vizinho, que escreveu um aviso, em inglês, e o colocou na porta da barraca onde nós tínhamos entrado, avisando-nos para não destruirmos as suas coisas.

Assinou “Tarzan dos Macacos”. Nunca o vimos, mas supomos que ele anda por aqui. Um dos marinheiros tentou ferir o sr. Clayton pelas costas, com um tiro, e uma lança feriu-o num ombro, fazendo-o falhar a pontaria. A lança foi atirada por alguém invisível, oculto na selva. Os marinheiros deixaram-nos uma pequena provisão de comida, e assim, porque dispomos apenas de um revólver e de três balas, não sabemos como conseguir carne. Mas, o sr. Philander diz que podemos nos manter indefinidamente com as nozes e frutos selvagens que abundam na floresta.

Estou muito cansada, agora, e vou estender-me na engraçada cama feita com ervas que o sr. Clayton apanhou para mim. Mas continuarei a escrever dia a dia, conforme se forem desenrolando os acontecimentos.

Com afeto JANE PORTER

PARA HAZEL STRONG, BALTIMORE, EUA.

Tarzan ficou sentado, pensando, durante bastante tempo, depois de ter concluído a leitura da carta. Havia ali tantas coisas novas e maravilhosas, que no seu cérebro se formara um turbilhão, ao tentar compreendê-las. Ao que parecia não sabiam que ele era Tarzan dos Macacos. Construíra numa árvore um tosco abrigo de folhas e ramos, sob o qual, protegidos da chuva, colocara os pequenos tesouros que trouxera da barraca. Entre essas coisas havia alguns lápis. Pegou num e, sob a assinatura de Jane Porter, escreveu:

“EU SOU TARZAN DOS MACACOS”.

Pensou que isso seria suficiente. Mais tarde reporia a carta sobre a mesa de onde a tirara. Quanto à comida, pensou também que não teriam de preocupar-se. Ele trataria disso. E assim fez.

Na manhã seguinte, Jane encontrou a carta no lugar exato de onde desaparecera duas noites antes. Ficou intrigada, mas quando viu as palavras escritas em letra de imprensa, sob a sua assinatura, sentiu um calafrio percorrê-la. Mostrou a carta, ou antes, a última página da carta, a Clayton.

- E pensar... - disse ela. - que essa estranha criatura esteve provavelmente a espreitar-me quando eu escrevia. Oh! Estremeço, só de imaginar isso!

- Mas ele deve ser amigo. - tranquilizou Clayton. - Restituiu-lhe a carta, não fez qualquer ameaça. e, a não ser que eu esteja enganado, deixou uma prova substancial da sua amizade, esta noite, à porta da barraca. Quando saí, vi um porco selvagem que tinha sido abatido pouco antes.

Daí por diante, era raro passar um dia em que não aparecesse à porta uma peça de caça, ou outros alimentos. De uma vez foi um pequeno gamo, de outra vez uma porção de bolos cozidos - que Tarzan fora buscar na aldeia de Mbonga - e houve uma manhã em que encontraram um leopardo morto, e em outra um leão.

Tarzan sentia um grande prazer em caçar para aqueles desconhecidos. Parecia-lhe que não podia haver satisfação maior, para ele, do que trabalhar para o bem-estar e a proteção da bela moça. Alguma vez se aventuraria a aparecer e a falar-lhes por intermédio dos pequenos sinais - que eram familiares para eles e para Tarzan. Mas não lhe era fácil dominar a sua timidez de criatura selvagem, e assim os dias seguiam-se uns aos outros sem que ele pusesse em prática as suas boas intenções. O grupo da barraca, tornado audacioso pelo hábito, aventurava-se cada vez mais longe pela selva, em busca de nozes e outros frutos. Era raro o dia que o professor Porter, na sua permanente indiferença por tudo o que o cercava, não estivesse a dois passos da morte. O Sr. Philander, que nunca fora o que se poderia chamar um homem robusto, estava deitado, reduzido à sombra de uma sombra, pela angústia dos constantes esforços para proteger o professor.

Passou um mês, e Tarzan tomou finalmente a resolução de aparecer no acampamento durante o dia. Era de manhã cedo, e Clayton afastara-se até à extremidade do promontório, na esperança de avistar algum navio. Reunira ali uma boa porção de lenha, pronta para arder como sinal no caso de algum penacho de fumo, ou alguma vela, surgir no horizonte. O professor Porter vagueava pela praia, ao sul da barraca, acompanhado pelo Sr. Philander que insistia com ele para que voltassem, antes de se tornarem novamente divertimento para alguma fera. Afastados os homens, Jane e Esmeralda tinham penetrado na selva, em busca de frutos, e sem darem por isso foram-se afastando da barraca.

Tarzan esperou em silêncio, junto da porta, pelo regresso deles. Os seus pensamentos concentravam-se na bela moça branca. Agora pensava sempre nela. Fazia conjecturas sobre se ela teria medo ao vê-lo, e essa idéia quase o levou a adiar ainda uma vez o seu plano. Começava a impacientar-se, desejoso de a olhar e de estar perto dela, talvez de lhe tocar. Não tinha qualquer espécie de religião, mas sentia-se inclinado a adorá-la como a uma divindade. Enquanto esperava começou a escrever uma mensagem para ela. Não saberia dizer se a sua idéia era entregar-lhe em mão aquela mensagem, mas sentia um profundo prazer em exprimir com letras o seu pensamento - o que não era idéia totalmente incivilizada. Escreveu:

“Sou Tarzan dos Macacos e quero-a. Pertenço-lhe. É minha...”

Viveremos sempre aqui, juntos, na minha casa. Eu trago-lhe os melhores frutos, a carne mais macia que há na selva, e caço para si. Sou o maior dos lutadores da selva, e o mais poderoso. Luto por Jane Porter, eu vi na carta. Quando encontrar isto saberá que é para si, e que Tarzan dos Macacos ama.”

Enquanto esperava, em pé junto da porta, depois de escrever a mensagem, o seu ouvido apurado registrou um ruído familiar, o da passagem de um gorila ao longo dos ramos baixos das árvores, na floresta. Por instantes ficou atento e logo a seguir veio da selva um grito agudo, de mulher. Deixando cair no chão a mensagem que escrevera - a sua primeira carta de amor - Tarzan lançou-se para a frente, como um raio.

Clayton também ouviu o grito, e o professor Porter, e o sr. Philander, e minutos depois chegavam à barraca, ofegantes, gritando uns aos outros uma torrente de perguntas. Um relance de olhos para dentro da barraca confirmou os seus piores receios. Jane e Esmeralda não estavam ali. No mesmo instante Clayton, seguido pelos dois velhos, correu para a selva, gritando o nome de Jane. Durante meia hora correram ao acaso, até que, por simples sorte, encontraram o corpo caído, de Esmeralda. Clayton ajoelhou ao lado dela, tocando-lhe o pulso. Estava viva. Então sacudiu-a, gritando-lhe aos ouvidos:

- Esmeralda! Pelo amor de Deus, onde está Miss Porter? Que aconteceu?

Lentamente, Esmeralda abriu os olhos. Viu Clayton, viu a selva à sua volta.

- São Gabriel!... - gritou, antes de desmaiar outra vez.

- Que fazemos, sr. Clayton?... - perguntou o velho professor. -Aonde vamos procurar? Deus não pode ter-me tirado a minha filha!

- Primeiro temos de despertar Esmeralda... - respondeu Clayton.

- Ela poderá contar-nos o que se passou... Esmeralda!... - voltou a gritar, voltando também a sacudir a negra.

- Oh, São Gabriel! Quero morrer!... - soluçou a pobre mulher, sem abrir os olhos. - Quero morrer, São Gabriel! Não me deixe ver outra vez a cara horrível!

- Vamos, Esmeralda... - bradou Clayton, desesperado. – Não sou São Gabriel! Sou eu... Clayton! Abra os olhos! Esmeralda obedeceu.

- Oh, São Gabriel! Graças ao Senhor!

- Onde está miss Porter? O que aconteceu?... – perguntou Clayton.

- Miss Jane não está aqui?... - exclamou Esmeralda, sentando-se no chão com uma rapidez espantosa para alguém do seu peso. - Oh, céus... Lembro-me agora... Ele deve tê-la levado...

- Mas quem a levou?... - gritou o professor.

- Um grande gigante, todo cheio de pêlos...

- Um gorila, Esmeralda?... -perguntou o sr. Philander, enquanto os outros continham a respiração no horror da idéia.

- Pensei que fosse o diabo... mas acho que devia ser um gorila desses... Oh, a minha pobre menina, minha pobre querida! Clayton deixou a negra soluçando perdidamente e pôs-se em busca de uma pista, mas nada descobriu a não ser uma confusão de ervas pisadas, em volta.

Os seus conhecimentos em tal matéria eram demasiadamente escassos para que pudesse compreender o que via. Durante todo o resto do dia procuraram através da selva, mas com o cair da noite foram forçados a desistir, desesperados e sem forças, porque nem sequer sabiam em que direção o animal levava Jane. Era noite escura quando alcançaram a barraca e entraram, em silêncio. Só ao cabo de algum tempo o professor se resolveu a falar. Mas agora a sua voz não era a do erudito fabricando teorias sobre o abstrato e o inexplicável. As suas palavras foram as de um homem de ação, resoluto mas angustiado, tão cheio de desespero que Clayton sentiu apertar-lhe o coração.

- Vou estender-me e tentar dormir... - disse o velho. - Amanhã cedo, assim que houver luz, levarei as provisões que puder transportar e irei em busca de Jane. Não

voltarei sem ela.

Os seus companheiros não responderam imediatamente. Cada qual estava mergulhado em pensamentos angustiosos, e ambos sabiam, tal como o velho professor, o que significavam as últimas palavras dele - o professor Porter não regressaria da selva... Por fim, Clayton levantou-se e pousou brandamente uma das mãos sobre um ombro de Porter.

- Eu irei consigo...

- Sabia que diria isso, sr. Clayton... que queria ir também. Mas não deve ir. Jane está além da possibilidade de ser socorrida pelos homens, agora. Mas a que foi a minha querida filha não ficará sozinha e sem amigos nessa espantosa selva. As mesmas folhas nos cobrirão, as mesmas chuvas cairão sobre nós... E o espírito da outra Jane, se vier a encontrar-nos... nos verá juntos na morte, como juntos estivemos na vida... Não, sr. Clayton... Só eu devo ir, porque ela era a minha filha... tudo quanto eu tinha, neste mundo, para amar.

- Irei consigo... - reafirmou Clayton, simplesmente.

O velho levantou a cabeça, olhando a face enérgica e simpática de Clayton. Talvez lesse aí o amor que o jovem sentia por Jane... Ele próprio vivera tão absorvido pelo estudo que nunca havia pensado e notado as pequenas coisas... os pormenores que, para um homem de espírito mais prático, indicariam a afeição nascente entre Clayton e Jane. Mas nesse momento entendeu.

- Como quiser... - disse.

- Conte também comigo... - declarou Philander.

- Não, meu querido e velho amigo... - respondeu o professor.

- Não podemos ir todos. Seria uma crueldade deixar aqui, sozinha, a pobre Esmeralda e três não conseguiriam mais do que um... Já há tantas coisas mortas nessa floresta. Tentemos dormir...

O apelo do primitivo

Desde que Tarzan deixara a tribo dos grandes antropóides entre os quais crescera as desavenças eram constantes. Terkoz mostrou ser um chefe caprichoso, de modo que muitos dos gorilas um a um dos mais velhos e mais fracos com os quais ele se revelava especialmente brutal, internaram-se mais pela selva e levaram as suas famílias para uma relativa segurança, em busca de calma. Mas, por fim, os que ficaram foram levados ao desespero pela constante crueldade de Terkoz que aconteceu, um deles se lembrou do que Tarzan lhes dissera ao partir:

“Se tiverem um chefe cruel, não façam como fazem os outros macacos, não tentem lutar com ele um a um. Em vez disso, ataquem-no dois ou três ao mesmo tempo. Se fizerem assim, nenhum chefe ousará fazer o que não deve, pois dois ou três podem matar qualquer chefe”.

E o gorila que se lembrou deste conselho repetiu-o a vários dos seus companheiros, de maneira que, quando Terkoz regressou nesse dia, encontrou a calorosa recepção à sua espera.

Não houve formalidades. Assim que Terkoz se aproximou, cinco poderosos machos saltaram sobre ele. No fundo, Terkoz era um covarde, como o são todos os brutamontes, macacos ou homens. Não se dispôs a lutar e a morrer, e libertando-se como pôde fugiu a toda a pressa para a selva. Duas outras tentativas que fez para se juntar à tribo, tiveram o mesmo acolhimento. Até que, espumando de raiva e ódio, desapareceu.

Durante vários dias vagueou sem rumo, remoendo a sua fúria e procurando algum adversário mais fraco sobre o qual pudesse descarregá-la. Foi nesta disposição que o feroz antropóide, saltando de árvore para árvore, descobriu inesperadamente duas mulheres, na selva. Estava exatamente por cima delas, quando as avistou. A primeira noção que Jane teve da presença dele, foi quando o gigante peludo saltou para o chão, junto dela, e a jovem viu a horrível cabeça e a boca enorme, quase a roçá-la. Deixou escapar um grito agudo, quando o animal a segurou por um braço... e sentiu-se arrastada na direção dos dentes aguçados que lhe procuravam o pescoço. Mas, ao sentir a pele de Jane, macia e branca, outro instinto dominou o antropóide.

As suas fêmeas haviam ficado com a tribo, precisava de outras que as substituíssem. Aquela macaca branca e sem pêlos seria a primeira. Assim, atirou-a brutalmente para cima de um dos gigantescos ombros e saltou para uma árvore, levando-a. Os brados de terror, de Esmeralda, haviam-se confundido com os de Jane. Logo depois, como sempre acontecia em situações que exigiam presença de espírito,

Esmeralda desmaiou.

Mas Jane não mergulhou na inconsciência. Sem dúvida que aquela cabeça pavorosa, tão perto da sua, e o hálito repugnante da boca feroz, a paralisavam de medo. Mas tinha a mente lúcida e compreendia o que estava lhe acontecendo. Com o que lhe parecia ser espantosa rapidez, o animal levava-a através da floresta, mas Jane não gritava nem se debatia. O súbito aparecimento do gorila, confundira-a de tal modo que ela supunha estar sendo conduzida na direção da praia. Por isso reservava a voz e as energias para quando estivesse bastante perto da barraca... e pudesse ter esperança de que a ouvissem.

No entanto, ao contrário do que supunha, a jovem estava sendo levada para as profundidades da selva. O grito que trouxera Clayton e os dois velhos, a tropeçarem por entre o mato, guiara Tarzan diretamente ao ponto onde estava Esmeralda. Mas não era Esmeralda a razão principal do seu interesse, embora, debruçando-se sobre ela, tivesse verificado que estava ilesa. Por um momento observou o terreno e as árvores, em redor, até que o macaco que havia nele em consequência de treino e de ambiente, combinado com o homem inteligente que era por direito de nascimento, reconstituíram o que se passara, com tanta clareza como se tivessem visto. Então Tarzan saltou para as árvores, seguindo uma pista que nenhuns outros olhos humanos poderiam distinguir, e ainda menos compreender.

Nas extremidades dos ramos, de onde o antropóide salta entre uma árvore e outra, há vestígios que indicam a passagem, mas quase nenhuns indicando a direção. A pressão é sempre dirigida para baixo, quer o macaco entre ou saia de uma árvore. Perto do centro da copa, onde as marcas da passagem são mais fracas, a direção está claramente indicada. Num ramo, uma lagarta havia sido esmagada por um dos grandes pés do fugitivo, e Tarzan sabia, por instinto, onde esse pé iria pousar no salto seguinte.

Aí ia encontrar um sinal, por muito pequeno que fosse, do verme esmagado. Em outro ponto, um curto pedaço de casca, de um ramo, fora arrancado pela mão do antropóide, e a direção do rasgão era a direção da passagem. Alguma forte ramada, ou o próprio tronco da árvore, tinha sido roçada pelo corpo do gorila, e uns quantos pêlos marcavam a pista. Tarzan nem sequer precisava afrouxar a velocidade, para notar estes indícios. Via-os claramente. Mas o olfato dava a pista mais simples, porque Tarzan ia contra o vento...e o vento trazia-lhe o cheiro do gorila, que Tarzan conhecia e captava com a segurança de um farejador de pistas - Há quem acredite que os animais inferiores são mais bem dotados, quanto ao olfato, do que o homem, mas trata-se apenas de treino. A sobrevivência do homem não depende grandemente dos seus sentidos. O raciocínio substitui-os, e assim os sentidos atrofiam-se - tal como se atrofiam, por carência de uso, os músculos que movem as orelhas e pele da

cabeça.

Com Tarzan não acontecia assim. Desde muito pequeno, a sua sobrevivência dependera da capacidade de ver, ouvir, cheirar, do tato, e do paladar, muito mais do que do órgão da razão, de desenvolvimento mais lento. O sentido menos desenvolvido, em Tarzan, era o do paladar, pois podia comer magníficos frutos, ou carne crua um tanto deteriorada, com quase igual prazer... Nisso, porém, não fazia grande diferença dos mais civilizados apreciadores de boa mesa...

Quase silenciosamente, o homem da selva seguia no encalço de Terkoz e da sua presa... mas assim mesmo o fugitivo ouviu-o e aumentou a sua velocidade. Haviam percorrido cerca de três milhas quando Tarzan o alcançou. Então, compreendendo que seria inútil continuar fugindo, Terkoz saltou para o chão, numa pequena clareira... para poder voltar-se e lutar... ou fugir sozinho se visse que o adversário era demasiadamente poderoso para ele. Continuava a segurar Jane quando Tarzan saltou também para a clareira, com a agilidade de um leopardo.

Ao ver que o seu perseguidor era Tarzan, Terkoz incluiu instintivamente que aquela que ele raptara era a fêmea do seu inimigo, visto que pertenciam ambos à mesma espécie – brancos e sem pêlos. Era a oportunidade para uma dupla vingança sobre aquele que uma vez o derrotara. Para Jane, a aparição daquele deus da floresta... era como um vinho generoso para alguém prestes a desfalecer. Pelas descrições que Clayton, o pai dela, e o Sr. Philander tinham feito, compreendeu que devia ser a mesma maravilhosa criatura que os salvara, e viu em Tarzan, no mesmo instante, um protetor e um amigo.

Mas quando Terkoz, empurrando-a violentamente, se dispôs a lutar, a jovem viu melhor a espantosa corpulência do gorila... e estremeceu. Haveria alguma força capaz de vencer aquele inimigo?

Os dois adversários atacaram-se com fúria. Os grandes caninos do gorila enfrentavam a faca de Tarzan. Jane, apoiada a um tronco, muito pálida, tinha as mãos sobre o peito ofegante, e nos seus olhos havia uma expressão onde se misturavam o horror, a fascinação, o medo e a admiração. Era como se assistisse à luta entre um gorila e um homem primitivos, disputando uma fêmea - ela.

Quando os grandes músculos das costas e dos ombros do homem se contraíram sob a pele morena, e as mãos agarraram o pescoço do antropóide, afastando a ameaça dos caninos... a capa de séculos de civilização e de cultura desprendeuse dos olhos da jovem de Baltimore. Quando a longa faca se cravou dúzias de vezes no largo peito de Terkoz, sobre o coração, e o gorila enorme rolou no chão, morto, foi uma mulher primitiva que correu, de braços estendidos, para o homem primitivo que lutara por ela - e vencera.

E Tarzan?

Tarzan fez o que nenhum homem precisa aprender para poder fazer... Tomou-a nos braços e beijou-a... beijou longamente os lábios que se ofereciam. Por instantes Jane ficou nos braços dele com os olhos semicerrados.

Por um momento, o primeiro na sua jovem vida, compreendeu o que significava o amor. Mas, com a mesma rapidez com que tombara, o véu subiu de novo, e um sentimento de vergonha fez com que Jane corasse intensamente e se libertasse, dos braços de Tarzan, e escondesse a face entre as mãos. Tarzan ficara surpreendido ao sentir junto dele a jovem a quem se habituara a amar como uma bela e maravilhosa abstração... e agora surpreendia-se ao ver que ela fugia. Aproximou-se dela e agarrou-a por um braço. Jane resistiu, batendo com as suas pequenas mãos no peito dele.

Tarzan não compreendia. Um instante antes tinha pensado em levar a moça branca para a barraca, para junto dos seus companheiros... mas esse instante estava agora perdido num passado de coisas que tinham sido mas não voltariam a ser. No intervalo entre esse momento e o momento presente... tivera-a nos braços, beijara-a... ela tinha-o beijado. E o beijo dela marcara-o profundamente, fizera dele um Tarzan diferente. Voltou a agarrar-lhe um braço... ela voltou a repeli-lo. E então Tarzan fez o que o seu primeiro antepassado teria feito.

Tomou Jane nos braços e levou-a para a selva...

Cedo, na manhã seguinte, os quatro que estavam na barraca da praia ouviram o som rolante do troar do canhão. Clayton foi o primeiro a correr para fora... e viu, além da entrada da angra, dois navios ancorados. Um deles era o Arrow, o outro um pequeno cruzador francês.

As amuradas do navio de guerra estavam cheias de homens que olhavam para terra, e Clayton compreendeu, tal como os outros, que entretanto se haviam reunido a ele, que o canhão tinha sido disparado para chamar a atenção deles, se ainda estivessem na barraca.

Os dois navios estavam a considerável distância da praia, e era duvidoso que mesmo os binóculos permitissem localizar o pequeno grupo que, na praia, acenava. Esmeralda tirara o seu grande avental vermelho e agitava-o desesperadamente acima da cabeça, Mas Clayton, receando ainda que não os vissem, correu na direção do promontório, onde deixara a lenha preparada.

Pareceu-lhe que o mato e a lenha levavam uma eternidade para começarem a arder, mas por fim as chamas subiram de vários lugares ao mesmo tempo.

Clayton correu para a ponta extrema do promontório, e ficou estarrecido ao ver que o Arrow se dispunha a partir, e que o cruzador já começara a afastar-se.

Considerava toda a esperança perdida, quando a grande coluna de fumaça, erguendo-se acima das árvores, densa e escura, atraiu a atenção de um vigia, a bordo do cruzador. No mesmo instante uma dúzia de binóculos se voltaram para a praia, e não tardou que os dois barcos manobrassem. O Arrow ficou a derivar lentamente para o mar, enquanto o navio de guerra se aproximava mais da margem. A alguma distância parou, e um escaler foi descido e seguiu para a praia. Quando varou na areia, o jovem oficial desembarcou.

- Monsieur, Clayton, não é verdade? - perguntou.

- Graças a Deus que vieram - respondeu Clayton. - E talvez ainda não seja tarde.

- Que quer dizer, Monsieur?... - Perguntou o oficial.

Clayton contou do rapto de Jane Porter e da necessidade de homens armados para a procurarem.

- Mon Dieu!... - exclamou tristemente. - Ontem não seria muito tarde... mas hoje talvez seja melhor que a pobre menina não se encontre... É horrível, Monsieur...

Outros escaleres do cruzador tinham sido postos na água, e Clayton tendo indicado ao oficial a entrada da angra, embarcou também. Minutos depois, os escaleres, guiados por aquele onde ia Clayton, transpunham a passagem... e não tardaram a varar no areal perto do ponto onde se encontravam o professor Porter e o sr. Philander, com a soluçante Esmeralda.

Entre os oficiais que vinham no último escaler, estava o comandante do cruzador. Tendo ouvido a narrativa do rapto de Jane Porter, generosamente pediu voluntários para acompanharem o professor e Clayton. Não houve, entre aqueles simpáticos franceses, tanto oficiais como marinheiros, um só que não pedisse, por seu turno, para tomar parte na expedição. O comandante escolheu vinte homens e dois oficiais, os tenentes D'Arnot e Charpentier. Um dos escaleres voltou ao cruzador, para ir buscar provisões, munições e carabinas, os homens estavam já armados com revólveres.

Então, às perguntas de Clayton sobre como acontecera ancorarem ali e dispararem o canhão de sinais, o comandante, capitão Dufrane, explicou que um mês antes haviam avistado o Arrow, todas as velas abertas e navegando para sudoeste.

Tinham-lhe feito sinal para parar, mas os homens do Arrow haviam ainda aumentado o velame, para fugir. O cruzador seguira-o até ao anoitecer, disparando várias vezes... mas na manhã seguinte o Arrow desaparecera. Então o navio de guerra continuara o seu cruzeiro ao longo da costa, durante várias semanas - e quase haviam esquecido o incidente do Arrow quando, certa manhã, dias antes, o vigia avistara um grande veleiro que parecia seguir à deriva, com mar muito cavado. O cruzador aproximara-se, e todos ficaram surpresos ao ver que se tratava do mesmo

navio que lhes semanas antes. Todavia um mastro estava quebrado, e nos outros as velas encontravam-se reduzidas a farrapos. Com o mar como estava, era difícil e perigoso enviar uma tripulação para bordo do Arrow, onde não se viam sinais de vida. Mantiveram-se a distância, esperando que o tempo melhorasse... mas avistaram então um vulto que, agarrado à amurada, fazia sinais, agitando desordenadamente os braços. Sem mais demora o escaler foi posto na água, e uma tripulação de presa, embora reduzida, fez a tentativa, coroada de êxito de abordar o Arrow. O espetáculo que se deparou aos franceses, quando entraram a bordo, era espantoso. Uma dúzia de mortos e moribundos rolava no convés, ao sabor dos balanços do navio. Dois dos mortos pareciam ter sido parcialmente devorados, como por lobos.

Os marinheiros franceses não tardaram a pôr o navio num rumo mais conveniente para agüentar o temporal. Os sobreviventes da tripulação foram levados para os seus beliches, em baixo, e os mortos, embrulhados em encerados, foram estendidos no convés para que os companheiros pudessem identificá-los antes de lançarem os corpos ao mar.

Nenhum dos vivos estava consciente quando os franceses chegaram ao convés do Arrow. Mesmo o desgraçado que conseguira fazer sinais, mergulhara na inconsciência antes de saber se os seus sinais tinham sido vistos.

O oficial francês não tardou a compreender as causas da situação terrível em que se encontrava aquela gente; quando mandou procurar água e brandy, para tentar reanimar os doentes, verificou que nada disso existia a bordo, assim como não havia qualquer espécie de comida. Fez sinais para o cruzador, para que mandassem água, medicamentos e provisões, e outro escaler realizou a perigosa viagem até ao Arrow. Depois de tratados, alguns dos homens recuperaram a consciência, e então contaram a história. O leitor já a conhece, em parte, até ao momento em que o Arrow partiu, depois de alguns homens terem assassinado Snipes a quem enterraram sobre a mala do tesouro.

Ao que parecia, a perseguição movida pelo cruzador de tal modo aterrorizara os amotinados, que haviam, durante a noite, feito rumo através do Atlântico, rumo esse que mantiveram depois, por vários dias. Mas, ao verificarem que tinham apenas uma escassa provisão de água e de comida, haviam voltado para Leste. Sem ninguém a bordo que entendesse de navegação, a cada momento surgiam disputas. Ao cabo de três dias de viagem para Leste, como não encontrassem terra, tinham mudado o rumo para Norte, receosos de que os grandes ventos dominantes os arrastassem para o extremo Sul do continente africano. Durante dois dias mantiveram uma direção nor-nordeste, até que apanharam uma calmaria que os deteve uma semana. A água tinha-se acabado, e a comida duraria apenas mais um dia. As coisas foram então de mal a

pior. Um homem enlouqueceu e atirou-se ao mar. Outro cortou as veias para beber o próprio sangue. Quando este último morreu, atiraram-no também ao mar... embora alguns dos homens quisessem conservar o corpo. A fome começava a transformá-los em verdadeiras feras.

Dois dias antes de terem sido novamente vistos pelo cruzador, ninguém estava em condições de manobrar o navio. Três homens morreram, e na manhã seguinte dois deles apareceram meio devorados...

Os vivos olhavam uns para os outros, ferozmente, como animais de presa. Mas a tortura maior era ainda a sede... E então aparecera o cruzador.

Quando todos os que ainda podiam resistir começaram a ganhar forças, a verdade toda foi contada ao comandante francês, mas os homens eram muito ignorantes para saberem dizer em que ponto da costa haviam abandonado o professor e os seus companheiros. Assim, o cruzador tinha navegado lentamente, sempre à vista de terra, disparando por vezes o canhão de sinais e observando atentamente a margem. De noite, os franceses ancoravam para não deixarem por inspecionar qualquer parte, mesmo pequena, da costa... e assim, na noite anterior tinham chegado ao ponto onde se encontravam aqueles a quem procuravam...

Quando o comandante acabou de contar a sua história, e Clayton fez um resumo do que tinha acontecido ao pequeno grupo, o escaler voltou, com as provisões e as armas. Assim, minutos depois, os marinheiros e os dois oficiais franceses, juntamente com o professor Porter e Clayton, partiram para a malfadada e desesperançada busca através da selva densa...

Hereditariedade

Quando Jane compreendeu que estava sendo cativa, pela estranha criatura da selva que a arrancara das garras do gorila, debateu-se desesperadamente, para fugir. Mas os fortes braços, que a seguravam tão facilmente como se ela fosse uma criança de dias, limitaram-se a apertá-la um pouco mais.

Assim, Jane desistiu dos esforços inúteis e ficou quieta, olhando, por entre as pálpebras semicerradas, a cara do homem que caminhava, com fantástica facilidade, por entre o mato espesso. E a face que via era de extraordinária beleza.

O tipo perfeito da masculinidade forte, sem qualquer vestígio marcado por desregramentos ou por brutais e degradantes paixões. Embora Tarzan matasse homens e feras, matava como um caçador, sem ódio - exceto nas raras ocasiões em que matava por franca aversão, mas nunca pela aversão feita de maldade sombria e vil, essa que marca as feições com as suas linhas crispadas e cruéis. Quando matava, mais freqüentemente sorria do que tomava expressões de raiva - e o sorriso é o fundamento da beleza. Uma coisa que a jovem notara especialmente quando vira Tarzan lançar-se sobre Terkoz, fora marcado um vermelho vivo que lhe sulcava a testa desde acima do olho esquerdo até ao cabelo. agora, ao observá-lo de perto, via que esse traço vermelho desaparecera, e apenas uma fina lista esbranquiçada indicava o ponto onde ela tinha estado.

Porque ela se mantinha quieta nos seus braços, Tarzan descontraiu os músculos, ligeiramente. A certa altura fitou-a nos olhos e sorriu, e a jovem teve de cerrar as pálpebras para não ver aquela face bela e atraente.

E Tarzan lançou-se para as árvores. Jane, pasmada por não sentir medo, começou a compreender que, sob muitos aspectos, nunca se sentira tão segura como nos braços daquele homem da selva que a levava Deus sabia para que destino, internando-se mais e mais pela floresta virgem. Quando, de olhos fechados, se punha a imaginar um futuro que essa mesma imaginação tornava ameaçador e terrível, bastava-lhe abrir os olhos e fitar a nobre face tão perto da sua, para que todos os terrores se dissipassem.

Não, ele nunca poderia fazer-lhe mal... Tinha certeza disso quando olhava as nobres feições e o franco olhar daquele homem da selva... A espantosa jornada continuou através do que parecia a Jane uma sólida muralha de verdura - mas que se abria à passagem do belo deus da selva, para logo se fechar atrás dele. Era raro que algum ramo roçasse por ela, e no entanto, à frente e atrás, em cima e em baixo, nada mais via do que um entrançado de ramos e cipós, de aspecto impenetrável.

Enquanto avançava, Tarzan revolvía na mente muitos estranhos e novos pensamentos. Ali estava um problema como nunca se lhe havia deparado outro - e ele sentia, mais do que raciocinava, a necessidade de o enfrentar como homem, não como macaco. Os livres movimentos através da floresta, a meio das árvores, ajudavam-no a acalmar os primeiros ímpetos da paixão do seu amor recém-descoberto. Agora evocava o que poderia ter sido a sorte da moça branca, se ele não a houvesse arrancado das garras de Terkoz.

Sabia por que razão o gorila não a matara, e começava a comparar as suas próprias intenções com as de Terkoz. Decerto que era a lei da selva... o macho apoderar-se da fêmea pela força. Mas podia ele, Tarzan, deixar-se guiar por essa lei? Não era ele um HOMEM? Mas que faziam os homens? Isso intrigava-o, porque não sabia.

Desejaria ter perguntado à jovem, ter-lhe pedido... Mas lembrou-se de que ela já respondera, na sua pobre tentativa para o repelir.

Mas agora chegavam ao seu destino, e Tarzan, levando Jane entre os braços fortes, saltou ágil e brandamente para a arena onde os grandes macacos celebravam as suas reuniões e se entregavam à selvagem orgia do Dum-Dum. Embora tivessem percorrido muitas milhas, era ainda a meio da tarde e o anfiteatro estava iluminado pela luz do sol que se coava por entre a folhagem espessa. A erva fresca parecia convidar ao repouso. Os milhares de ruídos da selva distinguíam-se apenas como vagos sons amortecidos e distantes, ampliando-se e esmorecendo como um rumor de vagas numa praia remota.

Uma estranha sensação de sonhadora paz enregelou Jane, ao sentar-se sobre a erva macia onde Tarzan a pousara. Olhou para o grande vulto erguido na sua frente, e à sensação de paz acrescentou-se uma ainda mais estranha sensação de perfeita segurança Enquanto ela o observava por entre as pálpebras.

Tarzan atravessou a clareira circular, na direção das árvores do lado oposto. Jane notou a majestosa graciosidade das atitudes dele, a perfeita simetria da figura magnífica, e a firmeza da bela cabeça sobre os largos ombros. Era uma criatura perfeita... Não poderia existir baixeza ou crueldade sob aquela aparência de jovem deus helênico. Jane pensou que nunca um homem como aquele pisara a terra – desde que Deus criara o primeiro homem, à sua própria imagem e semelhança. Num impulso forte, Tarzan saltou para as árvores e desapareceu.

Jane pôs-se a pensar aonde teria ele ido. A teria deixado ali, abandonada ao seu destino, no coração da selva? Olhou em volta, nervosamente. Cada cipó e cada moita pareciam esconder algum animal selvagem que a espreitava, pronto a rasgá-la com as garras e os dentes. Cada ruído lhe trazia à mente a idéia de um grande corpo de fera, sinuoso e cruel. Como tudo era diferente, agora que Tarzan se afastara!

Durante minutos, que pareceram horas à assustada jovem, ficou sentada, imóvel, de nervos tensos, esperando o ataque das criaturas da selva... que poria fim à sua angústia. Quase desejava os dentes aguçados que a mergulhariam na inconsciência... libertando-a do medo! Ouviu de súbito um leve ruído, atrás dela. Ergueu-se de um salto, deixando escapar um grito e voltando-se para enfrentar o seu fim. E viu Tarzan, os braços carregados de frutos magníficos e Jane cambaleou e teria caído se Tarzan, largando a sua carga, não a amparasse.

A jovem não desmaiou, mas agarrou-se a ele, desesperadamente, tremula como uma corça assustada. Tarzan afagou-lhe os cabelos e tentou tranquilizá-la - como Kala fizera tantas vezes quando, ainda pequeno, ele se assustava por causa de Sabor, a leoa, ou de Histah, a serpente. Beijou-a levemente, na testa. Jane não se moveu, mas fechou os olhos e suspirou.

Ela não podia analisar as suas sensações, nem desejava fazê-lo. Bastava-lhe sentir-se em segurança naqueles braços fortes, e deixar aos fados o seu destino. As últimas horas haviam-na ensinado a confiar naquele homem da selva, mais do que teria confiado em alguns, poucos, dos homens que conhecia. Ao pensar na estranheza de tudo isso, começou a compreender que talvez tivesse aprendido também uma outra coisa que realmente nunca havia conhecido antes o amor. Sorriu, pensativa.

E, ainda sorrindo, afastou-se de Tarzan. Olhando para ele, com uma expressão meio sorridente e meio intrigada, que lhe dava à face uma beleza rara, apontou para os frutos espalhados no chão e sentou-se sobre o tambor de terra dos antropóides, porque a fome começava a reclamar os seus direitos. Tarzan apanhou prontamente os frutos e colocou-os junto dela. Então, sentando-se também sobre o tambor, começou a abrir e preparar os frutos, com a faca, para ela comer.

Comeram ambos em silêncio, olhando-se de quando em quando, até que Jane soltou uma risada alegre que Tarzan secundou no mesmo instante.

- Gostaria que soubesse falar inglês... - disse ela.

Tarzan abanou a cabeça, com uma expressão de tristeza que quase apagou o riso do olhar. Então Jane tentou falar-lhe em francês, e depois em alemão. Mas voltou a rir, agora das suas próprias tentativas para se exprimir na segunda língua.

- De qualquer modo... - comentou a jovem, em inglês... - você compreende o meu alemão da mesma forma que o compreendiam em Berlim.

Tarzan tinha tomado uma decisão sobre qual seria o seu procedimento futuro. Tivera tempo para recordar tudo o que lera nos livros, sobre o que faziam os homens e as mulheres.

Agiria tal como supunha que agiriam os homens dos livros, se estivessem no seu lugar.

Levantou-se e encaminhou-se novamente para as árvores, mas primeiro tentou explicar a Jane, por sinais, que voltaria em breve. Conseguiu-o, porque Jane compreendeu e não teve medo quando o viu desaparecer. Apenas tinha uma sensação de isolamento, o olhar para o ponto onde ele havia desaparecido, e continuava a fitar esse ponto desejosa de vê-lo regressar. Como da outra vez, foi avisada da presença de Tarzan por um ligeiro ruído, atrás dela, e voltou-se. O homem da selva vinha agora carregado com uma braça de ramos, que pousou no chão antes de voltar à selva para reaparecer ainda com uma grande quantidade de ervas macias e fetos. Fez ainda mais duas viagens, para reunir todo o material que queria.

Então espalhou os fetos e as ervas no chão, até formar uma cama lisa e fofa, e sobre a cama dispôs os ramos que trouxera, de ambos os lados, inclinando-os até que as extremidades superiores se tocassem, cerca de um metro acima. Cobriu então os ramos com grandes folhas -e com mais folhas e ramos tapou uma das extremidades do pequeno abrigo que construía.

Quando acabou, voltou a sentar-se sobre o tambor de terra, ao lado de Jane, e tentaram falar por sinais. A magnífica medalha de ouro, cravejada de diamantes, que Tarzan usava, suspensa de uma corrente também de ouro que lhe rodeava o pescoço, intrigava profundamente Jane. Apontou para a medalha, e Tarzan, tirando a corrente por cima da cabeça, entregou-a.

Jane viu que a medalha era obra de um hábil artífice. Os diamantes, de intenso brilho e soberbamente montados, mostravam, pela lapidação, serem antigos. A jovem notou também que o medalhão se abria, e carregando sobre a mola oculta viu que as duas metades se abriam de fato, mostrando, cada uma, uma preciosa miniatura sobre marfim. De um lado estava representada uma mulher de invulgar beleza, e do outro um homem que poderia ser o retrato daquele que estava sentado ao lado de Jane, com apenas uma sutil diferença de expressão, dificilmente definível.

A jovem voltou-se para Tarzan e viu que ele se debruçava para ela, fitando com espanto as miniaturas. Tarzan estendeu a mão e tomou o medalhão entre os dedos, examinando a pintura com evidentes sinais de surpresa e interesse.

Era flagrante que nunca a vira antes, nem mesmo supusera que o medalhão pudesse abrir-se. Este fato deu motivos de meditação a Jane... levando-a a tentar imaginar de que maneira a preciosa jóia estava na posse de uma criatura selvagem, na inexplorada selva africana. Mais espantoso ainda era que a jóia contivesse o retrato de alguém que poderia ser irmão, ou mais possivelmente pai daquele semideus primitivo.

Tarzan estava ainda olhando fixamente para as suas faces. Logo depois, porém, retirando a aljava do ombro, despejou as setas no chão e tirou do fundo uma coisa

embrulhada em folhas macias e atada com ervas compridas. Cuidadosamente, foi abrindo as sucessivas camadas de folhas, até ficar com uma fotografia. Então, apontando para a miniatura do medalhão, entregou a fotografia a Jane, colocando ao lado o retrato de homem.

A fotografia ainda impressionou mais a jovem, porque era evidentemente outro retrato do mesmo homem que estava representado na jóia, ao lado da bela mulher. Tarzan fitava-a com uma expressão de espanto, quando Jane olhou para ele.

Parecia esboçar uma pergunta, nos lábios. Jane apontou para a miniatura, depois para a fotografia e a seguir para ele, como para indicar que os dois retratos eram iguais entre si e iguais a ele também. Mas Tarzan abanou a bela cabeça, encolheu os poderosos ombros e, retomando a fotografia, voltou a embrulhá-la cuidadosamente e guardou-a no fundo da aljava.

Durante alguns momentos ficaram sentados, em silêncio. Ele tinha os olhos fitos no terreno, e a jovem dava voltas ao medalhão, tentando encontrar alguma indicação que pudesse identificar o seu anterior dono. Por fim, Jane pensou numa explicação simples...

O medalhão pertencera a Lord Greystoke, e os retratos eram dele próprio e de Lady Alice. O homem da selva encontrara-o, simplesmente, na barraca perto da praia. Parecia-lhe incompreensível não ter pensado antes nessa explicação. Mas explicar a espantosa semelhança entre Lord Greystoke e aquele semideus da floresta, excedia a sua capacidade, e não era estranho que não pudesse imaginar a verdade - que aquele homem da selva era realmente um nobre inglês.

Por fim Tarzan levantou a cabeça e observou a jovem que estava ainda a examinar o medalhão. Ele não podia saber qual o significado daqueles retratos no interior da jóia, mas entendia o fascinado interesse refletido na face da linda moça a seu lado. Jane notou que ele a olhava, e pensando que queria recuperar o medalhão, entregou-o. Tarzan pegou na corrente de ouro, com as duas mãos, e colocou-a em volta do pescoço da jovem, sorrindo ao ver a surpresa dela ante a inesperada oferta.

Jane abanou a cabeça, repetidas vezes, e teria tirado a corrente de ouro, com o medalhão, se Tarzan não a impedisse de tal coisa. Quando a jovem insistiu, ele segurou-lhe ambas as mãos. Por fim ela desistiu e, com um riso leve, pegou o medalhão e levou-o aos lábios.

Tarzan não entendeu exatamente o que o gesto significava, mas calculou, e bem, que era uma maneira de agradecer a prenda. Então levantou-se e, pegando por sua vez no medalhão, curvou-se gravemente, como um galã de outros tempos, e beijou-o no mesmo lugar onde Jane pousara os lábios.

Foi um pequeno cumprimento cortês e galante, feito com a graça e a dignidade

que vinham do fato de ser um gesto natural e simples. Era talvez a ignorada marca do seu nascimento aristocrático, um instinto hereditário de elegante graciosidade que nem mesmo anos de vida selvagem podiam apagar.

Escurecia, agora. Voltaram a comer os frutos que representavam para eles, ao mesmo tempo, alimento e bebida. Então Tarzan levantou-se e, apontando a Jane o abrigo que construía, fez-lhe sinal para entrar. Pela primeira vez, em longas horas, uma sensação de medo dominou Jane, e Tarzan percebeu que a jovem se encolhia, como para se afastar dele. O contato com ela, durante metade do dia, tornara Tarzan um homem diferente do que era ao acordar ao sol dessa manhã.

Agora, em cada fibra do seu ser, a hereditariedade falava mais alto do que os hábitos de sempre. Nessa rápida transição não se transformara de homem da selva em gentleman, mas pelo menos os instintos do gentleman predominavam - e acima de tudo havia o desejo de agradar à jovem a quem amava, e de parecer bem ante ela. Assim, Tarzan fez a única coisa que sabia poder tranquilizar Jane. Tirou da bainha a sua faca de caça e entregou-a, pegando-lhe pela extremidade aguçada da lâmina.

Jane compreendeu e, aceitando a faca, entrou no abrigo e estendeu-se sobre as ervas macias, enquanto Tarzan se estendia também - no terreno, à entrada. E assim o sol nascente os encontrou, na manhã seguinte.

Quando Jane acordou, nos primeiros instantes não recordou os acontecimentos do dia anterior - e olhou com espanto o que a rodeava... o pequeno abrigo de ramos, a erva macia que lhe servira de cama, a paisagem desconhecida que avistava pela abertura, a seus pés. Mas pouco a pouco as circunstâncias da sua situação foram surgindo. E então uma impressão de maravilhado espanto nasceu nela - e uma grande onda de gratidão porque tinha em verdade corrido um terrível perigo, e todavia estava ilesa.

Moveu-se para a entrada do abrigo, em busca de Tarzan. Ele tinha-se afastado, mas desta vez Jane não teve medo porque sabia que havia de voltar. Na erva, à entrada do abrigo, viu a marca do corpo de Tarzan, no lugar onde estivera estendido toda a noite, para velar por ela. O fato de o saber ali era o que lhe havia permitido dormir em tão profunda paz e segurança. Perto dele, quem poderia ter medo? Jane pensou se haveria no mundo algum outro homem junto do qual uma moça pudesse sentir-se tão segura como no coração da selva africana. Nem mesmo os leões e as panteras a assustavam agora.

Levantou os olhos e viu Tarzan saltar suavemente de uma árvore próxima. Ao notar que ela o fitava, a face dele iluminou-se com aquele radioso e franco sorriso que conquistara a confiança de Jane, no dia anterior. Quando Tarzan se aproximou, o coração de Jane bateu com mais força, e os seus olhos brilharam como nunca haviam brilhado à aproximação de qualquer homem. Ele tinha ido novamente colher

frutos, que estendeu no chão à entrada do abrigo. Mais uma vez se sentaram lado a lado, para comer.

Jane conjecturava sobre quais seriam os planos dele. A levaria para a barraca da praia, ou a manteria ali? E, de repente, sentiu que esta hipótese não a preocupava grandemente. Se assim acontecesse, não se importaria!

Compreendeu que se sentia completamente satisfeita, sentada ali, ao lado daquele gigante sorridente, a comer deliciosos frutos, naquele paraíso silvestre, nas profundezas da selva africana -que se sentia satisfeita e muito feliz. Não conseguia entender isto. A razão dizia-lhe que devia sentir-se torturada pela ansiedade, acabrunhada pelo medo, dilacerada por idéias sombrias. Mas, em vez disso, o seu coração parecia cantar, e ela sorria em face do sorriso do homem junto dela.

Quando acabaram de comer, Tarzan entrou no abrigo e recuperou a sua faca. Jane tinha-a esquecido inteiramente... porque esquecera o medo que a levava a aceitá-la. Fazendo-lhe sinal para que o seguisse, Tarzan encaminhou-se para as árvores, na orla do anfiteatro, e segurando-a com um braço saltou para os ramos.

Jane compreendeu que ele ia levá-la de volta para a sua gente, e não conseguiu entender a súbita sensação de isolamento e de pena que a invadia.

Durante horas avançaram assim, devagar. Tarzan não se apressava, tentava prolongar o doce prazer daquela jornada, manter aqueles braços queridos em volta do seu pescoço, tanto tempo quanto possível; e assim tomou uma direção bastante ao sul do caminho direto para a praia. Por várias vezes se detiveram, para breves repousos de que ele não precisava, e ao meio dia ficaram, cerca de uma hora, junto de um claro regato onde saciaram a sede, e comeram. Foi quase ao sol-pôr que chegaram à clareira. Tarzan, saltando para o chão junto de uma grande árvore, afastou as ervas altas e apontou para a barraca na praia.

Jane tomou a mão dele, para que Tarzan fosse também e ela pudesse dizer a seu pai que aquele homem a salvara da morte e de pior ainda que a morte, e que velara por ela, tão cuidadosamente como uma boa mãe o poderia ter feito. Mas de novo a timidez do homem da selva, diante de pessoas civilizadas, o reteve. Recuou, abanando a cabeça. Jane aproximou-se dele, fitando-o com olhos suplicantes.

Estranhamente, não podia suportar a idéia de o ver voltar sozinho para a selva. Mas Tarzan continuou a abanar a cabeça até que por fim, a atraiu a si, muito suavemente, e se curvou para beijá-la – mas fitou-a nos olhos e esperou, para saber se Jane aceitaria o beijo ou se o repeliria.

Um instante apenas... a jovem hesitou. Mas logo compreendeu a verdade e, lançando-lhe os braços em volta do pescoço, puxou a face dele e beijou-o - sem falso pudor.

-Amo-te... amo-te... - murmurou ela.

De muito longe, chegou até eles o eco de várias detonações. Ambos levantaram a cabeça. O Sr. Philander e Esmeralda apareceram à porta da barraca.

Do ponto onde Tarzan e a jovem se encontravam, não podiam ver os dois navios ancorados na baía. Tarzan apontou na direção de onde tinham vindo os ecos dos tiros, depois tocou no seu próprio peito e voltou a apontar. Jane compreendeu.

Tarzan ia partir, ela soube instintivamente que partia por pensar se a sua gente estava em perigo. Tarzan beijou-a outra vez.

- Volte... volte para mim... - sussurrou Jane. – Esperarei por você, sempre.

Ele desapareceu na espessura e Jane voltou-se para atravessar a clareira, na direção da barraca. O Sr. Philander foi o primeiro a avistá-la... mas era ao lusco-fusco e o sr. Philander era muito curto de vista.

-Depressa, Esmeralda!... - gritou ele. - Para a barraca...

- É uma leoa... Deus seja louvado...

Esmeralda não perdeu tempo a verificar se o Sr. Philander vira bem. A voz dele bastou. Estava dentro da barraca e tinha a porta fechada e trancada antes que ele acabasse de dizer “Deus louvado!...”

Exclamação que, na verdade, era devida ao fato de compreender que Esmeralda o tinha deixado do lado de fora... do mesmo lado onde estava a leoa. Bateu furiosamente na porta, gritando:

- Esmeralda! Deixe-me entrar! Estou... sendo devorado por uma leoa!

Esmeralda pensou que o barulho na porta era feito pela leoa que queria devorá-la também, e assim, como era seu costume, desmaiou. O Sr. Philander relanceou um olhar apavorado por cima de um ombro. Horror! A fera aproximava-se! Tentou trepar pela parede exterior da barraca e conseguiu agarrar-se à beira da cobertura de ramos e folhas. Por instantes ficou assim, suspenso, agitando-se como um gato agarrado a uma corda de estender roupa... mas os ramos a que ele se agarrava acabaram por ceder, e o sr. Philander caiu no chão... de costas.

Nesse instante, uma recordação de antigas leituras sobre história natural surgiu-lhe na memória. Lembrava-se de que as feras se desinteressam dos vultos caídos e imóveis... fingindo-se mortos... Ou julgava lembrar-se... Fosse como fosse, o Sr. Philander deixou-se ficar tal como havia caído, mas porque os seus braços e pernas se haviam estendido rigidamente para cima, no momento da queda, a atitude dele estava longe de ser impressionante.

Jane estivera observando aquelas cabriolas, com alguma surpresa. Mas não pôde conter o riso... um pequeno riso abafado... que todavia bastou para que o sr.

Philander rolasse sobre si mesmo e espreitasse. Por fim avistou-a.

-Jane!... - exclamou ele. - Jane Porter! Deus seja louvado! Levantou-se precipitadamente e correu para Jane... sem poder acreditar que fosse ela... e viva.

- Deus seja louvado! De onde veio? Onde esteve? Como?...

- Trégua, Sr. Philander... - interrompeu ela. - Não posso responder a tantas perguntas!

- Bem, bem... -respondeu o Sr. Philander. - Deus seja louvado! Estou tão surpreendido e tão contente por vê-la sã e salva...que mal sei o que digo... Mas venha... venha e conte-me o que lhe aconteceu...

CAPÍTULO 21

A aldeia da tortura

Enquanto a pequena expedição de marinheiros abria penosamente caminho através da selva densa, procurando vestígios de Jane Porter, a inutilidade da empresa foi-se tornando cada vez mais flagrante. Mas o desgosto do velho professor, e a expressão de desespero do jovem inglês, impediram o generoso D'Arnot de dar ordens para regressarem. Pensou que talvez houvesse uma tênue possibilidade de encontrar o corpo da jovem, ou o que dele restasse – porque estava convencido de que Jane Porter havia sido devorada pelas feras. Dispôs os seus homens em formação de guerrilha, a partir do ponto onde havia sido encontrada a desmaiada Esmeralda, e a larga linha de marinheiros continuou a avançar, suando e ofegando, através da intrincada barreira de cipós e mato. Era um avanço lento.

O meio-dia surpreendeu-os a poucas milhas ainda para o interior da selva. Pararam, para um breve repouso, e quando retomaram a caminhada foram encontrar, pouco adiante, uma pista bem marcada.

Era uma antiga pista de elefantes - e D'Arnot depois de consultar o professor e Clayton, resolveu seguir por aí. A pista conduzia para Nordeste, e a coluna passou a avançar em fila indiana. O tenente D'Arnot ia à frente, caminhando em passo rápido porque a trilha era relativamente aberta. Logo atrás dele seguia o professor Porter, mas, não podendo acompanhar o passo do jovem oficial, foi-se atrasando. Assim, D'Arnot seguia uns cem metros adiante da coluna -quando, bruscamente, meia dúzia de guerreiros negros surgiram à sua volta.

D'Arnot soltou um brado de aviso, para os seus homens, quando os negros atacaram, mas antes de poder empunhar o revólver foi derrubado e arrastado para a selva. O brado alarmara os marinheiros, uma dezena dos quais se lançou em corrida, ultrapassando o professor, em socorro do seu oficial. Não sabiam a causa do grito, mas tinham certeza de que havia sido um alarme devido a algum perigo inesperado. Tinham passado para além do ponto onde D'Arnot fora atacado... quando uma lança veio de entre a espessura e varou um homem, e logo depois uma chuva de flechas se abateu sobre os outros.

Levantando as armas, dispararam para o mato, na direção de onde tinham vindo as flechas. Entretanto o resto da coluna tinha-se aproximado, e rajadas de balas foram disparadas, umas atrás das outras, sobre o inimigo invisível. Tinha sido o eco ,desses tiros o que chegara aos ouvidos de Tarzan e de Jane.

O tenente Chagentier, que vinha na retaguarda da coluna, apareceu correndo e, tendo ouvido os pormenores da emboscada, ordenou aos homens que o seguissem e

internou-se ousadamente pela selva. Um instante depois combatiam corpo a corpo com uns cinquenta guerreiros da aldeia de Mbonga. Balas e flechas voavam, rápidas e numerosas. Estranhas facas africanas e coronhas de carabinas confundiam-se em luta sangrenta, mas não tardou que os indígenas fugissem para a selva, deixando os franceses contando as suas perdas. Dos vinte, quatro estavam mortos, doze estavam feridos com maior ou menor gravidade, e o tenente D'Arnot havia desaparecido. Anoitecia rapidamente, e a situação tornou-se ainda pior quando não puderam encontrar a trilha de elefantes por onde tinham vindo.

Havia apenas uma coisa a fazer, que era acampar onde estavam e esperar pela manhã. O tenente Charpentier ordenou que abrissem uma clareira, cortando o mato e formando um parapeito circular em volta do acampamento. Este trabalho só ficou concluído quando era totalmente noite. Os homens haviam acendido uma grande fogueira, no centro do terreno, para poderem terminá-lo. Quando tudo ficou em relativa segurança contra ataques de feras ou de selvagens, o tenente Charpentier colocou sentinelas em redor. Os outros homens, cansados e esfomeados, estenderam-se no chão, para dormir.

Os gemidos dos feridos, se misturava com o rosar das feras que haviam sido atraídas pelo ruído e pela luz, impediu o sono a quase todos. Era um grupo cansado, esfomeado e desanimado, o que esperava pela manhã.

Os negros que haviam agarrado D'Arnot, não tinham esperado para tomar parte no combate que se seguiu. Em vez disso arrastaram o prisioneiro através da selva e, retomando a trilha bastante para além do cenário da luta, afastaram-se apressadamente. O rumor do combate mal se ouvia na distância, quando D'Arnot avistou uma clareira ampla no extremo da qual se erguia uma aldeia de cubatas, defendida por uma paliçada.

Estava anoitecendo, mas os guerreiros que guardavam a entrada da paliçada viram o pequeno grupo de negros que se aproximavam, trazendo um prisioneiro. Ressoou um grande brado, no interior da paliçada, e uma multidão de mulheres e de crianças correu ao encontro do grupo.

E então começou, para o jovem oficial francês, a mais espantosa experiência que um homem pode encontrar neste mundo - a recepção de um prisioneiro branco, numa aldeia de negros canibais.

Para aumentar a ferocidade selvagem dos negros cruéis, havia a recordação odiosa das barbaridades ainda mais cruéis cometidas sobre eles pelos oficiais brancos de um país do centro da Europa - barbaridades que tinham posto em fuga o que restava de uma tribo antes poderosa.

Caíram sobre D'Arnot com unhas e dentes, batendo-lhe com paus e pedras,

arranhando com unhas como garras. Cada pedaço de roupa lhe foi arrancado, e as furiosas pancadas caíam-lhe sobre a pele nua e arrepiada. Mas nem uma só vez o francês deixou escapar um grito de dor. Rezava em silêncio... para ser rapidamente libertado da tortura.

No entanto, a morte pela qual ele rezava não lhe seria facilmente dada. Não tardou que os guerreiros afastassem, com brutais empurrões, as mulheres e as crianças. O prisioneiro tinha de ser poupado para um divertimento mais alto, e dominados os primeiros impulsos de fúria, a multidão contentava-se agora em insultá-lo e cuspir sobre ele. Chegaram ao centro da aldeia, e aí D'Arnot foi solidamente amarrado a um poste... do qual não saía até então nenhum homem vivo.

Algumas das mulheres dispersaram-se, correndo para as várias cubatas, para irem buscar vasilhas e água, enquanto outras acendiam uma fila de fogueiras sobre as quais pedaços do festim seriam cozidos, enquanto o resto seria seco, lentamente, em fatias, para uso futuro, porque esperavam que outros guerreiros voltassem, com muitos prisioneiros. As festas foram adiadas, esperando o regresso dos que haviam ficado para combater os brancos, de maneira que era bastante tarde quando se reuniram e o círculo da dança da morte começou a girar em volta do condenado.

Meio inconsciente, em consequência do cansaço e do sofrimento, D'Arnot observava, por entre as pálpebras dolorosas, o que lhe parecia ser uma divagação delirante, ou algum horrível pesadelo do qual não tardaria a despertar. As faces brutais, besuntadas de cor - as grandes bocas de grossos lábios pendentes - os dentes amarelos e aguçados - os olhos rolantes, demoníacos - os negros corpos luzidios - as lanças... Era impossível que tais criaturas existissem neste mundo, e ele estava seguramente sonhando. Os corpos rodopiantes, dos selvagens, aproximavam-se, apertavam o círculo. Uma lança saltou e feriu-o num braço. A dor aguda, e o sangue quente que começou a correr da ferida, disseram-lhe da pavorosa realidade da sua desesperada situação. Outra lança, e outra ainda, vieram feri-lo. Fechou os olhos e cerrou os dentes - não gritaria. Era um soldado da França, e demonstraria àqueles selvagens de que maneira morre um oficial e um gentleman.

Tarzan dos Macacos não precisava que lhe explicassem a história daqueles tiros distantes. Sentindo ainda nos lábios o calor dos beijos de Jane, saltava com incrível rapidez através da selva, a direito, na direção da aldeia de Mbonga. Não o interessava localizar o ponto da escaramuça, porque sabia que em breve teria terminado.

Não podia ajudar os que tinham morrido, e os que haviam escapado não precisavam de ajuda.

Apressava-se para socorrer os que não tinham morrido nem escapado... e sabia que iria encontrá-los amarrados no grande poste no centro da aldeia de Mbonga.

Muitas vezes Tarzan vira os bandos de guerreiros de Mbonga, que voltavam do norte trazendo prisioneiros, e as mesmas cenas repetiam-se sempre em volta do poste, ao clarão oscilante das fogueiras. Sabia, também, que raras vezes os negros perdiam muito tempo antes de consumarem o horrível destino daqueles a quem capturavam.

Duvidava de que lhe fosse possível chegar a tempo de fazer mais alguma coisa do que vingar as vítimas. Continuava a sua viagem espantosamente rápida.

A noite desceu e ele seguia sempre através dos ramos mais altos das árvores, onde o magnífico luar tropical iluminava o caminho por entre as copas que suavemente balançavam. A certa altura avistou, ao longe, o reflexo avermelhado de um clarão, à direita da trilha. Devia ser a fogueira do acampamento que os dois homens haviam instalado antes de serem atacados – Tarzan nada sabia sobre a presença dos marinheiros.

Estava tão seguro do seu conhecimento da selva que não alterou o seu rumo e passou à distância de meia milha do clarão... que era a fogueira do acampamento dos franceses. Alguns minutos mais, e Tarzan alcançou as árvores que dominavam a aldeia de Mbonga. Oh, não era ainda muito tarde! Ou seria? Não poderia dizê-lo.

O vulto amarrado ao poste estava imóvel, e todavia os guerreiros negros estavam apenas a espicaçá-lo. Tarzan conhecia os costumes dos negros. O golpe mortal ainda não fora vibrado. Quase podia indicar, com um minuto de aproximação, o ponto até onde evoluiria a dança. Dentro de instantes a faca de Mbonga cortaria uma das orelhas da vítima - e isso significaria o princípio do fim.

Depois, em pouco tempo, a vítima seria reduzida a uma informe massa sanguinolenta.

Talvez houvesse ainda, nessa altura, uma centelha de vida, mas então o único desejo seria a morte. O poste estava talvez a uns doze metros da árvore mais próxima. Tarzan preparou a sua corda... e de súbito, o grande brado de desafio do homem selvagem - o mesmo brado dos gorilas gigantesco - dominou os gritos dos guerreiros. Os dançarinos imobilizaram-se, como transformados subitamente em pedra. A corda silvou no ar, sobre as cabeças dos negros, invisível à luz vacilante das fogueiras.

D'Arnot abriu os olhos. Um negro enorme, que estava diante dele, saltou para trás como se fosse empurrado por uma invisível e poderosa mão. Debatendo-se e gritando, o negro foi arrastado, rolando de um lado para o outro, para a sombra densa sob as árvores. Os outros, de olhos espantados, paralisados de horror, fitavam-no. Sob as árvores, o corpo ergueu-se verticalmente e, quando desapareceu na folhagem, os que olhavam fugiram em todas as direções, com brados de pavor.

D'Arnot ficou só.

Era um homem de coragem, mas sentira um longo arrepio eriçar-lhe os cabelos, ao ouvir o grito terrível e fantástico. Quando o guerreiro negro desaparecera entre os ramos da árvore, agitando-se em espasmos convulsivos, D'Arnot voltou a estremecer, como se os dedos gelados da morte lhe tivessem tocado, viscosos e apavorantes. Olhou para o grande tronco e pareceu-lhe ver um movimento entre as folhas. Os ramos curvavam-se, como se o peso de um corpo... ouviu-se um som raspante e o negro caiu no terreno - ficando imóvel no lugar onde tombara.

Imediatamente atrás do negro surgiu o corpo de um homem branco, mas esse caiu depois. D'Arnot viu um jovem gigante, de poderosos membros alongados, emergir das sombras no clarão das fogueiras, e correr para ele. Que significaria aquilo? Quem poderia ser? Outra criatura de morte e de destruição, sem dúvida. D'Arnot esperou. Os seus olhos não desfitaram a face do belo gigante, e os olhos deste, claros e francos, não se desviaram dos dele.

D'Arnot sentiu-se subitamente tranqüilo, mas ainda sem muita esperança. Aquela face não podia esconder um coração cruel. Sem uma palavra, Tarzan cortou as cordas que prendiam o francês. Esgotado pelo sofrimento e pela perda de sangue, o oficial teria caído se um forte braço o não amparasse. Sentiu-se erguido do chão. Teve depois a estranha sensação de voar. E perdeu os sentidos...

CAPÍTULO 22

A busca

Quando a manhã rompeu sobre o pequeno acampamento dos franceses, no coração da selva, encontrou um grupo de homens tristes e desencorajados. Logo que houve luz bastante para ver o terreno em volta, o tenente Charpentier enviou os homens em várias direções, em grupos de três, para localizarem a trilha. Dez minutos depois tinham-na encontrado, e a expedição retomou o caminho da praia. O avanço era lento, pois transportavam os corpos dos seis mortos - dois homens haviam sucumbido durante a noite - e alguns dos feridos precisavam de ajuda para caminhar, mesmo vagarosamente.

Charpentier resolvera voltar para ir buscar reforços, com os quais pudesse seguir a pista dos indígenas e salvar D'Arnot. Só ao fim da tarde os homens exaustos alcançaram a clareira perto da praia, mas para dois deles o regresso deu-lhes tanta felicidade que todos os seus sofrimentos foram esquecidos no mesmo instante. Quando o grupo emergiu da selva, a primeira pessoa que o professor Porter e Clayton avistaram... foi Jane, junto da porta da barraca.

Com um pequeno grito de alegria e de alívio, a jovem correu para eles, abraçando-se ao pai e soluçando -, as primeiras lágrimas que chorava desde que haviam sido abandonados naquela terra selvagem. O professor Porter lutou, como um homem, para dominar as suas próprias emoções, mas a tensão de nervos e a fraqueza da idade eram demasiadas para ele. Escondendo a velha face no ombro da filha, chorou longamente, como uma criança.

Jane levou-o para a barraca e os franceses encaminharam-se para a praia, de onde vários dos seus companheiros já vinham ao encontro deles. Clayton, desejando deixar sós o pai e a filha, juntou-se aos marinheiros e ficou falando com os oficiais, até que o escaler se afastou com rumo ao cruzador onde o tenente Charpentier ia relatar o infeliz desfecho da luta.

Então Clayton voltou lentamente para a barraca. Sentia o coração cheio de alegria. A mulher a quem amava estava salva. Não sabia por que espécie de milagre ela tinha sido poupada. A vê-la ali, viva, parecia-lhe quase inacreditável. Quando se aproximava da barraca, viu que Jane saía. Ao vê-lo, a jovem correu ao seu encontro.

- Jane!... - exclamou Clayton. - Deus foi bom para nós, realmente... Conte-me como pôde escapar... que forma tomou a Providência para salvá-la... para nós.

Ele nunca a tratara pelo seu nome próprio. Quarenta e oito horas antes, Jane teria sentido um indizível prazer ao ouvi-lo... mas agora aquilo assustava-a.

- Sr. Clayton... - disse, calma, estendendo-lhe a mão.

- Primeiro deixe-me agradecer-lhe a sua cavalheiresca dedicação por meu pai. Ele contou-me como foi nobre o seu procedimento, o seu espírito de sacrifício. Nunca poderei pagar-lhe isso.

Clayton notou que ela não retribuía o cumprimento familiar, mas isso não o surpreendeu. Ela tinha decerto sofrido muito. Não era o momento de lhe falar do seu amor.

- Já estou pago... - respondeu. - Basta-me vê-la, e a seu pai, ambos salvos, outra vez reunidos. Creio que não agüentaria por muito tempo a sua imensa e silenciosa tristeza. Foi a mais triste experiência da minha vida, miss Porter... e havia a acrescentar ainda o meu próprio sofrimento, o maior que já senti. Mas seu pai estava tão desesperançado... que fazia dó. Aprendi, ao vê-lo, que nenhum amor, mesmo o de um homem por sua mulher, pode ser tão profundo, tão desinteressado, tão despido de egoísmo como o amor de um pai por sua filha.

A jovem baixou a cabeça. Havia uma pergunta que ela queria fazer... mas parecia-lhe quase sacrílega em face do amor daqueles dois homens e do terrível sofrimento que eles haviam suportado... enquanto ela ria, feliz, sentada junto daquele jovem semideus da selva, comendo frutos deliciosos e fitando com amor olhos que lhe correspondiam.

Mas o amor é um estranho amo, e a natureza é ainda mais estranha. Fez a pergunta.

- Onde está o homem da selva, que foi socorrê-los? Por que não voltou?

- Não compreendo... - disse Clayton. - A quem se refere?

- Ao que salvou cada um de nós... ao que me salvou do gorila!

- Oh!... - exclamou Clayton, surpreendido. - Foi ele quem a salvou? Não me contou a sua aventura, bem sabe.

- Mas o homem da selva... - insistiu Jane. - Não o viu? Quando ouvimos os tiros, muito ao longe, deixou-me. Tínhamos exatamente chegado à clareira... e ele partiu na direção de onde vinham os tiros. Sei que foi socorrê-los.

O tom dela era quase ansioso... a sua atitude era de emoção reprimida. Clayton não pôde deixar de notar isso - de fazer conjecturas sobre o que tanto a impelia a saber do paradeiro da estranha criatura. Todavia, um sentimento de apreensão, quanto a um desgosto iminente, invadiu-o, e no seu coração, sem que ele o soubesse, nascia uma impressão de ciúme e de suspeita em relação ao homem da selva, a quem devia a vida.

- Não o vimos... - respondeu, brandamente. - Não foi ter conosco... -e acrescentou,

depois de uma pausa meditativa: - Talvez fosse juntar-se à sua própria tribo... os que nos atacaram...

Não sabia por que motivo dissera aquilo, em que não acreditava. A jovem olhou-o com espanto. - Não!... - exclamou Jane, com uma veemência que surpreendeu Clayton. - Isso não pode ser! Os outros são selvagens! Clayton pareceu intrigado.

- Ele é uma estranha criatura da selva, também meio selvagem... miss Porter. Não fala nem entende qualquer língua civilizada, e os seus ornamentos e armas são os dos selvagens da Costa Ocidental... - falava agora rapidamente. - Num raio de muitas centenas de milhas não existem outras criaturas humanas além dos selvagens, miss Porter: Ele deve pertencer à tribo que nos atacou, ou a qualquer outra igualmente selvagem - talvez mesmo seja um canibal...

Jane empalideceu.

- Não acredita nisso... - disse ele, entre dentes. - Não é verdade! Verá que ele vai aparecer e demonstrar-lhe que se engana, sr. Clayton. Não o conhece como eu. Digo-lhe que é um gentleman!

Clayton era um homem generoso e cavalheiresco, mas alguma coisa, na impulsiva defesa que Jane fazia do homem da selva, agitava nele um ciúme irracional. Num momento esqueceu o que todos deviam ao belo semideus da floresta, e respondeu num tom desdenhoso:

- Talvez tenha razão, miss Porter, mas não creio que qualquer de nós precise se preocupar com esse comedor de carne crua. Talvez se trate de algum meio demente abandonado aqui... que nos esquecerá mais depressa, mas não mais seguramente, do que nós o esqueceremos. É apenas um animal da selva, miss Porter.

A jovem não respondeu, mas sentiu o coração oprimido. Sabia que Clayton dizia simplesmente o que pensava, e pela primeira vez começou a analisar a estrutura em que se baseava o seu amor recém-descoberto, e a examinar de forma crítica o homem que despertara esse amor. Encaminhou-se lentamente para a barraca, imaginando o jovem e belo semideus a seu lado, no grande salão de um transatlântico. Via-o comendo com as mãos, mordendo os alimentos como um animal de presa e limpando às coxas os dedos engordurados. Via-o quando o apresentasse aos seus amigos - rude, iletrado, primitivo...

E contraiu-se... como sob um choque, estremecendo. Tinha alcançado o seu quarto e sentou-se sobre a cama coberta de fetos e ervas. Levou a mão ao peito e sentiu os contornos do medalhão. Puxou o medalhão para fora, segurando-o na palma da mão, a cabeça curvada e os olhos molhados de lágrimas. Então, levando a jóia aos lábios e beijando-a, escondeu a cara entre os fetos, soluçante.

-Um animal?... Então que eu me transforme também num animal... porque, seja

quem for, amo-o e pertenço-lhe...

Não voltou a ver Clayton, nesse dia. Esmeralda trouxe-lhe o jantar... e Jane mandou-a dizer a seu pai que não se sentia bem, estava sofrendo a reação da sua aventura.

Na manhã seguinte, Clayton partiu muito cedo, com a coluna de socorros que ia em busca do tenente D'Arnot. Desta vez eram duzentos homens armados, com dez oficiais, dois cirurgiões e provisões para uma semana. Levavam equipamento para acampar, macas, estas últimas para transportarem doentes ou feridos.

Era uma coluna de homens resolutos e furiosos - uma coluna punitiva, tanto como de socorro. Pouco depois do meio-dia chegaram ao local onde se travara a escaramuça, pois agora percorriam uma trilha conhecida e não perdiam tempo explorando o terreno. Desse local, a pista dos elefantes conduzia diretamente à aldeia de Mbonga. Eram apenas duas horas da tarde quando a cabeça da coluna fez alto na orla da clareira. O tenente Charpentier, que comandava, destacou imediatamente uma parte das suas forças, através da selva, para o outro lado da aldeia. Outro destacamento foi enviado para um ponto em frente da porta da paliçada, enquanto o terceiro grupo, com os restantes homens, tomava posições do lado sul da clareira.

Havia sido combinado que o grupo destacado do lado norte, e que seria o último a alcançar a posição, iniciaria o ataque, e que os primeiros tiros seriam o sinal para um assalto simultâneo, por todos os lados, a fim de tentarem tomar a aldeia de um só golpe. Durante cerca de meia hora os homens sobre as ordens diretas de Charpentier estiveram atentos, curvados entre o mato denso, esperando o sinal.

Para eles, foi como se decorressem horas. Podiam ver indígenas nos campos, e outros que saíam ou entravam pelas portas da paliçada. Por fim veio mais uma descarga de carabinas, e quase no mesmo instante partiram rajadas de balas, da selva, a Norte e ao sul.

Os indígenas que trabalhavam nos campos largaram tudo e correram como doidos para a paliçada. As balas dos franceses dizimavam-nos, e os marinheiros saltavam sobre os corpos caídos e corriam para as portas. Tão súbito e inesperado foi o ataque dos brancos, que antes que os nativos pudessem atingir a paliçada e trancar as portas, a aldeia estava cheia de homens armados que lutavam corpo a corpo, numa indizível confusão. Durante breves minutos os negros agüentaram o choque, à entrada da rua principal da aldeia, mas as carabinas, os revólveres e as espadas dos franceses, dizimaram os lanceiros e abateram os arqueiros antes que estes pudessem utilizar os arcos.

Não tardou que o combate se transformasse numa debandada selvagem dos

negros, e logo numa chacina, porque os marinheiros tinham visto pedaços de uniforme de D'Arnot, usados por alguns dos guerreiros que os enfrentavam. Pouparam as crianças e mulheres a quem não tiveram de matar em defesa própria, e quando finalmente pararam, ofegantes, cobertos de sangue e de suor, foi porque na aldeia não havia um só guerreiro vivo em condições de resistir.

Cuidadosamente, revistaram cada cubata e cada recanto da aldeia, mas sem encontrar sinais de D'Arnot. Interrogaram os prisioneiros, por sinais, até que um dos marinheiros que servira no Congo francês, descobriu que os negros entendiam essa espécie de dialeto bastardo, que passa por linguagem entre os brancos e as mais abjetas tribos da costa. Mas assim mesmo nada puderam saber a respeito de D'Arnot. Em resposta às perguntas, conseguiam apenas olhares assustados e gestos de excitação... e acabaram por se convencer de que essa atitude denunciava a culpa dos negros... os demônios que haviam assassinado e comido o oficial francês, duas noites antes.

Perdidas todas as esperanças, acamparam na própria aldeia, durante essa noite. Os presos foram metidos em três cubatas, fortemente vigiados. Colocaram sentinelas junto da porta da paliçada... e finalmente a aldeia mergulhou no silêncio

– com exceção dos gemidos das negras que choravam os seus mortos. Na manhã seguinte, os franceses iniciaram a marcha de regresso. A idéia inicial havia sido lançar fogo à aldeia, mas puseram-na a parte. Os prisioneiros foram deixados, gemendo e chorando mas com tetos para se abrigarem e a paliçada para os defender dos animais da selva.

Lentamente, a expedição partiu pelo caminho por onde viera no dia anterior. Dez macas carregadas demoravam a marcha. Em oito delas seguiam os feridos mais graves, e as duas restantes transportavam os mortos. Clayton e o tenente Charpentier fechavam a marcha; o inglês caminhava em silêncio, respeitando a dor do outro. D'Arnot e Charpentier tinham sido amigos e companheiros desde a adolescência.

Clayton supunha compreender que o francês sentia mais agudamente o seu desgosto porque a morte de D'Arnot havia sido inútil, pois Jane havia sido socorrida antes que D'Arnot caísse em poder dos selvagens, e também porque o sacrifício do amigo fora feito fora do cumprimento do seu dever, para valer a desconhecidos. Mas, quando falou nisso ao tenente Charpentier, este abanou a cabeça.

- Não, Monsieur... - disse ele. - D'Arnot teria escolhido morrer assim. Eu lamento não ter podido morrer por ele, ou ao menos com ele. Gostaria que o tivesse conhecido melhor, Monsieur. Era realmente um oficial e um gentleman -um título que a muitos é concedido, mas que por poucos é merecido. Não morreu inutilmente, porque a sua morte, ao tentar salvar uma moça americana, desconhecida, fará com que nós, seus amigos e camaradas, encaremos mais corajosamente o nosso próprio

fim, venha ele como vier.

Clayton não respondeu, mas dentro dele nasceu um novo respeito pelos franceses, que permaneceu vivo para sempre. Era bastante tarde quando alcançaram a barraca e a praia. Um único tiro, antes de emergirem da selva, anunciou aos que estavam no acampamento, como aos que estavam nos navios, que a expedição chegara demasiadamente tarde. Havia sido combinado que, quando estivessem a uma ou duas milhas do acampamento, um tiro seria disparado para comunicar um fracasso, três para significar um êxito total, e dois se não tivessem encontrado vestígios de D'Arnot ou dos negros raptos.

Foi um grupo silencioso e solene que os esperou, e nenhuma palavra foi trocada enquanto os mortos e os feridos eram embarcados em escaleres e piedosamente levados para o cruzador.

Clayton, exausto por cinco dias de marcha através da selva, pelos efeitos de dois combates com os negros, dirigiu-se para a barraca a fim de comer alguma coisa e estender-se na relativa comodidade da sua cama de erva, depois de duas noites passadas na floresta.

Jane estava à porta.

- O pobre tenente... - disse ela. - Encontraram-se vestígios dele?

- Chegamos muito tarde, miss Porter... - respondeu Clayton, tristemente.

- Conte-me o que se passou... - pediu ela.

- Não posso, miss Porter. É muito horrível.

- Quer dizer... que o torturaram?

- Não sei o que lhe fizeram antes de matá-lo... - murmurou Clayton.

- Antes de matá-lo? Quer dizer que...? Oh; eles não... Estava pensando no que Clayton dissera quanto à possível ligação entre o homem ia selva e a tribo... e não conseguia articular a hedionda palavra.

- Sim, miss Porter... Eram... canibais... - respondeu Clayton, quase duramente porque também ele pensara no homem da selva e o ciúme voltava a dominá-lo. E acrescentou, azedamente: - Quando o seu semideus a deixou... ia provavelmente juntar-se ao banquete...

Lamentou as suas palavras logo que as disse, sem todavia saber até que ponto magoara Jane. Lamentava a sua deslealdade para com alguém que salvara a vida de cada um deles, e não causara dano nenhum, Mas Jane ergueu a cabeça.

- Só poderia haver uma resposta adequada à sua afirmação... - disse ela, friamente. - e lamento não ser um homem, para poder lhe dar!

Voltou-lhe as costas e entrou na barraca. Clayton era um inglês, e assim a jovem teve tempo para se afastar antes que ele pudesse pensar numa resposta. Murmurou, consigo mesmo:

- Creio que me chamou de mentiroso... e creio também que o mereci... Clayton, meu rapaz... É certo que está cansado e nervoso, mas não há razão para fazer papel de imbecil. É melhor ir deitar-me...

Antes de se deitar, porém, chamou Jane, através da divisória feita com a lona de vela. Queria apresentar desculpas, mas foi como se tentasse falar com a Esfinge. Então escreveu umas palavras, num pedaço de papel que meteu sob a divisória. Jane viu o papel e ignorou-o, porque estava irritada e magoada; mas acabou por pegar-lhe e ler, porque era uma mulher.

“Querida Miss Porter:

Não tinha a menor razão para insinuar o que disse. A minha única desculpa é ter os nervos tensos - o que não é desculpa. Por favor, tente pensar que eu não disse. Tenho imensa pena. Não teria desejado magoá-la, entre todas as criaturas do mundo. Diga que me perdoa.

William Cecil Clayton”

- Ele o pensou, senão nunca o diria...: - raciocinou a jovem. - Mas não pode ser verdade! Eu sei que não é verdade! Uma frase da carta assustava-a: “Não teria desejado magoá-la, entre todas as criaturas do mundo...”

Uma semana antes, essa frase a teria encantado. Agora a deprimia. Desejava nunca ter encontrado Clayton. Lamentava ter conhecido o semideus da floresta... Não, isso não lamentava! Pelo contrário... E havia ainda aquela outra nota que ela descobrira na relva, no dia seguinte ao seu regresso uma nota amorosa assinada “Tarzan dos Macacos”. Quem seria esse outro admirador? Se fosse mais um dos selvagens habitantes da floresta, o que não faria ele para a conquistar?

- Esmeralda! Acorde!... - exclamou. - Irrita-me que esteja dormindo despreocupadamente, sabendo que o mundo está cheio de ansiedades...

- São Gabriel!... - exclamou Esmeralda, sentando-se. - O que há agora, miss Jane? Algum “hiponoceronte”?

- Tolice minha, Esmeralda... Não há nada... Vamos, durma... Acordada ainda é pior do que dormindo...

- Sim, querida menina... mas o que tem? Está assim a modos... esta noite!

- Oh, Esmeralda! Estou simplesmente sendo horrível, mais nada... Não me dê atenção... durma...

- Sim, querida... Mas vá também dormir... Tem os nervos em ponta...: e não

admira... com todos esses “rinapótamós” e comedores de homens... de que o senhor Philander tem falado... Não admira nada, não...

Jane riu, atravessou o quarto, beijou a boa Esmeralda e desejou-lhe boa-noite...

CAPÍTULO 23

Irmãos homens

Quando D’Arnot recuperou os sentidos, viu que estava estendido sob um abrigo em forma de “A”, numa cama de ervas e fetos. Aos seus pés, uma abertura mostrava-lhe uma mancha de verdura, e um pouco para além a muralha densa da selva e da floresta.

Sentia-se dolorido e fraco... e enquanto ia retomando a consciência das coisas... ia também sentindo as dores agudas de muitas feridas, além de outras dores... nos ossos e nos músculos... como consequência das pancadas brutais que recebera. O simples gesto de voltar a cabeça causava-lhe uma agonia dolorosa, de tal maneira que se manteve imóvel e com os olhos fechados, durante muito tempo.

Tentava ligar os pormenores da sua aventura, até ao momento em que perdera os sentidos... a fim de ver se isso poderia explicar a situação em que se encontrava naquele momento – sem sequer saber se estava entre amigos ou inimigos. Por fim, recordou-se de toda a cena horrível, no poste, e finalmente lembrou-se do estranho homem branco em cujos braços desmaiara.

D’Arnot não fazia idéia do que o destino lhe reservava. Não podia ver, ou ouvir, quaisquer sinais de vida, à sua volta. O incessante murmúrio da selva, o roçar de bilhões de folhas, o zumbir dos insetos; as vozes dos pássaros e dos macacos, tudo parecia fundir-se num estranho sussurro embalador – como se ele estivesse, de longe, escutando os incontáveis ruídos da vida selvagem, que lhe chegavam apenas com um eco indistinto.

Por fim mergulhou num sono calmo, do qual só despertou ao entardecer.

Teve novamente a vaga sensação de espanto que marcara o seu primeiro despertar, mas desta vez não tardou a recordar o passado recente. Olhando através da abertura, a seus pés, viu o vulto de um homem sentado sobre os calcanhares. O dorso largo e musculoso estava voltado para ele, mas, apesar da pele bronzeada, D’Arnot compreendeu que eram as costas de um homem branco - e deu graças a Deus.

O francês chamou, em voz fraca. O homem ergueu-se, voltou-se e encaminhou-se para o abrigo. Tinha uma face estranhamente bela, a mais bela -pensou D’Arnot - que vira alguma vez.

Curvando-se, o homem entrou no abrigo e, de mãos no chão, aproximou-se do ferido, colocando a mão forte e fresca sobre a testa dele.

D’Arnot falou-lhe em francês, mas o homem apenas abanou a cabeça, com uma

expressão que parecia de tristeza. D'Arnot tentou o inglês, mas a resposta foi a mesma.

Italiano, espanhol e alemão, não obtiveram melhor resultado. D'Arnot conhecia algumas palavras de norueguês, russo e grego... e podia falar o dialeto de uma das tribos negras da Costa - mas o homem continuava a não compreender. Depois de examinar as feridas de D'Arnot, o desconhecido saiu do abrigo e desapareceu. Minutos depois estava de volta, trazendo frutos e um vegetal oco, que lembrava um cantil, e estava cheio de água.

D'Arnot comeu e bebeu pouco. Estava surpreendido por não ter febre. Mais uma vez tentou conversar com o seu estranho enfermeiro, mas a tentativa foi inútil. De súbito, o homem saiu apressadamente do abrigo, para voltar com vários pedaços de casca de árvores e, o que era espantoso, um lápis.

Sentando-se junto de D'Arnot, escreveu por momentos na face lisa, interior, de um dos pedaços de casca. Depois entregou ao francês o que escrevera. D'Arnot ficou espantado ao ver, em claros caracteres de imprensa, uma frase em inglês:

“Sou Tarzan dos Macacos. Quem é você? Pode ler esta linguagem?”

D'Arnot pegou no lápis, mas deteve-se. Aquele estranho homem escrevia inglês - era evidentemente um inglês. Disse:

- Sim, leio inglês. E falo, também. Agora podemos conversar... Primeiro, deixe-me agradecer-lhe tudo o que fez por mim.

O desconhecido abanou a cabeça, apontando para o lápis e para a casca de árvore.

- Meu Deus!... - exclamou D'Arnot. -Se você é inglês, por que razão não pode falar inglês? E de repente pensou - o homem era mudo, possivelmente surdo-mudo. Então escreveu, no pedaço de cortiça, em inglês:

“Sou Paul D'Arnot, tenente da armada francesa. Agradeço-lhe o que fez por mim, Salvou-me a vida; e tudo o que eu tenho lhe pertence. Posso perguntar-lhe como é possível escrever inglês e não o falar?”

A resposta de Tarzan surpreendeu ainda mais D'Arnot.

“Falo apenas a linguagem da minha tribo - os grandes macacos que eram de Kerchak. Conheço alguma coisa da linguagem de Tantor, o elefante, e de Numa, o leão. Entendo a fala das outras criaturas da selva. Nunca falei com uma pessoa humana, a não ser uma vez, com Jane Porter, por sinais. Mas é a primeira vez que falo com um homem da minha espécie, através de palavras escritas.”

D'Arnot sentia-se intrigado. Parecia-lhe inacreditável que pudesse existir no mundo um homem que nunca tivesse falado com outro homem, e ainda mais

impossível que essa criatura soubesse ler e escrever. Olhou de novo para o que Tarzan escrevera... “a não ser uma vez, com Jane Porter...” Era a moça americana que havia sido levada para a selva, por um gorila. Uma súbita idéia lhe ocorreu - aquele era o gorila! Pegou no lápis e escreveu:

“onde está Jane Porter?”

Tarzan respondeu, embaixo:

“Na companhia dos seus, na barraca de Tarzan dos Macacos.”

“Está viva, então? Onde esteve? Que lhe aconteceu?”

“está viva. Foi levada por Terkoz, para ser sua fêmea. Mas Tarzan dos Macacos matou Terkoz e libertou Jane antes que ele pudesse fazer-lhe mal. Em toda a selva, ninguém pode enfrentar Tarzan dos Macacos em luta, e viver. Eu sou Tarzan dos Macacos, poderoso lutador.”

D’Arnot escreveu:

“Alegra-me que ela esteja salva. Escrever é cansativo, para mim. Vou descansar.”

E Tarzan:

“Sim, descanse. Quando estiver bem, o levarei para a sua gente.”

Durante muitos dias D’Arnot ficou estendido na sua cama de fetos e ervas macias. Ao segundo dia viera a febre. O francês pensou que as feridas se haviam infectado, e compreendeu que ia morrer. Teve então uma idéia - e admirou-se de não a ter tido antes. Chamou Tarzan e indicou-lhe, por sinais, que queria escrever. Tarzan foi buscar o lápis e as cascas de árvore, e D’Arnot escreveu:

“Pode ir aonde está a minha gente, e trazê-la aqui? Escreverei uma mensagem que lhes entregará, e eles o seguirão.”

Tarzan abanou a cabeça e escreveu, por sua vez:

“Pensei nisso, no primeiro dia. Mas não me atrevi. Os grandes macacos vêm aqui, por vezes, e se o encontrarem, sozinho e ferido, o matarão.”

D’Arnot voltou-se de lado e fechou os olhos. Não desejava morrer, mas sentia que ia morrer porque a febre era cada vez mais alta. Durante essa noite esteve inconsciente.

Delirou durante três dias, e Tarzan esteve sentado ao lado dele, molhando-lhe a cabeça e as mãos: lavando-lhe as feridas. Ao quarto dia, a febre desapareceu tão bruscamente como viera, mas deixou D’Arnot reduzido a uma sombra de si mesmo, muito fraco. Tarzan tinha de erguê-lo para que ele pudesse beber água.

A febre não fora consequência de infecção, como D’Arnot pensara, mas um desses acessos vulgares entre os brancos, na África - que mata... ou desaparece

bruscamente, como no caso do francês. Dois dias depois D'Arnot podia caminhar pelo anfiteatro; Tarzan amparava-o, para impedi-lo de cair. Sentaram-se à sombra de uma grande árvore e Tarzan foi buscar o lápis e o singular “papel”, para que pudessem conversar. D'Arnot foi o primeiro a escrever:

“Que poderei fazer, para lhe pagar tudo o que fez por mim?”

E Tarzan, em resposta:

“Ensine-me a falar a linguagem dos homens”:

E assim D'Arnot começou imediatamente, apontando vários objetos familiares e repetindo os seus nomes, em francês. Pensou que lhe seria mais fácil ensinar a Tarzan a sua própria língua, visto ser, evidentemente, a que ele próprio conhecia melhor.

Isso nada significava para Tarzan, pois não podia diferenciar uma língua da outra. Quando apontava a palavra “man” (homem), que escrevera sobre a casca de árvore, D'Arnot explicava-lhe que aquilo pronunciava “homem”. Da mesma forma foi ensinado a pronunciar “ape” (macaco), como “singé”... - e “tree” (árvore), como “arbr”.

Era um estudante tão atento e ávido de saber que em dois dias já podia dizer em francês, pequenas frases que correspondiam aos sinais escritos em inglês. Dizia, com uma pronúncia engraçada: “Isso é uma árvore”, ou “isto é erva”, ou “tenho fome”. Mas D'Arnot verificou que não era fácil ensiná-lo a construir frases em francês, na base da construção inglesa.

O tenente escrevia pequenas lições para ele, em inglês, e Tarzan repetia-as em francês, mas a tradução à letra tinha como consequência um francês muito pobre, e Tarzan sentia-se por vezes confuso.

D'Arnot compreendeu que havia cometido um erro, mas parecia-lhe tarde demais para voltar atrás e refazer tudo, forçando Tarzan a esquecer o que havia aprendido, especialmente porque estavam aproximando-se de um ponto em que teriam a possibilidade de conversar.

No terceiro dia depois de ter desaparecido a febre, Tarzan escreveu uma mensagem, perguntando a D'Arnot se estava bastante forte para ser levado até à praia. Tarzan estava tão ansioso como D'Arnot por partir, porque desejava voltar a ver Jane.

Por essa mesma razão havia sido duro, para ele, ficar durante todos aqueles dias junto do francês, e o fato de o ter feito falava ainda mais alto, sobre a sua nobreza de caráter, do que a sua corajosa intervenção para salvar D'Arnot das garras de Mbonga.

D'Arnot, que ansiava por tentar a jornada, escreveu:

“Não pode levar-me ao longo de tão grande distância, através da selva.”

Tarzan riu-se.

- “Mais oui!”... - exclamou ele. E D'Arnot riu. também, ao ouvi-lo pronunciar uma frase que ele próprio usava freqüentemente.

Partiram... e D'Arnot maravilhou-se, tal como Clayton e Jane, diante da espantosa força e da prodigiosa agilidade do homem da selva. A meio da tarde chegaram à clareira, e quando Tarzan saltou para o chão, dos ramos da última árvore, o coração batia-lhe com força no peito, na alegria antecipada de voltar a ver Jane.

Não havia ninguém fora da barraca, e D'Arnot ficou espantado ao ver que tanto o cruzador como o Arrow haviam levantado ferro. Em volta deles havia um ambiente de solidão - que os impressionou, a ambos, enquanto caminhavam para a barraca. Nenhum deles falou, mas ambos sabiam, antes de abrir a porta, o que iam encontrar. Tarzan levantou o fecho e empurrou o sólido batente, que girou sobre os gonzos de madeira. A barraca estava deserta.

Voltaram-se e olharam um para o outro. D'Arnot sabia que os seus companheiros o tinham considerado morto. Mas Tarzan pensava apenas na mulher que beijara com amor, e agora fugira, enquanto ele cuidava de um dos seus. Uma grande amargura encheu-lhe o coração. Partiria, iria para as profundezas da selva, se juntaria à sua tribo. Nunca mais veria alguém da sua própria espécie, e não suportava a idéia de voltar àquela barraca. A deixaria para sempre...juntamente com grandes esperanças que embalara, de encontrar a sua própria raça e ser um homem entre os homens.

E o francês D'Arnot? Que seria dele? Poderia arranjar-se, viver, como Tarzan o tinha feito. Tarzan não queria voltar a vê-lo. Queria afastar-se de tudo o que pudesse recordar-lhe Jane.

Enquanto Tarzan ficava parado no limiar, entregue a sombrios pensamentos, D'Arnot entrou na barraca. Viu que muita coisa havia sido deixada. Reconheceu vários objetos vindos do cruzador - um fogão de acampamento, utensílios de cozinha, um rifle e muitas munições, comida enlatada, mantas, duas cadeiras e uma cama de campanha - além de vários livros e jornais, quase todos americanos.

- Devem pensar em voltar... - pensou D'Arnot.

Aproximou-se da mesa que John Clayton construía tantos anos antes, para servir de secretária, e viu duas cartas endereçadas a Tarzan dos Macacos. Uma, cujo endereço indicava letra de homem, estava aberta. A outra, decerto escrita por mão de mulher, estava fechada.

- Tem aqui duas mensagens para você, Tarzan!... – exclamou D'Arnot, voltando-se

para a porta - mas o seu companheiro tinha desaparecido.

D'Arnot dirigiu-se à porta e olhou para fora. Não viu Tarzan. Chamou e não obteve resposta.

- "Mon Dieu!"... - murmurou D'Arnot. - Deixou-me... sinto que me deixou. Voltou para a sua selva e abandonou-me aqui... E então recordou a expressão da face de Tarzan ao ver que a barraca estava deserta - a expressão que o caçador vê nos olhos do gamo ferido. O semideus da selva recebera um duro golpe, D'Arnot compreendia isso. Mas porquê? Não conseguia entender. O francês olhou em volta. A horrível solidão do lugar começou a torturar-lhe os nervos, já enfraquecidos pelas provações, o sofrimento e a doença. Ficar ali, sozinho naquela selva pavorosa, nunca mais ouvir uma voz humana, nem ver uma face humana - em constante receio dos animais selvagens e dos homens ainda mais selvagens que os animais - preso da solidão e do desespero... Era horrível.

A distância, para Leste, Tarzan dos Macacos saltava através das ramagens, a meia altura das copas, de regresso à sua tribo. Nunca antes viajara com tão grande velocidade. Sentia que ia a fugir de si mesmo - que, lançado como um esquilo através da floresta, escapava aos seus próprios pensamentos. Mas, por muito depressa que fosse... encontrava-os sempre a acompanhá-lo.

Passou por cima do corpo peludo e sinuoso de Sabor, a leoa, que ia em direção oposta - na direção da barraca, pensou Tarzan. Que poderia D'Arnot contra Sabor - ou contra Bolgani, o grande chimpanzé, se ele o atacasse -ou contra Numa, o leão... ou a cruel Sheeta?

Tarzan deteve-se no seu vôo. E perguntou a si mesmo, em voz alta:

- Que é você, Tarzan? Um macaco ou um homem? Se é um macaco fará o que fazem os macacos... deixará que uma criatura da sua espécie morra na selva, se o seu desejo for afastar-te... Mas se é um homem voltará para defender outro homem, seu irmão... Não deverá fugir das criaturas da sua espécie, só porque uma dessas criaturas fugiu de ti...

D'Arnot fechou a porta da barraca. Sentia os nervos tensos. Mesmo os homens corajosos - e D'Arnot era um homem corajoso - sentem por vezes medo, na solidão.

Carregou um dos rifles e colocou-o ao seu alcance. Então se aproximou da secretária e pegou na carta dirigida a Tarzan, a que estava aberta. Talvez contivesse alguma indicação, informando que a partida era temporária. Pensou que não violava qualquer regra, se a lesse... Tirou a carta do sobrescrito e leu:

"Para Tarzan dos Macacos.

Agradecemos-lhe ter nos permitido utilizar a sua barraca, e lamentamos que não nos desse o prazer de o vermos para lhe agradecer pessoalmente.

Nada ficou estragado, e deixamos-lhe várias coisas que podem aumentar o seu conforto e segurança nesta casa solitária.

Se conhecer o estranho homem branco que nos salvou a vida tantas vezes, e nos trouxe comida, se puder falar com ele, diga-lhe da nossa gratidão também, pela sua bondade.

Partimos dentro de uma hora, para não mais voltarmos queremos que ambos saibam que sempre lhes ficaremos gratos pelo que fizeram por estranhos, no vosso território, e que teríamos feito mil coisas para os recompensar, se nos tivessem dado essa oportunidade.

Respeitosamente William Cecil Clayton

- Para não mais voltar... - murmurou D'Arnot, deixando-se cair de bruços sobre a cama de campanha.

Uma hora mais tarde levantou-se, sobressaltado, à escuta...

Alguém estava tentando entrar. Caía a noite, e no interior da barraca a escuridão era densa... Mas D'Arnot podia ver o fecho levantar-se... Sentiu um arrepio, que lhe eriçou os cabelos.

Suavemente, a porta abriu-se até que uma estreita fresta mostrou um vulto que estava no outro lado. D'Arnot apontou o rifle para a trilha da porta – e disparou.

O tesouro perdido

Quando a expedição voltou, depois da malograda tentativa para socorrer D'Arnot, o capitão Dufranne mostrou-se ansioso por levantar ferro o mais depressa possível, e todos, com exceção de Jane, concordaram.

- Não... - disse ela, resolutamente. - Não irei... porque há dois amigos que estão na selva e voltarão ainda, contando que os esperemos. Não deve partir, capitão Dufranne, porque um desses amigos é o seu oficial, e o outro é o homem da floresta, que salvou a vida a todos e cada um dos companheiros de meu pai. Deixou-me na orla da selva, há dois dias, e partiu em socorro de meu pai e do sr. Clayton, como supunha – mas ficou para salvar o tenente D'Arnot... disso podem ter a mais absoluta certeza. Se ele tivesse chegado tarde para socorrer o tenente, já estaria de volta, agora. O fato de ele não ter voltado é prova suficiente, para mim, de que se demora porque o tenente está ferido -ou de que teve de seguir os seus raptos até muito mais longe do que a aldeia que os seus marinheiros atacaram.

- Mas, miss Porter... - argumentou o capitão... - encontramos na aldeia os farrapos do uniforme do tenente D'Arnot, e as coisas que levava consigo quando partiu. E os nativos mostraram grande excitação, quando foram interrogados sobre a sorte do pobre oficial branco.

- Sim, capitão, mas não afirmaram que ele estava morto... e quanto aos objetos em poder deles... bem, homens muito mais civilizados do que esses negros roubam aos prisioneiros tudo o que eles têm de valor, quer tencionem matá-los, quer não. Mesmo os soldados do meu país, na guerra da Secessão, roubavam não apenas os vivos, mas os mortos. Concordo que é uma forte prova circunstancial, mas não é positiva.

- Talvez o seu homem da selva fosse capturado ou assassinado pelos selvagens... - sugeriu o capitão Dufranne. A jovem riu.

- Não o conhece... - respondeu ela, enquanto uma pequena sensação de orgulho a invadia, ao pensar que falava do homem a quem amava.

- Reconheço que valeria a pena esperar por esse seu super-homem... - riu o capitão. - Gostaria de conhecê-lo, sem dúvida.

- Então espere por ele, capitão... - insistiu a jovem. – É isso o que eu tenciono fazer.

O francês teria ficado profundamente surpreendido, se pudesse interpretar a verdadeira significação das palavras de Jane. Iam caminhando da praia, na direção da barraca, enquanto conversavam, e pouco depois se reuniram ao pequeno grupo

sentado em bancos de campanha, à sombra de uma grande árvore próxima do abrigo.

O grupo era formado pelo professor Porter, Philander, Clayton, o tenente Charpentier e mais dois oficiais. Um pouco atrás estava Esmeralda, que de quando em vez emitia a sua opinião e fazia comentários, com a liberdade natural numa velha criada que fazia parte da família.

Os oficiais levantaram-se e cumprimentaram, quando o seu superior se aproximou, e Clayton ofereceu o seu banco a Jane.

- Temos vindo a discutir o destino do pobre D'Arnot... - disse o capitão Dufranne.
- Miss Porter insiste em afirmar que não temos provas positivas da sua morte - e de fato não temos. Por outro lado, declara que a ausência prolongada do vosso poderoso deus da selva... significa que D'Arnot está ainda precisando da ajuda dele, ou por estar ferido, ou por estar ainda preso numa aldeia de nativos, mais distante.

- Foi sugerido... - disse o tenente Charpentier... - que esse homem da selva pode pertencer à própria tribo que nos atacou... e que partiu para ajudar os seus companheiros.

Jane olhou de relance para Clayton.

- Isso parece consideravelmente mais razoável... - declarou o professor.

- Não concordo... - objetou Philander. - Ele teve todas as oportunidades para nos fazer mal, ou para conduzir a tribo contra nós. Em vez disso, durante toda a nossa longa estadia aqui, mostrou-se permanentemente ocupado em proteger-nos e até em nos abastecer de comida.

- Isso é verdade... - interveio Clayton -, mas não devemos desprezar o fato de que, exceto ele, as únicas criaturas humanas, num raio de centenas de milhas, são canibais. Ele estava armado exatamente como os negros, o que prova que tem algum gênero de ligação com eles, e o fato de ser apenas um, contra, possivelmente, milhares, sugere que essas relações não podem ser senão amigáveis.

- Parece portanto improvável que ele não tenha ligação com os negros... - observou o capitão -...e até que não pertença à tribo.

- De outro modo... - lembrou-se um dos dois oficiais -, como poderia ele ter vivido bastante tempo, entre os habitantes da selva, feras e homens, para se mostrar tão eficiente no conhecimento da selva e no uso das armas indígenas?

- Estão julgando conforme as suas próprias regras, senhores... - afirmou Jane. - Um vulgar homem branco, como qualquer dos senhores... perdão, não era isso o que eu queria dizer... mesmo um homem branco acima do vulgar, em força e inteligência, não poderia, garanto-lhes, viver um só ano que fosse, sozinho e quase nu nesta selva tropical. Mas esse homem não só excede, em muito, os brancos civilizados, em força

e agilidade... Excede também os atletas e desportistas mais bem treinados... da mesma maneira como estes podem exceder as capacidades de um recém-nascido. E a sua coragem e ferocidade, em combate, são maiores do que as de qualquer grande animal da selva.

- Ele conquistou, pelo menos, uma dedicada defensora, miss Porter... -comentou o capitão, rindo. - Tenho certeza de que todos os presentes enfrentariam cem vezes a morte, mesmo sob as formas mais terríveis, para merecer o tributo de uma pessoa tão leal... e tão bela!

- Não se admirariam de eu o defender... - retorquiu a jovem -, se pudessem tê-lo visto, como eu vi, lutar em minha defesa... contra esse pavoroso e gigantesco gorila. Se tivessem visto os poderosos músculos, tensos sob a pele morena, afastarem os dentes da fera... também o julgariam invencível. Atacou o gorila e matou-o... um animal grande como um “grizzly”, sem um sinal de medo ou de hesitação... Se o vissem, o considerariam sobre-humano! E se, por fim, tivessem podido ver a forma cavalheiresca como tratou uma moça diferente, de um mundo diferente, teriam nele a mesma absoluta confiança que eu tenho.

- Ganhou a sua causa, bela advogada... - exclamou o capitão.

- O tribunal aqui reunido considera o acusado isento de culpa, e o cruzador esperará uns dias mais, para que ele possa ter a oportunidade de aparecer e agradecer à divina Portia *(personagem famosa, de uma peça de Shakespeare).

- Por amor de Deus, querida... - gritou Esmeralda. - Não vão todos dizer-me que querem ficar aqui, nesta maldita terra de “carnivals”, quando podemos todos embarcar nesse navio!

- Não vão dizer-me isso, querida!

- Devia envergonhar-se, Esmeralda... - exclamou Jane. – É assim que agradece ao homem que duas vezes te salvou a vida?

- Está bem, miss Jane, seja lá como diz... Mas esse valente rapaz não nos salvou para ficarmos aqui... salvou-nos para a gente se ir embora... E vai ficar danado quando vir que não há senso comum e que continuamos depois de ele nos dar a oportunidade de fugir... Espero não ter de dormir mais uma só noite neste jardim “zoológico”... e ouvir todos esses barulhos que vêm da selva, mal escurece... esses barulhos da solidão...

- Não a censuro nem um pouquinho, Esmeralda... – disse Clayton -, e penso que acertou em cheio ao chamar-lhes “barulhos da solidão”. Nunca fui capaz de encontrar a palavra que os definisse assim tão bem.

- Creio que você e Esmeralda podem ir dormir a bordo do cruzador... -respondeu Jane, sarcástica. - Que pensaria se “tivesse” de viver toda a sua vida na selva, como

fez o nosso homem da floresta?

- Penso que seria um desastre como criatura da selva... -riu Clayton. -Esses ruídos noturnos arrepiam-me os cabelos. Suponho que devia envergonhar-me de confessar isto, mas é verdade.

- Não sei dessas coisas... - comentou o tenente Charpentier.

- Nunca dei muita atenção ao medo ou a assuntos desses... Nunca tentei determinar se era covarde ou corajoso. Mas, nessa noite que passamos na selva, depois de levarem o pobre D'Arnot ao ouvir os incontáveis sons que subiam e desciam como vagas... comecei a pensar que era realmente um covarde. Não era o rugir ou o rosnar das grandes feras que me impressionava tanto... Eram os ruídos furtivos, que surgiam bruscamente perto de nós e nos deixavam à espera, em vão, que se repetissem... o rumor indefinível de um grande corpo que se movia em quase completo silêncio... e o conhecimento de não termos maneira de saber se a fera... ou o que fosse... continuava a aproximar-se depois de termos deixado de ouvi-la... Eram esses sons... e os olhos... “Mon Dieu!” Hei de sentir sempre, na escuridão, a presença desses olhos... daqueles que vemos e dos que não podemos ver...

Todos se calaram, por momentos. Por fim, Jane disse, num murmúrio:

- E é aí que ele está... Esses olhos o espreitarão esta noite, a “ele” e ao seu amigo tenente D'Arnot. Podem abandoná-los, senhores, sem ao menos lhes oferecerem o auxílio passivo de esperarem uns dias mais?

- Tut, tut, criança... - disse o professor. - O capitão Dufranne está disposto a ficar, e pela minha parte concordo inteiramente... como sempre fiz para satisfazer os seus caprichos infantis.

- Podemos utilizar o dia de amanhã na recuperação da mala...- sugeriu o sr. Philander.

- Muito bem, excelente idéia, meu amigo... - respondeu o professor. - Quase tinha esquecido o tesouro. Talvez o capitão Dufranne possa ceder-nos alguns homens, para nos ajudar, e um dos prisioneiros para nos indicar o ponto onde enterraram a mala.

- Com certeza, meu caro professor... - declarou o capitão. - Estamos todos às suas ordens.

Assim, ficou combinado que, no dia seguinte, o tenente Charpentier comandaria um destacamento de dez homens, e levando um dos prisioneiros como guia, iriam desenterrar a mala do tesouro. Quanto ao cruzador, permaneceria durante mais uma semana no porto. Passado esse prazo, era de considerar que o tenente D'Arnot estava morto, e que o homem da selva não voltaria enquanto eles ali estivessem. Então os dois navios levantariam ferro.

O professor Porter não acompanhou os homens que iam buscar o tesouro, no dia seguinte... mas quando os viu voltar de mãos vazias, cerca do meio-dia, correu ao encontro deles - completamente esquecida a sua habitual indiferença, agora substituída por uma nervosa agitação.

- Onde está o tesouro?... - gritou ele para Clayton, a uma distância de uns trinta metros. Clayton abanou a cabeça e, ao chegar junto do professor, explicou:

-Desapareceu!

- Desapareceu? Não pode ser! Quem poderia tê-lo levado?... - bradou Porter.

- Só Deus o sabe, professor... - respondeu Clayton. - Podíamos pensar que o homem que nos guiou estava mentindo quanto à localização, mas a sua surpresa e consternação, ao ver que a mala não estava enterrada debaixo da sepultura de Snipes, um homem a quem os outros assassinaram, foram demasiadamente flagrantes para que pudessem ser fingidas. As pás demonstraram que “alguma” coisa havia estado enterrada debaixo do corpo, porque havia ali um buraco e havia sido tapado com terra solta.

- Mas quem poderia tê-lo levado?... - repetiu o professor.

- As suspeitas poderiam naturalmente recair sobre os marinheiros do cruzador... - disse o tenente Charpentier -, mas acontece que o segundo-tenente Janviers me afirma que nenhum homem teve licença para desembarcar, que de fato nenhum desembarcou, desde que ancoramos, a não ser sob o comando de um oficial. Não sei se suspeitaria dos nossos marinheiros, mas alegra-me o fato de não haver sequer a possibilidade de uma suspeita.

- Nunca teria pensado em suspeitar de homens a quem tanto devemos... - respondeu o professor. - Seria o mesmo que suspeitar do sr. Clayton, ou do sr. Philander, pessoas a quem muito estimo.

Os franceses sorriram, tanto os soldados como os oficiais. Era evidente que se sentiam aliviados com aquelas palavras.

- O tesouro foi levado há tempo... - continuou Clayton. -O corpo desmanchou-se quando o levantamos... o que indica que, quem levou o tesouro, o fez quando o cadáver estava ainda enterrado há pouco... por isso que o encontramos aparentemente intacto.

- Deviam ser vários... - disse Jane, que se aproximara.

- Eram precisos quatro homens para levantar a mala...

- Com certeza!... - exclamou Clayton. - Deve ter sido obra de um grupo de negros. Provavelmente um deles viu os homens enterrarem a mala... Foi chamar outros e desenterraram-na, levando-a.

- As conjecturas são inúteis... - murmurou o professor, tristemente: - A mala desapareceu e nunca mais a veremos, nem ao tesouro que continha. Só Jane sabia o que essa perda significava para seu pai... e ninguém ali sabia o que poderia significar para ela.

Seis dias depois, o capitão Dufranne avisou de que partiriam na manhã seguinte, cedo. Jane teria suplicado uma nova espera... se não tivesse também começado a pensar que o seu semideus apaixonado não voltaria. Mau grado seu, começara a sentir dúvidas e receios. A sensatez dos argumentos dos oficiais franceses, desinteressados e imparciais, convencia-a contra a sua vontade. Nunca poderia acreditar que o belo homem da selva fosse um canibal, mas acabou por lhe parecer possível que ele tivesse sido adotado como membro de alguma tribo.

Também não acreditava que ele estivesse morto. Era impossível pensar que aquele corpo perfeito, cheio de vida, deixasse de existir... Enquanto estes pensamentos invadiam Jane, outros, igualmente indesejados, se impunham à sua mente.

Se o homem da selva pertencia a uma tribo selvagem, tinha decerto uma mulher também selvagem - ou uma dúzia, talvez - e filhos mestiços... A jovem tremia ao pensar nisto...e quando lhe disseram que o cruzador partia no dia seguinte, ficou quase contente.

Foi todavia ela quem sugeriu que armas, munições, provisões e comodidades fossem deixados na barraca, aparentemente destinados a essa criatura intangível que assinava “Tarzan dos Macacos”, e ao tenente D’Arnot, se ainda estivesse vivo - mas na realidade, assim o esperava, destinados ao belo semideus da selva, embora pudesse, como tantos outros ídolos, ter apenas pés de barro.

E, no último instante, deixou uma mensagem para ele, que lhe seria transmitida por Tarzan dos Macacos. Foi a última a deixar a barraca, aonde voltou sob um pretexto qualquer quando já iam todos a caminho do escaler. Ajoelhou-se junto da cama onde tinha dormido tantas noites, e rezou pela segurança do seu homem primitivo. Depois beijou repetidas vezes o medalhão, murmurando:

- Amo-te... e porque te amo confio em ti... Mas, ainda que não confiasse, continuaria a amar-te... Se tivesse voltado, e não houvesse para nós outra solução, teria ido contigo para a selva - para sempre...”

Posto avançado da civilização

No mesmo instante em que D'Arnot disparou, o batente foi empurrado para dentro e o vulto de um homem caiu, ficando estendido no chão da barraca. No seu impulso de pânico, o francês voltou a erguer a arma, para disparar segunda vez, mas de repente a claridade vaga que entrava pela porta aberta permitiu-lhe ver que o homem era um branco... e no instante seguinte D'Arnot compreendeu que tinha ferido o seu amigo e protetor, Tarzan dos Macacos.

Com um brado de angústia, D'Arnot precipitou-se para o ferido e, ajoelhando junto dele, soergueu-lhe a cabeça, gritando o seu nome. Não teve resposta, e então encostou a cabeça ao coração de Tarzan. Foi com indizível alegria que ouviu o bater compassado e forte.

Cuidadosamente, não sem grande dificuldade, estendeu Tarzan sobre a cama de campanha e, tendo fechado e trancado a porta, acendeu uma das lanternas e examinou a ferida. A bala acertara de raspão na cabeça do homem da selva. Era uma ferida feia mas superficial, e não havia qualquer indicação de fratura.

D'Arnot deixou escapar um fundo suspiro de alívio e começou a limpar o sangue da cara de Tarzan, banhando-a com água. Não tardou que a água fria reanimasse Tarzan. Um instante depois abriu os olhos e fitou D'Arnot com uma expressão de surpresa. O francês tinha-lhe ligado a cabeça, com tiras de pano molhado, e ao ver que Tarzan despertava levantou-se e escreveu num papel, sobre a mesa, uma rápida mensagem que entregou ao seu amigo, explicando o erro terrível que cometera e como se sentia grato a Deus porque a ferida não era grave.

Tarzan leu a mensagem e, sentando-se na beira da cama de campanha, riu com vontade.

- Isto não é nada... - disse ele, em francês. E, como o seu vocabulário não lhe parecesse suficiente, escreveu por seu turno: “Devia ter visto o que me fez Bolgani, e o que me fizeram Kerchak e Terkoz, antes de eu os matar. Se visse, riria deste arranhão.”

Então D'Arnot entregou a Tarzan as duas mensagens que encontrara e lhe eram dirigidas. O homem da selva leu a primeira, com uma expressão de tristeza. Depois pegou na segunda, cujo envelope estava fechado, e observou-a atentamente, procurando descobrir como se abria -pois nunca vira, antes, um sobrescrito fechado. Por fim, entregou-a a D'Arnot.

O francês tinha estado a observá-lo, e compreendera que o envelope o intrigava.

Era estranho... ver um homem branco para quem um envelope constituía um mistério. D'Arnot abriu o envelope e entregou a carta a Tarzan. Então, sentando-se num dos bancos de campanha, o homem da selva estendeu a carta na sua frente e leu:

“Para Tarzan dos Macacos.

Antes de partir, deixe-me acrescentar os meus agradecimentos aos do sr. Clayton, pela bondade que teve em nos consentir a utilização da sua casa. Foi um grande pesar, para nós, nunca o termos visto, para nos tornarmos amigos. Gostaríamos muito de ter podido agradecer-lhe pessoalmente, e de o conhecer.

Há uma outra pessoa a quem eu gostaria de agradecer também, mas essa pessoa não voltou - embora eu não possa acreditar que tenha morrido. Não sei o nome dele. É o gigante branco que usava o medalhão de ouro.

Se o conhece e sabe falar a língua dele, transmita-lhe o meu reconhecimento e diga-lhe que esperamos durante sete dias o seu regresso. Diga-lhe também que na minha casa, na América, em Baltimore, haverá sempre alguém para o receber com alegria, se ele quiser ir visitar-me.

Encontrei a mensagem que escreveu, entre as ervas, sob uma árvore perto da barraca. Não sei como pôde começar a amar-me, porque nunca falamos um com o outro, e sinto a maior das penas se for verdade, porque já dei o meu coração a outro homem. Mas saiba que serei sempre sua amiga.

JANE PORTER”

Tarzan ficou sentado, em silêncio, durante perto de uma hora, com os olhos fitos no chão. Era evidente, depois de ler as duas cartas, que não tinham compreendido que ele e Tarzan dos Macacos eram a mesma e única pessoa.

Repetia constantemente, na memória, a frase que lera:

“... dei o meu coração a outro homem...”

Então ela não o amava! Como podia ter fingido amor, tê-lo erguido a tão grande altura de esperança para depois o mergulhar em tal profundidade de desespero?

Talvez que os beijos dela fossem apenas demonstrações de amizade. Como poderia ele saber, se nada conhecia da maneira de ser das pessoas humanas?

Levantou-se bruscamente e, dando as boa-noite a D'Arnot - como aprendera a fazer - deixou-se cair sobre a cama de ervas e de fetos - que tinha sido de Jane Porter.

Por seu lado, D'Arnot apagou a lanterna e estendeu-se na cama de campanha.

Durante uma semana pouco mais fizeram do que descansar. D'Arnot continuou a ensinar francês a Tarzan, e ao fim dessa semana os dois homens podiam conversar

sem dificuldades maiores. Uma noite, quando estavam sentados no interior da barraca, antes de se deitarem, Tarzan voltou-se para D'Arnot.

-Onde é a América?... - perguntou ele.

D'Arnot apontou para Noroeste, dizendo:

- A muitos milhares de milhas de distância, do outro lado do mar. Porquê?

- Quero ir lá.

D'Arnot abanou a cabeça.

- É impossível, meu amigo... - disse ele.

Tarzan levantou-se e, dirigindo-se a um dos armários, regressou trazendo uma geografia que mostrava sinais de ter sido muito lida. Abrindo as páginas onde havia um mapa do mundo, disse:

- Nunca entendi bem isto. Explique-me, por favor.

Quando D'Arnot explicou, indicando que a cor azul representava toda a água que havia sobre a Terra, e que as manchas de outras cores significavam ilhas e continentes, Tarzan pediu-lhe para apontar o lugar onde ambos se encontravam. D'Arnot assim fez.

- E agora aponte o lugar onde está a América... – pediu Tarzan.

Quando Tarzan pousou o dedo sobre a América do Norte, Tarzan sorriu e pôs a mão sobre as duas páginas, cobrindo o grande Oceano entre os dois continentes.

- Não é muito longe... - disse ele. - Não chega à largura da minha mão.

D'Arnot riu-se. Como poderia ele fazê-lo compreender? Pegou num lápis e marcou um pequeno ponto na costa africana.

- Este pequeno ponto... - explicou -, é milhares de vezes maior, em relação a este mapa, do que toda esta região é em relação à Terra. Compreende agora a distância?

Tarzan ficou pensativo, durante longos momentos.

- Vivem homens brancos na África?... - perguntou.

- Sim.

- Onde estão os mais próximos?

D'Arnot apontou um lugar, no mapa, um pouco ao norte.

- Tão perto?... - exclamou Tarzan, surpreendido.

- Sim... mas não é tão perto.

- E eles têm grandes barcos para atravessar o mar?

-Têm.

- Bem, partiremos amanhã... - declarou Tarzan.

D'Arnot voltou a sorrir e a abanar a cabeça.

- É muito longe... - respondeu. - Morreríamos antes de chegar.

- Quer ficar aqui para sempre?... - perguntou Tarzan.

- Não.

- Então partiremos amanhã. Já não gosto disto aqui. Prefiro morrer a ficar.

- Pois seja... - respondeu D'Arnot, com um encolher de ombros.

- Eu não sei bem, “mon ami”... mas creio que também prefiro morrer a ficar aqui.
Se você vai, eu irei com você.

- Então está decidido... - concluiu Tarzan. - Parto amanhã para a América.

- Como poderá chegar à América, sem dinheiro?... - perguntou D'Arnot.

- O que é dinheiro?

A explicação foi longa, e Tarzan ficou apenas com um conhecimento imperfeito do que significava o dinheiro.

- Como é que os homens conseguem dinheiro?... - perguntou, por fim.

- Trabalham para ganhá-lo.

- Muito bem. Trabalharei para ganhá-lo.

- Não, meu amigo... - declarou D'Arnot. - Não precisa se preocupar com dinheiro, nem de trabalhar para consegui-lo. Eu tenho bastante dinheiro para dois - ou para vinte. Muito mais do que convém a um homem... e você terá todo aquele de que precisar... se alguma vez alcançarmos a civilização.

Assim, na manhã seguinte partiram para o Norte, ao longo do litoral. Cada um deles levava um rifle e munições, além de mantas, comida e utensílios de cozinha. Estes últimos pareceram a Tarzan servir apenas para atravancar, e atirou-os fora.

- Mas você precisa aprender a comer alimentos cozidos, meu amigo... - objetou D'Arnot. - Os homens civilizados não comem carne crua.

- Haverá tempo bastante, quando chegar à civilização... - respondeu Tarzan. - Não gosto dessas coisas, e só servem para estragar o sabor da boa carne.

Durante um mês caminharam para o Norte - por vezes encontrando comida abundante, de outras vezes passando fome em dias consecutivos. Não encontraram indígenas nem foram incomodados pelas feras. A viagem era um milagre de facilidade.

Tarzan fazia muitas perguntas, e aprendia rapidamente. D'Arnot ensinou-lhe muitos dos requintes da civilização - até mesmo a usar um garfo e uma faca. Mas

aconteciam que Tarzan largava essas complicadas coisas e, pegando na carne entre as fortes mãos morenas, rasgava-a, entre os dentes brancos, como um animal selvagem. Então D'Arnot protestava, dizendo:

- Não deve comer como um animal, Tarzan... enquanto eu estou tentando transformá-lo num gentleman! Mon Dieu! Os gentleman não fazem isso - é horrível!

Tarzan sorria, como uma criança apanhada em falta, e pegava outra vez na faca e no garfo... embora detestasse tais coisas. Durante a viagem, falou a D'Arnot na grande mala que vira os marinheiros enterrarem. Contou-lhe como a desenterrara e a levava para o anfiteatro onde se reuniam os macacos, escondendo-a aí.

- Deve ser a mala do tesouro do professor Porter... - disse D'Arnot. - Foi pena... mas claro, você não sabia.

Então Tarzan recordou-se da carta que lera, a carta dirigida por Jane à sua amiga distante - e compreendeu qual era o conteúdo da mala e o que significava para Jane.

- Amanhã iremos buscar a mala... - declarou ele a D'Arnot.

- Voltar atrás?... - Exclamou o francês. - Mas meu amigo, estamos a caminho há três semanas... Seriam necessárias outras três para voltar, e depois, com esse enorme peso que, como diz, exigia os esforços conjuntos de quatro homens, para ser transportado, decorreriam meses antes de chegarmos aonde estamos.

- É preciso fazer isso, amigo... - insistiu Tarzan. - Você segue a caminho da civilização, e eu vou buscar o tesouro. Sozinho, poderei viajar muito mais depressa.

- Tenho um plano melhor, Tarzan!... - exclamou D'Arnot. - Continuaremos juntos até ao primeiro estabelecimento de brancos, e aí fretamos um barco e descemos a costa para ir buscar o tesouro que então poderemos transportar facilmente. Será mais fácil e mais seguro, e não tornará necessário que nos separemos. Que pensa deste plano?

- Está bem... - respondeu Tarzan. - O tesouro lá estará, seja quando for que o procuremos. E, embora eu pudesse ir buscá-lo agora e voltar no espaço de pouco mais de uma lua me sentirei mais seguro, a seu respeito, não o deixando sozinho na trilha. Quando vejo até que ponto você é indefeso, D'Arnot espanto-me de que a raça humana tenha podido resistir ao longo das eras, como lhe disse. Sabor, só ela, podia matar um milhar de homens como você.

D'Arnot riu.

-Virá a ter uma idéia melhor dos seus semelhantes... quando vir os exércitos e os navios, as grandes cidades, os poderosos trabalhos de engenharia. Então compreenderá que é o cérebro, não os músculos, o que torna o animal humano mais

forte do que as grandes feras da selva. Só e sem armas, um homem não pode enfrentar uma fera. Mas dez homens juntos podem somar a sua inteligência e a sua força contra os inimigos, ao passo que as feras, incapazes de raciocinar, nunca pensarão em se aliar contra os homens. De outra forma, Tarzan... como teria você podido sobreviver na selva?

- Tem razão, D'Arnot... Se Kerchak se houvesse aliado a Tublat, naquela noite do Dum-Dum, teria sido o meu fim. Mas Kerchak não via o suficiente para aproveitar essa possibilidade. Mesmo Kala, minha mãe, nunca previa nada. Comia o que precisava e quando precisava, e ainda que encontrasse comida para se alimentar várias vezes, não aproveitaria senão a que pudesse utilizar naquele instante. Lembro-me de que ela me achava tolo por transportar provisões que ia juntando... embora ficasse contente por poder comê-las quando, no prosseguimento da jornada, não encontrávamos mais.

-Conheceu sua mãe, Tarzan?... -perguntou D'Arnot, surpreendido.

- Sim. Era uma esplêndida macaca, maior do que eu e pesando duas vezes mais.

- E o seu pai?

- Não o conheci. Kala disse-me que era um macaco branco e sem pêlos, como eu. Sei agora que deve ter sido um homem branco. D'Arnot olhou, longa e atentamente, para o seu companheiro.

- Tarzan... - disse ele, por fim -... é impossível que Kala, a macaca, fosse sua mãe. Se tal coisa pudesse acontecer, o que ponho em dúvida, você teria herdado algumas das características dos macacos, o que não é verdade. Você é puramente homem e, direi mesmo, é filho de pais excepcionalmente inteligentes e de alto nascimento. Não tem qualquer indício sobre o seu passado?

- Nenhum.

- Não encontrou, na barraca, qualquer escrito que pudesse informar sobre os seus primitivos ocupantes?

- Li tudo o que havia na barraca, com exceção de um livro que sei agora estar escrito numa língua que não é a inglesa. Talvez você possa lê-lo.

Tarzan tirou o pequeno livro de capa negra, do interior da sua aljava, e entregou-o ao companheiro. D'Arnot olhou para a primeira página e disse:

- Este é o diário de John Clayton, Lord Greystoke, um nobre inglês, e está escrito em francês...

Então D'Arnot leu o diário que havia sido escrito vinte anos antes e que registrava os pormenores da história que nós já conhecemos -a história da aventura, sofrimentos e penas de John Clayton e de sua mulher Alice, desde o dia em que

tinham partido de Inglaterra até uma hora antes de John Clayton ser abatido por Kerchak.

D'Arnot leu em voz alta, e por vezes a voz se embargava e era forçado a parar, impressionado pela infinita desesperança que se adivinhava entre as linhas. Olhava de quando em quando para Tarzan, mas o homem da selva estava sentado sobre os calcanhares, de olhos postos no chão, imóvel como uma escultura de pedra.

Só quando havia alguma referência ao bebê, o tom do diário se afastava da expressão de desespero que se insinuara, pouco a pouco, depois dos primeiros dois meses de vida na barraca. Nesses pontos havia quase que uma nota de felicidade reprimida - ainda mais triste do que o resto. Um dos apontamentos revelava quase esperança:

“Hoje o nosso menino completa seis meses. Está sentado no colo de Alice, ao lado da mesa onde eu estou escrevendo – uma criança saudável, feliz e perfeita. Por vezes, contra toda a esperança, imagino-o crescido, ocupando no mundo o lugar de seu pai - o segundo John Clayton - e acrescentando novas honras à casa de Greystoke. Neste instante, como para dar ao que escrevo a força do seu acordo, agarrou a minha pena nos seus dedinhos gordos, sujando-os e deixando as marcas sobre a página.”

E ali, na margem da página, estavam as impressões digitais, parcialmente borradas, de quatro dedinhos infantis e de metade de um polegar.

Quando D'Arnot acabou de ler o diário, os dois homens ficaram em silêncio durante alguns minutos. Mas, logo depois, o francês perguntou, excitado:

- Que diz a isto, Tarzan dos Macacos? Não lhe parece que este livro esclarece o mistério da sua ascendência? Homem, você é Lord Greystoke!

Tarzan abanou a cabeça.

- O livro fala só de uma criança... - respondeu. - E o esqueleto dessa criança esteve no berço, onde morreu chorando com fome, desde a primeira vez que eu entrei na barraca até que o professor Porter e os seus companheiros o enterraram, entre o pai e a mãe, no terreno em frente. Não... Essa era a criança de quem o livro fala - e o mistério da minha origem está mais denso do que nunca. Ultimamente tenho pensado, muitas vezes, na possibilidade de ter nascido na barraca. Mas não... Receio bem que Kala me tenha dito a verdade... - concluiu, tristemente.

D'Arnot abanou a cabeça. Não estava convencido e na sua mente estabeleceu-se a determinação de provar a exatidão da sua teoria - porque descobrira a chave, única, capaz de abrir a porta do mistério, ou de a fechar para sempre sobre os domínios do indecifrável.

Uma semana mais tarde os dois homens alcançaram uma clareira na floresta. À

distância viram várias construções, rodeadas por uma forte paliçada. Entre eles e a paliçada, na vasta clareira, estendiam-se terras lavradas nas quais vários negros trabalhavam.

Os dois homens pararam na orla da selva. Tarzan colocou no seu arco uma flecha envenenada, mas D'Arnot pousou-lhe uma das mãos num braço.

- Que vai fazer, Tarzan?

- Eles tentarão nos matar assim que nos virem... – respondeu Tarzan. -Prefiro ser eu a matar.

- Talvez sejam amigos...

- São negros... - atalhou Tarzan, levantando o arco.

- Não deve fazer isso, Tarzan!... - exclamou D'Arnot. – Os brancos não matam assim, sem mais nem menos. Meu Deus! Você tem ainda muito que aprender! Lamento o bandido que se meter com você, homem da selva, quando eu o levar para Paris. Vou ter muito que fazer para que você não acabe na guilhotina!

Tarzan baixou o arco e sorriu.

- Não sei por que razão devia matar os negros, na minha selva, e não devo matá-los aqui. Suponha que Numa, o leão, nos surge pela frente, pronto a atacar. Talvez eu deva dizer-lhe: - Bom-dia, Mesieur Numa... Como vai Madame Numa? É assim?

- Espere que os negros o ataquem... - respondeu D'Arnot, rindo -, e então poderá matá-los. Não conclua que os homens são seus inimigos, antes de ter prova disso.

- Está bem... - retorquiu Tarzan. - Então vamos aproximar-nos para que nos matem... -e avançou em linha reta através do campo, a cabeça erguida e o sol tropical a iluminar a sua pele morena.

Atrás dele ia D'Arnot, vestido com alguma roupa que Clayton deixara na barraca depois de os oficiais do cruzador lhe terem proporcionado a maneira de se vestir mais corretamente.

A certa altura um dos negros levantou a cabeça e, ao ver Tarzan, deu meia volta e fugiu, gritando, na direção da paliçada. No instante seguinte o ar vibrava de gritos de pavor dos negros fugitivos, mas antes que eles alcançassem a paliçada apareceu um homem branco, empunhando um rifle, como a querer saber a causa da gritaria. O que viu fê-lo levar a arma à cara... e Tarzan dos Macacos teria sentido outra vez uma bala no corpo, se D'Arnot não gritasse com toda a força dos pulmões:

- Não atire! Somos amigos!

- Parem, então!

- Pare, Tarzan... - disse D'Arnot. - Ele nos julga inimigos. Tarzan abrandou o

passo, e ao lado de D'Arnot encaminhou-se para onde estava o homem branco. Este olhava-os, espantado.

- Que homens são vocês?... - perguntou ele, em francês.

- Homens brancos... - respondeu D'Arnot. - Andamos perdidos na selva, durante muito tempo. O homem baixou a arma e adiantou-se, de mão estendida.

- Sou o padre Constantine, da missão francesa aqui instalada...: - disse ele -, e tenho muito prazer em dar-lhes as boas-vindas.

- Este é o sr. Tarzan, padre Constantine... - respondeu D'Arnot. E acrescentou, enquanto o padre estendia a mão a Tarzan: - E eu sou Paul D'Arnot, tenente da marinha francesa.

Padre Constantine apertou a mão que Tarzan lhe estendia imitando o gesto dele, e num relance de olhos notou o soberbo físico e a bela face do gigante. Foi assim que Tarzan chegou a um posto avançado da civilização.

Demoraram-se ali durante uma semana, e o homem da selva, observador atento, aprendeu muita coisa sobre os modos dos brancos. Entretanto, mulheres negras costuraram roupas de lona branca para ele e para D'Arnot, a fim de que pudessem continuar a jornada corretamente vestidos.

Civilização

Mais um mês de viagem levou-os até um pequeno grupo de edifícios na foz de um largo rio, e aí Tarzan viu muitas embarcações, e de novo se sentiu dominado pela antiga timidez da criatura selvagem na presença de homens civilizados.

Gradualmente, foi-se habituando aos estranhos ruídos e às estranhas maneiras da civilização, de maneira que, naquela altura, ninguém poderia saber que, dois curtos meses antes, aquele belo francês, imaculadamente vestido de branco, que ria e conversava animadamente - saltava de árvore em árvore através de uma floresta primitiva, meio nu, sempre pronto a cair sobre algum animal da selva, para o devorar, cru, com excelente apetite.

Tarzan manejava agora o garfo e a faca - que um mês antes ainda o irritavam - tão à vontade como um bem educado D'Arnot. Tinha-se mostrado um aluno tão atento e tão inteligente, que o jovem francês se dedicara, de alma e coração, a fazer de Tarzan dos Macacos um verdadeiro gentleman... pelo menos no que dizia respeito a boas maneiras e correção de linguagem.

- Deus fez de si um gentleman por natureza, meu amigo... - dissera D'Arnot -... mas temos de conseguir que os seus desígnios sejam visíveis na aparência.

Logo que chegaram ao pequeno porto, D'Arnot telegrafara aos seus superiores, para informar que estava vivo e são - e a pedir uma licença de três meses, que lhe havia sido concedida. Tinha também telegrafado aos seus banqueiros para lhe remeterem fundos. A espera de um mês, que a ambos contrariou, foi devida à impossibilidade de fretarem um barco para voltarem ao sul, em busca do tesouro. Durante a demora na pequena cidade costeira, Monsieur Tarzan provocou o maravilhoso espanto de brancos e de negros, em consequência de várias ocorrências que para ele não tinham qualquer importância.

De uma vez um negro gigantesco, enlouquecido pelo álcool, tinha perdido completamente a cabeça e aterrorizara a pequena cidade, até que a sua má estrela o levara aonde o simpático francês descansava na varanda do hotel. Galgando os degraus da varanda, e brandindo uma faca, o negro precipitou-se para um grupo de quatro homens que, sentados a uma das mesas, saboreavam o inevitável absinto.

Com brados de alarme, os quatro homens puseram-se em fuga - e então o negro avistou Tarzan. Soltando uma espécie de rugido - enquanto meia centena de cabeças espreitavam para ver morrer o pobre francês, tão simpático e tão novo - o negro lançou-se ao ataque. Tarzan enfrentou o assalto, com o sorriso que lhe encurvava os

lábios sempre que surgia a perspectiva de uma luta.

Quando o negro saltou sobre ele, músculos de ferro prenderam-lhe o braço armado, e um breve gesto bastou para deixar-lhe a mão pendente de um osso quebrado.

Com a dor e a surpresa, a loucura do álcool deixou o negro, e enquanto Tarzan voltava a sentar-se calmamente, o homem fugiu na direção do bairro gritando de pavor.

De outra vez, quando Tarzan e D'Arnot jantavam em companhia de outros brancos, a conversa recaiu sobre leões e caçadas aos leões...o que era natural porque a cidadezinha estava construída praticamente na orla da selva, e a vizinhança das feras era bastante próxima para que fosse assunto de conversa.

Dividiam-se as opiniões sobre a bravura do rei dos animais - afirmando alguns que o leão era na realidade um bicho covarde, mas concordando todos em que era com uma sensação de segurança que empunhavam os seus rifles "Express"... quando o rei da selva rugia, durante a noite, nas proximidades de um acampamento.

Tarzan e D'Arnot haviam combinado que o passado do primeiro deveria ser mantido em segredo, e só o oficial francês conhecia a familiaridade do seu amigo com as feras da floresta.

- Monsieur Tarzan não nos deu a sua opinião... - disse um dos do grupo. -Um homem tão excepcionalmente corajoso e que viveu durante anos na África, como suponho, deve ter experiência quanto a leões...não é verdade?

- Alguma... - respondeu Tarzan, secamente. - A bastante para saber que cada um dos senhores deve ter razão ao avaliar as características dos leões que encontrou. Mas da mesma maneira se poderiam avaliar todos os negros por esse que há dias perdeu a cabeça, ou pensar que todos os brancos são covardes, por ter encontrado um branco que o era. Há tanto individualismo, entre os animais inferiores, como há entre nós. Podemos encontrar um leão que seja tímido e que fuja de nós. Mas podemos encontrar outro, de outro gênero e então os nossos amigos ficarão a fazer conjecturas sobre os motivos por que não regressamos da selva. Quanto a mim, considero sempre que um leão é um animal feroz, e assim nunca sou apanhado desprevenido.

- Deve haver pouco prazer na caça... - respondeu o que falava primeiro -, quando temos medo do animal que caçamos. D'Arnot sorriu. Tarzan... com medo!

- Não sei exatamente o que entende por medo... - disse Tarzan. - Tal como os leões, o medo é uma coisa que difere de homem para homem... mas, para mim, o único prazer da caça é o conhecimento de que o animal caçado tem tanto poder para me fazer mal, como eu tenho para lhe fazer mal. Se eu fosse caçar levando um par

de rifles, um criado com mais armas, e vinte ou trinta batedores - tudo contra um leão - pensaria que a fera tinha poucas probabilidades do seu lado, e o prazer da caça seria diminuído na exata proporção da segurança que eu sentisse.

- Então devo concluir que Monsieur Tarzan preferiria ir nu para a selva, armado apenas com uma faca, para matar o rei dos animais... - riu o outro, com uma leve ponta de ironia sob a delicadeza das maneiras.

- E um pedaço de corda... - acrescentou Tarzan. Nesse exato momento o rugido de um leão fez-se ouvir na selva não muito distante, como um desafio.

- Aí tem a sua oportunidade, Monsieur Tarzan... - Disse o francês.

- Não tenho fome... - respondeu Tarzan, simplesmente.

Todos riram, menos D'Arnot. Só ele sabia que um animal da selva tinha exposto a sua simples razão, pelos lábios de Tarzan.

- Mas tem receio, como qualquer de nós teria, de ir atacar essa fera armado com uma faca e um pedaço de corda, nu... Não é assim?

- Não... - disse Tarzan. - Só um tolo faz qualquer coisa sem motivo.

- Cinco mil francos constituem um motivo... - declarou o outro. - Aposto essa quantia em como não poderá trazer um leão, da selva, nas condições que indicamos - nu e armado com uma corda e uma faca, sem mais.

Tarzan olhou para D'Arnot e fez um aceno afirmativo.

- Suba a aposta para dez mil... -disse D'Arnot.

- Está feito... -retorquiu o outro.

Tarzan levantou-se.

- Deixarei a minha roupa na extremidade da povoação, para que, se voltar depois de amanhecer, possa ter alguma coisa que vestir ao atravessar as ruas.

- Não está pensando em ir agora, de noite... - exclamou o apostador.

- Por que não?... - respondeu Tarzan. - Numa caça de noite, será mais fácil encontrá-lo.

- Não... não quero ter a sua morte na consciência! Já seria perfeita loucura se fosse durante o dia.

- Vou agora... -afirmou Tarzan, encaminhando-se para o seu quarto a fim de ir buscar a faca e a corda.

Os homens acompanharam-no até à orla da floresta, onde ele deixou as roupas numa pequena barraca. Mas, quando ele se dispôs a entrar na escuridão do mato, tentaram dissuadi-lo. E o que apostara foi o que mais insistiu em abandonarem a louca aventura.

- Concordo em que perdi e os dez mil francos são seus... mas não teime em executar uma tentativa da qual só pode resultar a sua morte!

Tarzan riu, e no instante seguinte havia desaparecido na selva. Os homens ficaram silenciosos durante algum tempo. Depois, devagar, encaminharam-se de volta à varanda do hotel.

Logo que entrou na selva, Tarzan saltou para as árvores – e foi com uma sensação de exultante e redescoberta liberdade que se lançou de ramo em ramo. Aquela era a vida de que ele gostava. A civilização nada tinha que se assemelhasse àquilo, na sua esfera restrita e fechada, limitada por estreitos convencionalismos. As roupas eram uma inibição e um incomodo. Finalmente, sentia-se de novo livre. De certa maneira não havia compreendido até que ponto estivera prisioneiro. Como lhe seria fácil dirigir-se para a costa e depois seguir para o Sul, na direção da sua barraca e da “sua” selva... Estava avançando contra

o vento e, a certa altura, captou o cheiro de Numa. O seu ouvido apurado distinguiu o rumor familiar dos pés almofadados da fera, o roçar de um corpo alongado e peludo, por entre o mato.

Tarzan aproximou-se rapidamente do leão, espreitando-o silenciosamente até que o viu atravessar um curto espaço iluminado pelo luar. Então a corda silvou, pronta e certa, e apanhou o pescoço do animal. Tal como fizera dezenas de vezes, Tarzan amarrou a ponta da corda a um sólido ramo, e enquanto a fera se debatia, raivosamente, para se libertar, saltou para o chão, atrás dela, cavalcou-lhe o dorso e cravou-lhe a faca no coração, numa dezena de golpes mortais.

Então, com um pé sobre a carcaça de Numa, levantou a cabeça e soltou o espantoso brado de vitória da sua tribo selvagem. Por momentos, Tarzan manteve-se irresoluto, dividido entre contraditórias emoções - entre a sua gratidão e lealdade para D’Arnot, e o desejo de regressar à grande liberdade da selva.

Por fim, a visão de uma bela face e de uns lábios quentes, juntos aos seus, apagou a imagem da selva. Tarzan colocou ao ombro a carcaça de Numa, e mais uma vez seguiu o caminho das árvores.

Os homens tinham mantido durante uma hora quase em silêncio, na varanda do hotel. Debalde haviam tentado conversar sobre vários assuntos, mas a idéia dominante em todos eles não tardava a pôr fim à conversa.

- Mon Sieur!... - exclamou por fim o que havia apostado. - Não posso suportar isto por mais tempo. Vou para a selva, com a minha Express, e trarei de volta esse doido!

-Vou com você... -disse outro.

- E eu também... - declararam os restantes, em coro.

Como se a sugestão tivesse quebrado o feitiço de um horrível pesadelo, cada qual correu apressadamente para os seus aposentos, e minutos depois seguiam a caminho da selva, todos fortemente armados.

- Deus! Que foi isto?... - exclamou subitamente um deles, um inglês, quando o eco distante do brado de Tarzan lhes chegou aos ouvidos.

- Já ouvi isto uma vez, em outra ocasião... - disse um belga -, quando estive na região dos gorilas. Os meus carregadores disseram-me que era o brado de um dos gigantescos machos, anunciando uma vitória.

D'Arnot recordou a descrição feita por Clayton, do terrível brado de Tarzan, e esboçou um sorriso a despeito da horrível impressão que lhe causava a idéia de que o pavoroso som pudesse sair de uma garganta humana - da garganta do seu amigo.

Quando o grupo se deteve finalmente na orla da selva, discutindo a melhor distribuição das suas forças, foram sobressaltados por um riso baixo, perto deles. Voltando-se viram o vulto gigantesco que se aproximava conduzindo um leão morto, sobre os largos ombros. O próprio D'Arnot ficou petrificado, porque lhe parecia impossível que Tarzan tivesse tão prontamente abatido um leão, com as armas que levava, ou que, sozinho, pudesse ter transportado tão grande peso através do mato.

Os outros juntaram-se em volta de Tarzan, crivando-o de perguntas, mas a única resposta foi um riso alegre, que tirava importância à proeza.

Para Tarzan, eram como se elogiassem um magarefe pelo seu heroísmo ao matar uma vaca. Tão freqüentemente ele matara para comer, ou para se defender, que o ato nada tinha de notável aos seus olhos. Mas era na verdade um herói aos olhos daqueles homens - embora habituados a caçar feras.

Acidentalmente, ganhara dez mil francos, porque D'Arnot insistiu em que ele os aceitasse. Este aspecto era importante para Tarzan, que começava exatamente a compreender o poder das pequenas peças de metal, ou dos retângulos de papel, que mudavam constantemente de mãos entre as criaturas humanas, quer passeassem, ou comessem, ou se vestissem, ou bebessem -praticamente a cada instante.

Tarzan compreendia agora que, sem dinheiro, se pode morrer.

D'Arnot dissera-lhe para não se preocupar, pois dispunha de bastante dinheiro para ambos, mas o homem da selva estava aprendendo muitas coisas, entre elas que os brancos olhavam com desdém para aqueles que aceitavam dinheiro sem darem, em troca, alguma coisa de igual valor.

Pouco tempo depois do episódio do leão, D'Arnot, conseguiu fretar um antigo rebocador, para a viagem, ao longo da costa, até à angra de Tarzan. Foi uma manhã alegre para ambos, quando o pequeno barco se fez ao mar.

A viagem foi despida de incidentes, e na manhã seguinte ao dia em que o barco lançou ferro diante da praia onde se erguia a barraca, Tarzan, de novo com o seu aspecto de homem da selva - e levando uma pá - partiu sozinho para o anfiteatro dos macacos, onde estava o tesouro. Regressou tarde no dia seguinte, trazendo a grande mala sobre um ombro e ao amanhecer o barco saiu da angra e tomou o rumo do Norte.

Três semanas mais tarde, D'Arnot e Tarzan eram passageiros a bordo de um navio francês que ia para Marselha... e, depois de uns dias na cidade, seguiram para Paris.

O homem da selva estava ansioso por partir para a América, mas D'Arnot insistiu em que ele devia acompanhá-lo a Paris, primeiro, sem todavia revelar a natureza da urgente necessidade que servia de base ao seu desejo.

Uma das primeiras coisas que D'Arnot fez, na capital, foi combinar uma visita a um velho amigo, alto funcionário da polícia, e levar Tarzan.

Habilmente, D'Arnot conduziu a conversa ponto por ponto, até que o amigo explicou ao interessado Tarzan muitos dos processos em uso para apanhar e identificar criminosos. O papel representado pelas impressões digitais, nessa fascinante técnica, foi um dos que mais interessou Tarzan.

- Mas de que servem essas impressões digitais... – perguntou Tarzan -, se ao cabo de uns anos as linhas mudam, pelo desgaste dos tecidos e a sua substituição por outros?

- Essas linhas nunca mudam... - respondeu o inspetor. - Desde a infância até à senilidade, as impressões digitais de um indivíduo mudam apenas em tamanho, a não ser que haja destruição violenta de tecidos, por ferimentos ou amputação. Mas, se tomam as impressões digitais dos cinco dedos, só uma amputação total poderia evitar a identificação.

- É maravilhoso... - comentou D'Arnot. - Gostaria de ver o aspecto das minhas impressões digitais.

- O que é fácil... - respondeu o inspetor, chamando um assistente a quem deu breves ordens.

O assistente saiu e voltou pouco depois, trazendo uma caixa de madeira que colocou sobre a secretária do seu superior.

- Num momento teremos as suas impressões digitais - disse o amigo de D'Arnot.

Abriu a caixa e tirou de dentro dela um retângulo de vidro, um tubo de tinta de borracha espessa, um cilindro de borracha e alguns cartões brancos. Espremendo um pouco de tinta sobre o vidro, espalhou-a com o cilindro de borracha até deixar o vidro coberto por uma camada tênue mas uniforme, de tinta.

- Coloque os quatro dedos da sua mão direita sobre o vidro... - disse ele a D'Arnot. - Agora o polegar... Exato. Aplique os quatro dedos, da mesma forma, sobre este cartão... um pouco mais à direita, para deixarmos lugar para a mão esquerda... O polegar... Muito bem... Agora fazemos o mesmo com a outra mão...

- Curioso... - disse D'Arnot. - Experimente você agora, Tarzan. Vejamos o que parecem as suas impressões digitais. Tarzan submeteu-se de bom grado à operação, formulando várias perguntas.

- As impressões digitais mostram as características da raça? Quero dizer, indicam se são de um negro ou de um ariano?

- Creio que não... - respondeu o inspetor.

- As impressões digitais de um antropóide... seriam diferentes das de um homem?

- Provavelmente. As do antropóide são muito mais simples do que as de um organismo superior.

- Mas... por exemplo... o cruzamento entre uma macaca e um homem... um mestiço... mostraria as características das duas raças?

- Creio que sim, mas esta ciência não progrediu ainda bastante para ser exata em tais aspectos. Eu não confiaria em outros resultados além dos de distinguir entre indivíduos. Sob esse aspecto é infalível. Nunca duas pessoas tiveram linhas idênticas em todos os dedos, e é muito duvidoso que uma só impressão digital tenha um “duplicado” exato.

- A verificação exige muito tempo, ou é muito trabalhosa?... - perguntou D'Arnot.

- Habitualmente é rápida e fácil, se as impressões forem nítidas.

D'Arnot tirou do bolso um pequeno livro de capa negra e começou a folheá-lo. Tarzan olhava-o, surpreso. Como tinha ele aquele livro? D'Arnot parou de folhear, na página onde havia cinco pequenos sinais. Entregou ao inspetor o livro aberto.

- Estas impressões digitais são iguais às minhas ou às de Monsieur Tarzan... ou semelhantes a quaisquer delas?

O inspetor tirou uma poderosa lente, da gaveta da secretária, e examinou as três amostras, cuidadosamente, tomando notas num bloco de apontamentos. Tarzan compreendia agora o significado daquela visita. A resposta ao enigma da sua vida... podia estar ali, naquelas pequenas manchas. Inclinou-se para a frente, na cadeira, tenso - mas de repente descontraíu-se, sentou-se mais comodamente e sorriu.

D'Arnot olhou para ele, surpreso.

- Esquece que, durante vinte anos, o corpo da criança que marcou essas dedadas esteve na barraca de seu pai... e que eu sempre o vi lá... - disse Tarzan,

amargamente.

O inspetor olhou-o, atônito.

- Continue o seu exame, capitão... - pediu D'Arnot. – Depois lhe contaremos toda a história se Monsieur Tarzan concordar. Tarzan fez um aceno afirmativo, mas comentou:

- É loucura, meu caro D'Arnot. Esses pequenos dedos estão enterrados na costa ocidental de África.

- Não sei, Tarzan... - respondeu D'Arnot. -É possível...Mas se você não é o filho de John Clayton, então em nome de que santo apareceu nessa selva esquecida por Deus, onde nunca esteve qualquer outro homem branco além de John Clayton?

- Esquece Kala... - disse Tarzan.

- Nem sequer a considero como hipótese... - respondeu D'Arnot.

Enquanto falavam, os dois amigos haviam-se aproximado da janela que dava sobre o “boulevard”. Por instantes observaram o movimento, abaixo, cada qual mergulhado nos seus pensamentos. - “e A comparação leva bastante tempo...” - pensou D'Arnot, voltando-se e vendo que o capitão folheava o diário. Tossiu. O oficial levantou os olhos e recomendou-lhe silêncio, com um gesto. D'Arnot voltou a olhar pela janela, mas não tardou que o capitão os chamasse. Ambos se aproximaram.

- Meus senhores... -disse o capitão-inspetor... é evidente que há muita coisa em jogo, que pode depender, mais ou menos amplamente, da absoluta exatidão desta comparação. Assim, peço-lhes para deixarem o assunto nas minhas mãos, até que o sr. Desquerc, o nosso perito, regresse. Tardará apenas uns dias.

- Tinha julgado possível uma resposta, agora... – disse D'Arnot. - Monsieur Tarzan parte amanhã para a América.

- Prometo-lhe que poderá telegrafar-lhe uma informação exata dentro de duas semanas... - respondeu o oficial. – Não me atrevo a dizer qualquer coisa seja, embora encontre semelhanças. E melhor deixar a solução para o sr. Desquerc.

Novamente o gigante

Um táxi parou diante de uma residência antiga, nos arredores de Baltimore, e um homem de cerca de quarenta anos, bem constituído e de feições fortes e regulares, desceu, pagou ao motorista e dispensou-o. Um momento depois, esse mesmo homem entrava na biblioteca da antiga casa.

- Ah, o sr. Canler!... - exclamou um sujeito idoso, levantando-se para o cumprimentar.

- Boa-noite, meu caro professor... - disse o visitante, cordialmente, estendendo-lhe a mão.

- Quem lhe abriu a porta?... - perguntou o professor.

- Esmeralda.

- Então ela informará Jane da sua chegada.

- Não, professor... - atalhou Canler. - Vim principalmente para falar com o senhor.

- Ah... é uma honra... - disse o professor Porter.

- Professor... - continuou Robert Canler, resolutivo, embora escolhendo cautelosamente as palavras... - vim esta noite para falar consigo a respeito de Jane... Conhece as minhas aspirações, e foi mesmo bastante generoso para aprová-las.

O professor Arquimedes Q. Porter agitou-se no seu cadeirão. O assunto era-lhe sempre desagradável, embora não soubesse porquê. Na verdade, Canler era o que podia chamar-se um bom partido.

- Mas Jane... - continuou Canler -... procede de uma forma que não posso compreender. Repele-me sempre, sob um pretexto ou outro. Tenho a impressão de que solta um suspiro de alívio quando eu me despeço dela...

- Tut, tut... - atalhou o professor Porter. - Jane é uma filha obediente, fará exatamente o que eu lhe disser.

- Então posso continuar a contar com o seu apoio?... - perguntou Canler, num tom de flagrante alívio.

- Certamente, sir... Certamente... Como pôde duvidar disso?

- Há o jovem Clayton, bem sabe... - sugeriu Canler. - Está aqui há meses. Não sei se Jane se interessa por ele... mas, além do título, dizem que herdou uma fortuna considerável, do pai... e não seria estranho que ele... conquistasse Jane... a não ser...

- Tut, tut, sr. Canler... A não ser o quê?

- A não ser que... concorde em que Jane e eu nos casemos sem mais demora... - disse Canler, devagar e marcando bem as palavras.

- Já sugeri a Jane que isso seria muito desejável... - respondeu o professor, tristemente -... porque já não podemos permitir-nos o luxo de manter esta casa e viver ao nível das relações dela.

- E qual foi a resposta de Jane?... - perguntou Canler.

- Disse que não se sentia ainda disposta a casar, fosse com quem fosse... - respondeu o professor... - e que podíamos ir nos instalar na propriedade do norte do Wisconsin, que ela herdou da mãe. A propriedade é um pouco mais do que auto-suficiente. Os rendeiros sempre encontraram maneira de viver do que a terra produz, e todos os anos mandam uma parte que constitui um dos poucos rendimentos de Jane. Ela está planejando partirmos no princípio da semana. Philander e o sr. Clayton lá estão, para preparar as coisas.

- Clayton foi para lá?... - exclamou Canler, visivelmente contrariado. - Por que razão não me informaram? Eu teria ido e cuidaria que a casa reunisse todos os confortos.

- Jane considera que lhe devemos muito, sr. Canler.

Canler ia responder quando ouviram passos no vestíbulo, e Jane entrou.

- Oh, desculpem... - disse ela, parando no limiar. - Julguei que estivesse só, pai.

- Sou apenas eu, Jane... - disse Canler, que se tinha levantado. - Não quer juntar-se ao grupo familiar? Estávamos justamente falando de si...

- Obrigada... - respondeu Jane, entrando e sentando-se na cadeira que Canler fora buscar. - Só queria dizer ao pai que Tobey vem amanhã, do colégio, para arranjar os seus livros. É preciso que o pai lhe diga o que pode dispensar até ao Outono... e peça-lhe o favor de não querer levar todos os livros para Wisconsin... como os teria levado para África se eu não interviesse.

- Tobey esteve aqui?... - perguntou o professor Porter.

- Sim, deixei-o há momentos. Ele e Esmeralda ficaram falando de assuntos de religião, na porta das traseiras...

- Tut, tut... Preciso lhe falar imediatamente... - exclamou o professor. - Desculpem-me por instantes, crianças... - e o velho sujeito apressou-se na direção da porta.

Assim que ele saiu, Canler voltou-se para Jane.

- Escute, Jane... - disse ele, sem rodeios. - Por quanto tempo isto vai continuar assim? Não se recusou a casar comigo, mas também não fez qualquer promessa. Eu estou disposto a obter a licença amanhã, para que possamos casar tranquilamente antes de partir para o Wisconsin. Não me importo com aparatos nem pompas, e

tenho certeza de que também não se importa.

A jovem encarou-o friamente, de cabeça erguida.

- É o desejo de seu pai, bem o sabe... - acrescentou Canler.

- Sim, eu sei... - respondeu ela, num murmúrio. Mas logo prosseguiu, num tom friamente claro: - Compreende que está a comprar-me, sr. Canler? A comprar-me, por uns quantos miseráveis dólares? Decerto que compreende, Robert Canler, e a idéia dessa possibilidade estava exatamente no seu espírito quando emprestou a meu pai o dinheiro para essa tola expedição - que sem um conjunto de estranhas circunstâncias teria tido surpreendente êxito. Se tal êxito se tivesse verificado, sr. Canler, o senhor seria o mais surpreendido... porque na verdade nunca encarou a hipótese. É demasiadamente bom homem de negócios, para isso. E também é demasiadamente homem de negócios para emprestar dinheiro para aventuras de busca de tesouros... ou mesmo para emprestar dinheiro sem garantias, fosse qual fosse o fim... se não tivesse determinado objetivo em vista... Sabia que, sem garantias, ficaria com mais poder, sobre a honra dos Porters, do que as tendo. Sabia que era a melhor maneira de me forçar a casar consigo, sem parecer forçar-me.

- Nunca mencionou o empréstimo. Tratando-se de outro homem, eu teria considerado isso como manifestação de um nobre caráter. Mas o senhor é profundamente tortuoso, Robert Canler. Conheço-o melhor do que supõe... Casarei consigo, sem dúvida, se não houver outra solução, mas vamos entender-nos claramente e de uma vez para sempre.

Enquanto ela falava, Robert Canler tinha alternadamente corado e empalidecido. Quando Jane se calou, ele levantou-se e respondeu, com um sorriso cínico:

- Surpreende-me, Jane. Pensei que tivesse maior domínio sobre os nervos, maior orgulho. É evidente que tem razão. Estou comprando-a e sabia que o tinha compreendido... mas pensei que preferisse fingir ser outro o caso. Pensei que o respeito por si mesma, e o velho orgulho dos Porters, se recusariam a admitir, mesmo intimamente, que você era uma mulher comprada. Mas seja como preferir, minha cara... - acrescentou ele, com um encolher de ombros. - Vou tê-la, e é isso o que me interessa. Sem uma palavra, a jovem voltou-se e saiu da biblioteca. Jane não casou antes de partir com o pai e com Esmeralda para a pequena propriedade de Wisconsin, e quando se despediu friamente de Canler, à partida do comboio, ele disse-lhe que iria lá ter dentro de uma semana ou duas.

Na estação de destino esperavam-nos Clayton e o sr. Philander, num grande automóvel de turismo pertencente ao primeiro, e partiram rapidamente para os bosques, ao Norte, onde ficava a pequena propriedade que a jovem não visitava desde a infância.

A casa principal, erguida sobre uma elevação a uma centena de metros da casa dos rendeiros, tinha sofrido uma transformação completa durante as três semanas de permanência de Philander e Clayton. Este mandara vir um pequeno exército de carpinteiros, e estucadores, e canalizadores, e pintores, de uma cidade distante, e o que era uma velha casa muito estragada, quando eles haviam chegado, passara a ser uma bonita e confortável casa de dois andares, cheia de todas as modernas comodidades que fora possível reunir em tão curto espaço de tempo.

- Que fez, sr. Clayton?... -exclamou Jane Porter, angustiada ao compreender o enorme tamanho da despesa feita.

- Ssh!... - sussurrou Clayton. - Não deixe que seu pai adivinhe. Se não lhe disser, ele nem sequer notará a diferença... e eu não podia suportar a idéia de o ver instalado nas ruínas desoladoras que encontramos, o sr. Philander e eu próprio, quando chegamos. Foi muito pouco para o que eu queria fazer, Jane. Por amor de seu pai, não fale nisto.

- Mas sabe perfeitamente que nunca poderemos pagar-lhe... - exclamou a jovem. - Para que quis colocar-me ante uma esmagadora obrigação?

- Não, Jane... - respondeu ele, tristemente. - Se fosse apenas você, eu não o teria feito... porque sabia antecipadamente que isto só iria prejudicar-me aos seus olhos, mas era inadmissível deixar esse querido velho viver no buraco que encontramos. Não pode fazer-me o favor de acreditar que fiz isto apenas por causa dele... e deixar-me essa pequena migalha de satisfação?

- Acredito-o, sr. Clayton... - disse Jane, gravemente -, porque sei que é bastante generoso para ter feito isto para ele... Mas... Cecil... gostaria de poder pagar-lhe como merece... e como sei que deseja.

- E porque não pode, Jane?

- Porque amo outro homem.

- Canler?

- Não.

- Mas vai casar com ele... Foi o que ele me disse antes de eu deixar Baltimore. A jovem teve uma críspação.

- Não amo Canler... - reafirmou, quase com orgulho.

- É por causa do dinheiro, Jane?

Ela acenou afirmativamente.

- Então... serei eu menos desejável do que Canler? Tenho dinheiro bastante, muito mais do que bastante, para todas as necessidades... - disse Clayton, com amargura.

- Não o amo, Cecil... - respondeu a jovem -, mas estimo-o e respeito-o. Se tenho de me sujeitar a um “negócio” assim, com um homem, prefiro que seja com um a quem despreze antecipadamente. Odiarei o homem a quem me vender sem amor, seja ele quem for... Você será mais feliz, sozinho, com o meu respeito e a minha amizade, do que comigo e com o meu desprezo.

Ele não insistiu, mas se alguma vez um homem sentiu dentro do coração o desejo de assassinar outro, foi William C. Clayton, Lord Greystoke, quando, uma semana depois, Robert Canler apareceu na propriedade, ao volante do seu ronronante seis cilindros.

Passou uma semana... sem acontecimentos, mas tensa e desconfortável para todos os que estavam na pequena propriedade do Wisconsin. Canler insistia para que Jane casasse com ele, sem mais demoras.

Até que ela concordou, por puro desalento ante a odiosa e desprezível insistência. Ficou combinado que no dia seguinte, Canler iria à cidade e traria consigo uma licença de casamento, e um sacerdote.

Clayton tinha querido partir logo que o plano foi anunciado, mas a expressão de cansaço e desespero, de Jane, reteve-o. Não podia abandoná-la naquele momento. Tentou reconfortar-se com a idéia de que alguma coisa podia ainda acontecer. E sabia, no fundo de si mesmo, que bastaria uma pequena faísca para fazer explodir, em ânsia de matar, o ódio que sentia por Canler.

Cedo, na manhã seguinte, Canler partiu para a cidade. Para Leste podiam ver-se nuvens de fumo que pairavam sobre os bosques, pois lavrava um incêndio não longe dali, havia quase uma semana. Mas, como o vento soprava persistentemente do Oeste, não havia perigo.

Cerca do meio-dia Jane afastou-se, dizendo que queria caminhar sozinha durante algum tempo e recusando a companhia de Clayton. Este respeitou os desejos de isolamento da jovem, e foi estender-se num sofá da sala de estar. Depois de uma noite de insônia, sentia as pálpebras pesadas e não tardou a adormecer.

Na casa, o professor Porter e o sr. Philander estavam mergulhados numa discussão científica completamente estéril, como de costume. Esmeralda dormitava, na cozinha. Para Leste, as nuvens de fumo subiram mais... oscilaram... e bruscamente começaram a deslocar-se na direção contrária, a direção da casa. O vento havia mudado. Os habitantes da casa do reideiro estavam todos fora, porque era dia de mercado... e ninguém notou o rápido avançar do incêndio. Não tardou que as chamas alastrassem para o Sul, cortando o caminho de regresso de Canler. Depois, um novo capricho do vento levou-as para o Norte. Houve uma calma brusca, e então o fumo e as chamas ergueram-se quase a direito...como esperando a

mão do destino - o vento.

Foi então que, vindo pela estrada de nordeste, um automóvel negro surgiu a grande velocidade e parou quase repentinamente, diante da porta do edifício principal da quinta. Uma espécie de gigante, de cabelos pretos, Saltou do carro e correu para a porta, entrando sem bater. Entrou na sala de estar, viu Clayton que dormia sobre o sofá, e, dominando um gesto de surpresa, correu para o inglês e sacudiu-o rudemente, exclamando:

- Por Deus, Clayton! Estão todos doidos, nesta casa? Não sabem que estão quase cercados pelo incêndio? Onde está Miss Porter?

Clayton levantou-se, sobressaltado. Não reconheceu o homem, mas compreendeu o sentido do alarme e correu para a varanda.

- Céus!... - bradou, precipitando-se novamente para dentro.

- Jane! Jane... onde está?

Em curtos instantes apareceram o professor Porter, o Sr. Philander e Esmeralda. Clayton agarrou a negra e perguntou-lhe, sacudindo-a:

- Onde está miss Jane?

- Meu São Gabriel! A Menina foi passear, sr. Clayton!

- Ainda não voltou?... - e Clayton, sem esperar resposta, correu para o pátio, seguido pelos outros.

- Para que lado foi ela?... -Perguntou o gigante de cabelos negros, dirigindo-se a Esmeralda.

- Para... para esse lado... - respondeu a apavorada mulher, apontando para o Sul onde se erguia a muralha das chamas.

- Meta essa gente no outro carro, o que eu vi quando cheguei... - disse o desconhecido, olhando para Clayton. - Leve-os para longe daqui, pela estrada do Norte... Deixem o meu carro onde está. Se encontrar miss Porter, precisarei dele... Se não a encontrar, não será preciso para ninguém... Faça o que eu digo!... - acrescentou em voz imperiosa, ao ver que Clayton hesitava.

Todos viram o poderoso vulto correr para os bosques, na direção de Noroeste onde as chamas não tinham ainda chegado.

Em cada um dos que ficavam surgiu a sensação de que o peso de uma grande responsabilidade lhes fora retirado dos ombros. Nascera neles a implícita confiança naquele gigante de cabelos pretos... Sabiam, por instinto, que ele salvaria Jane... se houvesse uma possibilidade humana de salvá-la.

- Quem... quem era?... - perguntou o professor Porter.

- Não sei... - respondeu Clayton. - Chamou-me pelo meu nome e decerto conhecia Jane, porque perguntou por ela. E também tratou Esmeralda pelo seu nome.

- Havia alguma coisa de familiar, nele... - comentou o sr. Philander. - E no entanto, Deus louvado, sei que nunca o vi antes.

- Tut, tut... -fez o professor. -Muito... muito notável... Quem poderia ele ser... e por que estranha razão sinto que Jane está salva... só porque esse homem foi em busca dela?

- Não sei dizer-lhe, professor... - respondeu Clayton, gravemente. - Mas acontece que tenho a mesma sensação... No entanto, façamos o que ele disse! Temos de sair daqui antes que o caminho seja cortado pelo incêndio!

E o grupo correu para o automóvel de Clayton...

Quando Jane deu a volta para retornar, em sentido contrário, o caminho que havia percorrido, sentiu-se alarmada ao ver como o incêndio se aproximara entretanto. Apressou o passo... e os seus receios quase se transformaram em pânico, ao perceber que as chamas alastravam de maneira a cortar-lhe a possibilidade de voltar para casa. Correu através do mato, tentando abrir caminho para Oeste, numa tentativa para dar uma volta adiante das chamas e alcançar a casa... mas não tardou a compreender a futilidade da tentativa. Restava-lhe apenas a probabilidade de correr para o Sul, e diligenciar salvar-se indo na direção da cidade.

Os vinte minutos que gastou até alcançar a estrada, foram os suficientes para que o incêndio lhe cortasse também esse caminho, como já lhe havia cortado o outro. Viu na sua frente uma enorme barreira de chamas. O incêndio alastrava agora em várias direções, por entre os bosques densos e tão próximos que formavam em verdade uma única floresta. Jane compreendeu que era inútil tentar abrir caminho por entre as moitas. Já o tentara antes, e falhara. Sabia que, dentro de minutos, todo o espaço onde ela se encontrava seria uma imensa e pavorosa fogueira.

Então, bruscamente calma, ajoelhou-se na estrada e rezou para que Deus lhe desse forças para enfrentar o seu destino... e para que o pai e os amigos pudessem salvar-se. Nesse momento exato ouviu uma voz forte, que chamava:

- Jane! Jane Porter!

- Aqui!... - respondeu ela, gritando. - Na estrada!

Viu um vulto que saltava entre as árvores, com a rapidez de um esquilo. Uma rajada de vento envolveu-a em fumaça, impedindo-a de ver quem se aproximava, mas subitamente sentiu que um braço forte a envolvia. Logo a seguir foi levantada e sentiu o vento bater-lhe no rosto, ao mesmo tempo que os ramos roçavam por ela.

Abriu os olhos. Muito abaixo, podia ver o chão e as moitas. Em volta dela

oscilava a densa folhagem das árvores. O vulto gigantesco que a levava ia saltando com espantosa agilidade de árvore em árvore - e Jane julgou reviver, como num sonho, a estranha experiência por que passara nessa distante selva do coração do Congo. Oh! Se fosse o mesmo homem que então a levava através da espessura da selva! Mas isso era impossível... No entanto, quem mais poderia haver, em todo o mundo, com a força e a agilidade necessárias para fazer o que fazia agora o seu salvador?

Olhou de relance para a face tão perto da sua... e deixou escapar uma pequena exclamação de medo.

- O meu homem da selva... - murmurou. - Devo estar delirando...

- Sim, o seu homem, Jane Porter. O selvagem, a criatura primitiva que saiu da selva para reclamar a sua companheira... a companheira que lhe fugiu... - disse ele, com uma espécie de ferocidade contida.

- Eu não fugi... -murmurou Jane. - Só consenti em partir depois de esperarem o seu regresso... durante uma semana. Tinham alcançado um ponto para além da linha do incêndio, e ele saltara para o chão, na grande clareira. Lado a lado caminharam na direção da casa. O vento mudara uma vez mais e o fogo voltava para trás, para o terreno já calcinado. Mais uma hora assim e se apagaria.

- Por que não voltou?... - perguntou Jane.

- Estive cuidando de D'Arnot, que estava gravemente ferido.

- Ah! Eu sabia isso! E eles diziam que você tinha ido juntar-se aos negros... porque pertencia à tribo.

- Mas você não acreditou, Jane?... - perguntou ele, rindo.

- Não... Como... como devo tratá-lo? Qual é o seu nome?

- Era Tarzan dos Macacos... quando nos vimos pela primeira vez.

- Tarzan! Mas... mas então foi à sua nota... que eu respondi antes de partir?

- Sim... De quem pensou que fosse essa mensagem?

- Não sabia... Pensava apenas que não podia ser sua, porque Tarzan dos Macacos escrevera em inglês e você não compreendia uma só palavra de qualquer língua.

Ele voltou a rir, dizendo:

- É uma longa história... Mas fui eu que escrevi o que não podia dizer... e agora D'Arnot complicou tudo, mais ainda, ensinando-me a falar francês em lugar de inglês... Mas venha, suba no meu carro. Vamos apanhar o seu pai, que não pode estar muito longe.

Enquanto seguiam no carro, Tarzan voltou a falar:

- Dizia, na sua carta, para Tarzan dos Macacos, que amava outro homem... Era possível que se referisse a mim?

- Era possível... - respondeu ela, simplesmente.

- Mas em Baltimore... Oh, como a tenho procurado!...Disseram-me que talvez já estivesse casada, nesta altura...Que um homem chamado Canler tinhavindo aqui para casar consigo. É verdade?

- Sim, é verdade.

-Ama-o?

- Não.

- E... a mim? Ama-me?

Jane escondeu a face entre as mãos.

- Estou prometida a outro... não posso responder-lhe, Tarzan...

- Já respondeu... Agora me diga por que razão está disposta a casar com um homem a quem não ama?

- Meu pai deve-lhe dinheiro.

Tarzan lembrou-se bruscamente da carta que lera...e do nome de Robert Canler... e da sugestão de dificuldades que então não havia podido compreender. Sorriu.

- Se seu pai não tivesse perdido o tesouro, você não se sentiria forçada a cumprir a promessa feita a esse Canler...

- Poderia pedir-lhe para me libertar.

- E se ele recusasse?

- Tem a minha promessa.

Tarzan ficou em silêncio durante longos minutos. O carro avançava com dificuldade mas rapidamente, ao longo de um caminho irregular e acidentado. O incêndio rugia ainda assustadoramente, à direita, e outra mudança de vento poderia cortar aquela estrada. Por fim, passado o ponto limite do perigo, Tarzan reduziu a velocidade. Perguntou, continuando:

- E se eu pedisse a esse homem?

- Seria improvável que ele cedesse ao pedido de um desconhecido... -respondeu Jane. - Especialmente de alguém que poderia querer-me também.

- Terkoz cedeu... - disse Tarzan, sombriamente.

Jane estremeceu e olhou, assustada, para ele. Sabia que Tarzan estava referindo-se ao antropóide que matara para defendê-la.

- Isto não é a selva africana... - murmurou. - E você já não é um animal daselva. É

um gentleman...e um gentleman não mata assim, a sangue-frio.

- No fundo de mim mesmo sou ainda um animal da selva... - disse ele em voz baixa, como falando consigo mesmo. Voltaram a ficar em silêncio. Por fim, Tarzan perguntou:

- Jane... Casaria comigo, se fosse livre?

Ela não respondeu imediatamente, mas Tarzan esperou. Jane tentava pôr em ordem o tumultuar dos seus pensamentos. Que sabia ela da estranha criatura sentada a seu lado? Que sabia ele, de si próprio? Quem era? Quem eram os seus pais?... Até mesmo o nome dele era um eco da sua origem misteriosa, da sua vida selvagem... Não tinha nome... Poderia ela ser feliz em companhia daquele homem da selva? Poderia ter alguma coisa de comum com um marido que passara parte da sua vida entre as ramadas das árvores de uma selva africana... vivendo e lutando com os ferozes antropóides... alimentando-se da carne crua que devorava ainda palpitante... enquanto os seus companheiros rosnavam e disputavam o seu quinhão? Poderia erguê-lo até ao seu nível social... ou descer ao nível dele? Poderia algum deles ser feliz, assim?

- Não responde... - disse ele. - Receia magoar-me?

- Não sei o que deva responder... - redargüiu ela, tristemente. - Nem sequer entendo o que pensa.

- Não me ama, então?... - perguntou Tarzan, em tom calmo.

- Não me pergunte. Será mais feliz sem mim. Você não foi talhado para as restrições e convencionalismos da sociedade - a civilização seria terrível de suportar, para si, e em breve estaria desejoso de voltar para a sua liberdade e a sua anterior maneira de viver... uma maneira de viver para a qual eu estou tão completamente despreparada como você para a minha.

- Creio que a compreendo... -disse ele, brandamente. - Não insisto... porque prezo mais a sua felicidade do que a minha. Vejo agora que você nunca poderia ser feliz com um macaco. Havia uma tênue nota de amargura na sua voz. Jane quase gritou:

- Não... não diga isso! Não me compreende...

Mas, antes que ela pudesse continuar, uma curva da estrada deixou-os quase no meio de uma pequena povoação. Diante deles estava o carro de Clayton, e em volta do carro o grupo que o inglês trouxera consigo.

CAPÍTULO 28

Conclusão

Ao ver Jane, todos soltaram exclamações de alegria e de alívio, e quando o carro de Tarzan parou junto do outro, o professor tomou a filha nos braços.

Por momentos ninguém deu atenção a Tarzan, que ficara sentado e em silêncio. Foi Clayton o primeiro a lembrar-se...e encaminhou-se para ele, de mão estendida.

- Como poderemos alguma vez agradecer-lhe?... - exclamou. - você salvou-nos a todos. Tratou-me pelo meu nome, quando chegou... mas a verdade é que não consigo lembrar-me do seu, embora haja em si qualquer coisa de familiar... como se nos tivéssemos encontrado há muito tempo, em circunstâncias muito diferentes.

Tarzan sorriu, apertando a mão que o outro lhe oferecia.

- Tem toda a razão, Monsieur Clayton... - respondeu ele, em francês. - Desculpe-me não lhe falar em inglês. Estou aprendendo a língua, e embora a compreenda bastante bem, falo-a ainda muito mal.

- Mas quem é você?... - insistiu Clayton, falando agora também em francês.

- Tarzan dos Macacos.

Clayton teve um sobressalto de surpresa.

- Céus! Mas é verdade!... - exclamou.

O professor Porter e o sr. Philander adiantaram-se para juntar os seus agradecimentos aos de Clayton, e para manifestar o prazer e a surpresa de verem o seu amigo tão longe da selva onde o haviam encontrado. O grupo entrou na modesta estalagem, onde Clayton não tardou a estabelecer um acordo para a instalação de todos.

Sentaram-se numa pequena sala comum... e foi quase no mesmo instante que ouviram o ruído do motor de um automóvel. O sr. Philander, que se instalara perto da janela, viu o carro parar junto dos outros dois.

- Deus seja louvado!... - disse ele, com um tom de flagrante contrariedade. -É o sr. Canler... Eu tinha esperado que... hum!... tinha pensado... hum!... que teríamos grande... prazer em ver que ele não havia sido apanhado pelo incêndio...

- Tut, tut, sr. Philander... - admoestou o professor Porter. - Muitas vezes avisei os meus alunos para contarem até dez antes de falarem... No seu lugar, sr. Philander, eu contaria até mil... e ficaria discretamente calado.

- Deus seja louvado... sim senhor... - concordou o sr. Philander. - Mas quem é esse sujeito com aspecto clerical, que o acompanha?

Jane empalideceu, e Clayton agitou-se na sua cadeira. O professor Porter tirou os óculos, nervosamente, soprou nas lentes... e voltou a colocá-los sem os limpar. Esmeralda grunhiu entre dentes. Só Tarzan não compreendeu. Robert Canler entrou na saleta, impetuosamente.

- Graças a Deus!... - exclamou ele. - Receei o pior... até que vi o seu carro, Clayton. A estrada do Sul foi cortada pelo incêndio... e tive de voltar à cidade para vir pelo lado Leste. Pensei que nunca mais chegaria...

Ninguém pareceu alegrar-se muito. Tarzan olhou para Robert Canler... como Sabor olhava para as suas presas.

Jane olhou para ele, de relance, e tossiu nervosamente.

- Sr. Canler... - disse ela -, apresento-lhe Monsieur Tarzan, um velho amigo.

Canler voltou-se e estendeu a mão. Tarzan ergueu-se e fez uma vênia -como só D'Arnot o podia ter ensinado a fazer – mas não viu a mão de Canler. Este pareceu não notar isso.

- Este é o reverendo Tousley, Jane... -disse Canler, voltando-se para o homem de aspecto clerical que estava atrás dele. - Miss Porter, reverendo.

O sr. Tousley fez um cumprimento, sorridente, e Canler apresentou-o aos outros, acrescentando:

- Podemos celebrar o casamento agora, Jane. Depois apanharemos o comboio da meia-noite, para a cidade.

Tarzan compreendeu no mesmo instante. Fitou Jane, por entre as pálpebras semicerradas, mas não se moveu. Jane hesitava. Na pequena sala pairava um silêncio tenso. Todos os olhos se fixavam na jovem.

- Não podemos esperar uns dias?... - pediu ela. - Estou... desorientada... passei hoje por uma terrível experiência...

Canler sentiu a hostilidade geral e irritou-se. Disse, rudemente:

- Eu já esperei o que tinha a esperar. Prometeu casar comigo, e não me prestarei a ser brinquedo por mais tempo. Tenho a licença de casamento e está aqui o sacerdote. Venha, reverendo Tousley, Vamos, Jane. Há várias testemunhas -mais do que bastante... - acrescentou, num tom desagradável, ao mesmo tempo em que agarrava Jane por um braço e a conduzia para onde estava o sacerdote.

Mas tinha dado apenas um passo quando uma pesada mão o agarrou, com dedos que pareciam de aço. Outra mão prendeu-lhe o pescoço e no mesmo instante Canler foi levantado do chão, como um rato apanhado por um gato.

Jane voltou-se, surpreendida e horrorizada, para Tarzan... e ao fitá-lo viu o traço intensamente vermelho que lhe atravessava a testa - o mesmo traço que vira uma vez,

na África distante, quando Tarzan travara o combate mortal contra o gigantesco antropóide, Terkoz.

Compreendeu que Tarzan ia cometer um crime, e com um brado correu para ele. Mas receava mais por Tarzan do que por Canler... porque sabia o que a justiça reservava para os assassinos. Antes de poder aproximar-se, porém, viu Clayton saltar para Tarzan e tentar arrancar-lhe Canler das mãos.

Com um simples gesto do braço poderoso, Tarzan varreu o inglês, atirando-o para o outro extremo da saleta..., e foi então que a mão de Jane, branca e firme, pousou no pulso do homem da selva, ao mesmo tempo que ela o fitava nos olhos.

- Por mim... - murmurou Jane.

Os dedos que apertavam a garganta de Canler afrouxaram um tanto. Tarzan olhou para a bela face da jovem.

- Quer que “isto” viva?... - perguntou ele, surpreso.

- Não quero que morra nas suas mãos, meu amigo... Não quero que seja um assassino...

Tarzan largou a garganta de Canler, mas segurou-o por um braço e sacudiu-o.

- Liberta Jane Porter do seu compromisso?... -perguntou. - É o preço da sua vida. Sufocado, tentando respirar, Canler acenou afirmativamente.

- Vai embora e não voltará a incomodá-la?

De novo o homem acenou que sim... Tinha a cara congestionada e as feições crispadas pelo medo da morte que vira tão próxima. Então Tarzan largou-o e Canler cambaleou na direção da porta, seguido pelo apavorado reverendo. Tarzan voltou-se para Jane, perguntando:

- Posso falar-lhe a sós, por um momento?

Encaminharam-se ambos para a estreita varanda da estalagem. Ela seguiu adiante, para esperar Tarzan, e por isso não ouviu a conversa que se travou.

- Um momento!... - exclamou o professor Porter, que parecia espantado com os acontecimentos dos últimos instantes. – Antes de ir mais adiante, sir, gostaria de ter uma explicação do que se passou. Com que direito interferiu entre minha filha e o sr. Canler? Eu tinha prometido a mão dela a esse senhor, e independentemente de simpatias ou antipatias, a promessa deve ser cumprida.

- Interferi, professor Porter... - respondeu Tarzan... - porque sua filha não ama o sr. Canler e não deseja casar com ele. Para mim é o bastante.

- Não sabe o que fez!... - exclamou o professor Porter. -Agora ele vai decerto recusar-se a casar.

- Sem a menor dúvida que se recusará!... - afirmou Tarzan, com ênfase. E acrescentou: -Além disso, não tem razão para recear que o seu orgulho sofra, professor Porter, porque poderá pagar a esse Canler o que lhe deve, assim que chegar a sua casa.

- Tut, tut... Que quer dizer com isso, sir?

- O seu tesouro foi encontrado.

- Que... que está dizendo?... -quase gritou o professor. -Enlouqueceu... Isso é impossível!

- No entanto é verdade, Fui eu que o escondi, ignorando o seu valor e a quem pertencia. Vi que os marinheiros enterravam a mala e, um tanto como os macacos, senti o desejo de a desenterrar e ir enterrá-la em outro lugar. Quando D'Arnot me disse o que havia na mala e o que isso significava para si, voltei à selva e recuperei-a. Esse tesouro tem sido origem de tantos crimes, e sofrimentos, e desgostos, que D'Arnot achou preferível não tentar trazê-lo para cá, como era minha intenção, e assim trago-lhe uma carta de crédito no valor correspondente... Aqui a tem, professor... - continuou Tarzan, tirando um sobrescrito do bolso e entregando-o ao espantado professor. -São duzentos e quarenta e um mil dólares. O tesouro foi cuidadosamente avaliado por técnicos, mas se houver alguma dúvida no seu espírito, o próprio D'Arnot o comprou e tem-no à sua disposição, se preferir o tesouro ao crédito.

- Ao já enorme peso de obrigações que lhe devemos... - disse o professor Porter, em voz tremula. - Acrescente agora o maior de todos os serviços...: porque me dá os meios de salvar a minha honra.

Clayton, que saíra um minuto depois de Canler, voltou nesse momento.

- Desculpem-me... -disse ele -, mas julgo preferível irmos para a cidade antes da noite, e tomarmos o primeiro comboio para longe desta floresta. Um habitante da região, que chegou do Norte, informa que o fogo avança lentamente na nossa direção.

Esta informação interrompeu todas as conversas, e todos se dirigiram para os automóveis que esperavam. Clayton, com o professor Porter, Jane e Esmeralda, tomaram lugar no carro do jovem inglês, e Tarzan levou consigo o sr. Philander.

- Deus seja louvado!... - exclamou o digno Philander, quando o carro partiu.

- Da última vez que o vi... era um verdadeiro homem da selva, viajando entre os ramos de uma floresta tropical... e agora leva-me ao longo de uma estrada do Wisconsin, num automóvel francês... Quem julgaria possível tal coisa? Deus seja louvado! É... é muito notável!

- Sim... - concordou Tarzan. E, depois de uma breve pausa, perguntou: - Sr. Philander... recorda-se de todos os pormenores da descoberta e do sepultamento dos três esqueletos que encontraram na minha barraca?

- Muito distintamente, sir...

- Havia alguma coisa de peculiar em algum desses esqueletos? O sr. Philander olhou atentamente para Tarzan.

- Por que pergunta isso?

- A resposta significa muito para mim... - disse Tarzan. - Pode esclarecer um enigma... e, seja como for, não tornará nada pior do que está. Tenho vindo a arquitetar uma teoria, desde há dois meses, a respeito desses esqueletos, e desejo que responda à minha pergunta o melhor que souber... Eram humanos, todos esses três esqueletos que enterraram?

- Não... - declarou o sr. Philander. - O menor, o que encontramos no berço, era o esqueleto de um macaco antropóide, uma cria...

- Obrigado... - disse Tarzan.

No carro que seguia adiante, Jane pensava intensamente. Tinha adivinhado o motivo que levara Tarzan a querer falar-lhe a sós... e embora essa conversa não tivesse chegado a concretizar-se, sabia que devia estar preparada para lhe dar uma resposta, num futuro muito próximo. Ele não era o gênero de pessoa que pudesse afastar-se sem uma explicação... e esta idéia fez Jane pensar se, realmente, não teria medo dele.

Poderia amar alguém a quem temia?

Compreendia o feitiço que a envolvera nas profundezas da selva distante... mas agora, no prosaico Wisconsin, não havia feitiços... Por outro lado, o corretíssimo gentleman francês não exercia sobre ela, sobre o que havia de primitivo nela, a mesma fascinação que encontrara no belo semideus da selva. Amava-o? Não o sabia - agora. Olhou para Clayton, de relance. Era um homem educado no mesmo ambiente em que ela própria fora educada...um homem de posição social e de cultura, coisas que ela aprendera a considerar como as principais para uma harmoniosa vida em comum. O seu raciocínio apontava-lhe o jovem nobre inglês, cujo amor ela sabia ser do gênero que qualquer mulher civilizada podia desejar, como o companheiro indicado para ela.

Poderia ela amar Clayton? Não via qualquer razão para que não pudesse. Jane não era friamente calculista, por natureza, mas a educação, o ambiente e a hereditariedade, tudo se conjugava para a fazer raciocinar - mesmo em assuntos do coração.

Que tivesse ficado estonteada pela força do belo semideus da floresta, quando ele a tomara nos braços, na distante selva africana - e novamente naquele mesmo dia, nos bosques do Wisconsin - parecia-lhe apenas significar um temporário regresso... à atração psicológica do homem primitivo relativamente à mulher primitiva que existia latente, dentro dela - no ambiente próprio.

Pensava que, se ele não voltasse a tocar-lhe, nunca voltaria a sentir-se atraída para Tarzan. Não o tinha amado, portanto, Havia sido apenas uma alucinação passageira, sob a influência da excitação e do contacto pessoal. Mas a excitação não marcaria sempre as suas relações futuras, se casasse com ele, e o contacto pessoal seria provavelmente embotado pela familiaridade.

Voltou a olhar para Clayton, ao lado de quem ia sentada. Era um bonito homem, e um gentleman dos pés à cabeça.

Poderia ter orgulho em tal marido. E foi então que Clayton falou. Um minuto mais cedo, ou um minuto mais tarde, teriam podido significar uma espantosa diferença, para três vidas. Mas o acaso interveio e fez com que Clayton falasse no momento exato.

- Está agora livre, Jane... - disse ele. - Não poderá dizer “sim”... e permitir-me dedicar toda a minha vida a torná-la feliz?

- Sim... - sussurrou ela.

Nessa noite, na pequena sala de espera da estação, Tarzan e Jane ficaram sós, por um momento.

- Está livre agora, Jane... - disse ele -, e eu vim através das idades... do vago e distante passado... desde o covil do homem primitivo, para a reclamar. Por si tornei-me um homem civilizado... por si atravessei mares e continentes... por si serei sempre o que quiser que eu seja. Posso fazê-la feliz, Jane, na vida. que você conhece e aprecia. Quer casar comigo?

Pela primeira vez, Jane compreendeu a profundidade do amor dele... tudo o que ele havia feito, em tão curto espaço de tempo, apenas por amor dela. Voltando a cabeça, escondeu a cara entre as mãos. Que tinha ela feito? Por medo de sucumbir ao apelo daquele belo gigante... queimara as pontes atrás de si... No infundado temor de cometer um erro, cometera um erro maior.

E então Jane falou, contou-lhe tudo... toda a verdade, palavra por palavra, sem tentar poupar-se ou justificar o seu erro.

- Que podemos fazer?... - perguntou ele. - Reconhece que me ama... Eu sei que a amo, mas sou ainda ignorante das leis morais pelas quais a sua sociedade se rege. Deixo-lhe a decisão, porque sabe melhor o que deve fazer para seu bem.

- Eu não posso dizer, a ele... - respondeu Jane. - Também me ama, e é um homem bom. Nunca poderia olhar de frente para si, ou para qualquer outra pessoa honesta, se repudiasse a promessa que fiz a Clayton. Terei de mantê-la... e você terá de me ajudar a suportar o fardo, embora nunca mais voltemos a ver-nos depois desta noite.

Os outros entravam no compartimento, nessa altura, e Tarzan aproximou-se da janela. Mas nada via do lado de fora... e dentro dele via uma larga mancha de verdura rodeada por magníficas plantas e flores tropicais... e mais alto os ramos ondulantes das árvores... e mais acima ainda, acima de tudo, o azul maravilhoso do céu. No centro da clareira estava uma jovem, sentada sobre um pequeno monte de terra, e junto dela um gigante, jovem também... Comiam frutos, olhavam-se nos olhos, e sorriam. Estavam completamente sós, e eram felizes... Os pensamentos de Tarzan foram interrompidos por um funcionário da estação, que entrara e perguntava em voz alta se estava ali um cavalheiro de nome Tarzan.

-Eu sou Monsieur Tarzan - disse o homem da selva.

- Está aqui um telegrama para si, vindo de Paris e reexpedido de Baltimore... Tarzan abriu o telegrama. Era de D'Arnot - e dizia: "Impressões digitais provam você Greystoke. Parabéns. D'Arnot"

Quando Tarzan acabou de ler, Clayton entrou e dirigiu-se para ele.

Ali estava o homem que tinha o título de Tarzan, a fortuna de Tarzan - e que ia casar com a mulher a quem Tarzan amava - a mulher que amava Tarzan. Uma simples palavra de Tarzan faria uma enorme diferença na vida daquele homem.

O despojaria do título, das terras, dos castelos - e tiraria tudo isso de Jane Porter, também.

- Meu caro... - disse Clayton -, ainda não tive a oportunidade de lhe agradecer tudo o que fez por nós. Parece que não tem feito outra coisa senão salvar-nos a vida, tanto na África como aqui... Alegro-me muito que tenha vindo. Precisamos nos conhecer melhor. Tenho pensado muitas vezes em você, e nas notáveis circunstâncias que o rodeiam... Se é que eu tenho alguma coisa com isso, por que estranhas razões você foi ter a essa complicada Selva.

- Nasci lá... - respondeu Tarzan, brandamente. -Minha mãe era uma macaca, e evidentemente não podia contar-me grande coisa. Nunca soube quem foi o meu pai...

FIM

Novas aventuras de Tarzan, e o que aconteceu em consequência do seu nobre gesto de renúncia serão contadas no livro seguinte, que se intitula “A VOLTA DE TARZAN”.

O mundo, e um ou dois filósofos (!) franceses pegaram o assunto e tentaram dissecá-lo. Atribuiriam-lhe malefícios, disseram que era contraproducente para as crianças, ou então que era o herói puro, aquele que as crianças deviam ler, porque lhes inculcava no espírito princípios de acordo com a Natureza.

Não nos interessa aqui comentar quaisquer dessas correntes, embora em Portugal, por volta dos anos 50-60 os educadores se deixassem influenciar pelo “que dizia Paris” e proibissem também Tarzan, sobretudo nos jornais juvenis. Mas essa medida foi tão absurda, como outra promulgada, nessa altura por uma Comissão para as coisas juvenis, que proibiu que nos jornais juvenis aparecessem pistolas ou quaisquer espécies de armas.

Tarzan, porém, sobreviveu a tudo isso. Conheceu sobretudo pelos seus filmes e pela banda desenhada, a maioria dos países do mundo, e viu-se traduzido e lido também em muitos deles. Foi e é aquilo a que se pode chamar um “best-seller” de todos os tempos.

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1: No mar](#)

[2: A casa na selva](#)

[3: Vida e morte](#)

[4: Os macacos](#)

[5: O macaco branco](#)

[6: Lutas na selva](#)

[7: A luz do entendimento](#)

[8: O caçador nas altos ramos](#)

[9: Homem e Homem](#)

[10: O fantasma do medo](#)

[11: Rei dos macacos](#)

[12: A razão do homem](#)

[13: A sua própria espécie](#)

[14: À mercê da selva](#)

[15: O deus da floresta](#)

[16: “Notável”](#)

[17: Funerais](#)

[18: O tributo da selva](#)

[19: O apelo do primitivo](#)

[20: Hereditariedade](#)

[21: A aldeia da tortura](#)

[22: A busca](#)

[23: Irmãos homens](#)

[24: O tesouro perdido](#)

[25: Posto avançado da civilização](#)

[26: Civilização](#)

[27: Novamente o gigante](#)

[28: Conclusão](#)